

Storm



M.S. FAYES



PERIGOSAS NACIONAIS

Storm

M. S. FAYES



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os direitos reservados

Copyright © 2019 by Editora Pandorga

Direção Editorial: Silvia Vasconcelos

Produção Editorial: Equipe Editora Pandorga

Preparação e Revisão de texto: Equipe Editora Pandorga

Diagramação de ebook: Cristiane Saavedra | **CS**
Edições

Capa: Dri K. K.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)**

**BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ALINE GRAZIELE
BENITEZ CRB-1/3129**

F291t

1.ed

Fayes, M. S

Thunder Storm / M. S. Fayes -- 1. ed. -- São

PERIGOSAS ACHERON

THUNDER STORM / M. S. FAYES. - 1. ed. - São Paulo: Pandorga, 2018.

Recurso digital

Formato e-Pub

Requisito do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-85-8442-401-6

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Romance.
4. Juvenil. I. Título.

CDD 869.93

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura brasileira: ficção
2. Romance



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORA PANDORGA

Avenida São Camilo, 899

CEP 06709-150 – Granja Viana – Cotia – SP

Tel. (11) 4612-6404

www.editorapandorga.com.br

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

FICHA CATALOGRÁFICA

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

Taryn

CAPÍTULO 4

Taryn

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

Taryn

CAPÍTULO 8

Taryn

CAPÍTULO 9

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Taryn

CAPÍTULO 10

Taryn

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

Taryn

CAPÍTULO 13

Taryn

CAPÍTULO 14

Taryn

CAPÍTULO 15

Taryn

CAPÍTULO 16

Taryn

CAPÍTULO 17

Taryn

CAPÍTULO 18

Taryn

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

Taryn

CAPÍTULO 21

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Taryn

CAPÍTULO 22

Taryn

CAPÍTULO 23

Taryn

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

Taryn

CAPÍTULO 28

Taryn

CAPÍTULO 29

Taryn

CAPÍTULO 30

Taryn

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

Taryn

CAPÍTULO 33

Taryn

CAPÍTULO 34

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Taryn

CAPÍTULO 35

Taryn

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

Taryn

EPÍLOGO ESPECIAL

NOTA DA AUTORA

AGRADECIMENTOS

EDITORA PANDORGA

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO



— **Thunder Storm!!!** — **Ouvi o grito.**

Juro que ouvi. Quase como se estivesse colado ao meu ouvido, mesmo que eu ainda vagasse no reino dos sonhos, ao lado de Jessica Barnes, a garota que estava atrapalhando meus planos de estudo. — Venha aqui, agora!

Sério. Um grito histérico da sua mãe, às cinco da manhã, não é nem um pouco agradável. Ainda mais porque sei exatamente qual a razão desse escândalo todo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não. Eu não deixei nenhuma prova ilícita de algum ato maléfico na sala. Recolhi todos os pacotes de salgadinhos que ela tanto odeia. Droga... minha mãe e o estilo *ultrahippie* de ser, junto com meu pai, que nos impõe a eterna dieta quase vegana (eca!), odeia com todas as forças do universo qualquer comida enlatada, condensada, fermentada, ensacada ou ada, ada, ada. Bom, se terminar em salada, provavelmente ela vai curtir bastante.

Enfie a cabeça debaixo do travesseiro por mais dois segundos, respirando fundo e sabendo que o grito viria novamente, seguido de uma batida na porta.

— Thunder!

Uau. A pancada veio realmente como o som de um trovão, bem a contento do fenômeno que meu nome evocava. Yeap. Pais hippies, lembra? Minha irmã mais velha era um arco-íris colorido com seu nome fofo: Rainbow. E minha gêmea do mal (brincadeira) se chamava Sunshine. Uma luz solar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espocante que cegava meus olhos, de vez em quando. Especialmente quando usava aquelas roupas curtas que mostravam mais do que cobriam. Já falei para o pai que a única coisa *hippie* que sempre curti eram os saíões psicodélicos até os pés que a mãe usava. Isso sim era roupa decente. Cobria até a alma da pessoa, se deixasse.

— Já vou, mãe. Pelo amor de Deus.

Levantei de um salto, quase olímpico, vamos combinar, porque eu sou atlético assim.

Abri a porta de supetão e quase derrubei minha adorável flor de mãe superfofa no chão.

— Qual o motivo da gritaria matinal? Ah, espera... ainda nem estamos plenamente numa manhã, certo, mãe? É plena “madrugada” — enfatizei as aspas. Ela odiava isso.

Mamãe cruzou os braços à frente do corpo, e bateu os pés com aquelas sandálias esquisitas que ela tanto amava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe muito bem qual é o motivo. Daqui a pouco o sol nasce e hoje você saúda o sol, Storm — disse e ergueu a sobrancelha.

Bufei. Com parcimônia, porque ainda não tinha escovado os dentes, então eu poderia matar minha pobre progenitora com o bafo. *Matinal*. Olha a palavra maldita novamente.

— Mãe, achei que depois daquele momento lindo onde a senhora e o pai tiveram seu lance mochileiro e nos deixaram ao léu, estávamos meio que libertos dessa escravidão — falei e vi que ela emburrou na hora.

Meus pais não gostavam quando jogávamos na cara deles que um tempo atrás os dois tiveram um surto épico de adolescência ou juventude transviada e simplesmente partiram para uma jornada isolada em uma comunidade *hippie* na Virgínia. E aloooou... deixaram os três filhos para trás. Tudo bem que foi nossa escolha. Se dependesse dos dois, estávamos na mesma *vibe* até agora. Seguindo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cidade a cidade, numa fuga itinerante, atrás de comunidades hipongas onde eles pudessem se comunicar com a natureza e sua beleza. Nossa, rimou.

— Vai começar isso outra vez?

— Não, mama. Mas achei mesmo que o período escravagista tinha se encerrado. O sol vai continuar lá, lindo. Eu não preciso dar um tchau pra ele, certo? Para que ele apareça e nos ilumine e aqueça... — zoei.

— Storm, você faz isso desde pequeno.

— Sim, mama. E agora estou com o quê? Dezoito anos nesse corpo gostoso que ostento aqui e vou dizer... com esses músculos todos fica um pouco difícil ficar naquela posição de ioga louca por muito tempo.

Sunshine saiu do quarto naquele instante, coçando o olho borrado de maquiagem. Tapada. Tinha dormido de rímel outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Storm não quer saudar o sol, mãe? — disse e riu.

— Não. Veio com uma conversa fiada de muitos músculos e pouca capacidade para sustentar a posição, além de pedir abolição para a escravidão que impus — mamãe respondeu. Ela era muito fofa quando rebatia minhas próprias zoadas.

Abracei a criatura minúscula, porque sim, ela era pequena comparada com meus 1,88 de altura. Um pequeno Hobbit meigo e com cheiro de mãe. E panquecas. O que acabou alertando meu estômago débil que a fome poderia ser um grande monstro ali naquele corredor, já que roncou bem alto. Foi meio aterrador.

Sunshine riu e a mãe cutucou minhas entranhas. Quando digo entranhas, quero dizer aquela área abaixo das costelas. Putz... eu tinha cócegas medonhas ali. Era meu ponto fraco. Meu calcanhar de Aquiles. Uma espécie de gatilho que, se eu fosse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um super-herói, e um vilão descobrisse, eu estaria muito ferrado.

— Libere este ser que está morto de fome, mãe. Eu estava dormindo, logo, meu estômago estava adormecido. Agora, o monstro está desperto e está começando a comer minhas entranhas e fagocitar meu pâncreas.

— Cara, você sabe o que é fagocitose? — Sunshine perguntou rindo.

Dei-lhe um olhar mortal e azedo.

— Olha aqui, maninha. Não é porque eu sou esse pacote atlético e gostoso que tenho que ser burro, okay? Eu sei muito bem biologia, ciências e essas porras todas. Inclusive, quanto foi mesmo que você tirou na prova de matemática da semana passada? — perguntei e esperei a crise aparecer. Não demorou muito.

Sunshine virou-se furiosa e marchou para longe, não sem antes soltar alguns xingamentos bem originais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela tirou nota baixa? — mamãe perguntou.

Revirei os olhos. Quem monitorava as notas de cada um era a infame Rainbow, nossa irmã mais velha, quase um pitbull esfomeado que seguia como um *stalker* maldito o sistema do colégio para saber como estávamos nas notas. Isso porque agora ela era uma universi-otária. Opa. Universitária.

— Okay, Torm. Vá comer as panquecas que fiz e chame seu pai no jardim. Ele vai saudar o sol hoje.

Agradei aos céus pelo milagre recebido. Eu simplesmente odiava aquela parte das nossas vidas.

Participava? Claro. Fomos criados daquele jeito. Desde pequeno eu recolhia nabos, ao invés de carrinhos no quintal. Enquanto via meus amigos esporádicos — quando tínhamos vizinhos que se dignavam a fazer amizade com os “esquisitões” novos no pedaço —, recolhendo brinquedos e brincando na lama, eu estava ajudando o pai a plantar o nosso próprio alimento. Entrar em total contato com a natureza grandiosa e blablabla.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma coisa eu tinha que respeitar... Meus pais sempre foram daquele jeito. Nunca poderiam ser chamados de pais da “modinha”. Eles eram *hippies* e pronto. Era a filosofia de vida que seguiam e faziam com gosto, paixão. Cara, meu pai era praticamente a personificação de um cara dos anos 70, doidaço, cantando Hotel California. Sabíamos a letra de cor e salteado.

Era estranho jovens adolescentes da nossa geração saberem a letra de uma música que foi escrita pela The Eagles nos anos 60, certo? Mas sabíamos. Cantávamos em cada viagem que fazíamos de uma cidade a outra.

Bom, eu meio que me esgoelava. Quem tinha voz potente para talvez se candidatar a um The Voice ou American Idol era Rainbow ou Sunny.

Minha meta era jogar futebol americano na escola, conquistar um lugar ao sol numa universidade e quem sabe, chegar à NFL. Bater um *high five* com Tom Brady, ser convidado para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tomar um lanche ao lado de Gisele Bündchen. Quem sabe...

Okay, esse sonho poderia estar um pouco melado e já nebuloso, porque quando e se, eu chegasse a esse objetivo, provavelmente o Tom nem sequer estaria mais jogando, mas nada o impede de se tornar um técnico, certo? Aí o *high five* seria algo muito lógico, já que eu seria o quarterback fantástico do time e o técnico faria muita questão de manter nossa amizade em jogo. O que me garantiria os convites para Natais e festividades em sua mansão. O que me daria a certeza de um encontro fortuito com a Gisele. Talvez. Se o casamento dos dois prosperasse.

Sim, a fome me fazia viajar. Minha mente girava em polvorosa e a imagem da ubermodel brasileira balançou meus brios, o que me fez esbarrar no pai, que abria a porta dos fundos naquele instante.

— Pai, era o senhor mesmo que eu estava em busca. O sol lhe chama! — disse com euforia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me olhou ressabiado, com uma sobrancelha medonhamente erguida.

— Não era seu dia hoje?

— Mamãe me libertou das cadeias solares. Minha pele estava começando a apresentar um alto grau de incompatibilidade com os raios ultravioletas.

A progenitora resolveu entrar na cozinha naquele momento.

— A desculpa que você deu não foi a de que seus músculos estavam lhe dificultando a posição de lótus? — ela perguntou.

Ahhh... pego no flagrante delito da mentira sorrateira.

— Sim, mãe. Muitos músculos. Pele muito deliciosa exposta. Soube, inclusive, que a vizinha quase quebrou o nariz, tentando apreciar o espetáculo da natureza.

— O sol? — a mãe zombou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, mama. Eu. Thunder *Fantástico* Storm.

A vida era muito boa. Isso eu tinha que dizer.

Tirando o fato de ainda estar na escola. Que era uma merda. Sério.

Ensino Médio era uma desgraça necessária na vida dos mortais. Mas deveria haver um portal mágico, meio Nárnia, muito doido, que nos transportasse direto para a faculdade. Seria show.

Embora eu nem pudesse reclamar. Estava ocupando o posto de quarterback do time. Era aclamado pelas garotas, invejado pelos caras, o mais bem quisto e solicitado nas festas.

Bem, na definição das pessoas ao redor... *eu* era a festa.

Por favor, não pensem que sou um ser metido ou egocêntrico. Bem, em 100% do tempo. Apenas em alguns momentos do meu dia, quando eu mesmo tinha que admitir que eu era um cara muito legal para se conviver.

— Storm?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvi Sunshine me chamando da ponta da mesa. Eu estava com o garfo erguido a caminho da minha boca.

— O que é?

— Você estava pensando em você mesmo, né?
— a palhaça perguntou e começou a rir.

Arremessei um pequeno pedaço de massa que tinha caído na mesa, sem que a nossa mãe visse.

Ali naquela família, no meio dos Walker, podíamos ser enquadrados como estranhos, esquisitões, donos de nomes exóticos e muito peculiares, mas éramos felizes à nossa maneira.

Rainbow chegou radiante em sua glória tímida, mas com um sorriso constante no rosto.

Revirei os olhos, porque aquela criatura, depois de Thomas Reynard, havia adquirido o estranho hábito de sempre ostentar a musculatura labial em contração evidente. Era como se estivesse sonhando acordada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode até ser. Mas por que você não pergunta para a Rain se ela estava pensando no namoradinho fofo dela? — perguntei e olhei para o relógio acima do micro-ondas. — Às cinco e quarenta da manhã?

Rainbow sentou-se ao meu lado, roubou um pedaço da minha panqueca – okay, pode ser que tenha sido a quarta panqueca –, e deu outro sorriso assustador.

— Bom dia pra você também, Torm. Percebi que fugiu da saudação do sol — falou.

Abaixei o rosto e falei baixinho em seu ouvido:

— Estamos organizando um motim Walker aqui. Nada mais de tarefas hipêscas, se é que existe essa palavra, a não ser que você queira executá-las.

Nós três batemos as mãos em cumprimentos típicos de irmãos.

— O que estão tramando? — mamãe perguntou.

— Nada.

— Absolutamente nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Nadinha.

Cada um respondeu de um jeito diferente. Coisa óbvia e marcante de que estávamos realmente tramando alguma coisa. Minhas irmãs eram muito amadoras.

— Vamos sentar depois e colocar novas regras familiares, melhor assim? — ela falou.

Um olhou para o outro. Eu estava meio que concentrado na calda de chocolate que escorria do meu dedo agora.

— Já percebi que meus bebês cresceram e estão criando suas próprias identidades. E não vai adiantar que eu ou seu pai tentemos impor absolutamente nada a vocês — ela disse e sentou-se à mesa. — O que queremos é que continuemos a ser a família que vocês se orgulhem. Nunca se envergonhem.

— Mãe, tirando os nomes hilários das minhas irmãs, eu acho que o meu combina muito ao meu estilo fantástico e meio sobrenatural de ser, então,

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tenho muito orgulho de vocês — falei e segurei sua mão. Ops. A mão melada, agora melou a da mãe. Ela odiava chocolate.

— Eu também, mãe.

— O mesmo digo eu, mama — Sunshine falou e deu um beijo na mãe, por nós três. Ela era a mais carinhosa.

Rainbow se levantou e me deu um tapa na cabeça, porque esse era um hábito irritante que ela tinha, mas nunca admitirei que já aguardava. Tenho até medo de dizer que meus neurônios meio que talvez só acordassem mesmo depois do tabefe que ela lhes dedicava.

— Vou para a faculdade, alguém quer carona? — perguntou. Tão boazinha e prestativa.

— Naaan... preciso malhar as coxas poderosas que Deus me deu. E hoje tenho treino — falei rindo e escapei de mais um tapa.

— Eu vou com Mike.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirei fundo, segurei a ponte do nariz e fechei os olhos em um mantra mental. Era foda ter que dividir minhas irmãs nada freiras com machos que chegaram do nada, na surdina, e simplesmente, booom!, conquistaram as lesadas. Mesmo eu avisando que homens só pensavam merda, ainda assim, elas não me ouviram. Rainbow já namorava Thomas há muito tempo, o cara era praticamente meu cunhado, pelo amor de Deus, mas ainda assim era um saco ter que dar de cara com aquele safado feliz e sorridente e saber que era minha irmã mais velha que colocava aquele sorriso besta no rosto.

Mike, o melhor amigo de Thomas, de tímido e pacato mostrou que não tinha nada. Está namorando minha gêmea e a mantém na linha. Pelo menos isso. Os outros garotos da escola estão meio que chateados porque aquela ali está completamente enlaçada e fora da praça.

Eu? Bom... eu sou Storm. Quem, em sã consciência, engarrafa uma tempestade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1



Saí exausto do treino. Era o primeiro

mês de aulas na Universidade em Princeton. Novos dias, nova rotina, tudo muito diferente de tudo ao qual eu estava completamente acostumado. O Ensino Médio ficara para trás, e mais parecia como se aquilo tivesse acontecido há anos, ao invés de meses.

Eu treinava músculos e miolos, num ritmo ensandecido, embora fosse o jogador reserva, na posição de quarterback do time de base de Princeton, e, por favor, lá estava eu, novamente, à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sombra do paspalho de Thomas Reynard, mas ei... eu gostava do cara. Só não gostava da parte em que ele pegava a minha irmã, mas isso já tinha deixado bem claro, ainda assim, eu estava feliz. Sendo o reserva. Não que eu torcesse pelo Thomas ter uma lesão básica, romper um ligamento aqui, outro acolá. Em hipótese alguma.

O cara ia casar com a Rainbow, então eu precisava garantir que ele realmente não fugisse ao perceber a peça à qual acabaria amarrado pelo resto da vida. Okay. Eu sou um irmão bom. Juro. Amo minha irmã mais velha e ela não poderia ter feito melhor ao acabar caindo nas artimanhas ridículas daquele conquistador barato.

Deixe-me explicar: Thomas Reynard era O Cara. Já na escola ele era o queridinho de todos. Quebrava todo o arquétipo (eu sei o que essa palavra quer dizer) de todo atleta, já que a maioria das pessoas pensavam que por sermos atletas, tínhamos neurônios a menos e éramos meio burros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que uma boa porcentagem da população esportiva nos dava essa imagem gratificante e vou me embutir no grupo dos espertos porque, sim... eu sou muito foda. Sou inteligente pra caralho. Tudo isso em um pacote fenomenal que arrasa o coração das garotas.

Mas onde eu estava?

Ah, sim. Falando do meu cunhado. Thomas Reynard.

Ele era o punkzinho metido à besta, galã nas horas vagas e sensação do time de Westwood Garden High School, a escola em que nos formamos.

Thomas era um ano mais velho, da mesma turma de Rainbow e se formou um ano à minha frente, deixando a vaga de quarterback livre para minha dominância e prepotência gloriosa. E eu posso dizer que imperei.

Tanto que a Universidade de Princeton foi em busca deste espetáculo em forma de homem: eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas lá vou eu voltando ao assunto que não interessa. Eu estava divagando sobre Thomas. Thow. Mas só o Mike pode chamá-lo assim. Se outra pessoa chamar, ele desce a porrada sem dó.

A primeira vez que zoei, achei que tinha perdido o siso. E digo que meu siso nem ao menos nasceu, porra. Então, foi um soco meio sem lógica, mas aconteceu do mesmo jeito. Rainbow teve que correr e acudir o pobre irmão ensanguentado, colocar gelo e, só depois, quando soube o motivo da discórdia, é que quase colocou o gelo dentro das minhas calças, sob o risco de congelar minhas bolas. Foi uma imagem e momento meio aterrador. Nunca mais chamei Thomas de Thow. Nunca. Mais.

Então... o mala caiu de quatro pela minha irmã mais velha. Desencubou – se é que existe essa palavra, e, por favor, me perdoem, mas sou um cara criativo e adoro criar novos termos linguísticos –, minha irmã querida, fazendo-a brilhar mais do que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um cristal tcheco que refletia todas as porras das cores que irradiavam do nome dela.

Os dois ficaram apaixonados, mas uma louca varrida, gata pra cacete, porém louca varrida, prima e ex (eca... Thomas e uma prima? Bem, ele diz que era uma coisa bem distante...) quase imprimiu a estampa da minha mana no capô do Porsche massa do Thomas. Rainbow ficou hospitalizada, foi um momento sinistro e onde posso garantir que chorei uma ou duas vezes, às escondidas, claro, completamente apavorado de que algo mais pudesse acontecer com ela.

A vaca louca foi presa, os dois ficaram felizes para sempre, quase que naquele modelo fofo de filmes e desenhos Disney, fazendo com que coraçõezinhos flutuassem ao redor. Eu juro que tinha medo de que aqueles dois peidassem corações. Sério mesmo. Era tenso ficar na mesma sala que eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bem, mas Rain foi meio que jogo duro com Thomas. E nessa parte eu posso dizer que chorei. De rir, claro. Imaginem... O cara é extremamente gato (as garotas dizem, não eu), era o terror da cercania e todas as mulheres o queriam em suas vidas. Mas uma tímida pudica e solitária borboleta acabou fazendo com que ele abrisse mão de seus desejos lascivos e booom!, o cara resolveu que entraria para o time dos que esperam calmamente, à base de calmantes e um auxílio manual de vez em quando, até que Rainbow Walker resolvesse que o momento Plim! havia finalmente chegado.

Daí, qual não foi a surpresa do além quando, Thomas *Louco* Reynard, simplesmente, do nada, resolveu que, opa... queria se casar com minha irmã tapada. Oi?

Como assim? Rebobinemos. O cara nem tem 21 anos, gente! Como assim resolve que vai se casar do nada? Que vai algemar suas possibilidades de conhecer outras garotas e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E... é nesse momento louco que minha mente devaneia, sabe quando um disco de vinil arranha e faz aquele ruído escroto? Imaginem que fez agora. Opa! É óbvio que se o cara está com a minha irmã, ele não poderia ter desejos carnaais de conhecer novas pastagens! Ele precisava ser muito fiel, sob o risco de conhecer o poder muito ninja da minha espátula culinária. Se quiserem saber dessa história, perguntem ao Thomas. Ele tem isso bem armazenado em seu cérebro. Até hoje vejo seu olhar amedrontado para a espátula na cozinha da mamãe.

Enfim, Thomas tinha mesmo que ser fiel à minha irmã, jurar votos eternos e nunca olhar para nenhuma outra bunda ululante do planeta! Tipo... nunca!

Já era difícil lidar com o fato de que ele tinha que admirar a da minha irmã, cara. Imaginar o cara olhando a da vizinhança era um pouco abusivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Daí, fiquei muito feliz que o mané resolveu que, sim, ele queria a toupeira para ser sua doce e adorável esposa virgem para sempre.

Cortem a parte de ser virgem por muito tempo. Merda. Risquem todo esse meu discurso porque agora senti uma vontade tremenda de vomitar ao imaginar minha irmã fazendo essas atrocidades da carne.

Eu gosto de crer que fui concebido divinamente. Foi uma santa concepção mesmo. Meus pais não praticam atos ilícitos. Nunca.

E gosto de pensar que minhas irmãs usam cintos de castidade com senhas inquebráveis que nem mesmo o mais sinistro *hacker* contratado pelo FBI conseguiria descobrir como abrir.

Eu sou ciumento assim. Quer dizer, só um pouco.

Quer dizer, comecei a sentir uma comichão esquisita naquele mesmo instante quando vi Sunshine sair toda serelepe do treino de Cheerleaders.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Putá que pariu. Eu falei que ela também estuda aqui?

Já ouviu falar em gêmeos quase siameses? Daqueles que não conseguem ficar longe? Que sentem quando um deu um espirro que estalou a vértebra da coluna e sentiu dor?

Não somos nós, desculpa.

Mas a enxerida tem talento artístico e dança pra cacete, então acabou entrando com bolsa de estudos na mesma Universidade que quem estuda? Eu? Obviamente que não. Sua escolha foi por conta de Mike Crawford, o receptor do time.

Eu estava arranjado com as irmãs safadas que tinha. Brincadeira. Elas eram fofas. E santas. Quase. Rainbow, sim. Sunny... nem tanto. Ah, meu Deus... agora nem eu mesmo podia colocar a mão no fogo pela adorável Rainbow...

Enfim, lá vinha ela. Toda cheia de dentes, quase um comercial de pasta dental.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Atrás dela vinha uma linha muito succulenta de garotas despudoradas que eu curtia muito analisar. Eu tinha um fetiche por ruivas. Antes da vaca Cybella querer esmagar a Rainbow. Aí estragou meus planos de querer casar com uma “escocesa” e procriar filhos lindos que seriam os mais belos exemplares da genética humana.

Sunshine deu tchau para suas colegas, que não pouparam esforços e olhares um pouco mais demorados no meu uniforme suado.

Ei... o que posso fazer? O chuveiro estava um pouco frio e meio tumultuado. Exalando aquele cheiro meio pernicioso de homens suados, falando merda. Quis sair dali rapidamente e correr para o apartamento que dividia com Thomas e Mike. Nossa, acho que esqueci de comentar esse fato também, certo?

Quando entrei para Princeton, os planos iniciais envolviam liberdade extrema ao ficar nos dormitórios do *campus*. Daí, meus dois “cunhados”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deram a ideia genial para que eu dividisse com eles o apartamento que pagavam, não muito longe dali. Meus pais acharam o máximo, minha mãe disse que seria uma grande comunidade feliz, que minhas irmãs poderiam ficar seguras... e eu... O quê? Comunidade feliz e irmãs? No plural? Coabitando um mesmo espaço que machos? Nunca sob meu nariz. Thomas já havia burlado aquela regra preciosa, e olhe lá.

Enfim, vi meus planos de noites de farra irem por água abaixo, não que eles fossem atrapalhar em nada. Mas ficar debaixo dos olhares atentos de dois veteranos era um saco. Se Thomas e Mike eram tão certinhos que não cogitavam a hipótese de se enfiarem em festas selvagens, eu não tinha tanto melindre assim. Meu corpo aguentaria tranquilamente, de segunda a segunda. Afinal, aquela era outra vida, certo?

— O que você está fazendo aqui? — ela me perguntou, como se fosse a dona da ala do *campus*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei ao redor e cocei o queixo, pensando se daria uma resposta malcriada ou não.

— Eu poderia responder uma porrada de coisas, e a maioria delas você não iria gostar, mas vou ser gentil e apenas dizer que estou me encaminhando para aquela moto brilhante ali, veja — disse e apontei para a minha *Indian Chief* totalmente revitalizada e muito bacana.

— Idiota.

Passei o braço pelos seus ombros e a puxei em direção ao estacionamento.

— Quer carona? Tirar onda com as amigas? Dizer que está pegando um gostoso? — perturbei.

Sunny revirou os olhos.

— Elas já sabem que pego um gostoso e já sabem que você é meu irmão, imbecil. Seria um incesto escandaloso se deixássemos as patricinhas pensarem besteira — ela disse rindo e poooooorra! Fez cócegas na área proibida!

PERIGOSAS ACHERON

— Sunny! Que merda! Já disse para não encostar o dedo aqui!

— Storm, pelo amor de Deus, é apenas uma costelinha! Como você vai aguentar um carinho mais fogo desse jeito? — zombou.

Cobri os ouvidos.

— Lalalalala... cala a boca! Não quero ouvir carinho fogo e ter a imagem mental de como você conhece esse termo — despejei. — E só para você saber, criatura, quando eu estou com as garotas, elas se concentram em outras áreas e esquecem a porra da minha costela.

— Você é nojento, Storm.

— Você começou. — Puxei seu rabo de cavalo. — Quer carona?

— Sim. Mike não saiu do treino ainda? — perguntou, enquanto eu colocava seu material nos alforjes da moto.

— A equipe titular tem treino extra. O jogo de amanhã contra a Universidade de Boston vai ser PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenso, então, o treinador quer lascar logo com todo mundo. Nós, os reservas, estamos poupados do massacre.

Ajeitei-me na moto e liguei o motor ronronante que sempre aquecia minhas entranhas. Meu pai havia renovado aquela belezura pra mim, assim que soube que eu tinha entrado para Princeton. Na verdade, a moto fora meu presente de 18 anos. A reforma fantástica, com direito a pintura extra, foi um bônus pela minha magnanimidade nos estudos e esportes.

Embora eles não aprovassem que fôssemos escravos do capitalismo selvagem da sociedade retrógrada, ainda assim, sentiam orgulho da inteligência dos filhos.

Sunny se acomodou logo atrás de mim e eu já soltei logo, antes que a cretina começasse:

— Se você fizer cócegas em mim enquanto estou pilotando, eu juro, Sunny, vou descer o cacete em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você e ainda publico suas fotos mais medonhas no Instagram — ameacei.

Sunshine riu e me deu um beijo na bochecha. Estalado. E molhado. Nojento. Esse tipo de beijo só é bem-vindo quando oriundo de uma mulher gostosa que eu possa pegar.

— Prometo me comportar, Stormy!

— Stormy não, porra! Ou vou falar para o Mike que você fazia questão que chamássemos você de Sunny Bunny quando era pequena.

Sunshine fechou a cara na hora. Aquele era seu segredinho sujo.

Mas precisei jogar pesado com as ameaças. Thunder Storm já era um nome bem... intenso. As pessoas me chamavam apenas de Storm, okay. Muitas pensavam que era apelido. Eu deixava.

Minhas irmãs ou mãe me chamavam, às vezes, de Torm, o que eu achava até fofo. Embora sem significado algum.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora, Stormy? Era reduzir demais o meu nome à insignificância de um diminutivo peculiar e esquisito.

Então, vamos apenas nos concentrar na força da natureza que eu carregava em mim mesmo.

Thunder Storm, cujo nome evocava o barulho ensurdecedor que minha moto poderosa fazia agora, no asfalto.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2



Estava mastigando a ponta do lápis

de maneira intensa, um hábito que ainda custava me abandonar por completo. Creio que fazia aquilo desde o sexto ano, quando percebi que não conseguiria extrair as respostas da prova de matemática da minha mente brilhante, nem do quadro que ficava à frente, por mais que eu o encarasse com afinco.

— Storm, bro, o treinador disse que hoje tem treino, mas haverá uma reunião depois, para acertar de uma campanha, ou coisa assim — Spike disse ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quase empurrar meu caderno no chão, bem como me fazer engolir o lápis que eu degustava com tanto carinho.

— Okay, mano. Mas não precisava fazer uma traqueostomia em mim nesse momento, certo? — zoei.

— Foi mal. Bom que assim, quem sabe, você para com essa mania nojenta de mastigar essas merdas aí.

— Você já tentou? Esse aqui tem um gosto de madeira incrível — brinquei.

— Storm, você é louco, cara.

— Yeap. Eu sei.

A aula encerrou com dez minutos de atraso e tive mais uns dez de acréscimo, por conta das garotas que sempre assediavam nossa saída, ao final.

— Certo, esse é o momento em que teremos que correr e mostrar que também poderíamos integrar a equipe de atletismo, ao correr para o treino? — perguntei, enquanto acelerava meus passos.

PERIGOSAS ACHERON

Spike copiou meus movimentos.

— Tipo isso.

Ao dizer aquilo, acabamos disputando para ver quem era o melhor na corrida. Obviamente eu ganhei. E nem ao menos suei. Ou resfoleguei como um cavalo de corrida manco, como estava acontecendo com Spike, e olha que o cara era da equipe de defesa.

— Parabéns pelo atraso, senhores — o treinador Yates disse, com sarcasmo.

— Foi mal, treinador. Nosso professor atrasou o término da aula — justifiquei. Não era uma mentira. Ele só não precisava saber das fãs ao final.

— Era o Donaldson?

— O próprio.

— Então está explicado. E devidamente perdoado. Aquele pulha sempre faz isso. Agora vamos ao que interessa. Corram para o aquecimento, embora eu esteja vendo que Spike já parece ter aquecido até a alma.

PERIGOSAS NACIONAIS

Comecei a rir porque era verdade. Spike suava por todos os poros do corpo.

— Viemos em uma espécie de disputa atlética — brinquei.

— E você ganhou, aparentemente — o treinador confirmou, com a sobrancelha arqueada.

— E que esporte eu não ganho? — zombei, tirando onda.

— Convencido. A modéstia fica onde?

— Morreu.

Spike passou rindo e sacudindo a cabeça.

— Vamos, seu idiota — falou e me empurrou rumo ao tormento.

Nem é preciso dizer que ao final de três horas mortais estávamos quase chorando como crianças. Eu queria o colo da minha mãe. Tudo bem, o colo de uma garota bem-disposta seria bem-vindo, claro. Uma massagem cairia bem naquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enfiem-se no gelo, bando de maricas — o treinador gritou ao nos ver hesitar.

— Puta merda, que espécie de campo de concentração é esse? — perguntei a Spike, baixinho.

— Cara, se você está se queixando do nosso treino, imagina os titulares.

Era verdade. Algumas noites Thomas e Mike chegavam completamente destruídos. Futebol americano em nível colegial já era intenso. Em Universidade elevava-se à décima potência. Eu só poderia imaginar que já era um preparativo para o que a NFL exigiria.

Querendo ou não, era um momento onde deixávamos as coisas de crianças para trás e seguíamos rumo à vida adulta, com tudo o que ela representasse, incluindo as durezas e obstáculos que achássemos serem intransponíveis.

Os limites do corpo, as dores, as lesões adquiridas, aquilo tudo poderia ser usado como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma analogia interessante para todas as áreas da vida.

Éramos testados ao limite: cada treino exigia que nosso corpo desse o máximo que ele tinha para dar. Músculos que você nem imaginava que poderiam ser alongados, hipertrofiados, começavam a evoluir e ganhar destaque monumental. O crescimento era nítido. Se antes eu cultivava meus abdominais, e, é claro, adorava perturbar minhas irmãs com aquilo, agora podia dizer que tinha um pacote bem distribuído de fibras musculares espalhadas pelo corpo inteiro. Meu *eu* adolescente há muito ficara para trás. Assumira um homem total e, tenho que dizer, ao olhar meu reflexo no espelho, bem apresentável aos olhos das garotas.

Dores: essas eram companheiras eternas. Não havia um único dia em que não saíssemos de mãos dadas com alguns comprimidos de Ibuprofeno. Mesmo que apenas um ou dois não aliviassem porra nenhuma, já era alguma coisa. Juro que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

primeira vez que passei pelo treino, achei que morreria e meu corpo não se ergueria sem o auxílio de um guincho. Foi horrível. Agora eu era praticamente sócio ativo da Walgreens e sempre mantinha um pacote de comprimidos dentro da mochila. Eles funcionavam como um santo alívio depois que o treinador Yates resolvia que precisava assassinar alguém de maneira homeopática.

Lesões... bem, essas eu ainda não havia adquirido. Estava em forma e treinava com cuidado e ainda não tinha participado de um jogo, pois para isso eu teria que assumir o lugar de Thomas, o titular. Mas ao que indicava, em algum momento, aquilo aconteceria, mais cedo ou mais tarde. Enquanto não rolava, eu treinava e aprendia, especialmente com Thomas Reynard, que não hesitava em ensinar tudo o que sabia. Inclusive, como evitar lesões debilitantes. Aquele merda sabia até mesmo as técnicas maneiras de rolamento ninja

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para evitar quedas catastróficas que colocassem suas partes vitais em risco.

Bem, agora faça essa analogia a outras áreas da sua vida. Crescimento, dor e feridas. Isso poderia ser adquirido e conquistado em todo lugar, na área do trabalho, em amizades e, principalmente, em relacionamentos amorosos. E, talvez, por essa razão torpe e sem lógica alguma, eu evitasse a todo o custo, me envolver seriamente com alguma garota.

Bem, some a isso também que eu tinha 19 anos. Então daí você poderá compreender que meu objetivo, nesse exato instante, é curtir a vida e aproveitar o que ela tem de melhor a oferecer.

— Putaquepariuuuuuuu! — gritei por entre os dentes cerrados, quando aterrissei minha bunda dentro da banheira entupida de cubos de gelo.

Spike e os outros caras riram.

— Espera mais três minutos e você vai ver o que é dor, de verdade — Bruce Morgan falou.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele instante doido, me lembrei de Sunny falando da louca loira Volturi, Jane Crepusculante. A vampira que gostava de infringir dor a todos com o pensamento. Por um momento louco, passei os olhos ao redor, só pra conferir, singelamente, se a louca não estava por ali.

— Cara, isso aqui não é nada comparado ao treino de temporada. Estamos apenas na pré — Fargus acrescentou. O cara era grande. Do tamanho de uma jamanta. Eu não sabia como ele estava cabendo dentro da banheira dele.

O time de titulares entrou no vestiário, acompanhado de risos, mesmo que todos eles estivessem nitidamente acabados.

— Opa! Os calouros estão fritando no gelo! — Calvin, do bloqueio, falou e riu.

— Gelo não frita, imbecil, congela — Van Mueller corrigiu.

— Se você não sabe, o gelo tem uma fase de queimadura, entendeu? — Thomas acrescentou. —

PERIGOSAS NACIONAIS

E essa fase dói pra caralho.

— E se não me engano, estamos exatamente nela — falei, sentindo na pele o que ele estava dizendo.

— Vai ajudar dizer que passaremos por isso também? — Thomas perguntou e sorriu brandamente.

— Não. A não ser que a sua banheira tenha três toneladas de gelo a mais que a minha — brinquei.

Todos riram ao redor.

— Obrigado, cunhado.

— Cunhado? Uhhhhh! Que carinho! — Van Mueller zombou.

Fechei a cara pra Thomas.

— Se você não sabe, Storm é cunhado do Thomas e do Mike — Spike informou, de enxerido.

— O quê? Você é irmão da gostosa Sunshine da torcida? — Calvin disse, rindo. E o movimento que se seguiu foi tão rápido que quase perdi a diversão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mike plantou o imbecil no armário, com o braço quase lhe quebrando a traqueia.

— Não se refira a ela assim, seu idiota! E já falei pra parar de ficar encarando a minha garota, porra!
— Mike gritou na cara do infeliz.

Mano, quando Mike ficava puto, até eu sentia certo temor. E quase peguei o balde de pipocas, o copo de refrigerante e sentei para assistir. Ao final eu bateria palmas efusivas. Ele defendia a honra da minha irmã com tanta ênfase, que nem precisei me levantar dali.

Bom, mesmo se eu quisesse, também não teria condições. Provavelmente quando eu saltasse fora da banheira, levaria um escorregão tão monstruoso que ficaria gravado na memória daqueles idiotas para o resto de seus dias.

— Des-des-cu-culpa, Mike — gaguejou, entre ofegos.

— Quer ajuda aí, Mike? — perguntei de onde estava.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Ele não vai mais se referir à sua irmã, e *minha* namorada dessa forma, não é, Calvin?

— Nunca mais, mano.

— Bacana, ou eu teria que descobrir se você tem uma irmã e oferecer a mesma cortesia — falei e recebi um olhar de irritação dele e risos dos outros.

Quando o temporizador tocou, foi como se o sino do recreio tivesse tocado, quando estávamos na escola primária, e a fome mortal nos assolava, então pense no desespero e na pressa em saltar como cabritos para fora da sala de aula e ir devorar o lanche.

Quase derrubei Spike de volta em sua banheira, ao tentar alcançar a minha toalha.

— Cara... sério que todo final de treino será assim? — perguntei para Thomas.

— Você se acostuma, mas, não. Não é sempre que tem a imersão no icerberg. Essa cortesia do treinador e preparadores físicos, só rola quando os treinos tendem a ser mais pesados — falou e bateu

PERIGOSAS NACIONAIS

no meu ombro. — Vamos lá, vá colocar a roupa, porque daqui a dez minutos tem reunião com toda a equipe.

— E o que aconteceu com o “seu” banho de imersão no iceberg? — perguntei, desconfiado.

— Eu estava mentindo pra você, numa tentativa de ser solidário. — O descarado riu.

Depois que consegui expurgar a sensação gelada do corpo, e garantir que meu sangue não tinha coagulado dentro das veias e artérias, vesti a roupa rapidamente e rumei para o auditório, onde aconteciam as reuniões de equipe.

Spike já estava lá, bem como Thomas, Mike e os outros. Faltavam apenas alguns outros para que o treinador pudesse dizer o que precisava ser dito, para só então nos dirigirmos aos nossos respectivos quartos, para morrer, digo, dormir, depois daquela tortura. E eu pensando que teria pique para festejar, hã?

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, vamos ao que interessa, agora que todos estão aqui — começou e pegou uma série de papéis à frente da bancada. — Como muitos sabem, existe uma campanha maciça para arrecadar possíveis doadores para um transplante de Medula Óssea. A Sociedade Americana de Medula tem um quadro de pesquisa bastante acurado com estudos em células-tronco e toda essa parafernália que envolve os procedimentos necessários.

O assunto acabou ganhando a minha atenção, e me sentei mais ereto na cadeira.

— Há campanhas espalhadas pelo país, como corridas, maratonas e diversas vertentes esportivas que visam trazer à luz os cidadãos, para que possam procurar um centro de doação.

— E como funciona isso, treinador? — Wilford, o mais sério do nosso grupo, perguntou.

— Bom, se todos soubessem como é simples, fariam num piscar de olhos, certo? Calha que aqui em Princeton, temos uma campanha encabeçada

por uma aluna do curso de Biologia, e através de uma solicitação dela, todo o departamento foi, gentilmente, convidado a perguntar a seus atletas, se estes estariam dispostos a doar, espontaneamente, uma pequena parcela de seus sangues preciosos, para assim haver uma pesquisa, que será explicada aqui pela aluna em questão.

Só aí eu notei que havia uma garota na sala. Nossa, o gelo tinha congelado meu cérebro mesmo. Para eu não perceber a presença de estrogênio num mar de testosterona?

Olhei atentamente para a moça que se levantou de maneira tímida, porém resoluta.

Não era nem alta, nem baixa. De onde eu estava, só pude notar que se vestia como uma professora, ou uma estudante *nerd*, já que usava um par de óculos, que teimava em cair o tempo todo à frente do nariz, fazendo com que ela o ajeitasse, mesmo sem começar sua pequena palestra.

— Hã, olá...

Todos deram um cumprimento másculo organizado naquele modo ‘Yo’, em conjunto, o que pareceu um coral muito doido.

— Eu vou explicar o procedimento, que é bem simples, na verdade, em um primeiro momento. — Lá estava. Ela empurrou os óculos de novo. — Vocês, aceitando a proposta desta campanha, iriam, primeiramente, ao Centro Médico do Hospital Princeton, no departamento de Hematologia, onde fariam uma coleta de sangue. Uma quantidade mínima de 5mL, além de terem uma ficha de cadastro preenchida, com todos os dados possíveis, incluindo histórico médico.

Todos na sala estavam atentos ao que ela falava, embora um ou dois manés estivessem concentrados em mexer em seus celulares. Dei um tabefe em Bullbs, ao meu lado.

— Presta atenção, idiota — sussurrei.

— Essa amostra de sangue é levada para análise, onde será tipificado e testado por exame de

histocompatibilidade — Okay, meu cérebro começou a devanear aí... eu meio que tinha problemas de entendimento com biologia e genética —, além de um teste de laboratório que identificará características genéticas potenciais que cada um de vocês têm.

A garota parecia ser bem entendida mesmo no assunto, e explicava de maneira natural.

— Os resultados ficam num cadastro nacional, onde será feito uma varredura por dentre os pacientes que necessitam de transplante de Medula Óssea. Esses dados ficam sendo cruzados com os dados desses pacientes, constantemente, através do sistema, de forma que, mesmo que as chances sejam pequenas, entre transplantes onde não haja parentesco, como uma margem de 1 para 100 mil, havendo a ocorrência, vocês serão chamados para doar a medula.

— Cara, mas a medula não é aquela parada nossa que não podemos lesionar de jeito nenhum, senão

estamos fodidos? — Van Mueller perguntou, coçando a cabeça.

A moça riu. E foi um riso cristalino. Aquilo ganhou minha atenção mais uma vez. Cerrei os olhos como uma águia faria na hora da captura de uma presa.

— Não é dessa medula que estamos falando — respondeu, com paciência, como se fosse uma professora de Jardim de Infância. — A Medula Óssea que estamos nos referindo aqui é como se fosse um líquido gelatinoso, que está presente dentro dos ossos, talvez alguns de vocês já tenha ouvido falar de “tutano”? — perguntou.

Muitos de nós confirmamos com a cabeça.

— Então, a medula é exatamente esse “tutano” presente nos ossos do corpo, especialmente os grandes ossos, tanto é que, o transplante é feito através da extração de células de dentro do osso do quadril. Quando um doador é compatível com um receptor, ele é convidado a aceitar ou não.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aceitando, o transplante é feito em um centro cirúrgico, onde o doador será anestesiado, por anestesia epidural ou geral, ficando internado por no máximo um dia.

— Uau.

— A Medula que vocês, realmente, não podem lesionar, ou estariam fodidos, é a medula espinhal — acrescentou, com um sorriso. Não sem antes empurrar os óculos de maneira fofa para cima.

— Obrigado, doutora — Van Mueller disse e vi que estava paquerando a garota. Estúpido.

— Tudo bem, mas me diga, como é a recuperação? — foi a vez de o técnico perguntar.

— Bem, o doador somente estará apto mesmo se seus exames de saúde estiverem excelentes — ela disse aquilo e ficou embaraçada por um momento. — Daí termos feito esse apelo com a campanha a todos os departamentos poliesportivos da Universidade. Acreditamos que vocês são o símbolo máximo da saúde — admitiu.

PERIGOSAS ACHERON

Bem, aquilo era verdade. Se o treinador não nos matasse no processo, poderíamos dizer que nossos corpos eram muito bons e a saúde passava bem, obrigado.

— Em caso de compatibilidade no banco de Medula, o procedimento cirúrgico gera um desconforto por um ou dois dias, e o doador pode retornar à sua prática em uma semana, quando muito, quinze dias.

— Okay, estamos em pré-temporada, o que nos deixaria enrascados, caso acontecesse no meio de uma temporada de jogos.

— E é pra isso que servem os atletas reservas, treinador — Thomas disse sabiamente. — Para o caso de, havendo um doador, num projeto importante como esse, o atleta que, eventualmente, for compatível com alguém que necessite, poder se ausentar. Então outro assume seu lugar.

Sério. Eu amava meu cunhado, cara. Ele era o máximo. Acho que até eu estava meio apaixonado

por ele.

E achei aquilo meio boiola de assumir, mas era verdade. Thomas Reynard era um cara íntegro e tão leal que, se Rainbow não desse valor àquele idiota bonitão, eu teria que bater na bunda dela. E claro que nego até o fim que eu disse isso.

— A coleta do sangue vai apenas ser uma forma de tentar cruzar os dados sanguíneos para ver se encontram compatibilidades entre os pacientes que necessitam de transplante. Não há certeza, treinador. Apenas esperança para alguns — ela disse e seu tom era pesaroso.

E aquela frase dela selou a decisão que eu já tinha tomado. Eu faria a doação e torceria com todas as fibras do meu ser para que encontrasse alguém a quem pudesse doar uma parcela do meu corpo simplesmente fantástico. Garanto que ele seria quase um Wolverine.

— Então, estamos esperando o quê? — perguntei, levantando e batendo as mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3



A manhã seguinte a um treino mortal era pior do que o próprio tormento em si. Nem o gelo cabuloso amortizara os efeitos que meu corpo estava sentindo.

Quando me sentei na sala de aula, custei a segurar um gemido que queria escapular dos meus lábios, assim que a minha bunda fez contato com a cadeira dura. Por que as Universidades não poderiam investir em assentos acolchoados, reclináveis e com apoio para os pés? Por quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Storm — a voz adocicada soou ao meu lado. Meu pescoço girou com dificuldade, mas apreciei a vista.

Wendy Forbes era quase tão rica quanto o dono da revista que fazia questão de soltar a lista dos mais ricos todo santo ano, e pasmem, meu nome nunca estava lá. Droga.

— Wendy... — falei arrastado.

— Você vai à festa da fraternidade hoje? — perguntou, enquanto fazia aquele movimento clichê universal de rodar uma mecha de cabelo ao mesmo tempo em que mascava um chiclete que consegui notar ser azul. Hummm... devia ser de framboesa, no mínimo.

Um convite ou pergunta daquelas deveria me deixar excitado, certo? Um prenúncio de algo fantástico, obscuro, talvez fantasioso etc. Mas não. Meu corpo estava tão moído que a única cama que eu conseguia pensar era na minha própria. O único

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo que eu conseguia pensar era no meu. Dormindo. Em coma. Apagado. Por três dias.

Acho que somente daquela forma eu conseguiria me recuperar plenamente.

— Nope, Wendy — falei rapidamente. Precisava inventar uma mentira plausível. — Tenho uma prova de... — Puta merda! Não conseguia me lembrar de matéria nenhuma! — Sociologia aplicada, amanhã.

— Sociologia aplicada? — perguntou ressabiada.

— É. Uma matéria muito chata e estressante que tem fritado os meus miolos.

— Parece chato.

— Muito chato mesmo. — Como o papo que ela estava tentando entabular.

— Você tem certeza? Vai ser divertido... eu poderia estudar com você depois...

Hum... proposta indecente apitando no sensor de Thunder Storm.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma oferta bem gentil da sua parte, gata, mas realmente... acho que nem você aguentaria essa matéria — falei.

Quando ela se levantou para ir embora, respirei aliviado.

— A prova de Sociologia acontece uma vez a cada dois meses, através de uma monografia extensa, exigida pela professora Vanderbilt, que odeia provas mecânicas, às quais tenha que se dedicar a corrigir — uma voz suave falou atrás de mim. — Mas sua mentira foi tão convincente que quase conferi na minha grade horária para ver se realmente a aula seria amanhã e se havia previsão de prova. E, não... há apenas previsão de chuva — continuou e se levantou.

Quando ela estava passando ao meu lado, porque meu corpo foi completamente inábil em virar-se para trás para conferir a interlocutora, pude averiguar a identidade da espertinha.

PERIGOSAS ACHERON

E qual não foi minha grata surpresa ao deparar com a senhorita “empurra óculos”, superfofa, vestida em um suéter maior do que ela, marrom, o que apagava completamente sua figura, bem como seus cabelos, que agora eu notava serem castanhos naquele tom que ficava meio indefinido. Não sabiam se queriam ser castanhos ou loiros ou vermelhos. Minha nossa, que estranho. Será que eu era alguma espécie de daltônico capilar?

Os olhos eram tão escuros que eu achava que podia ver minha alma ali dentro, a pele era sem mácula alguma, mas a garota fazia questão de não exaltar a beleza que Deus havia lhe dado. E caramba... Ele havia sido generoso com ela. Ou a garota atrevida entrara na fila diversas vezes. Okay, aquela era uma cantada barata, ainda bem que não verbalizei.

— Você... não é a... — Tentei me recordar se o treinador havia apresentado o nome dela. Nada veio.

— Taryn. Taryn Tempest — falou e estendeu a mão, depois de lutar contra os vinte livros que tentava segurar. — E você é o Storm Walker, certo?

— Thunder Storm Walker — me apresentei, fazendo questão de ostentar meu nome imponente. Normalmente eu não fazia aquilo, mas não sei porque, com aquela garota, fiz questão de fazer. Com meus amigos eu apenas zoava ao estilo Bond. James Bond.

— Nós somos da mesma classe de Sociologia — ela disse.

— Além dessa, aparentemente — brinquei.

— Pois é.

— Mas... você não é a garota que apresentou a campanha da doação de medula, ontem? — perguntei.

— Sim.

— Seu curso não é Biologia? Você estaria avançada em mais classes, por que ainda está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cursando matérias primárias? — questionei, sem esconder a curiosidade.

Estava nítido que ela não era caloura. Era veterana, parecia mais experiente e não uma garota deslumbrada recém-chegada à universidade.

— Longa história — respondeu simplesmente.

— Não sendo tão longa quanto As Crônicas do Gelo e Fogo, eu tenho todo o tempo do mundo — falei, enquanto nos dirigíamos para lugar nenhum, percebi.

Estávamos já fora da sala, no corredor abarrotado. Eu respondia sutilmente aos acenos de algumas pessoas, ela mantinha a cabeça baixa.

— Eu vou indo — disse, tentando escapar.

— Ei! Espera aí! — quase gritei e segurei seu braço. — Pra onde você está indo?

— Tenho voluntariado agora. Preciso correr — disse e tentou sair do meu agarre.

— Quando poderemos doar essa parada lá?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela deu um sorriso lindo que iluminou o ambiente por completo. Okay, eu meio que exagerei.

— Não é a “parada lá” que você vai ter que doar agora, é apenas uma amostra do seu sangue — corrigiu, com um sorriso tímido no rosto.

— Que é muito precioso, diga-se de passagem. Não é azul nem nada, mas é um sangue bem bacana — brinquei. Ganhei outro sorriso.

— Vou ficar muito feliz se esse sangue precioso for compatível com alguém que precise muito dele — ela disse e bateu a mão suavemente pelo meu braço. — Até a aula... de Sociologia aplicada!

Ao dizer aquilo, ela saiu correndo e sumiu da minha vista.

Eu levei ainda algum tempo para conseguir dar uns passos sem gemer as dores horríveis que estava sentindo.

Spike chegou naquele instante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Yo, Storm! Quer dar um pulo no Marvin? — perguntou.

Bem, o Marvin ao qual ele se referia não era um cara, um amigo, parceiro que poderia arranjar alguma merda ou jogar conversa fora.

O Marvin referido era a rede de lanchonete mesmo, aquela que servia porções fabulosas de hambúrgueres bem gordurosos, batatas fritas e outras substâncias que meu corpo parecia estar necessitado naquele instante.

— Tô dentro, mano.

Seguimos para o carro de Spike, porque tenho que admitir, naquele dia maravilhoso, de sol espocando no céu, eu não havia tido coragem de subir a minha bunda na moto e ir pra faculdade. Peguei carona mesmo, assumo.

E estaria voltando de carona, do mesmo jeito.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Desci as escadarias correndo, com as pernas bambas, com medo de tropeçar na frente de todo mundo e cair como uma carga desovada, como aconteceu quando estava na quinta série, diante de toda a escola. Eu estava nervosa, tensa, mais do que ansiosa pelo resultado dos testes que buscaria logo mais na clínica, então, nada me manteve calma naquele dia, nem mesmo os três litros de chá de erva-doce que tomei, devidamente engarrafados pela tia Blythe.

O dia anterior havia sido imprescindível, com a exposição da campanha para possíveis doadores de Medula Óssea, sendo que passei a tarde percorrendo os departamentos esportivos da Universidade, explicando detalhadamente como funcionava o processo para a doação.

Eu detestava ficar em foco e evidência, ainda mais diante de tantos exemplares masculinos, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

achava que valia totalmente a pena correr o risco de quase morrer de vergonha e, possivelmente, engasgar no meio do processo, pela causa que eu batalhava tão arduamente.

Entrei no meu carro, que só naquele momento notei que precisava de uma boa lavada, joguei os cadernos de qualquer maneira no banco traseiro e parti para o destino que me aguardava.

Cheguei com dez minutos de atraso, correndo completamente esbaforida, porta afora, cumprimentando as enfermeiras do setor.

— Ei, Taryn! — McGullyver gritou de onde estava. Ui. Ela estava aplicando a injeção na bunda branca de alguém, mas mesmo assim teve a ousadia de acenar? Quase morri de rir.

— Olá, McGully — era assim que todos a chamavam na área. Com mais de 1,80 de altura, a enfermeira escocesa, ruiva, era meio aterroradora, logo, colocava ordem em todos os corredores e não

PERIGOSAS ACHERON

havia um único paciente que tinha coragem de desobedecê-la.

— Taryn, como você está? — Sue acenou do posto, enquanto buscava alguns medicamentos. — Estava indo ao oitavo andar agora. Vamos juntas?

— Claro. Como ele está hoje? — perguntei, segurando a alça da bolsa com força.

— Ótimo. E bastante irreverente. Como sempre. — Bateu a mão no meu ombro e riu. — Esse tipo de pergunta é um pouco irrelevante.

— É mesmo. Sempre me esqueço desse detalhe de sua personalidade — falei e sorri.

O elevador estava cheio, com alguns médicos e visitantes. Mantive a cabeça baixa, mesmo que sem razão aparente alguma.

— Ei, você está bem? — Sue perguntou.

— Estou. Quer dizer, sinto que estou correndo contra o tempo, Bean — chamei-a pelo apelido pelo qual era conhecida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela colocou a mão no meu ombro, guiando-me para fora do elevador, no exato instante em que chegamos ao nosso andar, e disse:

— Tenha fé em Deus, querida. Tudo vai dar certo.

Andei apressadamente pelo corredor que me levaria ao lugar onde eu passava quase todas as minhas tardes, desde que não estivesse estudando.

Aquela era, inclusive, uma das razões, de eu ter atrasado por mais de um ano o curso na faculdade.

— Olá, Vad — cumprimentei meu irmão caçula, que jogava alguma espécie de jogo no celular.

— Olá, alienígena — respondeu, sem erguer o rosto.

Cruzei os braços à frente do corpo.

— É falta de educação não parar de mexer no celular enquanto as pessoas falam com você — ralhei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não é qualquer pessoa. Você é uma alienígena que veio perturbar minha paz de espírito e minha jogada final.

— O cumprimento usual nos filmes não seria “Olá, terráqueo?” — perguntei, sentando na cama ao seu lado.

— Mas pra isso, você teria que ser da Terra, *daaaa...*

— Vadden, você é tão bobo — falei e comecei a rir.

Ele jogou o celular no canto naquele instante e deitou no travesseiro, me olhando atentamente.

— Eu sou bobo e você é mais boba ainda, de vir aqui toooooodos os dias — disse sorrindo, mas o sorriso não lhe alcançava nos olhos.

— Vou voltar todos os dias. Eu dormiria aqui, toooooodos os dias, se a tia Blythe permitisse.

— Vocês duas são bobas. Eu posso muito bem dormir sozinho — ele resmungou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pode, não.

— Eu já tenho 9 anos. Sou grande.

— É grande, uma ova. Você é uma criança. E, quem, em sã consciência, gosta de ficar sozinho no hospital? — perguntei.

— É só enquanto estamos nessa fase. E eu não estou sozinho. Tem um monte de gente aqui — falou, com um sorriso triste no rosto.

— Mesmo nessa fase. Você sempre vai ter companhia. Somos um time, lembra?

Vadden era o filho temporão dos nossos pais. Ele estava com 9 anos, enquanto eu tinha 20, o que o tornava quase um filho pra mim, já que desde a morte do papai e mamãe, em um acidente de barco na Índia, três anos atrás, quem ficou aos cuidados de Vadden fui eu. Claro que tia Blythe, irmã de minha mãe, nos assumiu totalmente, mesmo que sua vida meio louca de artista plástica tivesse sido toda bagunçada, mas ainda assim, ela nos recebeu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em sua casa, em Princeton, onde dava aulas na Universidade, e nos acomodou.

Nós morávamos, na época do acidente, com nossos pais, em Mumbai, na Índia. Eles eram renomados historiadores e estavam fazendo uma série de estudos, para uma Universidade que os havia contratado, na Califórnia, a respeito de um acervo importante da cultura hindu. Foi durante a travessia no Mar Arábico, entre uma ilha de pescadores e outra, que a pequena embarcação em que estavam sofreu um acidente e todos a bordo morreram.

Foi um período tenebroso aquele.

Mas nada se compararia ao que eu estava tendo que enfrentar com Vadden, nos últimos tempos. Há cerca de seis meses descobrimos que Vadden estava com Anemia Aplástica, um tipo de anemia severa, que foi se agravando ao longo dos meses. A Medula Óssea de Vadden já não produzia mais

PERIGOSAS ACHERON

células sanguíneas, fazendo dele um caso urgente de paciente necessitado de transplante.

Nos últimos meses, Vadden havia recebido mais transfusões do que eu poderia contar, e o tratamento não vinha surtindo efeito. No início, ele podia ficar em casa. Era trazido ao hospital apenas quando necessário, mas ao longo do tratamento, sua saúde foi se debilitando de tal modo, que Vadden precisou de internação compulsória.

— Volte à Terra, Alien — ele disse, batendo a mão na minha perna.

— Pare de me chamar de Alien, seu besta.

— Você está meio verde, mana. Por isso está parecendo aqueles homenzinhos engraçados.

— Rá rá... não tem graça nenhuma.

— Sério. Eu que tenho que comer essa comida nojenta do hospital, e você é quem está verde. — Riu debochadamente.

Eu não estava conseguindo comer direito desde o último dia dos resultados dos seus exames.

PERIGOSAS NACIONAIS

Daí minha angústia em acelerar uma busca imediata por algum doador que pudesse, milagrosamente, ser compatível com o sangue do meu irmão.

Minhas lágrimas já haviam sido derramadas pelo simples fato de eu não ter sido uma possível doadora para ele. Nem ao menos tia Blythe. Ou nossos parentes distantes. Nenhum familiar que tenha feito o exame foi detectado com similaridade sanguínea suficiente para ser um possível doador de Medula Óssea para Vadden.

Eu estava esperançosa que a campanha encabeçada na Universidade surtisse algum efeito. Eu sabia que poderia ser quase como procurar agulha em um palheiro, mas não custava tentar.

Às vezes, a cura poderia estar tão pertinho, ao alcance de nossas mãos, bem debaixo de nossos narizes, mas não estávamos nos dignando a olhar ao redor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi daí que tive a brilhante ideia de buscar entre os atletas. Depois eu partiria para uma campanha entre os alunos regulares.

A escolha pela ala esportiva era meramente por imaginá-los como os mais saudáveis tipos da espécie que coabitava a Universidade.

Lembrar daquilo fez com que eu acabasse me lembrando de Storm Walker, meu colega na turma de Psicologia e Sociologia Aplicada. Ele era tão bonito e vistoso aos olhos que, por um momento, senti falta do tempo em que podia sair e ser apenas uma jovem se divertindo na vida.

Sacudi a cabeça e afastei os pensamentos perturbadores naquele instante.

— Eu estou bem — desconversei novamente —, mas me diga, você comeu direitinho hoje? — interoguei e levei um safanão.

— A Bean já veio me perturbar duas vezes hoje, Taryn. E a Candance, a mãe da Joanna, do quarto

PERIGOSAS ACHERON

45, também. Ela trouxe até um bolinho tipo cupcake com o Relâmpago McQueen em cima.

— Sério? Nossa... até eu queria comer esse cupcake — brinquei.

— Estava bem gostoso mesmo — admitiu. Vadden deitou a cabeça no meu colo. Meus dedos automaticamente fizeram carinho nos cabelos que agora se mostravam finos e frágeis. Antes era de um intenso tom loiro.

— Que bom que você comeu, Vad.

— A Dra. Andy veio aqui hoje. E aquele médico bacanão também.

Eu sabia qual médico Vadden se referia. Ele achava que o Dr. Leo Felix era muito parecido ao Dr. House, da série de TV. Inclusive na bengala, que Vadden jurava que era falsa, já que ele não mancava sem ela.

— E o que eles falaram? — perguntei. Eu tinha medo de perguntar, mas Vadden era muito esperto.

Ele mesmo sabia dar o relato de seu quadro clínico como ninguém.

— Bom, disseram que minhas taxas de glóbulos estão muito baixas, que minha imunidade está caindo conside... consiredavel... consideral...

— Consideravelmente?

— Essa palavra grande aí.

Senti o aperto na garganta e tentei disfarçar o máximo possível.

— E o que mais?

— Que mais? Ah, tá... o que mais o médico disse? Bem, que eu vou ter que ficar aqui mais um tempo — disse e ergueu a cabeça do meu colo. — E eu ainda brinquei com a Dra. Andy, Taryn. Falei que ela estava querendo me segurar aqui, porque está apaixonada por mim e quer se casar comigo quando eu crescer.

Comecei a rir quase que histericamente. E imediatamente a isso, um choro convulsivo tomou conta do meu corpo. Sentia as lágrimas descendo

PERIGOSAS ACHERON

sem controle algum, engolfando minha garganta. Eu não gostava de demonstrar esse momento de fragilidade e medo na frente de Vadden, mas às vezes, o sentimento era mais forte que eu.

Senti os braços miúdos me abraçando e a cabeça do meu irmãozinho, tão corajoso e altruísta, se alojando no vão do meu pescoço.

— Taryn... eu não queria que você ficasse assim, mana — falou com a voz triste. — Eu vou te amar pra sempre, mesmo que me case com outra moça mais bonita que você.

Disparei outra risada mais forte e abracei Vadden com toda a força que eu podia desprender, sem quebrar-lhe as costelas, claro.

— Você é tão bobo, Vad — respondi, fungando.

— Eu sei. Mas sou muito legal.

— Sim. Você é o garoto terráqueo mais legal do mundo inteiro.

Beijei sua testa e bochechas, afaguei os cabelos cacheados que eu amava e simplesmente me deixei

PERIGOSAS ACHERON

levar pela presença reconfortante de tê-lo junto a mim.

Eu daria um jeito de tirar Vadden daquela merda de doença, nem que fosse a última coisa que tivesse que fazer na vida.

CAPÍTULO 4



Sério. Estudar é um saco. Bom, eu sei que deveria dizer isso no pretérito. Seria o mais maduro a se fazer, certo? A fase adolescente ficando para trás, novas perspectivas de vida, aquela coisa toda de crescimento emocional, espiritual, da alma e blablabla. Meus pais é que curtiam pacas essas coisas zen, então eu era meio abstraído para pensamentos muito profundos. Já bastava Rainbow na família, que desde novinha mais se parecia a uma alma velha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabe aquelas tartarugas seculares com mais de duzentos anos? Eu pensava em Rainbow quando uma delas me vinha à mente. Não que minha irmã fosse enrugada nem nada, mas ela tinha aquela aura toda de sabedoria monstruosa que às vezes assustava. Quando a pirralha devia ser apenas uma adolescente serelepe, ela era centrada, séria e compenetrada em tudo o que ia fazer. Era um saco. Eu e Sunny sempre éramos comparados àquele ser equilibrado. Não por nossos pais, especialmente, já que eles queriam que ela fosse muito mais “solta”, mas pela equipe docente de todas as escolas pelas quais passamos. “Por que você não é como sua irmã mais velha, Storm?”, “Rainbow é um exemplo de aluna, tirou nota máxima em todas as disciplinas! Você devia aprender com ela, Sr. Storm!”.

Mano... aquilo era um saco. E eu lá tinha culpa se Rainbow podia gabaritar a merda de uma prova com um cisco no olho e o nariz escorrendo? Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não, cara. Eu precisava pensar e refletir atentamente sobre o que estava lendo. Cheguei a pegar uma prova em mandarim. Juro. O professor de Química estava muito louco naquele dia. A prova não estava escrita no meu idioma, isso eu tinha certeza.

Daí, quando por fim me livreii do martírio do ensino médio, pensei: Uau... nova vida agora, Storm. Nada daquele sofrimento diário. Se pensarmos que o ritmo é completamente diferente e o estilo de cobrança nem se compara com o que recebemos quando estamos ainda no nível colegial, posso dizer que estou no lucro, realmente. Algumas matérias da universidade são tão ridículas que chega a ser assustador. Em mais de uma vez pensei que estava em alguma espécie de pegadinha. Não podia ser verdade... Quando a professora de Inglês Arcaico disse que os trabalhos seriam todos entregues em forma de redações, somente ao final do semestre, e que não haveria avaliação, pensei: O

PERIGOSAS ACHERON

quê? Como assim? Por um instante doido tive até saudades das provas surpresas. Foi muito rápido mesmo esse sentimento. Foi embora como um piscar de olhos.

Agora, ali estava eu, na aula de gestão empresarial. E vou dizer porque minhas matérias eram muito loucas: eu não fazia a menor ideia do que seguir. Enquanto Rainbow e Sunny já tinham meio que definido o futuro curricular, minha vida ainda era um limbo. Como eu poderia ficar naquela maré de indefinição por quase dois anos, até chegar o momento derradeiro e ter que escolher o curso específico na Universidade, ainda acreditava que tinha tempo de sobra.

Embora, eu precisava admitir que, meu sonho era e sempre seria a NFL. Jogar na liga nacional de futebol, fazer carreira mesmo, daí eu nem estava tão ligado no lance da carreira, caso não desse certo no mundo dos esportes, porque na minha cabeça, eu daria muito certo, sim, ou não me chamava

PERIGOSAS NACIONAIS

Thunder Storm. Era meu sonho, eu o perseguiria como um trovão persegue o relâmpago que o precede.

— Storm! — Thomas gritou ao longe e parei minha caminhada. Estava tão imerso nos próprios pensamentos que nem me atentei que já tinha saído do vestiário.

— O quê?

— Está no mundo da lua? — perguntou, rindo.

— Não. Quem vive lá é você, mané.

— Ah, é verdade. Desde que conheci sua irmã, só o que faço é viver no mundo da lua mesmo — retrucou.

Revirei os olhos, em puro desgosto. Aff... que nojo. Era muito amor.

— Estamos organizando nossa ida ao tal hospital, o setor onde faremos a coleta de sangue, você vai com a gente, ou vai na outra semana? — perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês vão hoje? — perguntei.

— Agora. O treinador confirmou se tinha problemas nós termos treinado, mas não tem. Como é só uma amostra, não interfere em nada.

— Beleza. Eu vou junto — respondi. — Eita, vou ter que passar na biblioteca antes, pegar uns livros de Economia.

— Então nós vamos antes, pra adiantar, já que a equipe vai em peso — Thomas disse e bateu a mão no meu ombro. — A gente se encontra por lá.

Saiu trotando em direção ao carro, enquanto eu fiquei pensativo, curtindo uma onda de medo súbito da agulha que poderia perfurar meu corpo. Certo. Eu sou massa, mas tenho que admitir que odeio agulhas. De todas as estirpes. Normais, fininhas, grossas, médias. Não adiantava o papinho ridículo e acalentador da enfermeira “é só uma beliscadinha de nada”. Era porque a beliscada não era na veia parruda dela! Isso sim! Vejam bem, eu tinha quase certeza que minhas veias eram meio que de aço,

PERIGOSAS ACHERON

logo, quando aquela merdinha de agulha tentava perfurar a superfície linda e esverdeada, que ficava saltada à vista nos meus antebraços, parecia que uma britadeira estava tentando executar o serviço. Daí você imagina que era apenas uma beliscadinha? Claro que não. Aquilo se tornava uma escavação da pior espécie. Era medonho. Aterrador.

E eu estava exagerando. Okay.

Posicionei a mochila de qualquer maneira nas costas e entrei na biblioteca, disposto a encontrar o livro que queria. Eu esperava que fosse apenas um. Nada de dois ou três, ou um trambolho monstruoso que me desse uma cifose de brinde ao carregar na mochila.

— Olá — cumprimentei educadamente a moça que ficava na recepção. Eu odiava bibliotecas e nunca conseguia encontrar nada ali dentro daquele mundaréu de livros. — Será que você poderia me informar onde encontrar este título? — Estendi o

papel com o nome do autor e a moça sorriu, timidamente.

Olhei ao redor, batucando os dedos no tampo da mesa, enquanto a garota procurava no sistema.

— Corredor 4, segundo andar, Ala azul — disse e sorriu, abaixando a cabeça. Okay. A moça era tímida.

— Obrigado, Cathy — agradei depois de espiar o nome em seu crachá. Segurei o riso quando ela arregalou os olhos. — Teu nome está escrito aí, oh. Não precisa ficar com medo, porque não sou um perseguidor, okay? Embora um perseguidor nunca assumiria que é realmente um perseguidor, certo?

Ela riu e confirmou com a cabeça.

— Valeu — eu disse de novo e subi correndo as escadas. Queria pegar logo o livro, vazar dali e ir ao hospital.

Bem, se era para enfrentar as agulhas, que fosse logo de uma vez. Nada de amarelar. Eu ainda estava abastecido de Gatorade, do treino, então

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente não desmaiaria com a coleta do sangue, desmaiaria?

Peguei o livro com a maior pressa do mundo e estava quase voando pelo corredor quando esbarrei em alguém, mandando a pobre criatura pelos ares. Okay. Exagerei. Eu consegui segurá-la a tempo.

— Uau! Desculpa! Sério! Estava com a maior pressa e não olhei para os lados, ou para frente. Foi mal — falei novamente, e quando a moça ergueu os olhos, depois de se abaixar para recolher o que havia caído, percebi que era a garota Taryn. — Opa... você.

— Você — ela disse também.

Abaixei e recolhi uma folha perdida, bem como os óculos que agora estavam um pouco empenados.

— Ainda bem que não quebrou. Olha — brinquei, devolvendo-lhe o objeto, meio sem graça.

— Desculpa, de novo.

— Tudo bem. Eu também estava distraída.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, sério. A culpa foi toda minha. Eu estava louco pra fugir daqui. Bibliotecas me deixam apavorado — sussurrei.

Ela riu, baixinho, e piscou os olhos lindos, quando recolocou os óculos. Retirou-os em seguida, limpando as lentes, o que fez com que a blusa que usava se erguesse um pouco. O que fez com que meus olhos se desviassem para o pequeno filamento de pele que apareceu rapidamente ali.

— Bibliotecas são ótimos lugares para pensar, estudar, abstrair a mente. Não para deixar uma pessoa em pânico — ela disse.

— Cara, a maioria dos filmes de terror tem cenas assustadoras e medonhas em bibliotecas. O ambiente é muito perturbador. Todo esse silêncio — falei e olhei ao redor. — Veja, as pessoas concentradas, como se não existissem outros ao redor, parecem estar tramando algo sórdido. É muito sinistro. Quase posso ouvir uma música melodiosa e de suspense quando entro aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Ela colocou a mão na boca e segurou a gargalhada, mas vi que seus olhos deixavam algumas lágrimas caírem.

— Você está rindo do meu pior pesadelo? — brinquei.

— Nã-não. De forma alguma. Eu tenho medo de academias.

— Academias? — Ergui a sobrancelha.

— Sim. Todas aquelas pessoas malhando, erguendo pesos, se olhando nos espelhos, como se não houvesse nada ao redor, só elas mesmas e seus músculos. Todo aquele *Whey Protein* acumulado em seus corpos suados...

Dessa vez eu que soltei uma risada estrondosa. E acabamos atraindo a atenção das pessoas concentradas em seus mundinhos de puro saber. E, claro, recebemos olhadas do Mal, que não tiveram o poder de nos calar, obviamente.

Puxei Taryn pelo braço, garantindo que ela me seguiria corredor adentro, e saímos da reta daquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

povo mal-amado que não sabia apreciar uma boa resposta quando ouvia uma.

— Quer dizer que a senhorita tem pavor do que certos alimentos podem produzir nos corpos das pessoas atléticas? — brinquei.

— Mais ou menos isso.

— Bom ponto. Esses atletas são monstros sem noção. Comem o que valem, parecem ogros. Nunca vi coisa igual — falei e balancei a cabeça.

— Engraçado. Você não é um deles? — perguntou, e ergueu uma sobrancelha. Os óculos escorregaram de maneira fofa. Segurei a vontade louca de empurrar eu mesmo para o lugar.

— Nossa, pior é que sou. Droga.

Um momento de silêncio se instalou entre nós, e pude perceber que ela ficou sem graça, talvez se dando conta de que estávamos isolados em um corredor pouco iluminado. Ali se criava um clima intimista, não assustador. Humm... agora entendia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as piadas e referências das pegações épicas em alguns setores da biblioteca...

— Bom, eu... eu já vou. Tenho que terminar um trabalho — ela disse e engoliu em seco. Eu sei disso porque pude observar a garganta delicada se mexer. Nossa, eu estava meio assombrado com meu poder de observação.

— Okay, eu também. Vou enfrentar um momento tenso — brinquei. Esperei para ver se ela perguntaria, mas aparentemente a veia de timidez súbita tinha invadido seu corpo.

— Okay.

— Desculpa de novo, tá? Espero que não tenha te machucado, nem nada, e nem aos seus óculos.

— Eles estão bem, obrigada. E foi só um tropeção. Está tudo bem — respondeu com um sorriso tímido.

Acenei e saí dali com o livro em mãos. Passei pela mocinha da recepção, anotei os dados do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

empréstimo no sistema e fui embora com Taryn na cabeça.

O trajeto feito até o hospital, com a minha moto, foi até mesmo rápido. Nada mais que dez minutos, e isso porque nem fui imprudente nem nada, mas tudo em Princeton era muito próximo, especialmente ao *Campus*.

Avistei o carro de Thomas no estacionamento e deixei minha Indian no local indicado, entrando em seguida pelas portas corrediças do complexo hospitalar enorme.

— Oi, onde é a ala de Hematologia? — perguntei à primeira enfermeira que avistei.

— Final do corredor à esquerda — respondeu sem nem erguer a cabeça do livro que estava lendo. “Chamas da Paixão”... humm... algum paciente ali hoje ficaria ardendo. Em febre, obviamente, se dependesse de a enfermeira tirar a atenção do romance picante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei ao corredor referido e estava tomado pelo time de futebol, fazendo uma zoadá épica, porque atletas são barulhentos mesmo.

Cumprimentei Mike, que estava sentado, parecendo mergulhado em um estado meditativo.

— E aê? Já passou pela tortura? — perguntei e sentei ao lado, quase fazendo com que ele saltasse fora da cadeira.

— Não.

— E está aqui meditando para internalizar o momento da agonia?

Mike me deu uma olhada de esguelha, um sorriso de lado e respondeu:

— Isso por acaso é você tentando falar pra si mesmo para não ter medo?

— Claro que não. Eu já admiti, mentalmente, que odeio agulhas, mas vou lidar com essas pequenas filhas da puta com maestria — ralhei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo. Eu cheguei atrasado. Sunshine estava passando mal.

Olhei rapidamente pra ele.

— Passando mal? De quê?

— Estômago.

— Meu Deus, você não engravidou minha irmã gêmea, não é, Mike? Eu vou quebrar você de porrada! — falei baixinho. Mas eu estava puto.

Mike revirou os olhos.

— Storm, deixa de ser tosco, por que tudo você acha que vai terminar em uma gravidez acidental, seu imbecil? Sua irmã não pode vomitar e você já pensa o pior!

— Ué, é o primeiro sinal, não é?

— Não, seu idiota. Ela não pode ter comido um donuts estragado? — perguntou e cruzou os braços.

— E foi isso o que aconteceu?

— Não.

— Merda, Mike. Fala logo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela foi treinar com a barriga cheia, seu burro. Daí sentiu mal, vomitou as tripas e ficou fraca. Deixei a Sunny lá em casa — ele disse e pigarreou.

— Lá em casa, você quer dizer... na nossa casa? Tipo, nosso apê?

— Esse mesmo.

— E por que não no alojamento dela? — Eu estava no modo investigativo.

— Você deixaria uma namorada que você ama mais que tudo, sozinha, isolada, sem ninguém pra cuidar dela, no alojamento deserto, Storm? — perguntou.

— Ah, acho que não.

— Então está aí sua resposta.

— Cara, você me irrita às vezes.

— Sério?

— Sério. Porque tenho certeza que era pra eu ficar meio puto porque há uma desculpa muito funesta aí pra você ter ficado sozinho com ela, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou aqui achando você muito cavalheiro e tal — falei e cocei a cabeça. — E isso me irrita pra cacete.

Mike riu e levantou-se quando foi chamado.

— Mike Crawford é você? — o enfermeiro perguntou.

— Eu mesmo.

Thomas saiu naquele momento segurando o braço e fazendo uma cara de dor. Senti meu sangue gelar.

Que merda era aquela?

— O que houve, bro? — questionei, tentando disfarçar meu próprio medo.

— Cara, aquilo ali não é uma agulha. É um sugador de hemácias!

Engoli em seco.

— Puta merda... sério?

Thomas olhou para o lado, onde os caras estavam rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, seu tonto. É uma agulhinha de nada.

Dei um soco no braço que ele segurava como se lhe doesse a alma.

— Ai! Esse seu murro dói, Storm! — reclamou, mas riu da minha irritação.

— Idiota. Isso não teve a menor graça.

— Claro que teve. Você tinha que ter visto a sua cara! Estava hilário. O sempre zoador Storm, com medo da agulhinha!

Ele conseguiu escapar de outro murro, enquanto eu estava distraído, tentando concentrar nos músculos do meu estômago, para que conservassem o conteúdo gástrico ainda dentro do órgão que eu amava com tanta paixão.

— Thunder Storm Walker? — uma enfermeira baixinha me chamou.

— Coragem, Storm! Que a força esteja com você! — Thomas fez o gesto de Star Trek, mas usou a frase de Star Wars. Idiota. Nem fazer uma

PERIGOSAS ACHERON

zoação e saudação geek, ele sabia. Eu arranjava algo para me vingar daquele mané.

Caminhei para o tal consultório como se estivesse indo para o cadafalso, mas resignado que estaria fazendo uma tarefa muito honrada, por um bem maior.

— Sente-se aqui, querido — ela disse, calmamente.

Bom, pelo menos a voz da mulher era relaxante e não dava medo. E ela não tinha uma verruga assustadora, nem nada. Não era a imagem da enfermeira sexy, das fantasias de qualquer homem, mas também não era uma assombração pavorosa.

— Eu vou pegar um kit, só um instante.

— Yo, Storm. Já vou indo, okay? Vou voltar pra Sunny — Mike disse se despedindo.

Vá, seu idiota. Vai voltar pra cuidar da minha irmã... sei qual cuidado ele daria. Droga. Eu precisava controlar meu ciúme fraternal.

— Não, Bean... sério. Eu que pedi à Dra. Andy pra me deixar descer aqui, hoje. Eu queria ficar na ala comum, não isolado naquele quarto! — Ouvi uma voz infantil no consultório ao lado.

— Vadden, você não pode manter contato com outros pacientes — a outra voz dizia com paciência.

— O que está acontecendo aqui? — Outra voz feminina soou.

— Ele quer fazer contato com algum ser vivente.
— As duas mulheres riram.

— Eu não estou mantendo contato. Não tem nenhum paciente aqui, olha! — o garoto disse.

— Mas os consultórios estão cheios — a mulher que tinha a voz mais imponente argumentou.

— Mas não são pacientes, Dra. Andy! São jogadores de futebol americano muito legais! Eu quero vê-los!

— Eles não são da NFL, querido. São da universidade — a voz disse. Nossa. Tudo bem, a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gente não era da NFL, mas também não precisava quebrar a ilusão do garoto.

— Mas vão ser! Você vai ver! Algum dia eles vão ter *cards* muito legais, e eu vou poder dizer que conheci alguns deles! — falou entusiasmado. *É isso aí, garoto!* A torcida do menino era tão vibrante que nem me lembrei de que seria furado dali a pouco.

— Okay, Vadden, mas se sua irmã brigar comigo, vou dizer que a culpa é sua.

— Ela nem precisa saber.

— Ela vai saber. Porque eu vou contar — a voz disse.

— Dedo-duro.

— Sou mesmo. Nós zelamos por você. Apenas isso. Você precisa da transfusão, mas precisa manter-se isolado.

— Mas eu não gosto de ficar sozinho lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então sente-se aqui. Vou chamar alguém da equipe.

— Eu posso ver algum jogador?

— Vou ver se tem alguém aqui ainda — a mulher disse.

Em seguida, uma ruiva, vestida com um jaleco branco colocou o rosto no vão da porta.

— Oi? — cumprimentou.

Olhei para o lado para confirmar se era comigo.

— Oi.

— Você é jogador da Universidade?

— Sim — disse, mas nem falei que era apenas reserva. Não iria ficar percorrendo minha posição ali.

— Que posição joga? — perguntou com a sobancelha arqueada. Okay. Risque o lance da posição. Ela queria saber sobre isso.

— Quarterback.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maravilha. Já colheu seu sangue? — perguntou.

— Ahn, ainda não, senhora.

— Senhora, não, por favor. Pode apenas me chamar de Dra. Andy Haagen.

— Haagen? Como o sorvete Häagen-Dazs? — brinquei.

Ela riu.

— Mais ou menos isso. Venha aqui. Daisy, faça a coleta do jovem aqui na sala 2, okay?

— Sim, doutora.

Levantei-me da cadeira especial de coleta e fui para a sala que ela indicou.

— Vou te apresentar um garoto fantástico. Apenas... seja bom.

Poxa, eu sou bom. Nem precisava pedir.

Cheguei à sala e um garotinho estava deitado numa cadeira reclinável. Os cachos loiros estavam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

adornados por um gorro com um penduricalho engraçado na ponta.

— Oi — cumprimentei.

— Oi! — ele respondeu, excitado. — Você sabe fazer o cumprimento dos jogadores da Liga?

Sorri e fiz que sim, e ele estendeu a mão dele, fazendo com que eu, imediatamente, correspondesse ao apelo de um cumprimento épico entre jogadores no campo.

— Que irado! Eu nunca encontrei ninguém que soubesse fazer a sequência certa — falou e recostou-se, esgotado.

Sentei na cadeira que a enfermeira, Daisy, havia colocado ao lado.

— Você fica aqui, tudo bem?

A médica loira entrou com um enfermeiro e, puta merda, se eu tinha pavor da minha agulha, o que estava na mão daquele cara era algo aterrador, mas não vinha em minha direção, e sim na direção do pequeno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai ter que ser torturado com isso aí? — perguntei baixinho, fingindo que eles não poderiam ouvir. Percebi que eles riam da nossa pequena interação.

— Já acostumei. O Jacob sabe qual veia pegar pra funcionar como uma sanguessuga.

— Você vai ser a sanguessuga, certo? — brinquei.

— Claro, eu gosto de pensar que sou uma espécie de vampiro chique, sabe? Um lorde, algo assim. Aí eu venho para um jantar muito elegante e sou servido à mesa por esses gentis senhores — disse e apontou para o tal enfermeiro Jacob e mais uma que entrou com uma máquina estranha.

Nisso, eu nem me ligava que a enfermeira Daisy fofinha estava me manipulando, apalpando meu braço, espremendo minha veia, garroteando minha alma.

— Você é o lorde dos lordes vampiros, jovem Vadden — Jacob falou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu? Eu sou o Lorde.

— Por que não logo o Drácula?

— Poxa, o Drácula já tem o título dele, lá na Transilvânia — ele disse e fez uma careta suave quando o enfermeiro perfurou o braço fino. — Eu não posso ursu... usuru...

— Usurpar?

— Isso. Usurpar o título de Conde dele, sabe? Então eu sou um Lorde. Mas um lorde muito poderoso. Eu tenho jantares frequentes.

— Minha nossa. Você parece muito imponente aí nessa... mesa farta — respondi, participando da brincadeira delirante. — Ai!

— Foi só uma picadinha — Daisy disse.

— Só se foi uma picada de Naja, senhorita — falei jocosamente.

O garoto riu.

— Ele tem medo de agulha, Daisy. Daqui eu pressinto o medo dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Humm... meu medo está muito evidente hoje. Todo mundo está pressentindo com facilidade — brinquei.

— Depois de um tempo você se acostuma — Vadden disse. — Você tem tatuagens?

— Não.

Nunca tinha pensado naquilo, honestamente. Pode até ser que algum dia iria querer, mas estava de boa comigo mesmo sem ter que enfrentar uma máquina torturante e uma agulha maldita.

— Porque as agulhas lá são muito más, cara.

— São mesmo. Mas me diga, lorde dos vampiros poderosos, qual é o seu nome? — Eu já tinha ouvido, mas queria fazer as apresentações de maneira correta.

— Vadden.

— Nossa, que nome bacana. Combina com você: Lorde Vadden. Cara... quase um Darth Vadden, já pensou? — O garoto ficou corado, mas riu da piada. Provavelmente ele já deve ter ouvido aquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

zoação antes. Eu bem sabia como era ser zoadado por conta de um nome incomum. A diferença é que eu pouco me importava.

— E o seu?

— Thunder Storm — respondi e esperei que ele risse. Era o comum.

— Uau! Sério? Que nome irado! Muito radical pra um jogador de futebol! Já pensou nas manchetes dos narradores?

Comecei a rir de sua emoção infantil.

— Não. — Mentira. Claro que eu já tinha pensado.

— Você joga em que posição?

— Quarterback.

— Olha que legal: “*o quarterback Thunder Storm arremessa a bola como um relâmpago para o receptor do time! A arquibancada vai à loucura! Todos batem os pés gritando pelo Trovão!*” — ele fala empolgado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava abismado em como o garoto era feliz e empolgado, mesmo que estivesse naquela condição. Eu não fazia ideia do que ele tinha, ou o porquê de sua necessidade em estar ali no hospital fazendo uma transfusão, mas sabia de uma coisa apenas: ele não se entregava facilmente às adversidades que aparentemente a vida lhe colocou à frente.

— Gostei desse lance aí.

— Ficou show, né? — disse e piscou, dando uma olhadinha sorrateira. — E só pra você saber... o seu nome também dá pra ser refe... reref...

— Referência?

— Isso. Referência de filme...

— Qual? — O garoto era esperto. Eu só queria ver se era tanto quanto eu supunha.

— Você pode muito bem se apresentar como Storm. Thunder Storm. Que nem o James Bond.

Comecei a rir porque aquele guri era minha versão mirim, só pode.

PERIGOSAS ACHERON

— É uma ideia genial, garoto.

— Bom, Sr. Storm. O senhor está devidamente liberado — Daisy falou interrompendo nosso momento.

Olhei para ela, completamente espantado, porque a mulher tinha angariado um monte de tubinhos e eu nem reparei. Ou seja, ela podia ter sugado meu sangue todo, que meu papo com o garotinho teria me distraído, quando eu percebesse, era apenas um corpo estendido no chão.

Quando voltei o olhar para Vadden, ele estava mexendo no lençol que o cobria. Seus olhos estavam tristonhos. Resolvi ali, naquela hora, que faria companhia para o guri.

— Quanto tempo você fica mais aí, nesse seu jantar superchique e vampírico? — perguntei.

Ele ergueu o rosto rapidamente, talvez achando que eu nem estivesse mais ali.

— Mais umas duas horas — respondeu com um sorriso triste. — Mas já estou acostumado. Hoje eu

PERIGOSAS ACHERON

esqueci minhas revistinhas e o game.

— Poxa, que chato. Mas quer saber? — eu disse e puxei a cadeira para perto da dele, me sentando com as pernas esticadas. Cruzei os braços atrás da cabeça, como se estivesse me bronzeando numa praia paradisíaca. — Vou ficar aqui, fazendo companhia pra você, desde que não resolva “jantar” o meu sangue supergostoso.

Consegui o que queria quando ele deu uma risada espontânea.

— Prometo. Eu só consumo esses sangues devidamente embalados a vácuo aqui. De acordo com a minha irmã, são da última safra — falou e fez uma pose chique. — Quanto mais envelhecido, melhor.

— Assim dizem dos vinhos, né?

— É.

— Então me conte, lorde vampiro, o que você gosta de fazer, quando não está aqui nessa refeição tão suntuosa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu costumava gostar de jogar futebol, na escola — respondeu, triste.

Porra, que merda. Que raio de pergunta foi aquela que fiz?

— Poxa, que chato não poder agora, certo? Mas depois você pode — tentei animá-lo.

— É. Eu acho — disse e passou a mão no lençol.
— Mas gosto de jogar Madden 18.

— Jura? Eu também! Quem você escolhe?

— Brady, né?

Claro. Como não seria Tom Brady o quarterback escolhido por ele, não é?

— Sério? Eu jogava bastante com ele, daí resolvi inovar. Agora estou dando um pau nos Patriots, porque estou jogando com Cam Newton, do Carolina Panthers, então, veja — aponte um dedo pra ele —, Tom Brady está ficando muito puto com minhas jogadas virtuais fenomenais.

Vadden começou a rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós vamos ter que tirar a prova disso — respondeu e ergueu uma sobrancelha.

— Humm, como um duelo?

— É. Brady contra Newton. Vadden contra Thunder Storm.

— Nossa, tô dentro, cara.

— Quando?

— Quando você estará aqui de novo? — sondei.

— A dra. Andy está me trazendo pra esse jantar sanguinolento um dia sim, um dia não.

Nossa... ele tinha que fazer transfusão com aquela frequência? Por quê?

— Então você é uma espécie de vampiro que não passa fome, mas fica em um jejum de 24 horas? — brinquei.

— Tipo isso. Eu ficava uma semana sem precisar de nada. Aí eu fui piorando — falou brandamente.

— Uau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava constrangido de perguntar qual era a doença que o martirizava daquela forma. Antes que completasse meu pensamento, Vadden recebeu uma mensagem no celular.

— Minha irmã vai se atrasar — falou mais para si, do que para mim. — Ei, Thunder...

— Você pode me chamar de Storm apenas, como todo mundo.

— Que legal. Mas eu gosto muito de Thunder também.

— E como eu disse antes, achei seu nome muito estiloso também. Combinou bem com seu lado vampiro.

Nós dois rimos bastante, até que Vadden começou a se cansar, realmente.

— Eu estou tentando manter meus olhos abertos, mas está tão difícil... se você quiser... pode ir — falou baixinho.

— Ei, cara. Pode dormir. Eu fico aqui vigiando sua refeição, okay?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um sorriso triste deslizou pelos lábios do garotinho.

— Obrigado, Storm.

— Não há de quê.

— Você vai voltar? — perguntou com os olhos já fechados.

— Sim, cara. Eu vou voltar.

Aquela era uma promessa que eu pretendia cumprir. Eu sabia que minha missão ali estava cumprida, até que realmente meu sangue fosse um grande fator determinante e funcionasse como o anjo salvador de algum paciente necessitado, mas também sabia que, provavelmente, era pra eu estar ali naquele lugar, naquela hora.

O universo conspirava de maneiras muito interessantes. O atraso na biblioteca foi providencial, pois me permitiu ser o último da equipe a ser atendido na unidade de Hematologia. Daquela forma, o encontro fortuito com aquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

garoto acabou ficando garantido. E talvez aquilo realmente tivesse que ter acontecido.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Depois do encontro na biblioteca, onde meu coração saltou como um cavalo em prova hípica, consegui me acalmar o suficiente para sentar e finalizar o trabalho que precisava. Achei que ficaria dispersa, mas meu cérebro ficou hiperativo e funcionei como se tivesse tomado vinte copos de café.

Foi somente depois de uma hora que notei que estava atrasada para encontrar com Vadden no hospital. Hoje ele teria transfusão e prometi que lhe faria companhia. Todas as vezes que ele se submetia à transfusão sanguínea, passavam alguns minutos e seu corpo ficava tão cansado que o cérebro tinha a necessidade de desligar, fazendo com que ele caísse num sono intenso. De acordo com as palavras de Vadden, ele tinha medo de entrar em coma profundo e ser abduzido por alienígenas nesse instante.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Vou me atrasar um pouquinho, mas já chego ao hospital, okay? Agente firme!”

Acelerei tudo o que precisava para terminar o ensaio que tinha que entregar no dia seguinte, digitei tudo e salvei no pendrive. Fechei os livros e devolvi o que estava emprestado, renovando um novo de Fisiologia.

Desci as escadas correndo, entrei no meu Jeep Cherokee, joguei toda a tralha no banco do lado e acelerei para o hospital. Não daria nem tempo de passar em casa, eu teria que ir do jeito que estava.

Quando entrei no hospital, vinte minutos depois, culpa de uma batida na rua de acesso, eu já estava agoniada.

Estacionei de qualquer jeito e fui direto para a sala destinada a transfusões especiais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bati na porta, mas quando procurei por Vadden, não o encontrei em lugar nenhum. Uma leve preocupação brotou na minha mente, mas a afastei rapidamente dali.

— Ei, Jacob — o enfermeiro que sempre cuidava de Vadden olhou pra mim e sorriu —, onde está o Vadden?

— O pequeno lorde já completou a transfusão de hoje e está no quarto agora, Taryn.

Ai, meu Deus! Vadden ficou sozinho a transfusão toda! Do jeito que ele detestava.

Saí da sala correndo, sem nem me despedir de Jacob. Fiquei irritada com o elevador que não chegava, por mais que eu apertasse o botão de chamada, e eu sabia que de nada adiantaria apertar um milhão de vezes, mas ainda assim dava uma sensação fantástica ficar pressionando aquela coisa.

Quando consegui chegar ao andar de Vadden, entrei no quarto e o encontrei dormindo. Beijeí sua testa e passei a mão nos cachos de seus cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele abriu os olhos imediatamente, piscando, meio assustado.

— Ei, terráqueo.

— Oi, mana — falou com a voz sonolenta.

— Desculpa... eu não consegui chegar a tempo pro seu “jantar” — falei, me referindo à brincadeira que o divertia.

— Eu não fiquei sozinho — disse com um sorriso sonhador.

Aproveitei e me sentei ao seu lado. Peguei a mão pequena na minha e beijei.

— Não? Tinha mais pacientes na ala? — Eu sabia que Vadden fazia as transfusões isoladamente, por conta do risco de contaminação, e porque sua imunidade não poderia ser comprometida.

— Não. Eu fiquei na companhia de um jogador de futebol. Um jogador de verdade! Um quarterback! — falou todo excitado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Franzi o cenho, sem entender do que ele estava falando.

— Como assim, meu bem?

— Um jogador que estava na sala de exames.

— Sala de exames? Você nunca vai à sala de exames — falei e coloquei a mão na testa de Vadden para ver se ele não estava delirante.

— Eu pedi à doutora Häagen-Dazs hoje.

— Doutora Häagen-Dazs? — Comecei a rir.

— É. Foi assim que o jogador se referiu a ela.

— Nossa. Gostei do apelido. Será que ela gostou?

— Bom, o sorvete é gostoso, ela tem que gostar, né?

— Verdade. Mas me diga, por que você pediu para ir à sala de exames, ao invés de ficar na sala isolada?

— Eu tinha ouvido a equipe comentando que um monte de jogadores de futebol viria aqui hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, nossa. A equipe da Universidade. Eles devem ter vindo doar o sangue para a coleta e cadastro.

— E aí?

— Aí eu queria ver os jogadores de perto.

Eu já estava entendendo onde ele queria chegar.

— Vadden...

— Sêrio, mana. Foi tranquilo. A doutora deixou, porque só tinha um jogador lá. Eu nem vi todos os outros. Então nem tinha aquele montão que eu queria ver. Mas ficou um — ele disse e suspirou.

— E ele é tão legal, Taryn, que valeu pelo time todo.

— Que bacana, Vadden.

— Sabe o mais legal de tudo, Taryn?

— Não, Vad. O que é o mais legal de tudo? — perguntei com um sorriso.

— O nome dele, mana. Thunder Storm — Vadden disse, sonhador. Eu quase senti o chão

PERIGOSAS ACHERON

balançar. — Ele ficou me fazendo companhia durante toda a minha transfusão.

— O Storm ficou com você durante as duas horas de transfusão? — perguntei, espantada.

— Sim. E a gente conversou de tudo. Ele é muito legal, mana.

— Sim, Vad. Ele é muito legal.

Eu não sabia o que pensar daquele gesto de Thunder Storm Walker e, sim, eu sabia o nome completo dele. Além de ter um nome imponente, o próprio Storm, como era mais conhecido, tinha uma presença tão vibrante e marcante que não o deixava passar batido em nenhum ambiente em que estivesse. As meninas da faculdade circulavam ao redor como abelhas rodeando um pote de mel, fora os outros companheiros de equipe, que faziam questão de estar por perto.

Eu me sentia uma espécie de *stalker* silenciosa, que apenas observava seus movimentos, desde que descobrimos que frequentamos duas matérias

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos. Embora eu não fosse tão tímida como o estereótipo clássico que se via em filmes e novelas, ainda assim eu não podia ser chamada de uma garota tão despojada de pudores, que tinha aquele fino trato e desenvoltura para saber conversar ou flertar numa boa com os caras. Eu podia desenvolver um bom papo, entabular uma conversa inteligente e divertida, mas quando o assunto descambava para outro possível setor, sentia meu corpo travar e um pânico antigo se instalava por todas as terminações nervosas. Daí a língua travava e tudo ia para o lixo. Então, se eu já tinha esse pequeno problema em relação aos caras, normalmente, em se tratando de Thunder Storm, que mexia com algo desconhecido dentro de mim, a coisa poderia tomar um novo rumo.

— Mana, eu estou tão cansado. Acho que vou dormir — Vadden disse com um bocejo enorme.

— Durma, Vad, eu vou ficar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou tão feliz que acho que vou sonhar com bolas de futebol — brincou.

Passei as mãos pelos cachos desgrehados e continuei acariciando, até que o sono se firmou no corpo exaurido do meu irmãozinho.

Eu já tinha levado todo o meu material para finalizar um ensaio ali e naquela noite eu dormiria com ele. Tia Blythe iria assumir no dia seguinte.

Depois de ajeitar a cadeira reclinável onde eu sempre dormia, tentei me concentrar na tarefa à qual me propus, lendo todos os textos possíveis para a aula do dia seguinte, mas um certo jogador altruísta não saía da minha mente.

Suspirei audivelmente e fechei os olhos, orando para que Vadden pudesse sonhar com todas as bolas de futebol e campos, *touchdowns* e tudo o que quisesse, sabendo que, se dependesse de mim, e do meu esforço, bem como de um milagre de Deus, ele sairia totalmente curado dali. E, quem

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe, poderia ver o objeto dos meus pensamentos
tortuosos jogando algum dia...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5



Dois dias inteiros tinham se passado

até que admiti que algo me incomodava. Nem eu mesmo conseguia descobrir do que se tratava, até que abri meu caderno e deparei com o panfleto da Hemoclínica do hospital, onde a equipe fez a coleta de sangue.

Eu estava lendo atentamente o papel quando Thomas bateu a mão no meu ombro, enquanto estava distraído, tomando minha vitamina na cozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E aí? O que é isso? — perguntou com curiosidade.

Cocei a barba que estava curtindo devido à preguiça de raspar, e olhei do papel para ele e, de volta para o papel.

— Estou aqui pensando naquela doação de sangue que fizemos — falei.

— O que tem?

— Quando será que sai algum resultado, você tem ideia? — questionei.

Thomas pegou seu copo de suco e sentou-se à mesa.

— Não faço ideia de como funciona essas análises sanguíneas aí, bro — disse, rindo. — Minha área de estudo é outra, nada a ver com saúde.

— Isso eu já tinha percebido, seu mané.

— Por que o interesse? Está querendo cursar Medicina? — perguntou com suspeita. — Você

PERIGOSAS ACHERON

levaria jeito. Seria um daqueles médicos tipo, Doutores da Alegria, saca? Porque você é meio palhaço por natureza — zoou.

— Rá rá. Você é tão hilário, Thomas, veja como estou rolando de rir — retruquei e arremessei um pedaço de biscoito. Uau. Eu sentia falta de fazer aquilo com as minhas irmãs.

— Sério. Acho que quem saberia dizer era aquela moça que apresentou o programa detalhadamente — ele disse.

— É verdade. Acredita que fazemos duas matérias juntos?

— Sério? Ela não é mais adiantada?

— Também achei, e até agora não entendi o porquê, mas ela ainda está em algumas matérias primárias, mas enfim, isso me lembra de que tenho aula com ela hoje.

Bebi o restante da vitamina de uma vez, segurei um arrotto monstro, embora em casa de homens aquilo seria um comportamento muito normal, mas,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem, eu estava tentando mostrar que estava amadurecendo. Além do mais, fazer aquilo era maravilhoso quando minhas irmãs estavam ao lado, exatamente para poder perturbar e receber os tapas que sempre vinham na sequência.

Às vezes eu tinha medo de ter algum desvio vinculado ao masoquismo, sério. Estava sentindo falta dos safanões da Rainbow.

— Ei, você vai pra Westwood essa sexta-feira?
— perguntei enquanto lavava o copo e o prato que havia usado. Yeap. Mamãe teria orgulho de mim naquele momento.

— Não, Rainbow vem pra cá. Nós vamos fazer um passeio em Manhattan — ele disse.

— O quê? Rainbow? Em Manhattan? Desde quando?

— Desde que eu prometi levá-la a um musical muito bacana que está em temporada agora — levantou-se e colocou suas coisas na pia —, e não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encha o saco. — Apontou o dedo de maneira ameaçadora.

Comecei a rir. Thomas havia virado o mundo da minha irmã de cabeça para baixo. A pequena *nerd* agora estava afoita por um musical?

— Um musical? Sério? Qual?

— Não é da sua conta. E para de encher o saco, porque sei que vai perturbar sua irmã. E, sim, antes nós vamos fazer um *tour* pelo Museu de História Natural, porque o lado *nerd* dela precisa ser bem alimentado — disse e riu.

— Aaah... aí sim, essa é minha Rainbow.

— Sua, nada. Minha.

Revirei os olhos.

— Antes de ser sua noiva, ela já era minha irmã, imbecil — ralhei.

— E daí? O que importa agora é que é minha — falou e piscou um olho. — Cunhado querido.

— Seu merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse seu carinho por mim é enternecedor, Storm.

— Yeap. Tenho de sobra desse carinho, pra você e para o Mike.

— Você já pensou em buscar ajuda terapêutica? Algo zen? — Thomas zombou.

Ambos já estávamos saindo de casa, e cada um seguiria seu rumo. Peguei a chave da minha moto, ele a chave de seu Porsche.

— Já. Tomei um chá de ervas uma vez. Mamãe disse que ia curar essa minha mania de querer controlar os passos das minhas irmãs.

— O que aconteceu?

— Fiquei acordado a noite toda, aproveitei e *stalkeei* todas as redes sociais da Sunny, descobrindo que ela estava marcando uma saída relâmpago com Bruce Bernstein, para um piquenique no parque West.

— Bruce Bernstein? O irmão mais novo do Curter? — Thomas perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

Curter havia estudado com Thomas no ensino médio, enquanto Bruce estudou comigo e Sunny.

— Esse mesmo.

— E aí?

— Aí mandei uma mensagem *direct* pra ele, me fazendo passar por ela, dizendo que estava com prisão de ventre por ter comido todo o bolo de amêndoas secas que a mamãe tinha feito — falei e comecei a rir. — Bruce nunca mais falou com a Sunny.

— Cara, você é mau.

— Uma mente criminoso que apenas zela pela integridade física das irmãs. Rainbow nunca me deu trabalho, então, eu peguei muito leve com ela. — Agora foi a minha vez de apontar o dedo de maneira acusadora pra ele. — Até você chegar.

— Porra, foi mal, Storm. Sua irmã simplesmente roubou meu coração de maneira irreparável — disse e entrou no carro. — Mas, enfim, veja aí, eu trato muito bem da *minha* garota, logo, você pode

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dar um jeito de sair da nossa cola no final de semana, okay?

O imbecil disse aquilo e saiu arrancando com o carro. Eu fiquei pensando nas implicações de suas palavras, deduzindo o que o “sair da cola” poderia significar, até que percebi que aquele merda estava com planos malignos para ter livre acesso ao corpo da minha irmã.

Ah! Que ódio. Sério. É meio tenso ter que lidar com essas coisas. Ainda mais sendo irracionalmente ciumento. Sei lá, culpem talvez o fato de o meu pai não ser nem um pouco apegado a este sentimento, ser ultraliberal e mais despojado desses cuidados que devemos ter com as meninas, mas eu simplesmente tinha assumido aquela faceta na minha personalidade. Eu era ciumento, sim. Muito. Assumidamente. Minhas irmãs eram tudo pra mim. O período em que nossos pais saíram pela vida, como se fossem dois adolescentes despreziosos que não tinham três filhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

adolescentes pra cuidar, fez com que esse sentimento ficasse muito mais intenso.

Homens, necessariamente, já têm essa característica embutida em seus interiores. Os machos alfas saem à vida e tudo o que se pensa é em cuidar e proteger, defender com unhas e dentes. Confesso que tinha um pouco de medo de me apegar com um relacionamento amoroso por conta da gama de sentimentos intensos que eu tinha em relação a isso.

Se eu já era ciumento com minhas irmãs, será que seria insuportavelmente pegajoso e irascível com uma namorada? Eu tinha até medo de descobrir.

O trajeto curto, feito na minha *Indian* foi o suficiente para deixar aquele assunto para trás, mas, quando entrei na sala de aula e avistei a doce Taryn sentada ao fundo da sala, mergulhada em um livro mais pesado que ela, a dúvida brotou com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

intensidade. Seria interesse o que eu poderia estar sentindo?

Ignorei as olhadas nada sutis das garotas da sala, cumprimentei alguns colegas e me sentei ao lado de Taryn, sem nem ao menos pedir permissão. Apenas deixei que meu corpo desabasse.

Ela ergueu o olhar, assustada.

— Oi — cumprimentei e dei uma piscada.

— O-oi.

— Alguma novidade?

— So-sobre o quê? — perguntou e sua sobrancelha arqueou. O nariz bonitinho e arrebitado enrugou diante da dúvida explícita em seu tom de VOZ.

— Do exame de sangue.

— O quê?

— Da coleta que fizemos no hospital.

— Ah... tá. — Ela empurrou os óculos de volta para o lugar e fechou o livro que estava lendo.

PERIGOSAS ACHERON

“Genética Experimental”... hummm. — Leva mais ou menos uma semana para o banco catalogar os resultados.

— Mas daí a saber se há possíveis receptores é outra coisa? — questionei.

— Sim. Muita gente fica no banco de dados, mas nunca será chamado — informou. — É apenas um *pro forma*, sabe? Na verdade, um gesto altruísta das pessoas que se dispõem a “tentar” ajudar dessa maneira — ela disse e frisou as aspas.

Olhei para o professor que havia começado a escrever algo torpe e muito doido no quadro.

— A propósito, sobre atitudes altruístas... humm... — ela pigarreou delicadamente. — Queria te agradecer.

Voltei meu olhar para ela, sem entender ao certo porque razão ela queria agradecer.

— Pelo quê?

— Humm... por ter feito companhia a um garotinho, no dia em que estive no hospital — ela

PERIGOSAS ACHERON

sussurrou, com a cabeça baixa. Os cabelos cobriam seu rosto. Coloquei a mão sobre a dela, atraindo sua atenção para mim.

Lembrei-me imediatamente do garoto do qual ela falara. Vadden. Apaixonado por futebol americano. Mostrou uma alegria intensa, mesmo diante de um procedimento que teria feito um homem adulto — aham, tipo, eu — amarelar totalmente.

— Vadden? Não é?

Ela voltou o rosto de uma vez para mim, com os olhos assombrados.

— É. Como se lembra do nome dele? — perguntou, parecendo chocada.

Eu até poderia dar uma resposta desaforada e dizer que não sou burro e tenho uma inteligência e memória excelentes, mas resolvi segurar a onda e ser gentil.

— Por que não me lembraria? Ficamos conversando horas, sei lá. Trocamos muitas informações bacanas naquele dia. Mas, como você

PERIGOSAS ACHERON

sabe disso? — Dessa vez eu estava curioso em saber.

— Ah... eu...

Quando ela ia começar a me dizer, fomos indevidamente interrompidos pela presença ingloria do professor.

— Sr. Walker, quer compartilhar conosco alguma consideração sobre o assunto tratado na aula passada? — o panaca emproado perguntou.

Abandonei a muito custo os olhos assustados de Taryn e voltei meu corpo totalmente para frente, notando que toda a classe prestava atenção em nossa interação.

— Na verdade, professor, honestamente, eu sequer me lembro do assunto — ao dizer aquilo, a turma inteira riu. Parecia que estávamos no ensino médio novamente. — Mas, tenho certeza de que o senhor vai ser magnânimo e nos relembrar.

O professor entrecerrou aqueles olhinhos medonhos que ele tinha, empurrou os óculos de PERIGOSAS ACHERON

tartaruga para cima e deu um sorriso.

— Bem, é verdade. Vamos tratar sobre a Contemporaneidade dos filósofos antigos.

O quê? Como assim? Se eles eram antigos, como poderiam ser contemporâneos?

— Vamos fazer uma referência aos pensamentos do passado com o que temos pensado no presente — ele completou.

— Uau. Que profundo — sussurrei de volta para Taryn.

Ela riu baixinho ao meu lado.

Queria abordar o assunto que estávamos falando antes, mas o professor resolveu “fazer morada” ali no corredor à frente de nossas cadeiras, então não poderíamos conversar, ao invés de prestar atenção na ladainha filosófica que ele tecia.

Quando o término da aula chegou, Taryn recolheu seus cadernos com rapidez, tentando sair antes que eu a impedisse. Ela disparou porta afora, e quando eu estava pronto para “persegui-la” pelo

PERIGOSAS ACHERON

corredor, fui abordado por Wendy e Cherry. Minha nossa... os nomes daquelas meninas conseguiam ser mais açucarados que uma barra de alcaçuz. Eu já podia sentir meu dente latejar.

— Stooooorm! — Cherry quase explodiu meu tímpano com um grito fino. — Queremos ver você jogar! Quando você vai jogar?

Querida, essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é mesmo?

— Eu sou um cara reservado, meu bem. Entendeu a referência? — brinquei, mas duvidava que ela poderia ter entendido a piada.

— Poxa, Storm, Wendy disse que você não quis ir naquela festa da fraternidade a semana passada, mas amanhã vai acontecer uma na Beta-Pi, será que te interessa? — perguntou e piscou os olhos azuis.

Bom, a garota era gata. Isso não dava para negar. E pelo andar da carruagem, estava querendo oferecer seus serviços de bom grado. Assim como a

PERIGOSAS NACIONAIS

amiga já havia ofertado antes. Restava saber se eu estava empolgado ou não.

O que me deu um puta grilo mental naquele instante, porque, quando entrei para a Universidade, imaginei que seria daquele tipo de aluno zoeiro que só curtiria milhões de festas, uma atrás da outra, sem me preocupar com o amanhã.

Embora eu não gostasse de estudar, efetivamente, e estivesse cumprindo minhas obrigações “escolares” como uma forma de degrau para o grande alvo que tinha em mente, que era ingressar na NFL, também não poderia negar que, Deus havia me dado uma inteligência bem bacana e ela poderia ser aproveitada, por que não?

Muitas pessoas tinham a tendência de imaginar que atletas eram toupeiras burras e imbecis que estavam na universidade apenas porque eram excelentes nos esportes que competiam. E, bem, não vou dizer que isso não acontece, porque estaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mentindo descaradamente, e se Pinóquio existisse, meu nariz estaria enorme agora, como o dele.

Existem vários tipos de alunos. Os aplicados, que entram com um propósito fantástico de serem superiores e vencerem na vida, tornando-se profissionais excelentes naquilo em que forem se formar; os bem-intencionados, que estudavam com afinco, mas sabiam que aquela ali era apenas uma etapa da vida, levando a coisa toda como uma passagem, sem grandes neuras e psicoses; os normais, que simplesmente iam para suas aulas, faziam suas tarefas, tiravam suas notas medianas e respiravam aliviados quando eram aprovados a cada disciplina; os sem noção, que não faziam ideia do que estavam fazendo ali, não dando a mínima para os estudos, muitas vezes eram bancados pelos pais, não valorizando o dinheiro gasto ou o esforço, nem mesmo o sonho de muitos em estarem ali. Estes poderiam ser taxados de ingratos também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque não valorizavam as oportunidades que a vida lhes propunha.

Talvez eu pudesse me enquadrar no grupo dos normais. Quem sabe. Ou no grupo dos bem-intencionados, porque, embora eu não fosse psicótico com os estudos, e nem mesmo amasse esfregar minha cara num livro, ainda assim tinha facilidade com as matérias, o que me diferenciava de uma boa leva dos meus companheiros de equipe. E existe uma regra primordial nas Universidades também: para que você conserve uma bolsa de estudos concedida, seu histórico escolar deve ser exemplar, sua taxa de faltas deve ser mínima, e seu nível de comprometimento com o time deve ser em torno de... 200%.

Bem, eu estava indo bem, até então. Mas enquanto muitos achavam que eu estaria no grupo dos alunos sem noção – os festeiros inveterados –, eu, na verdade, estava me amarrando naquele novo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estilo de vida aonde o amadurecimento vinha de maneira gradual.

— Storm? — A voz de uma delas me chamando, me trouxe de volta ao presente.

— Sim?

— Você vai?

— Vou pensar, gatas.

Nós nos despedimos ali e fui em direção à minha moto, olhando ao redor, na tentativa de ver se Taryn ainda estaria por ali.

Segui para o ginásio. Aquele era um dia de treino e o treinador fazia uma escala de jogos, o que significava que possivelmente, em alguns dos jogos à frente, eu entraria em um dos quartos de tempo da partida, no lugar de Thomas. O número de vitórias computadas pelo time indicava se os jogadores reservas teriam chance de estreiar naquela temporada... então torcíamos bastante para que a equipe chutasse as bundas dos adversários.

PERIGOSAS ACHERON

Entrei no vestiário e cumprimentei os caras, indo direto para o meu armário. Spike chegou ao meu lado, logo em seguida.

— E aí, Storm? Festa amanhã na Beta-Pi? — perguntou enquanto despejava suas coisas no armário à frente.

Minha nossa, o que estava acontecendo com as pessoas? Só pensavam em festa? Ah, tá. Aquilo era bem eu também.

— Cara, essa merda dessa festa é o quê? Algum rito de passagem? — zombei. — Wendy e Cherry já me apossaram no corredor para garantir que eu vá.

— Eu gostaria de ser apossado por essas duas aí — Spike retrucou, rindo.

— Idiota.

— Vamos, mocinhas! O que estão esperando? — o treinador gritou da porta.

A manada seguiu para o ginásio, disposta a executar os treinamentos de cardio, que seriam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

intensos. Logo depois iríamos para o campo, talvez morrer de exaustão. Quem sabe o que o treinador tinha em mente, não é mesmo?



Larguei meu corpo em forma de zumbi, no banco do vestiário, enquanto tentava colocar os tênis de volta, sem gemer de maneira óbvia e desnecessária.

— Porra... minha bunda está doendo — Spike disse, suspirando ao meu lado.

— Informação desnecessária, bro — falei, rindo.
— Mas vou te dar a moral e dizer que a minha também está.

— Cara, qual é a meta do treinador? Matar todo mundo antes de um jogo real?

— Naaan... acho que ele quer fortalecer o espírito, forjar no fogo, equilibrar os elementos cósmicos — zoei.

— O que tem a ver elementos cósmicos com a zoadá, mano? — Spike perguntou, gargalhando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não faço a mínima ideia, mas meus pais sempre usam essa referência em algum discurso épico, para explicar atitudes que não têm nenhuma explicação.

— Humm.

Começamos a rir sem razão nenhuma, talvez o puro cansaço do dia tenha colaborado para a leseira do final. Enquanto bebia o Gatorade, tentando trazer de volta vida ao corpo judiado pelo treino intenso, minha mente foi à deriva e imediatamente a imagem de Taryn surgiu em technocolor. As pequenas sardas na ponta do nariz arrebitado. A mania de empurrar os óculos para cima, fazendo com que eu tivesse vontade de pegar a armação por conta própria, uma pequena chave de fenda e, quem sabe, apertar os parafusos laterais para dar um pouco mais de firmeza, talvez. Pensei nas possíveis curvas que ela escondia por baixo de tantas roupas. Ou será que não havia curvas e ela sentia vergonha do próprio corpo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não conseguia compreender a obsessão com a garota. Talvez eu realmente precisasse sair para algumas dessas festas da esbórnica, pegar uma Wendy, Mandy, Cherry, Berry... Nossa. Acabei me sentindo um cretino de marca maior quando aquele pensamento passou pela cabeça, porque, honestamente, fiquei pensando se aquele seria o tratamento que eu gostaria que minhas irmãs recebessem de um cara. E a resposta óbvia era um NÃO, bem grande e em letras garrafais.

Embora, eu sempre alertei aquelas duas que homens só pensavam merda. Estava aí a teoria mais do que comprovada. Nosso cérebro congestionado só pensava em sexo em 89% dos casos, durante talvez... 20 horas por dia. Pode ser que dormindo, houvesse um alívio, mas ainda assim, de manhã, era complicado, porque um sonho poluído e muito gráfico sempre podia acontecer e complicar as coisas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando fui pegar a mochila no armário do vestiário, peguei o papel que havia atraído minha atenção naquela manhã. E um pensamento imediatamente brotou, fazendo com que eu acelerasse meus passos e me despedisse de Spike rapidamente, sem grandes satisfações.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6



Passei pelas portas automáticas, pensando se não estava cometendo algum tipo de crime medonho. Tentei me lembrar de algum episódio desses seriados médicos que Sunshine amava, mas nenhum me veio à mente, talvez porque eu só prestasse atenção às atrizes gostosas que apareciam, e não à performance artística de cada uma, ou aos casos clínicos tratados e dramatizados com tanta habilidade.

Cheguei à recepção e cocei a cabeça, em busca de uma saída para o que deveria ser meu próximo

PERIGOSAS ACHERON

passo a partir dali.

Eu não fazia ideia de em que quarto Vadden ficava, mas segui rumo à ala de Hematologia, onde fizemos a coleta sanguínea naquele dia.

Bati à porta e esperei que aparecesse alguém para me atender.

— Olá, pois não? Em que posso ajudá-lo? — um enfermeiro perguntou educadamente.

— Ah, oi... escuta, eu estou procurando um paciente que esteve aqui alguns dias atrás fazendo uma transfusão — soltei logo de uma vez.

— Nós temos vários pacientes que fazem transfusão diariamente, se você não souber o nome, fica difícil. Mas, primeiramente, você é parente? — questionou com suspeita.

Nossa, quem ouvisse poderia pensar que eu estava tramando um crime hediondo.

— Não, cara. Não sou parente. E o paciente é um garotinho. Vadden é o nome dele. Cachos meio dourados, uma bagunça total, engraçado pra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caramba, desse tamanho — falei, tentando mostrar o tamanho, mas daí me lembrei que Vadden estava deitado, então como ele poderia saber o tamanho? Era uma estimativa, certo? — Ele tem uns nove anos, falador.

— Ah... Vad. — O enfermeiro riu e abriu mais a porta. — Hoje é dia de transfusão dele. Mas ele não fica aqui, cara. Aquele dia foi uma exceção, porque os jogadores estavam doando e ele queria vê-los — ele disse e me olhou com os olhos entrecerrados. — Ei, você não é um dos caras?

— Sou. E eu fiquei fazendo companhia para o garoto.

— Ah, certo. O moleque contou isso por dois dias seguidos. — Riu e cruzou os braços, olhando por cima do ombro. — Espera aqui um pouco.

O cara entrou na sala ao lado e voltou dois segundos depois.

— Venha comigo. Coloque esses pro-pés aqui e essa máscara — orientou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz como me foi instruído e segui pelo longo corredor até uma ala isolada.

— Pacientes com alto risco ficam isolados durante as transfusões — informou.

— Alto risco? Como assim?

O enfermeiro olhou para mim, desconfiado.

— Você não sabe nada do Vadden?

— Não, cara. Eu só... — cocei a cabeça, sem jeito — bati um papo com ele e achei o guri bacana. Só isso.

— Certo. Então vou deixar que você se inteire através do próprio *guri* — disse e piscou o olho.

O enfermeiro abriu a porta e vi que a sala estava vazia, com apenas um paciente no canto esquerdo. Estava deitado, enrolado em uma manta, enquanto uma mulher lia alguma coisa para ele. Quando ouvi o som do riso, identifiquei imediatamente como o pequeno Vadden.

— Lá está ele. Vamos.

PERIGOSAS ACHERON

Seguimos até o lugar, e a mulher ergueu os olhos, alarmada. Aparentemente aquele lugar era deserto, então ela não esperava companhia.

— Ei, Blythe. Olha só... o pequeno meliante tem visita, acredita? — o enfermeiro disse rindo.

— Sério? — Vadden perguntou e se virou de uma vez. Quando me reconheceu, seus olhos adquiriram o tamanho daqueles pires que a mamãe usava pra tomar os chás loucos dela. — Eita! O Storm! Olha, tia Blythe, o Thunder Storm que eu te falei!

Ele não conseguia se sentar porque estava todo “acoplado” nas inúmeras máquinas de transfusão e olhar aquilo ali chegou a me embrulhar o estômago.

— Ei, cara. Como você tem passado com seu lanche vampírico? — perguntei.

A tia dele se levantou e estendeu a mão para mim. A mulher era jovem ainda, talvez na faixa dos trinta e poucos anos, tinha mechas azuis espalhadas por todo o cabelo, combinando com a cor dos

olhos. As roupas se pareciam muito com algumas nas quais minha mãe daria um *like* gracioso num Instagram de moda.

— Oi, eu sou a tia do Vadden, Blythe. Você então é o poderoso deus do Trovão? — brincou.

Eu sorri, um pouco constrangido, mas resolvi brincar à altura.

— Naaan... Thor me roubou este cargo, fora que era muito cheio de responsabilidades e tal. Morar em Asgard e essas coisas. Preferi ficar na Terra mesmo, curtir só a *vibe* do meu nome — brinquei.

— Que maneiro! Seu nome é simplesmente tão fantástico quanto você, pelo que vejo.

Acho que meu rosto ficou vermelho. Aquele evento era incomum. Na verdade, provavelmente era a primeira vez que acontecia, então eu estava meio chocado com a sensação térmica nas minhas bochechas.

— Tia! Para de deixar ele sem graça — Vadden ralhcou. — Ele pode querer ir embora sem nem ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chegado.

— Que isso, Vadden. Eu vim pra gente disputar uma partida. Esqueceu? — falei e vi quando seu sorriso quase explodiu seu rosto.

— Sério? Você trouxe Madden 18?

— Não, criança. Eu trouxe Madden 19, porque eu sou foda... opa, desculpa, porque eu sou bom e poderoso assim — corriji e pedi desculpas com o olhar para a tia. Ela riu e acenou com a mão.

— Vad, eu vou à lanchonete comprar alguma coisa, aproveitando que você tem companhia por um minuto — falou e pegou a bolsa. — Não vou demorar.

— Pode ir à vontade, senhora... — Fiquei sem saber como me referir a ela. Ela era nova, gata até, então como eu poderia chamar de senhora?

— Senhora? — ela perguntou ultrajada.

— Você chamou a minha tia de senhora? — Vadden perguntou e riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ahn... acho que sim?

— Cara, você é um homem morto, então.

— Me desculpa, eu não sei como me referir à se...

— Se você falar senhora novamente, eu vou pegar aquela agulha ali e espetar na sua bunda — ela ralhou.

Uau. Aparentemente ela não lidava bem com o quesito idade. Okay. Anotado.

— Certo. Você — corriji.

— E se me chamar de “dona” também, você vai ter uma morte lenta e muito cruel — alertou. Ela saiu de costas, apontando os dois dedos para mim, numa ameaça clara.

Comecei a rir, acompanhando o riso fácil de Vadden.

— Uau. Sua tia é má assim?

— Quando se trata da idade? Sim. Nunca, nunca mesmo, a trate como se ela fosse uma pessoa muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais velha que você, entendeu? — ele informou e riu. — Tia Blythe tem o espírito jovem. Só não corresponde com a data de nascimento dela.

— Entendi.

— Poxa, você veio mesmo! — mudou de assunto, todo empolgado. — De verdade!

— Bom, cara, eu, com certeza, não sou um holograma, então, sou de verdade — falei e me sentei ao lado da sua cama. Abri o pacote que tinha em mãos e peguei os dois celulares onde tinha instalado os jogos sincronizados.

— Eita! Nós vamos jogar assim? — Ele tentou se sentar na cama e percebi que gemeu baixinho.

— Deixa eu te ajudar aqui, cara.

Ergui o corpo do garoto e arrumei os travesseiros atrás dele, deixando-o confortável para nosso enfrentamento.

— Pronto. Agora você está pronto pra levar uma surra épica — brinquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca, cara — imitou meu jeito de falar. Comecei a rir. — Pode vir com seu jogador. Meu Tom Brady vai arrasar o seu — falou.

Nós ficamos jogando aquilo ali por mais de quarenta minutos. Eu vi que a tia voltou várias vezes e como percebeu que estávamos concentrados em nossas jogadas profissionais, acabou nos deixando à vontade.

Somente depois de muito tempo, quando as baterias dos celulares já estavam mostrando que não resistiriam ao tormento que estávamos impondo, foi que percebemos que o tempo realmente tinha passado.

Uma enfermeira gentil chegou e passou a mão na cabeça de Vadden.

— Tudo bem com você, criança? — perguntou.

— Sim, Sasha. Estou ótimo. Olha, eu ganhei do Storm! E ele é um jogador de verdade!

A enfermeira olhou pra mim e sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é o máximo, pequeno. Sua irmã chegou. Quer que ela te leve ao seu quarto, ou você quer subir antes?

— Chama ela aqui, Sasha. Eu quero que ela conheça o Storm.

A enfermeira saiu logo em seguida e eu fiquei apenas aguardando.

Qual não foi minha surpresa quando a porta se abriu e quem entrou mais rápido do que um relâmpago foi exatamente a garota que não saía da minha cabeça há vários dias. Taryn.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7



Levantei rapidamente da cadeira,
quase a derrubando no processo.

— Taryn? — perguntei.

Vadden olhou de volta para mim e de novo para sua irmã.

— Ué, vocês se conhecem?

Ela parou à minha frente, ainda meio chocada com a minha presença ali.

— Oi, Storm.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi. — Passei as mãos pelo cabelo. Estava nervoso. — Você é a irmã do “Tom Brady”? — perguntei.

Vadden começou a rir ao ver as sobrancelhas erguidas da irmã, sem compreender nada.

— O quê?

— O Tom, digo, Vadden Brady — falei e apontei para o moleque.

— Ah... — Ela riu e seu rosto ficou vermelho. — Sim. Acho que sim. Embora não seja esse o sobrenome oficial dele, mas estamos mantendo sigilo sobre sua verdadeira identidade — brincou.

— Você conhece o Storm, Taryn? — Vadden perguntou.

— Sim, Vad, conheço. Nós estudamos na Universidade e fazemos algumas matérias juntos — falou para o irmão.

— Que legal! Mas por que você não me disse aquele dia que te contei que ele veio aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para ela, esperando sua resposta. Então o pequeno tinha falado de mim e ela fingiu não me conhecer? Humm. Aquilo poderia ser uma porrada no meu ego, se o rosto dela não estivesse vermelho, como se ela estivesse com vergonha total da minha presença ali.

Tal constatação só poderia indicar uma coisa: talvez ela não fosse imune a mim. Talvez eu mexesse com ela, como ela andava mexendo comigo. Quem sabe?

— Eu não sei, Vad... eu acho que... estava empolgada com seu relato e me esqueci. Não quis estragar seu momento...

Um bip suave começou a apitar ao lado e Taryn chegou próximo do local onde eu me encontrava. Uma nuvem de perfume suave “atacou” os meus sentidos, me colocando quase em estado de alerta.

— Estamos prontos pra subir? — Taryn perguntou ao irmão.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. Você vai, Storm? Quer conhecer meu quarto? — perguntou esperançoso.

O quê? O garoto morava no hospital? Ele tinha como certo que ali era seu lar, era isso?

— Claro, cara.

— Meu jogo de PS4 está instalado lá. Um dia, se você quiser, podemos jogar de verdade com os consoles — falou baixinho.

— Ceeeerto. E você não vai chorar como uma garotinha por perder milhares de *touchdowns* pra mim, não é?

— Eu não choro como garotinhas! — exclamou, ultrajado.

— Primeiramente, é muito machismo de vocês falarem que só “garotinhas” choram e classificá-las como frágeis, tá? — Taryn entrou na conversa, à medida que ia soltando os cabos que amarravam o irmão. — Segundo, é ridículo fazer essa comparação. Já disse que é machismo?

— Já — eu e Vadden respondemos em uníssono.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo.

A tia deles entrou na sala naquele momento com uma cadeira de rodas e posicionou-a ao lado da cama hospitalar.

— Vamos, criatura sanguinária. Sente-se no seu trono — ela disse.

Vadden desceu com a ajuda da irmã, mas eu acabei assumindo o posto quando vi que ele estava mais fraco do que queria demonstrar e era mais pesado para Taryn do que ela queria admitir.

Coloquei o guri sentado na cadeira.

— Majestade...

— Lorde Vampiro. Eu sou um Lorde Vampiro.

— Oh, é mesmo. Desculpe. Eu esqueci esse pequeno detalhe. Você bem que poderia ser um príncipe vampiro. Acho mais imponente — falei.

Taryn seguia empurrando a cadeira, rumo aos elevadores. A tia seguia atrás, conversando com a enfermeira, Sasha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Poxa, eu não tinha pensado em príncipe, Storm. Será que alguma rainha vampira tem que me coroar ou algo assim? — perguntou e virou a cabeça para trás, para me olhar.

— Cara, eu não sei. Mas se for, só não pode ser aquela Elvira, a Rainha das Trevas.

— Elvira?

— Ela não é vampira, é? — Taryn perguntou. — Tia?

— Por que está perguntando pra mim? Só porque essa criatura icônica do cinema mundial é dos anos 80 não significa que eu tenha conhecimento em sua sobrenaturalidade, ora essa — ela respondeu.

Todos nós rimos da resposta genial.

Seguimos para o andar onde era o quarto de Vadden e vi que era todo decorado como se realmente fosse um quarto de um garoto de 9 anos.

Olhei de maneira indagativa para Taryn e ela acenou com a cabeça. Talvez aquilo significasse que ela me explicaria depois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Taryn, eu vou dormir hoje com ele, porque amanhã tenho aquele congresso do qual falei, na NYU, então nossa escala ficará com você dormindo aqui dois dias seguidos, okay? — a tia disse.

— Eu já falei que não precisam dormir aqui... — Vadden disse, deitando-se na cama. Quando olhei pra ele, estava revirando os olhos.

— E nós já falamos que você é chato pra caramba, mas te amamos do mesmo jeito e a Terra continua a girar — a tia respondeu. Ela olhou para Taryn e para mim e disse: — Você comeu alguma coisa hoje, Taryn?

— Ah, o quê? — perguntou, sem entender.

— Perguntei se você se alimentou direito.

— Ah, não deu tempo, tia. Eu tive que entregar um ensaio e também tive laboratório.

— Ótimo. Aproveite este rapaz muito gentil e vá comer alguma coisa, por favor. Traga um café pra mim na volta — falou num tom de comando que não admitia contestação.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você já não tomou um café agora? — perguntou.

— Tomei? Céus. Bem, se tomei, não me lembro. O que significa que preciso tomar outro copo para trazer à memória e fortalecer minhas células neuronais cansadas. — Piscou.

— Tudo bem. Vadden, eu vou e volto — ela disse.

— Vadden, eu vou, mas não volto — eu remendei. — Hoje. Mas teremos uma revanche. Logo, prepare suas ombreiras e capacete, amigo.

Batemos nossos punhos e fizemos um cumprimento NFL, e Vadden riu quando fiz um gesto de relâmpago, algo meio clonado de Usain Bolt, mas quem liga? O importante era que eu encerrava com um “Caboom” no final, para simbolizar o ruído que meu nome evocava.

Eu esperei que Taryn saísse à minha frente e a segui, evitando olhar para seu traseiro, devidamente coberto pelo suéter bege. Poxa, eu sou homem, me

culpem. Eu estava curioso para tomar nota das formas físicas da garota. Mesmo me sentindo um cretino de marca maior, o hormônio imperava no meu corpo.

Entramos em silêncio no elevador e assim permanecemos até que ela me puxou pela mão para a área da cafeteria.

Taryn se dirigiu a uma mesa isolada num canto e se sentou, deixando um suspiro cansado exalar de seus lábios.

— Por onde você quer começar? — perguntei.

Ela me olhou sem entender, a princípio. Como cruzei os braços e a encarei enfaticamente, ela percebeu ao que eu me referia.

— Vadden tem uma condição médica muito delicada — disse e lambeu os lábios. — Acho que você já deduziu isso.

Eu não era burro. Então já tinha feito a ligação de que a busca dela por um doador só poderia ter algo a ver com o irmão mais novo.

— Sim. Ele precisa de um transplante de Medula Óssea, é isso?

— Isso. Vadden tem Anemia Aplástica, uma condição sanguínea que debilita seus glóbulos brancos, vermelhos, plaquetas, fazendo com que eles definham, por assim dizer, e não se renovem. Por isso ele precisa de transfusão constantemente.

Porra.

— Isso é melhor que um câncer, certo? Uma leucemia, algo assim?

Eu sabia que minha pergunta poderia ser encarada como algo estúpido, mas na minha mente, a palavra câncer tinha um significado grandioso e mortal.

— É tão debilitante quanto. Tão mortal e perniciosa quanto uma leucemia ou um linfoma de Hodgkins, por exemplo. O tempo dele está correndo. Há seis meses, quando tudo começou, a constância com que tinha que fazer as transfusões não era tão grande. Agora está sendo de dois em

dois dias. Os médicos dizem que as células dele já não estão reagindo a nada — ao dizer aquilo, Taryn fez o impensável. Ela abaixou a cabeça entre os braços cruzados na mesa. Seu corpo começou a sacudir brandamente, o que só caracterizava que ela estava chorando.

— Ei, ei... — Mudei meu assento para mais perto dela, de forma que conseguisse passar a mão pelas suas costas, como uma mãe fazendo carinho ao consolar um filho em seu pranto. — Não chore, Taryn.

Seu corpo convulsionou por mais alguns minutos, até que ela ergueu o rosto, virou de lado e me encarou com aqueles olhos atormentados. Retirei os óculos de seu rosto, agora completamente embaçados.

— É difícil ser forte diante dele o tempo inteiro, entende? Porque Vadden não demonstra em momento nenhum sinal de fraqueza ou dúvida de que vai melhorar. Quando o médico disse que ele

teria que se mudar pra cá? Ele simplesmente sorriu e disse que precisava “mudar de ares”. Que ia gostar de ter uma “criadagem” que o serviria de hora em hora... — ela disse com um sorriso triste. — Vadden tenta ver o lado bom em tudo. Absolutamente tudo, mas é tão difícil, Storm. Estou vendo o tempo correr, como uma prova contra o relógio, sabe? Como um cronômetro enfurecido, marcando o tempo de algo...

— É por isso que você encabeçou a campanha com tanto afinho em busca de doadores? — perguntei o óbvio.

— Sim. Estou tentando de todas as formas. Eu não sou compatível, tia Blythe também não é.

— E... se é que posso perguntar... eu não sei nada da sua vida, Taryn... me desculpa...

— Nossos pais?

— Sim.

— Perdemos nossos pais há alguns anos. Somos apenas Vadden e eu. Sob as asas da tia Blythe, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era irmã da minha mãe. Não há nenhum outro parente que possa compatibilizar sanguineamente com Vad — ela disse, triste.

Porra. Eu queria ajudar. E, se antes eu já queria ajudar por um espírito altruísta, agora mais ainda.

— Nós vamos encontrar um doador, Taryn.

— Estou orando por isso, Storm.

— Vamos fortalecer a campanha na Universidade — falei.

— Já empenhei todos os polos esportivos.

— Vamos organizar jogos beneficentes, então.

— Será?

— Sim! Vamos tentar alavancar outras universidades, não somente Princeton. Atrair a atenção para que outros atletas participem da campanha por todo o país — eu disse, empolgado.

— Seria maravilhoso, Storm. Se conseguíssemos uma projeção nacional, como as corridas e maratonas em prol das campanhas de doações.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas celebridades conseguem bombar nas redes sociais e fazer muitos seguidores irem aos bancos de Medula!

— Sim! E, nesse mar de pessoas, nós vamos encontrar um doador para o Vadden, você vai ver!

Eu organizaria aquele esquema para ajudá-la. Mesmo que ela não tivesse pedido minha ajuda. Que seja. Vadden tinha conquistado um pequeno território no meu músculo cardíaco, então, nada mais justo que eu batalhasse por aquele garoto risonho e sonhador.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Eu não podia acreditar quando entrei e vi Storm sentado ao lado do meu irmão, como se nada estivesse acontecendo. Como se pertencesse àquele lugar. Como se ali fosse um *playground* e eles estivessem apenas passando um tempo agradável. O que não deixava de ser verdade. Vadden estava se divertindo com ele, e eu pude ouvir suas risadas do corredor, antes mesmo de entrar na sala de transfusão.

Tia Blythe apenas sacudiu as sobrancelhas, como se estivesse com alguma espécie de espasmo louco por falta de botox, sei lá. E ela me mataria se soubesse que a zoei mentalmente.

Storm me surpreendia a cada dia. Além de ser lindo até o limite do impossível, ele ainda era engraçado, característica que eu admirava nos homens. Embora eu não fosse a mais experiente nessa área, obviamente. Além de ser tímida, ainda

não tinha tempo para sair e curtir o que as meninas da minha idade curtiam, então eu apenas supunha que aquela fosse uma característica que eu adoraria ter em um namorado. Porém, mais do que aquilo, Storm mostrara ser além do que eu esperava. Ele foi gentil com uma criança de 9 anos, doente e debilitada, que deve ter lhe enchido de perguntas. Ao invés de se mostrar impaciente, o que seria o mais comum, ele se mostrara interessado e, mais importante, dera atenção e carinho a Vadden, lhe fazendo uma promessa e, principalmente, cumprindo a mesma.

Abrir os recantos do meu coração para ele foi tão fácil quanto descascar uma embalagem de chocolate. Ele tinha aquele ar de tranquilidade que poderia ser interpretado como um divã bem-vindo.

Nem mesmo senti vergonha por chorar na sua frente. Eu realmente estava cansada. Meu corpo estava esgotado. Entre as tarefas da faculdade, e os turnos no hospital, bem como os cuidados com a

PERIGOSAS NACIONAIS

casa, eu acho que só não estava mais destruída fisicamente porque não tinha que me desdobrar em um emprego.

Graças ao seguro que recebemos pela morte de nossos pais, Vadden e eu teríamos uma vida confortável pelo resto de nossos dias, mas este era um prêmio de consolação que nenhum ser humano ficaria feliz em ganhar e usufruir. Eu só era grata porque com ele eu era capaz de providenciar o tratamento adequado a Vadden.

— Você quer uma carona até a sua casa? — Storm chamou minha atenção ao falar comigo. Como não respondi de imediato, ele puxou uma mecha do meu cabelo.

— Hã? O quê?

— Uma carona? Você quer?

— Eu... ah... estou de carro...

— Mas você está em condições de dirigir? — perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

Honestamente? Eu não sabia? Eu acho que praticamente tinha dormido sentada diante dele! Ou então divagado em pensamentos errantes. Ou sido abduzida em alguma espécie de coma louco. Sei lá. Peguei os óculos de cima da mesa e ajeitei no meu rosto, tentando disfarçar o embaraço.

— Não sei.

— Venha, Taryn. Eu levo você até sua casa — ele disse e se levantou, estendendo a mão para mim.

— Okay. Eu... eu vou então... ahn, avisar minha tia — falei rapidamente.

Mandeí uma mensagem de celular, informando que estava indo pra casa e perguntando se ela precisava de algo.

“Não preciso de nada.
Vadden já dormiu.
Estava com um
sorriso de orelha a
orelha. Este garoto

bonitão fez bem pra ele. ù”

Pisquei rapidamente afastando uma lágrima que queria descer furtivamente.

“Parece que sim. Te amo, tia Blythe. Até sua volta. ù”

Ela digitou rapidamente.

“Até, querida. E, Taryn? Vá por mim... se ele te oferecer carona... aceite, meu bem... simplesmente largue o carro no estacionamento, entregue para um ladrão de veículos, jogue a chave no

mato. Vá de carona
com o garoto bonito!
Por mim, por favor!
”

Revirei os olhos diante das palavras de tia Blythe. Ela era simplesmente sem noção. Preferi me abster de contar que sua suposição estava correta: Storm havia me oferecido carona e eu estava mais do que ansiosa em aceitar.

“Tchau, tia Blythe.”

Guardei o celular e percebi que Storm estava me observando atentamente. Senti o rosto corar e sorri brandamente.

Ele segurou minha mão e saiu me guiando para fora da cafeteria, em seguida para a saída do hospital.

Quando chegamos ao estacionamento, quase suspirei de surpresa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não podia imaginar que meu dia estaria tão cheio de emoções assim...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8



Abri o alforje lateral e peguei o capacete que sempre obrigava Sunshine a usar quando lhe dava carona. Ofereci para Taryn, mas vendo que ela o pegou nas mãos e apenas o encarou, parei à sua frente e eu mesmo assumi a missão.

Quando ela ergueu aqueles olhos tão reveladores, pude sentir a batida do meu coração dar uma rateada esquisita, mas disfarcei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim, oh. Prendemos a fivela e pronto. Sua cabeça está protegida em uma eventual queda — brinquei. — Não que eu vá cair — corriji imediatamente, ante seus olhos arregalados.

— Você não corre, não é?

— Naaan... sou um cara muito bem-comportado no trânsito. Não tenho uma multa sequer. Pode acreditar. Palavra de escoteiro.

Coloquei meu próprio capacete e sentei na moto, estendendo a mão para que ela se ajeitasse atrás de mim.

— Okay, você está exausta, mas não vá dormir aí atrás, tá? Vai ser meio chato olhar pelo retrovisor e ver que você sumiu porque caiu em algum lugar e se esborrachou no asfalto.

Ainda bem que consegui que ela sorrisse e tirasse aquele olhar entristecido do rosto.

— Certo. Vou me manter acordada.

— Taryn? — chamei seu nome, depois que a moto já estava ligada.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim? — ela perguntou, chegando um pouquinho para frente.

— Agarre firme, boneca.

— Hã? O quê?

Estendi as mãos para trás e peguei as dela, fazendo com que ela enlaçasse minha cintura.

— Agarre. Firme — repeti e olhei por cima do ombro. — Como se sua vida dependesse disso.

— Minha vida depende disso, Storm — respondeu e deu um sorriso engraçado.

— Ótimo. Mantenha isso em mente e agarre apertado. Se quiser, pode fingir que é alguma espécie de mochila humana e se moldar aí — brinquei.

Ela estava sem graça, mas ainda assim suas mãos realmente se firmaram ao redor do meu corpo, os dedos se entrelaçando à frente do meu abdome. Eu podia sentir a frente do seu corpo todo recostado às minhas costas e vou dizer, aquilo começou a criar uma espécie de tortura estranha e agradável ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo tempo. Talvez se tornasse em algo embaraçoso, se ela continuasse com aquele calor tão sedutor me rodeando, como estava, mas enfim... Era um risco que eu estava correndo.

Não vou dizer que nunca levei outras garotas na minha garupa porque estaria mentindo tal qual o Pinóquio afirmando que era um menino de verdade, antes de realmente ser. E também não vou dizer que a sensação de sentir as curvas do corpo de uma mulher contra as costas, enquanto eu estava pilotando minha moto, também não eram agradáveis, porque estaria sendo hipócrita. Era bom pra cacete.

Mas com Taryn era uma sensação diferente. Eu podia sentir aquele frio na barriga, como o frio da descida brusca da montanha-russa, e aquilo era meio aterrador, mas daria o crédito a alguns hormônios masculinos que deviam estar em polvorosa. Aloooou! Seios macios estavam aderidos às minhas costas, como duas ventosas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cara. Era muito óbvio que meu corpo devia perceber essa pressão, ou então eu estaria doente. Ou morto.

À medida que a moto avançava pelas ruas, eu podia sentir o corpo tenso de Taryn atrás de mim.

— Relaxe, Taryn. Eu vou manter a velocidade assim, okay? Tranquila — falei, virando a cabeça levemente para trás. Ela chegou a praticamente apoiar o queixo no meu ombro.

— Okay.

— Qual o endereço?

Taryn informou e segui com a moto numa velocidade razoavelmente agradável, que lhe desse um bom passeio, mas ainda mantivesse a segurança que ela precisava em sua primeira vez. Ou assim eu imaginava que devia ser. E eu não queria analisar nenhuma vertente freudiana dos meus pensamentos de por qual razão queria muito ser o seu “primeiro” passeio de moto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei à frente da casa de dois andares, de tijolos aparentes e janelas brancas, extremamente glamorosa, em um jeito fofo. Era a casa mais diferente da rua arborizada onde ela morava.

Desliguei a moto e desci, ajudando-a a sair e logo em seguida retirando o capacete. Um pedaço da fivela acabou ficando enganchado no seu cabelo e tive que chegar bem perto para ajudar a soltar.

— Desculpa. Esse capacete sempre prende no cabelo da Sunny também — falei, sem conectar meus olhos aos dela, apenas concentrado na tarefa.

Como ela ficou em silêncio, percebi que algo estava errado. Minha mão estava rodeada de fios castanhos sedosos, que pediam por uma carícia. Nossa, eu estava meio intenso na minha própria pieguice.

— O que foi?

— Ah, sua namorada não fica enciumada de você dar carona a outra garota? — ela perguntou sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora nossos olhares estavam presos, conectados por uma força muito maior do que eu poderia supor existir. Meus dedos acariciaram a pele de sua mandíbula de maneira singela e fugaz.

— Sunshine não é minha namorada. É minha irmã gêmea — esclareci e dei um sorriso.

Sem pensar no que estava fazendo, simplesmente fiz o inimaginável: segurei seu rosto entre minhas mãos e a beijei. Confesso que fiquei esperando um tapa cinematográfico logo depois, uma joelhada nas bolas, qualquer coisa, menos senti-la se derreter contra mim, fazendo com que eu tivesse que soltar seu rosto para puxá-la de encontro ao meu corpo. Assim, de maneira altruísta, claro. Apenas para ajudá-la a manter o equilíbrio que ela parecia ter perdido e eu estava meio que começando a perder também.

Sempre achei engraçado ouvir os relatos em filmes, livros ou essas merdas que éramos obrigados a acompanhar, sobre o momento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grandioso de um beijo épico. Porra... nossa professora de inglês, no ensino médio, no primeiro ano, já em nossa estreia, nos obrigou, veja bem, *obrigou* a classe inteira, incluindo aí os espécimes masculinos, a ler Crepúsculo. Então, todos nós tivemos que nos deparar com a cena épica do primeiro beijo da mocinha desajeitada lá, Isabella alguma coisa, no tal vampiro brilhante — eu particularmente admirava mais o vampiro do que o lobinho seminu, porque, primeiro: o vampiro ficou com a mina e, segundo: ele era rico pra caralho. Só os carros do cara já eram motivo de ter vontade de tomar uma cerveja junto e bater um papo. Opa, eu ainda não tinha idade para beber cerveja. Risque isso.

Pois... lembro-me como se fosse ontem, quando tivemos que ler a cena do primeiro beijo do casal, aquela expectativa, momento quase de preliminar, tensão e tal. A aula foi tão interessante que Melinda Grooves quis interpretar a cena, às escondidas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás do ginásio. Foi um momento onde me senti um pouco otário, mas valeu a pena “interpretar” o tal Edward, já que a Melinda não se fez de rogada ou agiu com timidez. Não... Melinda foi ousada, praticamente a versão vampira da família Cullen. Eu fiquei meio assustado, mas excitado em conjunto.

E por que estou me lembrando disso? Porque naquele momento, o que senti foi quase a descrição que a autora fez. Ainda consigo ouvir a declamação da professora Foster, tão apaixonante e tal, a narrativa empolgada. E, uau. As palavras saltaram à vida e vieram dançar no meu cérebro, porque consegui visualizá-las e tive um *déjà vu*. E foi fantástico.

Foi simplesmente fantástico.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Oh, meu Deus! Storm estava me beijando! Como nas cenas de filmes românticos, à beira da porta da minha casa, na hora de me deixar depois de um baile... A diferença era que eu não estava voltando de baile nenhum, e sim do hospital, onde meu irmão caçula encontrava-se convalescendo de uma doença maldita a cada dia que passava.

Aquela percepção fez com que toda a onda de empolgação que senti na hora se esfriasse, como se eu tivesse tomado um banho de água fria da mangueira mais potente da equipe do Corpo de Bombeiros de Princeton.

Afastei meu rosto de Storm e percebi que estava mais do que colada a ele. Eu estava completamente derretida, rendida. Naquele momento, se ele quisesse me jogar no ombro e me levar para qualquer lugar, era bem capaz de eu simplesmente aceitar por não ter força alguma para lutar contra a

PERIGOSAS NACIONAIS

onda de luxúria que percorreu meu corpo. E olha que sou uma garota bem comedida nesse setor. Não sou virgem nem nada, mas também não sou dada a arroubos selvagens que induzem tantos jovens a desfrutarem de noites e noites de sexo descompromissado e com parceiros aleatórios.

A maioria das garotas com as quais eu mantinha alguma espécie de amizade mudava de namorado como quem troca de suéter e eu achava isso meio absurdo, ao menos para mim.

Estabelecer um relacionamento íntimo com alguém era um passo grandioso na minha escala de avanço físico. Na verdade, eu precisava admitir que a timidez impedia que minha lista fosse tão evoluída em números quanto as das minhas amigas, afinal, o cara pra chegar em mim precisava passar pelo bloqueio que eu mesma construí ao meu redor.

Depois da doença de Vadden, aí é que bloqueei mesmo qualquer espécie de aproximação da outra espécie. Eu tinha dois colegas *nerds* da aula de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Anatomia que já haviam me convidado inúmeras vezes para sair e, modéstia à parte, tenho que confessar que quando até mesmo um jovem professor que substituiu o titular de Bioquímica me chamou pra sair, logo depois que encerrou suas funções, fiquei mais do que lisonjeada. Quem não ficaria? Todas as garotas da sala estavam interessadas no cara.

Mas não senti aquela fagulha de atração que precisa arder dentro de mim para que eu saia detrás dos livros e resolva arriscar me perder em sensações vertiginosas.

Eu estava com 20 anos, sabia que ainda era nova e tinha muita coisa pela frente, que não precisava me preocupar em me amarrar agora, mas sentia falta de ter alguém com quem desabafar ou chorar nos momentos de medo e angústia. Confesso que ser confortada por Storm, na cafeteria do hospital, trouxe arrepios e uma saudosa sensação de conforto que não sentia há muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Aquele breve passeio até minha casa, agarrada a ele como um polvo, ou um macaco-aranha, na melhor das hipóteses, fez com que meu corpo se acendesse como as lâmpadas de Natal na árvore do Rockefeller Center.

Senti o coração quase saltar pela garganta quando ele veio desenroscar o capacete do meu cabelo embaraçado pelo vento. Quando o leve toque de seus dedos aqueceu minha pele, tive que segurar um suspiro que quase escapuliu. Mas não previ o beijo que ele me deu.

Não foi um beijo selvagem ou cheio de dentes e língua. Não. Foi um beijo suave, daquele tipo onde duas pessoas testam o contato de seus lábios pela primeira vez e parece que recebem uma descarga elétrica que os deixa conectados pela alma. Não tinha nem como classificar o beijo de Storm em uma escala. Só sei que sentia meu coração batendo no peito como um... trovão. E comecei a sentir vontade de rir, porque aquilo me fez pensar se

PERIGOSAS NACIONAIS

talvez o nome que ele carregasse fosse exatamente a exata expressão de sua personalidade até na hora de sapecar um simples beijo em uma garota.

— Oh... uau. — Nossos olhos ainda se mantinham firmemente conectados.

— Yeap... uau. Bom, eu poderia até dizer que o seu cabelo enroscou no meu dedo e escorreguei e de repente, pluft! Caí em cima da sua boca — ele falou e passou a mão no cabelo despenteado. Em seu rosto brilhava um sorriso safado. — Mas eu estaria mentindo descaradamente, então, meus pais me ensinaram a não mentir desde cedo, logo, vou admitir que te beijei mesmo.

— É. Humm... eu percebi — falei, e podia sentir meu rosto ficando vermelho.

— E foi bom pra caralho... opa, desculpa. Bom à beça.

Comecei a rir.

— Eu também achei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E... por incrível que pareça, agora não sei o que fazer — admitiu e olhou para o lado, como se estivesse procurando a resposta. — E isso é meio assustador, porque eu nunca fico assim desnortado, ou balbuciando, e estou balbuciando, certo? Quem faz isso é minha gêmea...

Eu ri e coloquei uma mão trêmula em seu rosto.

— Obrigada, Storm — agradei e nem sei bem pelo quê.

— De nada, boneca. Eu estarei aqui para o que precisar, okay? — ele disse e apenas sacudi a cabeça, tentando a todo custo não chorar novamente na frente dele.

Saí de perto e caminhei sem olhar para trás. Enquanto estava abrindo a porta de casa, ouvi o estrondo da moto se afastando.

O ruído podia quase se equiparar ao que agora fazia e estremecia meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9



Merda. A droga do despertador

estava gritando no meu ouvido ou meu celular tinha surtado de vez? Abri apenas um olho e vi que o despertador já tinha apitado três sonecas. O que significa que meu dedo havia dado aquele comando sem nem ao menos me dar conta daquele fato. Droga. Aquilo só podia indicar uma coisa: eu estava no modo zumbi “piloto automático”. Fantástico. Para quem tinha um treino bruto logo mais, era um excelente estado de ânimo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Obriguei meu corpo preguiçoso a levantar, mas não sem antes me recordar do evento da noite anterior. Taryn. Sim... eu tinha beijado a garota que não saía da minha cabeça. E tinha sido um beijo fantástico. Ao menos no meu modo de ver, tanto que me colocou em um estado balbuciante vexaminoso, mas como não tive testemunhas, salvo a garota em questão, estava ótimo. Aquilo seria embaraçoso se tivesse acontecido num local público, sei lá.

Quando entrei no banheiro olhei para o meu reflexo no espelho. Eu estava com a mesma cara que acordava de manhã. Amassada e com os cabelos mais zoneados e fora de ordem do que de um punk britânico dos anos 80. Okay, exagerei. Comecei a rir e resolvi cumprir logo as obrigações que haviam me levado até ali. Meu cérebro demorou a estalar para lembrar a ordem. Ah, sim. Escovar os dentes; fazer xixi; tomar banho; pentear o cabelo; admirar um pouco meus abdominais no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espelho. Aquilo era um hábito. E fazer a contabilidade dos gomos também. Parei de registrar as fotos com *selfies* porque Sunshine zoou meu celular e começou a fazer artes nesses aplicativos ridículos de celular, criando memes mais ridículos ainda.

Vesti apenas uma calça de moletom e saí em busca de algo para matar o monstro que tentava ganhar vida dentro do meu estômago. Estava batendo uma vitamina irada quando Thomas e Mike entraram na cozinha. Ambos com cara de sono, porém com muito mais disposição que eu.

— E aí? Somos obrigados mesmo a encarar seu peito desnudo logo de manhã? — Thomas perguntou enquanto colocava duas torradas na torradeira.

Devolvi um sorriso de escárnio.

— Estou arejando a estrutura antes de enclausurar naquela camisa de treino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, Storm... você tem cada expressão estranha que chego a ficar impressionado com a sua criatividade — Mike disse e bebeu quase que uma jarra inteira de leite puro.

— Você fala do “arejar a estrutura”? — Comecei a rir. O liquidificador impediu nosso diálogo por um tempo.

— Essa e a outra. Enclausurar. Cara, agora entendo porque Sunny fala algumas coisas mais estranhas ainda. Deve ser coisa de gêmeos — Mike disse pensativo.

— Naaan... essa veia ultracriativa para zoações épicas e expressões linguísticas fantásticas ficou concentrada no único macho da espécie dos irmãos Walker — falei. — As meninas ficaram apenas com a parte sarcástica. Não, espera. Rainbow lidera o *ranking* de sarcasmo.

— É verdade — Thomas disse com um sorriso. — Por falar nela, estou apenas esperando que minha garota chegue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Revirei os olhos. Merda. Lembrei que era a tal sexta-feira que ela estaria por aqui.

— Cara, você tem noção que poderiam muito bem voltar de Manhattan e tal, certo? Isso é apenas uma desculpa esfarrapada para ficarem juntos fazendo coisas... ilícitas — falei.

— Não são ilícitas. Ela é minha noiva, seu burro. E vamos ter um final de semana épico. Logo, vai ser divertido.

— Diversão em Manhattan? — eu perguntei cético.

— Sim. O que importa pra mim é a companhia, não o lugar. Onde Rainbow estiver, é garantia certa de que meu dia estará ganho.

— Eca. Que coisa mais doce de se dizer. Subiu meu nível de açúcar. Na próxima vez você bem que poderia usar uma frase com efeito mais dietético.

Thomas riu mais ainda.

— E você, Mike? — perguntei desconfiado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu o quê? — Ele olhou pra mim como se não estivesse entendendo.

— O que vai fazer o final de semana? Espera... o que vai fazer no final de semana... com a minha irmã?

— Sabe, Storm... eu acho melhor não te responder essa pergunta tosca — respondeu e seu tom era tão sério que não admitia uma reprimenda minha. — Mas, como somos amigos, vou apenas informar que temos planos de assistir a vários filmes e comer baldes de pipoca.

Era para eu sentir alívio, certo? Não senti nenhum. Uma pancada de filmes e baldes de pipoca indicavam um tempo enorme aconchegados em um sofá. Atrito excessivo de corpos quentes podia levar a situações que eu não queria nem pensar nas minhas irmãs como praticantes ativas.

— Sério... vocês dois têm me dado enxaquecas monstruosas — falei finalmente.

PERIGOSAS ACHERON

— Basta você se conformar que nós somos os namorados das suas irmãs e essa condição não vai mudar. E, basta você pensar que, como um cara muito saudável, há de se imaginar que quando arranjar uma garota, você vai querer ter alguma espécie de intimidade com ela — Thomas disse.

Cobri meus ouvidos imediatamente.

— Parem, parem! Não poluam minha mente! Não coloquem imagens gráficas por conta dessas afirmativas perniciosas que estão fazendo! — disse e os dois idiotas começaram a rir.

— Você é um babaca, Storm.

— Vocês são maníacos.

— Não, seu burro, somos apenas apaixonados pelas suas irmãs. Você preferia que fossem outros caras como os que você conhece por aí? — Mike perguntou.

Certo. Naquele ponto eles tinham certa razão. Eu preferia muito mais que elas estivessem “arranjadas” com aqueles dois exemplares bem-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comportados do que com os sem-vergonha da faculdade.

— Bom, nós teremos aula até as dez, depois treino até as três, porém informei ao treinador minha ausência. Assim que Rainbow chegar vamos partir para Manhattan.

— Sunshine virá pra cá também.

— Okay. Já entendi. Aqui virou uma espécie de Quartel General. Menos mal. Pelo menos posso rastrear onde as atrevidas estarão.

Os dois reviraram os olhos.

— Cara, vá se tratar.

— Mike, onde está sua irmã?

— Boa pergunta. — Thomas olhou para Mike que parou de comer o biscoito naquele momento.

— Acho que vou telefonar pra ela só pra saber o que vai fazer no final de semana.

Comecei a rir.

— Viu? Idiota. Mudou de figura agora, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Mike já tinha saído da cozinha. Thomas apenas sacudia a cabeça com um sorriso conhecedor no rosto.

— Você vai fazer algo? — Thomas perguntou.
— Vai pra West?

— Não sei.

E realmente não sabia. Honestamente. Normalmente eu iria para a casa dos meus pais e passaria o final de semana por lá. Mas era como se não tivesse nada ali que me atraísse como o que eu sabia que havia em Princeton naquele momento.

— Escuta, Thomas... — comecei o assunto que estava perturbando minha mente. — Sabe aquele lance da medula?

— Humm?

Terminei a vitamina em um gole só e limpei a boca do jeito que minha mãe odiava, passando a mão de maneira nem um pouco elegante. Se eu estivesse de agasalho teria sido ótimo, porque a manga teria sido o guardanapo, então meu

PERIGOSAS NACIONAIS

movimento não foi bem calculado, já que agora eu tinha a mão melada. Merda.

— Naquele dia em que doamos o sangue, lembra?

— Sim.

— Eu conheci um garotinho. Ele estava na sala de Hematologia. — Thomas prestava atenção ao meu relato. — O garoto tem 9 anos e é inteligente pra caramba, além de ser um fã louco por futebol americano. Ele queria ter visto o time todo, mas só eu havia ficado. Então acabei sendo apresentado pra ele.

— Tá.

— Ele é irmão da garota que apresentou a campanha de doação de Medula Óssea, lembra?

— Aquela que estuda Biologia e o treinador levou na reunião?

— Sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A que você disse que estuda algumas matérias contigo?

— Essa mesma.

— Uau. Que mundo pequeno, mano.

— Bom, se você contar que Princeton é uma cidade pequena, não é tão estranho, não é mesmo?

— perguntei e ele confirmou com a cabeça. Mike voltou à cozinha naquele momento.

— Então... ela está encabeçando a campanha porque o irmão necessita urgente de um transplante de medula, saca? Ele tem uma doença fodida que está debilitando o moleque — falei e cocei a cabeça.

— Porra.

Bom, Thomas definiu meu sentimento em apenas uma palavra feia que lhe valeria a mãe lavando a boca com sabão de soda.

— Eu estava pensando... porque o estado de saúde dele está começando a degradingolar, saca?

PERIGOSAS ACHERON

Mike e Thomas prestavam atenção ao que eu falava naquele momento.

— Certo...

— O moleque já está praticamente morando no hospital, a rotina dele de transfusões acontece de dois em dois dias, enfim... é uma merda épica. Algo que um garoto da idade dele nunca deveria estar enfrentando. Caramba... algo que ninguém deveria ter que enfrentar, vamos combinar — falei com pesar.

— É verdade. Fora que essas rotinas hospitalares, ainda mais quando os pacientes são tão pequenos, são realmente desgastantes — Mike completou. — Quando minha avó passou uma temporada no hospital, alguns anos atrás, eu sempre observava a ala infantil. É bem triste ver a resignação no rostinho deles.

— E da família, né? Imagina a irmã... eles têm somente uma tia que é responsável por eles, mesmo a Taryn sendo maior de idade. Não têm os pais,

entende? É muito triste. — Passei a mão no cabelo. Aquele assunto, definitivamente, mexia comigo. — Eu estava pensando, e se tentássemos ajudar de alguma forma?

— Como? — Thomas perguntou, mostrando interesse.

— O que ele precisa urgentemente é de um doador, certo? — Mike perguntou.

— Sim. Quanto mais rápido encontrarmos um, melhor. Esperar que apareça um, no meio da campanha que Taryn está encabeçando, é como esperar encontrar uma agulha num palheiro — completei.

— Teríamos que ampliar a margem de cadastro, para que assim as chances aumentem, é isso? — Thomas questionou, seguindo meu argumento.

— Exatamente. Quanto mais doadores, maior a chance. E se tentássemos pedir ao treinador para organizar uma partida beneficente entre a Universidade e alguma outra convidada, para que

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguíssemos atrair atenção para a campanha de Taryn? — explanei o assunto. — Poderíamos tentar, inclusive, organizar entre as universidades da liga universitária, como uma espécie de treinamento pré-temporada.

— É uma alternativa, embora muitos fiquem receosos por conta de possíveis lesões — Mike falou.

— Sim, mas basta que encaremos como um treino, com intuito benéfico por trás, um bem muito maior, porra. Não é possível que não consigamos alcançar os grêmios para participar de algo assim...

— É uma projeção nacional — Thomas disse pensativo. — Dependendo da forma como for abordada, pode chegar, através das redes sociais, até mesmo a outros níveis, à NFL.

— Outros esportes, inclusive — Mike acrescentou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim! Pensem! Uma campanha em massa, em prol de uma causa grandiosa! O banco de doadores aumentaria exponencialmente e as chances dele cresceriam junto! — exclamei.

Thomas me olhava meio assombrado, Mike também.

— O que foi? — perguntei.

— Não sei se Mike está chocado com o mesmo que eu, mas... onde você aprendeu a usar a palavra exponencialmente em um discurso tão politizado assim?

Revirei os olhos e quase arremessei a casca da banana que tinha me esquecido de jogar fora e ainda repousava às moscas na mesa.

— Idiota.

O som da campainha nos tirou do momento cabeça e Thomas se levantou.

— Pode deixar que atendo. É minha garota.

PERIGOSAS ACHERON

Revirei mais uma vez os olhos e senti a dor de cabeça instalando por trás das órbitas.

O casal de pombinhos entrou arrulhando na cozinha, Thomas com o braço apoiado sobre os ombros de Rainbow, que mostrava o rosto corado de maneira muito suspeita.

Ela se virou para mim e sorriu brandamente.

— Oi, Torm. Ei, Mike. — Veio em minha direção e me deu um abraço e um beijo na bochecha.

— Eca. Por favor... sem demonstrações públicas de afeto fraternal, Rain. O que os caras vão pensar? — zombei, mas mantive o abraço caloroso da minha irmã. Era difícil admitir, porém sentia falta dela.

— Que você sente falta da sua irmã querida? — brincou e se afastou. — E então? O que temos de café da manhã?

— Que tal se eu preparar algo pra você, baby? — Thomas perguntou e deu-lhe um beijo fofo.

Argh. Daquele jeito eu ia vomitar o *meu* café da manhã.

— Sério, só falta Sunshine aqui pra completar meu tormento.

A campainha tocou no mesmo instante.

Que merda era aquela? Uma convenção? Algum plano maligno tipo “vamos dar um aneurisma cerebral ao Storm”?

A gêmea do mal entrou pululando na cozinha, seguida de Mike, sorrindo e balançando a cabeça, como se ela tivesse falado algo inoportuno.

— Olá! O que está acontecendo aqui? Algo que eu deveria saber?

— Eu é que pergunto, Sunny! Você não deveria estar na aula nesse momento? — perguntei irritado.

— Ain... que grosseria, Storm. A professora não foi. Esperamos vinte minutos. Contamos no relógio. Exatamente como fazíamos no colégio, lembra? E quando percebíamos que o professor não ia aparecer, comemorávamos horrores! Então... a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

diferença é que na escola a gente ainda tinha que esperar na sala, fazer alguma atividade idiota ou complementar, passada pelo diretor... já na Universidade, somos muito livres! Simplesmente recolhemos o material e podemos ir embora...

— Okay... você não tinha outra aula depois, meu amor? — Mike perguntou e puxou-a para o seu colo. Assim. Na minha frente. O cara não tinha medo de morrer. Cara... tinha uma casca de banana que ficava cada vez mais preta bem na minha frente. Eu já podia vê-la enfiada na garganta de Mike.

— Mike, você está do meu lado ou não? Ssshhh... ninguém precisa saber que cabulei a outra aula... — admitiu e começou a rir.

— Você matou a outra aula, Sunshine? — Rainbow perguntou. — Não acredito!

— Ah, Rainbow... por favor. É sexta-feira. Fomos, inclusive, dispensadas do treino hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus me ajude. Isso só poderia significar ócio. Ócio significava o quê? Que ela iria passá-lo ao lado de quem? Daquele que a estava sustentando com um sorriso imbecil no rosto, mostrando todos os dentes, sem um pinga de medo de perder alguns...

— Storm? — Rain me chamou ao longe. E eu estava longe mesmo.

— O quê?

— Por que você está encarando o Mike com essa cara tão feia?

Disfarcei o melhor que pude.

— Humm... não sei. Estava admirando a tonalidade do cabelo dele, tentando desvendar o mistério desses fios tão sedosos...

— O quê? — Thomas perguntou, rindo.

— O que você acha que eu estava olhando, seus palhaços?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acho que você estava me fuzilando com esse olhar que supõe ser assustador porque estou com a sua irmã, que eu amo, no meu colo, nesse exato momento. E acho que na sua mente poluída deve estar passando um milhão de imagens de assassinatos toscos...

— Bom, Mike... o que eu mais gosto de você é a sua sagacidade, mas o assassinato envolvia você e essa casca de banana. O que te parece?

— Penso que se você tirar a merda da cabeça e voltar para o assunto que estávamos debatendo antes, vamos conseguir render muito mais, que tal?

— Mike falou com sapiência.

Ah, que ódio ter cunhados tão espertalhões.

— Ao assunto importante, voltar devemos... — falei, em uma tentativa fantástica de imitar Yoda.

— Isso foi de Star Wars? — Sunshine perguntou.

— Algo assim.

— Ficou ridículo.

PERIGOSAS ACHERON

Revirei os olhos.

— Inveja é feio, Sunny.

— Calem a boca e nos coloquem a par do assunto, por favor — Rainbow pediu com toda a delicadeza de um hipopótamo fêmea com TPM.

Explicamos tudo. Absolutamente todos os detalhes. Deixei de fora o principal, obviamente. Que a irmã do garoto em questão era meu objeto de afeto e que eu tinha dado um beijo espetacular na noite anterior, que ainda queimava a minha retina quando eu fechava os olhos. Ainda podia sentir o gosto da boca delicada nos meus lábios. Quão doido era isso?

Mike e Sunshine se acomodaram na sala, depois de muito tempo.

Thomas pediu licença, dizendo que ia buscar as coisas no quarto e apenas eu e Rainbow ficamos na cozinha.

Já repararam que esse é um ambiente onde as conversas são sempre mais agradáveis, cheias de
PERIGOSAS ACHERON

resoluções, devaneios... talvez porque sejam rodeadas de coisas gostosas? Comida é uma distração interessante. Enquanto Rainbow me olhava como uma águia americana, com o mesmo olhar feroz e assustador da que estava nos braços dos prédios do Governo, eu tentava disfarçar o desconforto... comendo.

— Caracas, o que foi? — perguntei, por fim.

— Por que esse empenho todo em se envolver com esse assunto? — perguntou. Os braços cruzados. As sobrancelhas erguidas.

— O quê?

— Não se faça de desentendido, Torm. Eu te conheço.

— Eita... não posso estar amadurecendo, deixando de ser um mané que só pensa em zoar dos outros?

Rainbow continuou me encarando.

A sorte é que Thomas voltou naquele momento. Eu amava aquele cara. Sério mesmo. Ele foi meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gongo. Sabe? Daqueles que salvam a gente no momento tenso?

— Vamos, meu amor?

— Vamos. Storm?

— Hum?

— Não pense que isso acabou.

Mostrei-lhe o dedo com um beijo estalado no final. Assim ficava um pouco mais singelo.

Decidi que deveria camuflar melhor meus sentimentos, se pretendia passar ileso na avaliação minuciosa da primogênita do mal. Era isso. Além de ter uma gêmea com essa alcunha, agora eu podia dizer que a irmã mais velha também estava duelando pau a pau com o título.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Acordei ainda sentindo as emoções do beijo trocado. Nossa... eu estava parecendo uma adolescente depois do baile de formatura, com o beijo trocado ao final, a sensação de conquista e reviravolta nas entranhas.

Acho que sonhei a noite toda com o passeio de moto com Storm, o beijo ao final, mas no sonho, chegávamos a uma pradaria linda, com campos de flores silvestres, onde eu apenas deixava meu corpo rodopiar de felicidade, e podia sentir os braços dele ao meu redor.

Acho que fazia tanto tempo que não vivia aquelas doces sensações de frisson que apenas um beijo foi capaz de evocar imagens tão gráficas e reais na minha mente.

Quando criei coragem, levantei da cama, tomei banho e me arrumei para a aula. Eu teria apenas uma naquela sexta-feira. Antes de sair, arrumei a

PERIGOSAS NACIONAIS

bagagem que me permitiria ficar os dois dias na companhia de Vad sem que precisasse sair do seu lado.

Peguei algumas de suas revistinhas e mais roupas, bem como os pijamas de estampas espaciais que ele tanto amava.

Coloquei tudo na pequena bagagem de mão e joguei no porta-malas. Fui como um autômato para a aula. Era uma pena, mas não teria aula com Storm naquele dia. O que era até bom, porque somente o pensamento de encontrá-lo de novo acelerou meu coração de uma forma preocupante.

Eu não sabia como devia reagir. Será que devia fingir que não tinha acontecido nada demais na noite anterior? Ou será que devia atuar de maneira diferente e mais coquete? Coisa que eu não saberia ser, nem se me ensinassem com um tutorial detalhado.

A aula passou como um borrão, o que nunca antes havia acontecido. Segui depois para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

laboratório onde prestava monitoria, mas também era apenas a casca de quem sempre fui. Minha mente estava em outro lugar.

Quando olhei no relógio, já eram mais de três da tarde, então corri para a mesa para recolher minhas coisas. Os alunos que precisaram de monitoria naquele dia realmente devem ter ficado desapontados. Eu fui imprestável.

Corri para o hospital. Tia Blythe teria que seguir para Manhattan dali a instantes, e queria me despedir e também garantir que Vadden não ficasse só.

Cheguei ao quarto e me delicieei com o som das risadas.

— Então peguei todo mundo de bom humor aqui, hoje... — brinquei.

McGully e Bean, as duas enfermeiras que mais amávamos, estavam administrando medicação em Vad, enquanto tia Blythe acariciava seu cabelo cacheado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Exatamente. Esse espertalhão está aqui dizendo que não gostou da troca da equipe de enfermagem da manhã — Bean dedurou.

— E por quê? — perguntei enquanto colocava minhas coisas no armário no canto do quarto.

— Porque só tem caras. Não tem uma moça bonita pra olhar. Eu acho que isso foi um plano da Dra. Häagen-Dazs...

Comecei a rir.

— Você vai insistir em chamá-la assim?

— Ela adorou. Disse que eu e o meu amigo, Storm, somos muito originais e tudo.

— Hum-hum...

— Esse garoto só fala no tal Storm. Estamos muito curiosas para conhecer o rapaz. Na verdade, já nos disseram que ele é um tremendo colírio.

Comecei a rir com a descrição de McGully, a responsável pelo setor. Revirei os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aparentemente, Thunder Storm exercia aquele efeito nas mulheres ao redor.

— Dizem, é?

— Sim... estamos fazendo até mesmo um bolão para Vadden conseguir convencê-lo a vir algum dia aqui no hospital vestido naqueles uniformes apertados e *sexy* — completou.

— Eu não ia achar engraçado... o que tem de engraçado os uniformes?

— Vadden... os uniformes não são engraçados... são...

— Sexy — tia Blythe disse. — O que significa que ficam tão grudados ao corpo que mostram até a alma do jogador. E é isso o que essas enfermeiras muito puras querem ver do pobre rapaz, não é mesmo?

— Sim, sim...

Minha tia pegou a bolsa na poltrona, deu um beijo em Vadden, chegou ao meu lado e me abraçou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estarei a um toque de distância, meu bem. Ou um deslizar de dedos de mensagem, okay? Basta me ligar, enviar sinal de fumaça, qualquer coisa... não haverá palestra insuportavelmente chata que me impeça de voltar até onde vocês estão.

— Tia Blythe, vá tranquila. Ficaremos bem. Pode deixar que darei notícias.

Quando ela saiu, ficamos apenas eu e Vad, já que a enfermeira havia terminado todo o serviço.

— Ei, mana... você tá com cara de zumbi.

Sentei-me ao seu lado na cama.

— Obrigada, Vad. Você sabe como animar alguém.

O som de seu riso alegrou meu espírito.

— Mas é verdade, ué. Você esqueceu até de pentear o cabelo.

Passei as mãos rapidamente pela bagunça referida e, realmente, ele estava certo. Se eu entrei no hospital com aquele visual, devo ter assustado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algumas pessoas. Ou, no mínimo, eles podem ter pensado que eu estava chegando ao lugar certo. Será que estava com cara de doente?

— Estou cansada. Essa semana foi... intensa.

— Humm... e mesmo assim você vai insistir em dormir aqui?

Olhei para o meu irmão. Ele ainda não havia entendido que era mais importante para mim do que qualquer outra coisa no mundo.

— Sim, Vad. Vou dormir aqui e perturbar seus sonhos com meu ronco insuportável.

— Eu sabia que você ia admitir que roncava... — disse rindo.

Comecei a rir também e seguimos em nossa brincadeira um com o outro, até que Vadden apresentou o cansaço habitual.

— Preciso dormir, mana.

— Durma, Vad. Estou aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Você sabe se o Storm vai me visitar de novo?
— perguntou esperançoso.

Eu realmente não sabia. E nem podia dar esperanças para meu irmão, prometendo algo que possivelmente poderia não acontecer.

— Não sei, Vad. Eu não conheço as rotinas de treino dele, ou as aulas que ele tem. Temos que pensar que ele tem uma vida também.

Seu semblante ficou tristonho, talvez espelhando o meu.

— Tá bom. Mas se você encontrar com ele na universidade, pode dizer que... que... é muito legal quando ele vem?

— Eu vou dizer, Vadden. Pode deixar.

Nem bem se passaram cinco minutos e Vad dormiu. As sombras escuras que circulavam seus olhos mostravam claramente que o cansaço não era somente o responsável pelo seu abatimento.

Meu Deus... eu precisava correr contra o tempo. Contra o destino. Contra algo invisível. Um
PERIGOSAS ACHERON

inimigo silencioso que resolvera que devia chegar e sugar a vida do meu irmão, pouco a pouco.

Senti as primeiras lágrimas deslizando pelo meu rosto enquanto eu passava a mão suavemente pelos cachos dourados de Vadden.

Eu precisava ser forte e não me deixar abater, para que pudesse transmitir força ao meu irmão.

Só esperava que no final, eu permanecesse de pé, já que a sensação de estar completamente sozinha era esmagadora.

CAPÍTULO 10



Spike chegou ao meu lado no momento em que entrei na festa da fraternidade. Eu já tinha recebido mais de 600 mensagens (sim, sim... sei que sou exagerado) durante o dia inteiro para comparecer àquela merda, então resolvi me fazer de corpo presente logo, para evitar que fosse caçado pessoalmente pelo pacote de doces açucarados, Mandy, Candy, Sandy, Cherry... whatever.

Também não queria ficar de vela para Sunny e Mike e não estava a fim de voltar para Westwood,
PERIGOSAS ACHERON

já que meus pais estariam em algum festival *hippie* da vida. Logo, eu estava sozinho.

— E aí, bro? — Spike perguntou, colocando um copo na minha mão. Cheirei a merda porque já tinha experiência com a história de Sunshine e copos suspeitos não preparados por mim mesmo.

E porra, embora soubesse que meu amigo não me daria um “Boa-Noite, Cinderela” com segundas intenções, eu não confiava que se tomasse alguma coisa louca, algo de estranho não pudesse acontecer. Como acabar em algum quarto com uma garota aleatória. Coisa que eu não queria, de forma alguma.

— E aê? Parece que a casa vai explodir, mano. Esse pessoal da fraternidade tem esse poder todo pra conseguir burlar a vigilância e essas coisas todas? — falei e fingi que ia tomar a bebida que ele ofereceu.

Em algum momento eu iria até a cozinha e pegaria uma coca-cola. Podem me chamar de

PERIGOSAS NACIONAIS

careta, mas ou eu bebia refrigerantes ou gatorade. Energéticos em geral. Bebidas alcoólicas foram abolidas do meu cardápio. As pessoas acham que por ser proibido para menores de idade, essas ilicitudes estavam longe dos adolescentes do ensino médio, mas estavam redondamente enganadas. Foram muitas festas pós-jogo às quais compareci em que os caras enchiam mais a cara do que maratonista em fim de prova sedento por um gole d'água. Os porres épicos e a sessão de vômitos ao final sempre eram motivos de filmagens. Ou de vergonha alheia.

E na universidade a coisa mudava de figura e tomava uma proporção muito maior. O povo realmente festejava a semana inteira, se deixassem. E como eu disse antes, sempre achei que seria o primeiro a querer aquela vibração para mim, mas vi que ou eu mudava a postura e corria atrás dos meus sonhos, ou os veria passar e daria um tchauzinho,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arruinando toda e qualquer oportunidade num futuro.

— Olha, só sei que nunca vi tantas gostosas no mesmo lugar desde que entramos na faculdade.

E era verdade. As moças estavam bem à vontade. E quando digo à vontade, quero dizer com força. Quase nenhuma roupa. Nem parecia que estava meio frio do lado de fora. Pernas, braços, peitos e até algumas bundas podiam ser visualizadas como se fosse uma vitrine.

Nos cantos havia uma área de lazer destinada à pegação, logo, os sofás estavam tomados por casais muito empolgados em demonstrar o amor. Céus... uma garota estava bem empenhada em um número que só tinha visto no canal pago e proibido.

— Vou ter que concordar — falei mais a título de estender o assunto do que outra coisa.

Caminhamos até a área dos fundos, aberta para um jardim enorme, com uma piscina aquecida também bastante utilizada para trocas de fluidos

PERIGOSAS ACHERON

corporais. Argh... que nojo. Eu tinha que anotar mentalmente que naquela piscina não colocaria meu corpo tão cedo.

— Yooo, Storm! Que bom que você chegou, cara! — Cabot gritou, mesmo com uma garota atracada no pescoço.

Cumprimentei de longe.

Definitivamente, minha estadia ali seria bem rápida. Fui até a cozinha e peguei uma lata de pepsi. Droga. Eu queria coca-cola. Fazer o quê? Nem tudo era perfeito.

Estava rindo de alguma merda que Spike falava quando senti unhas afiadas arranhando meu abdome.

— Stooooorm... que bom que você está aqui... — Oh. Candy. Cherry. Merda. O gás do refrigerante estava me dando vontade de arrotar o nome dela sem querer.

— Ei, então... estou aqui... — falei, tentando arrancar os tentáculos pontiagudos que cavavam a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pele dos meus gomos sarados.

Porra. Eu ficaria com arranhões. Sério. Eu odiava essa merda.

— Eu falei pra Wendy que você viria... que não iria resistir... — disse e lambeu os lábios.

Ela veio pela frente como uma cobra sinuosa e meio que se atracou à minha frente.

Olha, vou dizer que a moça estava realmente a fim de compartilhar um momento quente, mas eu sentia vontade? Não.

O corpo definido e muito bem proporcionado da menina podia ser excitante e tudo mais. Ela podia ser gata pra caramba, mas simplesmente parecia... errado.

Não era o corpo que eu queria ter se esfregando contra o meu. Não eram as mãos que eu queria ter deslizando pelo meu tórax. E não era, *definitivamente*, não era a língua que eu queria ter enfiada na minha garganta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uoaa... calma, garota... assim você pode me matar asfixiado — brinquei, tentando livrar minha boca dos seus lábios vermelhos e mortais. Okay, não mortais no sentido literal, mas ela estava com um cheiro de vodca tão intenso que eu temia entrar em coma alcoólico somente em compartilhar o mesmo ar.

— Aww, Storm... fica comigo — sussurrou no meu ouvido, para logo em seguida morder o lóbulo da minha orelha. Senti as merdas dos arrepios percorrendo meu corpo de forma irritante. Não eram aqueles arrepios prazerosos.

Spike olhou para mim e começou a rir, levantando o copo em saudação, como quem diz: “vai que é tua, garoto.”

— Ei, Cherry... vamos lá, garota... aqui não é o lugar — falei o mais educadamente possível.

— Então vamos para um quarto qualquer, um banheiro... o seu carro, Storm. — Alguém poderia dar a dica à moça que não tenho um carro, e sim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma moto, por favor? — Sua casa... vamos, Storm...

— Não, gata... olha... você está completamente bêbada, nem vai se lembrar do que está falando.

— Vou, sim! Eu quero você, Storm.

Porra. Estava difícil conter a criatura. Eu teria que ser um pouco áspero, mesmo sem querer.

— Ei, vou colocar você sentadinha ali e pegar uma água pra você, tudo bem?

A menina fez o impensável.

Ela simplesmente pulou no meu colo, como um maldito percevejo, tacando um beijo indesejado na minha boca. Eu só podia ouvir os gritos ao redor. E para não cair e me esborrachar no chão com a mulher agarrada a mim como uma sanguessuga, acabei segurando sua bunda num agarre nada singelo.

— Vai lá, Storm! — Spike gritou.

PERIGOSAS ACHERON

— Arranjem um quarto! — outro bradou com um riso escrachado.

Afastei a cabeça da boca enlouquecida da menina, que mais parecia um aspirador em pó, e fiz um esforço hercúleo para ser o mais gentil possível.

— Olha, Cherry... vou falar com a maior delicadeza, okay? Não vai rolar. Então, vou colocá-la naquele sofá ali e você vai se comportar como uma boa garota, antes de vomitar pela casa toda, que tal? — falei como quem fala pra uma criança.

— Vo-você não me quer? — perguntou com os olhos cheios de lágrimas.

Puta que pariu. Eu odiava aquilo. A moça estava bêbada. Solto o lado ninfomaníaca, e agora, minutos depois, solto o lado dramático e perturbado.

— Meu bem, estou fazendo o que é o melhor.

— Não, Storm! Você não me quer!

Meu Deus... não é possível. Agora tínhamos plateia naquela merda de festa. Bem que eu estava

PERIGOSAS ACHERON

sentindo a vibe de não comparecer naquela droga.

Consegui me enfiar num canto qualquer com a garota, sem que tivéssemos tantas pessoas ao redor.

Abaixei e coloquei uma Cherry chorosa e lamuriosa no sofá. Passei as mãos nervosamente pelo cabelo, tentando pensar em como me safar dessa.

— Olha... eu... eu não posso me envolver com você, okay?

— Mas, por quê?

— Porque... porque estou focado nos meus jogos, nos estudos... em outras coisas na minha vida.

— Então você não vai foder?

Merda. Delicadeza zero para a moça.

— Querida, acho meio chulo você classificar as escolhas de um possível relacionamento dessa forma, não é?

Ela cruzou os braços como uma criança birrenta, e o choro, repentinamente, cessou. Agora eu estava

lidando com a versão puta louca.

— Estou apenas pedindo que você me leve pra cama, Storm. Não que se case comigo.

— E eu estou dizendo que prefiro ser eu o caçador, e não a presa — respondi, já ficando irritado.

Saí dali contrariado. Eu não gostava de tratar as mulheres de maneira vulgar. E não gostava de maltratá-las. Muito menos gostava de ser visto como um objeto qualquer, embora eu mesmo fosse o primeiro a brincar com essa condição.

Meus pais me ensinaram a respeitar as mulheres. Mesmo que tenham nos criado, a mim e minhas irmãs, para o amor livre, ainda assim, ver a forma como se amavam acabou formatando em mim, a maneira com que eu queria meus relacionamentos.

O fato de monitorar os namoros das minhas irmãs condizia muito mais com observar como elas estavam sendo tratadas, se da maneira que realmente mereciam, do que outra coisa. Elas eram

PERIGOSAS NACIONAIS

joias preciosas. Caramba... mulheres *são* joias preciosas. A melhor criação que Deus fez. Considero que fomos o esboço na teoria criacionista. Um mero rascunho de uma obra perfeita. E essa obra se chamava Mulher. Em sua essência, delicadeza, sabedoria ao lidar com tantos aspectos. Força e elegância. Cara... mulheres eram magnânimas. Para mim eram amazonas fodonas, já que eram as únicas capazes de gerar e parir. Cara... elas perdiam litros de sangue todo santo mês! E continuavam intactas. De pé, iam para a escola, trabalho... não paravam por nada. Eu, se tivesse um machucado, tinha vontade de pedir um atestado médico. Se sangue estivesse envolvido na equação, então... mais ainda.

Que quisessem fazer o que bem tivessem vontade com seus corpos, vá lá. Cada uma era dona de suas vontades. O mundo estava moderno pra provar isso. Mas eu achava que em primeiro lugar, elas precisavam se amar e se dar ao respeito antes de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dar o poder e domínio a um homem. Se as mulheres soubessem o poder absoluto que tinham para conduzir um homem, não precisariam de artifícios dos seus corpos para seduzir, quando tão somente, bastava que usassem o que sabiam fazer de melhor: encantar com a personalidade. Cativar com a doçura.

E droga... eu podia dizer que meu corpo estava atraído por uma garota apenas. Naquele exato instante. Eu estava sendo atraído para Taryn.

Saí da festa e nem me dei ao trabalho de me despedir de Spike. Acionei um Uber e dei a direção do hospital.

Eu sabia que ela ficaria com o irmão no final de semana porque a tia estaria em um congresso em Manhattan. Então a possibilidade de encontrá-la no hospital era imensa.

Olhei no relógio e vi que já passava, e muito, do horário de visita, mas eu não estava nem aí.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só queria vê-la e me assegurar que realmente o que estava sentindo não era fruto da minha imaginação.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Estava lendo um livro, recostada na poltrona, quando a enfermeira Sue entrou no quarto, abrindo a porta devagar.

— Taryn? — chamou baixinho.

Ergui a cabeça e olhei para Vadden, confirmando que continuava dormindo. Aquele ali estava no décimo sexto sono.

— Sim? — Fui até ela, deixando o livro aberto em cima da mesinha de apoio. — O que houve? É hora de algum medicamento?

— Não. Tem um rapaz querendo falar com você.

— O quê? Um rapaz? — Meu coração acelerou, porque imediatamente meu corpo se acendeu para Storm.

— Sim. Ele está na recepção. Fazendo alguma magia com a chefe de enfermagem e encantando a criatura, porque quer entrar a todo custo. Ou ao

PERIGOSAS NACIONAIS

menos, que a chamemos aqui — ela disse com um sorrisinho.

— Oh... eu... eu posso ir até ele — falei rapidamente.

— Relaxa... vamos autorizar a entrada porque é permitido dois acompanhantes para o Vadden, então, você não precisa sair e deixá-lo sozinho, se não quiser, mas também, acho que estava na hora de você ir comer alguma coisa, que tal? A cafeteria é um excelente lugar pra você ter um encontro fortuito com o rapaz bonitinho — brincou e deu uma piscada apaixonada. — Aww... ele é tão fofo. Queria ser uns dez anos mais nova. Juro pra você que o roubava pra mim.

Revirei os olhos e segurei o riso.

Passei as mãos pelo cabelo, tentando ajeitar a bagunça que devia ter permanecido do dia exaustivo. Mesmo tendo tomado um banho ali no quarto do hospital, ainda assim, eu me sentia exaurida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei em passar um batom, um brilho labial, qualquer coisa, mas desisti. Não queria dar a ideia de que o estava seduzindo nem nada. Talvez ele estivesse ali, realmente, só para ver o Vadden, ou saber notícias.

— Vá. Eu vou ficar no posto, mas fico de olho no quarto do Vad. É tempo suficiente pra você fazer um lanche.

— Obrigada, Sue.

Saí apressadamente do quarto, tentando fazer meu coração bater em um ritmo normal. Era como ter uma conversa mental com meu órgão cardíaco, mandando que ele se aquietasse, porque eu não estaria fazendo nada demais, afinal.

Quando cheguei à recepção do andar, vi Storm inclinado contra o balcão de enfermagem, sorridente e conversando com a enfermeira-chefe do setor, McGullyver, e um sorriso imediatamente se alastrou pelo meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele pareceu sentir minha presença e se virou assim que cheguei bem próximo, estendendo a cortesia do sorriso fácil para mim.

— Olá, senhorita. Desculpe a visita tardia... já sei que excedi o horário — ele disse a título de desculpa.

— Tudo bem... eu estava me preparando para comer alguma coisa — menti descaradamente. Era mais fácil do que dizer que não estava fazendo nada em especial, em plena sexta-feira.

Storm se despediu da enfermeira com uma piscada galante e pegou minha mão, me levando para os elevadores.

— E Vadden? Está dormindo? — perguntou e olhou para mim. Eu tentava disfarçar meu nervosismo com sua proximidade.

As lembranças do dia anterior voltaram com força máxima ao meu cérebro. O beijo trocado voltou à memória com bastante nitidez.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. Hoje ele estava um pouco cansado, além do normal.

Entramos no elevador que chegou quase imediatamente e um silêncio súbito permeou o ambiente. Eu evitava olhá-lo, enquanto ele ainda mantinha minha mão presa à dele. Era tenso e emocionante ao mesmo tempo.

Sem que eu percebesse, Storm chegou mais perto de mim e nossos dedos se entrelaçaram. Olhei para baixo e voltei o olhar para ele, que me encarava com um sorriso singelo no rosto. Os olhos estavam iluminados com algo que não conseguia definir, mas sorri em resposta quando Storm piscou em seguida.

Chegamos ao andar da lanchonete, que pelo adiantado da hora encontrava-se vazio, apenas com uns gatos pingados, e escolhemos uma mesa ao fundo.

— O que você vai querer comer? Estou vendo que também está cansada, então sente-se aí que vou

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer nossos pedidos, que tal? — perguntou enquanto nos acomodávamos.

— Pra mim pode ser apenas um sanduíche de queijo e um copo de leite.

— Beleza. Espere por mim aqui, tá?

Sorri diante de suas palavras. Para onde mais eu iria?

Cerca de cinco minutos depois, Storm voltou com nossos pedidos. Eu o observei disfarçadamente o tempo todo. Pelas roupas que ele vestia, dava pra dizer que estava na rua, já que parecia completamente “arrumado” para alguma noitada.

Mas o que ele fazia ali então? Ao invés de estar no lugar onde havia proposto estar antes?

Comemos nossos lanches em poucas mordidas. Fui perceber com isso que estava com fome e nem tinha me dado conta do fato.

— Há quanto tempo você estava sem comer, mulher? — perguntou rindo.

PERIGOSAS ACHERON

Senti meu rosto ficar vermelho, mas respondi mesmo assim:

— Sei lá. Desde a hora em que cheguei ao hospital, para que tia Blythe fosse embora. Não me lembro de ter parado para comer alguma coisa.

— Você parece cansada, Taryn — ele disse, recostando-se na cadeira. Seus olhos estavam focados em mim. Eu esperava que não se concentrassem muito em minhas olheiras.

— Talvez.

— Talvez nada. Você está cansada, mas não admite, não é? Há quanto tempo não dorme direito? — inquiriu.

— Eu dormi bem na noite passada — menti. Não podia alegar que tive sonhos perturbadores que interromperam meu sono.

— É?

Storm lambeu os lábios e deu um sorriso de lado com aquela minha resposta. O brilho de seu olhar

PERIGOSAS NACIONAIS

dizia que ele havia gostado muito da minha afirmativa.

— Sim.

— Que bom. Então... me diga... como funciona o esquema aqui do hospital?

Franzi a sobancelha, sem entender o que ele queria dizer.

— Como assim?

— Você e sua tia revezam para ficar com Vadden, certo?

— Sim.

— Nunca ficam as duas?

— Quase nunca. Foram poucas as vezes em que tivemos que permanecer as duas por alguma razão.

— Certo... — disse e passou a língua nos dentes, como se estivesse pensando em algo. — Bom, e se eu disser que gostaria de passar a noite ao seu lado, te fazendo companhia... Você acha que seria viável? De acordo com a enfermeira McGullyver,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu poderia ficar, a fim de ajudá-la a cuidar do Vadden...

Olhei espantada para Storm.

— Você... vo-você quer ficar aqui? No hospital, comigo? — perguntei sem acreditar.

— Sim.

— Mas... por quê?

— E por que não?

— Storm — aponte as roupas dele com minha mão, de maneira frenética —, você... você parece estar vestido pra sair, ou poderia estar em qualquer outro lugar. Numa festa, sei lá.

Ele se desencostou da cadeira e chegou o corpo para frente, apoiando os braços na mesa, encarando diretamente em meus olhos.

— O problema, Taryn, é que não há outro lugar onde eu queira estar.

Com aquela simples frase, Thunder Storm conseguiu quebrar um pedaço da muralha que eu

PERIGOSAS ACHERON

tinha erguido contra toda e qualquer possibilidade de não me apaixonar por ele.

CAPÍTULO 11



Eu estava falando sério. Saí da festa

da fraternidade e simplesmente fui ao hospital. Joguei toda a conversa fiada que pude, o charme com que Deus me abençoou em excesso, em cima da enfermeira que ficava na recepção do andar onde eu sabia que Vadden estava internado, de modo que conseguisse que ela chamasse Taryn, ou que me autorizasse fazer companhia a ela.

Eu não sabia explicar a razão, mas achava que ela precisava de um amigo. Que enfrentava a barra da doença de seu irmão completamente sozinha,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

salvo com a presença da tia, mas falo no âmbito diário, de ter alguém com quem dividir o fardo, ou mesmo fazer seus desabafos. Eu nunca a via com amigas ao redor. Ela não saía, pelo que pude deduzir. Não tinha uma vida social. Taryn vivia em prol do irmão.

E enquanto eu levava a vida numa boa, ela encarava as dificuldades que a vida já havia jogado em seu colo como uma bomba-relógio.

Daí, simplesmente, tive um estalo épico quando os lábios de Cherry se acoplaram aos meus. Não eram os dela que eu queria. Definitivamente. Eram os de Taryn. E por mais que eu soubesse que ela possivelmente não estivesse pensando em nada daquilo, porque tinha coisas muito mais importantes a pensar, ainda assim, eu queria ser aquele que poderia estar ao seu lado, oferecer o conforto e ombro amigo. E foda-se... eu queria ser aquele que poderia desfrutar de seus beijos ou

PERIGOSAS ACHERON

oferecer os meus sempre e quando ela quisesse. Simples assim.

Então... yeap... sou impulsivo mesmo. Fui. Cheguei. A levei para um lanche na cafeteria do hospital. Nada muito romântico e diferente do dia anterior, mas ofertei minha companhia durante a noite, e esperava que ela aceitasse. Ou eu voltaria para casa, para o meu quarto e acabaria me pegando pensando nela. Certamente.

Depois que a deixei em choque com a minha proposta, peguei sua mão e a levei para fora da lanchonete deserta.

— Venha, Taryn.

Ela me acompanhou. Sua mão estava fria contra a minha.

Quando chegamos ao elevador, apertei o botão que nos levaria ao andar de Vadden e esperamos. Entramos em silêncio. Eu era falador. Silêncio não era algo com o qual eu me sentia muito confortável, mas por incrível que pareça, com Taryn eu me

PERIGOSAS NACIONAIS

sentia à vontade. Mesmo que ela se mantivesse em uma calma exterior que não fosse exatamente a que expressava a interior, ainda assim, eu me sentia... inteiro. Sem que nenhuma palavra precisasse ser dita. Estranho isso, não?

Chegamos ao andar e, ao passarmos pela recepção, olhei para a enfermeira-chefe. Apenas ergui o polegar e dei o meu melhor sorriso.

Ela sorriu de volta e sacudiu a cabeça como se já imaginasse que seria inútil lutar contra minhas artimanhas de sedução implacável.

Entramos no quarto de Vadden e uma enfermeira estava sentada na poltrona. Ela se ergueu imediatamente e sorriu ao me ver.

— Ele está apagadíssimo, querida. E já aferi os sinais vitais da noite, então agora só de manhã — informou.

— Obrigada, Sue — Taryn agradeceu.

— Olá, Storm — ela me cumprimentou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já fomos apresentados? — perguntei sem saber.

— Vadden fala tanto de um amigo com as suas características que só posso deduzir que seja você.

Sorri diante de suas palavras.

— Sou eu mesmo.

— Bem, boa noite, queridos.

— Boa noite — Taryn disse e eu acenei.

Quando a porta se fechou, Taryn pareceu constrangida de alguma forma.

Sentei-me no sofá que ficava no canto e bati a mão ao meu lado, chamando-a para se sentar ali.

Taryn veio com um olhar assustado, mordendo o lábio entre os dentes, como se não soubesse o que fazer.

Olha, vou dizer uma coisa a vocês... Sou um cara despachado. Consigo me misturar ao ambiente com muita maestria. Sou praticamente um camaleão. Misturo minhas cores de acordo com o ambiente. E

PERIGOSAS ACHERON

tento de todas as formas fazer com que as pessoas se sintam à vontade ao meu redor. Então, minha meta era fazer com que Taryn se sentisse bem ao meu lado. Podíamos nos conhecer há pouco tempo, mas eu sentia uma ligação com ela que não sentia com mais ninguém.

Ajeitei meu corpo contra o encosto, e puxei-a contra mim, que se assustou imediatamente e deu um suspiro de espanto. Eu ri baixinho, no intuito de não acordar Vadden, mas mantive o braço ao redor de seus ombros.

— Sossegue, Taryn. Finja que estamos em um cinema.

— Mas não estamos em um cinema, Storm. Vai ser meio difícil fingir isso — ela disse timidamente.

— Então finja que... sei lá, estamos sentados num banco de uma praça ao luar.

— Também é meio impossível isso.

— Mulher, pelo amor de Deus. Cadê sua imaginação? Feche seus olhos, vamos lá — insisti.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ela hesitou, coloquei uma mão cobrindo seu rosto. — Feche. Agora respire fundo e pense em uma noite enluarada. As estrelas estão espocando no céu.

Um sorriso lindo surgiu em seus lábios. Seus dentes perfeitos brilharam com a luz fraca que estava acesa no canto do quarto.

— Ótimo. Agora pense nos grilos cantando uma serenata fantástica — falei e fui rebuscando minha imaginação para continuar dando-lhe a imagem que eu queria.

— Okay. Grilos cantando.

— Isso. Consegue vê-los?

— Sim.

— Pelo amor de Deus, não me diga como eles são, porque tenho pavor de grilos. Sério.

— Jura?

— Juro. Mas como o ruído dos filhos da puta estão associados à noite e tal, tenho que colocá-los

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na jogada. Mas, enfim... os grilos malditos estão lá. Mas eu não os vejo. E você também não. Só estamos ouvindo o ruído que eles fazem.

— Tá.

— Está frio. Consegue sentir?

— Pode ser o ar-condicionado do quarto? — ela interrompeu e riu. — Desculpa.

— Pare de estragar meu esquema, mulher.

— Desculpa. Continue.

— Está esfriando. A noite está linda. A lua está enorme.

— É lua cheia?

— Provavelmente. Ela parece um queijo. Parece cena de desenho animado. Grilos cantam. Merda. Vamos abortar os grilos? — falei sentindo calafrios. Porra... eu odiava grilos. Por que tive que enfiá-los na história?

— Ah, eles são legais, Storm, estou curtindo o barulho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay. Está frio. Você está com frio?

— Si-sim.

— Então estou me aproximando mais de você — eu disse e a puxei mais para o calor dos meus braços. — Porque está frio e não quero que você fique doente. Eu sou cavalheiro assim...

— Claro — ela retrucou rindo.

— E de repente... você escuta um barulho na moita ao lado — falei.

— O quê? Por que tem uma moita?

— Sei lá. Tem uma moita ao lado do banco. Daí você ouviu um ruído estranho.

— Não pode ser um grilo desafinando?

Revirei os olhos e sorri.

— Não. É um ruído suspeito.

Ela era muito bonitinha, mantendo-se com os olhos fechados. Eu apenas a observava. Um sorriso estava estampado em seus lábios delicados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá. Ruído suspeito na moita ao lado. O que vou fazer?

— Você, nada. Eu, por outro lado, vou ser um cavalheiro e vou puxá-la para o meu colo.

— O quê? — ela disse e abriu os olhos assustada.

— Feche os olhos, Taryn. Ou você vai ver as porras dos grilos e descobrir o que é o ruído da noite.

— Tá — disse e fechou os olhos.

Puxei uma Taryn envergonhada para o meu colo.

— Mas por que tenho que ir para o seu colo mesmo?

— É bem mais seguro, não percebe? Pode ser um rato, uma cobra... sei lá. Algo que você tenha pavor e grite histericamente. Então, eu, como um cara muito corajoso, vou segurá-la no colo, porque aí tiro seus pés do chão. E fica tudo tranquilo.

— Certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu podia sentir seu corpo delicado tremer contra o meu. Olhei para o lado e puxei uma manta que estava largada no canto do sofá.

— Achei um casaco e resolvi te esquentar com ele. Além do meu corpo, claro.

— Isso não se parece um casaco. Parece uma manta — ela disse com um sorriso.

— Meu Deus, mulher. Não viaja. Nós estamos em um banco, numa noite ao luar, é lua cheia, tem grilos de merda cantando, há um ruído suspeito ao redor e você está se ligando que o que te recobre não se parece com um casaco? Onde está sua imaginação nesse momento?

— Desculpa... não sei o que me deu... — ela disse e riu baixinho.

— Ótimo.

— Estou me sentindo quente e protegida — falou e senti meu peito inflar de emoção.

— Isso é bom. Porque, Taryn...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Humm?

— Sabe o beijo de ontem à noite?

— Sim? — falou e vi seus lábios tremularem.

— Acho que você se sentirá mais segura se eu repetir a performance, sabe?

— Sério?

— Sério.

— E... é pra eu manter meus olhos fechados pra imaginar onde estamos?

— Você pode mantê-los fechados, imagine tudo o que falei, mas desde que quando você os abra, saiba exatamente quem está beijando você e o porquê está sendo beijada.

— E por que seria? — agora ela perguntou me olhando diretamente nos olhos.

— Porque não consigo pensar em outra coisa desde que meus lábios tocaram os seus.

Ela sequer piscou. Eu também não. Parecíamos estar naquele jogo de quem era o último a piscar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também não.

Com aquela suave admissão, simplesmente desci meus lábios contra os dela e a beijei. Esperei que os sentimentos da noite anterior fossem ser menos intensos. Ou que eu estivesse superestimando tudo. Que estivesse exagerando na dose.

Mas não, não estava. Senti tudo ao cubo. Caramba. Na raiz quadrada de qualquer equação louca de matemática. Coloque a enésima potência, e me classifique aí.

Ponha o raio de uma legenda abaixo de uma foto de um beijo épico. Algo como: ‘Festival de trovoadas’. Brega pacas. Porque é um puta trocadilho com meu nome, mas era assim que eu me sentia.

Então deixei que minha boca deslizasse pela dela com ânsia. Deixei que minha língua duelasse com a dela, em uma dança muito intrincada e louca e parecia meio doido falar isso, mas era o melhor

PERIGOSAS NACIONAIS

beijo que eu já havia dado na minha vida. E olha que eu já havia beijado pra cacete.

Talvez toda a preliminar do ato trivial e fugaz de um simples beijo tenha amplificado a coisa toda. Sei lá. Talvez fossem os sentimentos que ela estivesse despertando em mim.

Só sei que eu podia sentir meu peito trovejando. E podia jurar que sentia o dela contra o meu, na mesma frequência.

Minha mão englobou sua nuca, angulando sua cabeça para que recebesse meu beijo de uma forma mais ampla. A outra mão a puxava mais para perto de mim. Parecia que não era o suficiente.

Minha nossa. Era fácil esquecer que não estávamos na merda de um banco qualquer, em uma noite ao luar, ao som de grilos malditos e que eu não estava dando o conforto à minha garota aterrorizada.

Eu a queria. Com tanta intensidade que chegava a assustar.

PERIGOSAS ACHERON

Daí me lembrei de que estávamos num hospital, porque o cheiro de antisséptico preencheu minhas narinas, o ruído de máquinas perturbou meus ouvidos e o som de Vadden mexendo-se na cama hospitalar atraiu nossa atenção.

Afastamos nossas bocas, com as respirações aceleradas, nossos olhos se abrindo devagar, ainda completamente enevoados.

Olhei rapidamente para o lado onde Vadden estava dormindo, conferindo que ele continuava no mesmo estado de sonolência e não tinha presenciado o assalto quase sexual que eu tinha ofertado à sua irmã.

Quando voltei o olhar à Taryn, ela ainda estava me encarando. Sua boca estava inchada do beijo ardente que havíamos trocado.

— Não tem uma lua cheia aqui. Não estamos em um banco, ao som de grilos fofos, que você odeia, mas estou no seu colo e o consolo que você me deu superou qualquer imagem que possa ter projetado

na minha mente, Storm — ela disse e deu um sorriso. — Obrigada.

— De nada, coração. Estou ao seu dispor.

Com aquilo, eu simplesmente a puxei para meus braços outra vez e coloquei sua cabeça abaixo do meu queixo, dizendo:

— Durma, Taryn. Vou ficar aqui com vocês.

E foi daquele jeito que dormimos juntos pela primeira vez. Recostados um ao outro, num sofá desconfortável do quarto de hospital onde Vadden estava internado. Com Taryn em meus braços, fechei os olhos em algum momento e suspirei porque, pela primeira vez em muito tempo, me senti pertencendo a um lugar totalmente necessário e sendo apenas eu.

CAPÍTULO 12



inteira. Mas quem liga?

Outra bolinha me acertou e ergui a cabeça, dando de cara com um sorriso megawatts de Vadden. Ele estava deitado de lado na cama hospitalar, com um arsenal de bolinhas de papel. Olhei para o chão e vi que já tinha tentado me acertar algumas vezes.

— Ou você é ruim de pontaria, ou eu sou ruim de acordar. Qual dos dois? — perguntei com a voz rouca.

Taryn sequer se mexeu em meus braços. Ela estava cansada mesmo.

— Você dorme como uma pedra, mano. Parece uma múmia. E eu queria que dormisse com a boca aberta, porque eu poderia ter acertado dentro, como se estivesse fazendo cestas de basquete...

— Já parou pra pensar que eu poderia morrer engasgado desse jeito, cara? — brinquei.

— Eita, é mesmo. Nem tinha pensado nisso, né?

— Né? Ainda bem que minha boca estava fechada, seu criminoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Taryn sequer se mexeu em meus braços. Ela estava cansada mesmo.

— Você dorme como uma pedra, mano. Parece uma múmia. E eu queria que dormisse com a boca aberta, porque eu poderia ter acertado dentro, como se estivesse fazendo cestas de basquete...

— Já parou pra pensar que eu poderia morrer engasgado desse jeito, cara? — brinquei.

— Eita, é mesmo. Nem tinha pensado nisso, né?

— Né? Ainda bem que minha boca estava fechada, seu criminoso.

Vadden riu e se ajeitou na cama, colocando os braços atrás da cabeça.

— Então... você e minha irmã...? — perguntou, com um sorriso sagaz. As sobrancelhas faziam uma dança esquisita.

Dei-lhe um sorriso de retorno.

— Sabe como é... eu sou irresistível, cara. Ela não conseguiu resistir ao meu magnetismo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Espreguicei meus músculos enrijecidos e estalei todas as juntas, fazendo com que Vadden arregalasse os olhos.

— O que foi? Nunca viu os Transformers rangendo as articulações? — zoei.

— Você seria o Optimus Prime ou Bumble Bee?

— Porra... que pergunta, Vadden... eu seria o Camaro, né? Bumble Bee é o cara. Fora que a Megan Fox passeou pra caramba nele.

Vadden revirou os olhos.

— Você sabe que agora o Bumble Bee é um fusca, né? — argumentou.

— Estou na versão antiga. Megan Fox, lembra?

Ele bufou como se não concordasse comigo, afastando a coberta.

— O que eu solto? Vamos lá? Parecem os fios do Homem de Ferro, mano.

— E desde quando o Homem de Ferro usa fios?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Megan Fox passou pra caramba nele.

Vadden revirou os olhos.

— Você sabe que agora o Bumble Bee é um fusca, né? — argumentou.

— Estou na versão antiga. Megan Fox, lembra?

Ele bufou como se não concordasse comigo, afastando a coberta.

— O que eu solto? Vamos lá? Parecem os fios do Homem de Ferro, mano.

— E desde quando o Homem de Ferro usa fios?

— Ué... quando ele está naquela parada Jarvis dele, saca? E aparece aquela imagem holográfica louca, parece que o cara está conectado a seis bilhões de fios.

— Humm... é mesmo. Oh, é só soltar dessa máquina aqui. Aí consigo descer da cama.

— E consegue ir sozinho ao banheiro?

— Poxa, Storm... eu tenho 9 anos, né? — disse e começou a rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— No banheiro — respondi.

— Oh... por que não me chamou?

— Você estava muito bonitinha dormindo — respondi, recostado à cama hospitalar e olhando-a com olhos de águia.

Ela corou e conseguiu ficar mais bonita ainda. Pegou os óculos que em algum momento consegui tirar de seu rosto, depois que ela apagou.

Vadden voltou do banheiro e parou no sofá, dando um olhar para sua irmã. Olhou para mim e para a irmã de volta.

— Estão se pegando, né?

— Vadden!

— Eu achei legal — disse e voltou para a cama.

Comecei a rir. A percepção de uma criança nada mais era que a verdadeira.

Eu estava pegando mesmo a irmã dele. Com gosto. Bem, pelo menos era essa minha intenção.

— Mas não é desse jeito que se fala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vadden voltou do banheiro e parou no sofá, dando um olhar para sua irmã. Olhou para mim e para a irmã de volta.

— Estão se pegando, né?

— Vadden!

— Eu achei legal — disse e voltou para a cama.

Comecei a rir. A percepção de uma criança nada mais era que a verdadeira.

Eu estava pegando mesmo a irmã dele. Com gosto. Bem, pelo menos era essa minha intenção.

— Mas não é desse jeito que se fala.

— Ah, Taryn... você estava toda deslaxe...desfa...

— Desfalecida — ajudei a completar.

— Isso. Desfalecida em cima dele. Só não tirei foto porque meu celular estava longe.

— Mas as bolinhas de papel você conseguiu alcançar, né? — caçoei.

— O quê? — Taryn perguntou sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque foi mais divertido fazer isso dessa forma.

Comecei a rir outra vez.

— Bom, eu vou dar um pulo em casa. Presumo que vocês não vão sair para badalar na cidade, certo? — brinquei.

— Nope. Vou ficar preso aqui. Hoje é dia de jantar sanguinolento — ele disse rindo.

— Show... eu volto. E trago o jogo para um duelo épico, okay? — falei.

Taryn tinha se enfiado no banheiro.

Assim que ela saiu, a chamei para me seguir para fora do quarto.

Quando fechou a porta, olhei ao redor e como não vi ninguém no corredor, apoiei os antebraços na parede, enjaulando seu rosto e deixando sua boca ao meu alcance.

— Eu vou, mas volto, tá?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Show... eu volto. E trago o jogo para um duelo épico, okay? — falei.

Taryn tinha se enfiado no banheiro.

Assim que ela saiu, a chamei para me seguir para fora do quarto.

Quando fechou a porta, olhei ao redor e como não vi ninguém no corredor, apoiei os antebraços na parede, enjaulando seu rosto e deixando sua boca ao meu alcance.

— Eu vou, mas volto, tá?

Ela apenas acenou com a cabeça. O rosto estava vermelho de vergonha. Seus olhos estavam meio loucos, olhando para todos os lados, menos para mim.

— Olhe para mim, mulher.

Atraí sua atenção.

— Me espere, porque eu volto, tá? Quer que eu traga alguma coisa pra você?

Ela negou veementemente.

PERIGOSAS ACHERON

corpo de Taryn sacudir contra o meu. — Sério! Você não acredita em mim? O último livro que ela largou na sala tinha um cara que se transformava em alguma espécie animal. Fiquei preocupado pela personagem feminina...

— Ai, Storm... cala a boca...

Puxei seu rosto e dei um beijo rápido em sua boca risonha. Não dava para prolongar. Estávamos em público.

— Se cuida. Eu trago alguma coisa pra você, mesmo você não querendo.

— Tá bom.

— Tchau.

Fui embora, mesmo sem querer ir, mas eu precisava tomar um banho, colocar umas roupas mais informais, gastar um pouco de energia acumulada... enfim.

De qualquer forma, era um sábado lindo e eu estava feliz. Não fosse pela infelicidade do tratamento desgastante de Vadden e o fato de eles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se cuida. Eu trago alguma coisa pra você, mesmo você não querendo.

— Tá bom.

— Tchau.

Fui embora, mesmo sem querer ir, mas eu precisava tomar um banho, colocar umas roupas mais informais, gastar um pouco de energia acumulada... enfim.

De qualquer forma, era um sábado lindo e eu estava feliz. Não fosse pela infelicidade do tratamento desgastante de Vadden e o fato de eles não poderem estar em casa, curtindo um dia como outro qualquer, seria mais do que perfeito. Absolutamente perfeito.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Estava vivendo um momento de puro enlevo. Dormir nos braços de Storm havia sido algo que nunca planejei, muito menos da forma como havia sido. Ele me seduzia com suas palavras, com seu jeito único, sem nem mesmo precisar fazer esforço algum.

Posso dizer que senti um pouco de vergonha ao perceber que Vadden nos flagrou juntos, mas parecia algo tão certo que não teve como sentir que estava fazendo algo de errado.

Quando ele se despediu naquela manhã, voltei para o quarto para ter Vadden com um estranho caso de espasmo de sobrancelha. Ou era isso, ou ele estava me zoando.

— O quê?

— Namorando Storm? Hein?

— Para de besteira... somos amigos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amigos que acordam agarradinhos no sofá?
— brincou.

— Vadden... amigos podem dar consolo, conforto ao outro...

— Humm.

— Vadden...

— Eu gosto, mana.

Sorri e tentei disfarçar. Querendo ou não, a aprovação dele era importante. Mesmo que ele fosse apenas uma criança, porém Vadden era a pessoa mais importante da minha vida. Então... o fato de ele estar com aquele sorriso do tamanho do mundo no rosto, por simplesmente achar que eu e Storm estávamos juntos, já me deixava com vontade de refletir o mesmo sorriso.

A Dra. Andy entrou em nosso quarto naquela manhã e nos informou que a transfusão de Vadden seria mais cedo e duraria um tempo maior. Aquela informação conseguiu tirar um pouco do brilho do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar do meu irmão. Eu podia ver que ele também estava cansado.

— Vadden, vamos lá. Uma das coisas mais importantes que você precisa ter é o otimismo — ela disse. — Eu sempre falei isso, não é? Entregar os pontos, nunca.

— Não estou entregando, Doc. Mas tô cansado.

— Eu sei, meu bem.

— Eu só quero melhorar.

Quando ele disse aquilo, senti as lágrimas nos meus olhos saltando livremente. Pedi licença e saí do quarto. Recostei-me à parede e deixei que as gotas salgadas fluíssem.

Era horrível ser impotente. Não poder fazer nada. Sentir-se com as mãos amarradas. Como eu queria estar no lugar do meu irmão, meu Deus.

A doutora saiu do quarto e colocou a mão no meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O mesmo conselho que dei a ele, dou a você. É preciso otimismo. Nós vamos encontrar um doador, em algum momento, querida. Paciência.

— Mas enquanto isso ele vai sendo sugado pouco a pouco, doutora. Isso está me matando. Ver meu irmão sendo consumido aos pouquinhos...

— Eu sei. Mas você já está fazendo algo maravilhoso, meu bem. Não se esqueça disso.

Ela me deixou ali e respirei fundo antes de criar coragem de entrar no quarto novamente. Sequei as lágrimas e coloquei o melhor sorriso plástico no rosto.

— Então, moleque... o que vamos fazer antes do seu jantar?

— Ler gibis.

— Ótimo. O que vai ser?

— Guerra Infinita.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senta aqui do meu lado. — Bateu a mão no colchão e cedeu um pouco de espaço para mim.

Sentei-me na cama de Vadden, passando o braço pelo seu ombro frágil e o puxei para se aninhar comigo. Lemos juntos a revistinha que ele tanto amava até a hora em que fomos chamados para a ala de transfusão.

Mais uma entre tantas.

Quando Storm voltou, estávamos devidamente instalados na sala estéril que eu sonhava em não ver nunca mais assim que Vadden se visse livre da doença maldita.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13



Mais de quatro semanas. Os treinamentos estavam sendo intensos, desgastantes, assassinos quase. Meu relacionamento com Taryn seguia um ritmo onde nenhum de nós conseguia classificar o que era realmente. Éramos amigos? Certamente. Namorados? Possivelmente. Ao menos se você contar que nos beijávamos de vez em quando. Mas claro que eu já estava naquela etapa que solicitava um pouco mais de proximidade, se é que me entendem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda compartilhávamos as aulas da faculdade e sempre que podia, eu ia para o hospital, então, estava dividindo meu tempo com Taryn e Vadden. Daí não saber dar um nome ao que tínhamos. Eu sabia que ela tinha prioridades. Seu irmão era uma delas.

Claro que tudo ao seu tempo, mas também sabia que Taryn desejava tanto quanto eu. O que nos impedia ainda era o fato de Vadden estar ficando cada vez mais debilitado.

Estava entrando no vestiário quando Thomas entrou esbaforido com um papel na mão.

— Cara! Tenho uma coisa pra te mostrar!

— Nossa! Com esse papel em mãos eu ia até dizer! “Você está grávido”, mas daí lembrei que você é noivo da minha irmã, e não posso zoar dessas merdas — falei.

— Não, seu idiota. Mas minha medula foi compatível para ser doador de algum paciente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração bateu erraticamente por um instante.

— Porra, mano... você me faria felizão se me dissesse que foi compatível com Vadden.

— Infelizmente, não. Mas fui compatível com um paciente em Montana. Então eles pediram que fizesse a doação o mais rápido possível — ele disse. — E você sabe o que isso significa?

— Que você vai salvar a vida de alguém? — deduzi.

— Não somente isso, espero. Mas que você vai jogar no meu lugar, já que o outro quarterback está com uma lesão no quadríceps.

Oh... uau. Meu primeiro jogo na universidade? Normalmente calouros só jogavam depois do primeiro ano. Salvo raríssimas exceções. Como, parecia ser o caso.

— Estou feliz por mim e por você, bro — ele disse passando o braço sobre meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cara, quem, em sua consciência imaginária que um quarterback titular ficaria feliz porque o reservaria assumir seu posto?

A tendência é que eles lutem por seus postos até o fim e nunca queiram dar lugar, pois pode indicar a perda da colocação em algum momento. Um olheiro poderia ficar de olho exatamente naquele dia. Então, era um jogo de competitividade.

Mas Thomas Reynard era assim? Não. Ele era o cara mais altruísta que eu conhecia. Além de se ausentar porque estava indo doar sua medula para algum felizardo, ainda estava contente porque eu ia assumir seu lugar em um primeiro jogo oficial.

— Ah, e mais uma coisa. Quando o treinador viu que deu certo esse lance da medula, ele achou o máximo e acha que isso vai gerar muito marketing para o time, daí, topou fazermos o jogo beneficente. Então... prepare-se... porque depois de amanhã, jogaremos contra Philly — falou e saiu do vestiário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava acontecendo.

Teríamos um jogo beneficente onde tudo seria em prol da campanha de doação de medula óssea.

Precisava contar isso para Taryn.

Peguei o celular naquele instante.

“O que você está fazendo?”

Passou um momento e ela respondeu:

“Saindo de uma aula e indo para casa.”

Mordi por dentro da bochecha com o que proporia.

“Você vai ficar com Vadden hoje?”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dois minutos depois veio a resposta que eu esperava.

“Não. Tia Blythe vai ficar hoje... Você quer vir aqui?”

Aw... que ótimo. Ela ofereceu antes de eu ter que implorar. Porque eu estava a caminho daquilo.

“Estou saindo do treino e passo em casa para um banho rápido. Levo uma pizza?”

Demorou um pouco a vir sua resposta, e fiquei como um mané olhando o telefone, mas eu queria esperar.

PERIGOSAS ACHERON

“Desculpa... estava dirigindo. Sim. Pode trazer. Obrigada. Até mais.”

Saí rapidamente dali, me desviando de Cherry que fazia guarda na frente do vestiário.

— Storm! — ela gritou.

— Estou com pressa, Cherry! Desculpa!

Corri para minha moto e zarpei para casa.

Acho que tomei um banho recorde. Sério. Claro que esfreguei todas as partes pertinentes. Tive o cuidado de passar o desodorante também, óbvio. E ainda me barbeei. Porque sou cuidadoso assim.

Logo que saí do banho, fui esperto e pedi a pizza, então na hora que eu chegasse à casa de Taryn, possivelmente o entregador chegaria junto.

Peguei a mochila e subi na moto de novo. E fui de encontro à minha garota.



Comemos nossas pizzas, e digo no plural porque quem comeu mais fui eu, já que Taryn se contentou com apenas dois pedaços... Enquanto eu... bom... isso é outra história. Melhor não comentar quantos pedaços mandei para dentro, ou poderia assombrar os mais comedidos.

Ajudei Taryn a lavar os copos que usamos para a coca-cola e joguei as caixas fora. Quando ela ainda estava enxaguando uma vasilha qualquer, cheguei por trás na pia e a enlacei, enclausurando seu corpo.

Senti os arrepios que a percorreram imediatamente. Beije a lateral de seu pescoço, afastando o cabelo para o lado. Dali, segui uma trilha de beijos para o ombro. Ela quase derrubou o copo que estava na mão, então resolvi intervir e desliguei a água da torneira, tirando a louça de seu alcance e colocando-a no escorredor ao lado.

Virei-a de frente a mim e segurei seu rosto. Ela começou a rir.

— Ai, seu bruto. Sua mão está molhada.

— Você está quente. Só quis ajudar a se resfriar um pouquinho — brinquei.

Nossos olhos estavam conectados sem dar margem à dúvida de para onde estávamos seguindo dali.

Abaixei meu rosto devagar até que minha boca estava a centímetros da dela.

— Se você quiser que eu pare, basta falar, tá? — falei rapidamente, torcendo para que ela não quisesse parar.

— Tá.

Minha boca a degustava devagar. Não deixei que fosse um assalto selvagem. Eu queria mostrar que tinha todo o tempo do mundo e queria apenas curtir o momento em que estávamos juntos. Sejam eles quais fossem.

Claro que fogo e gasolina, quando se juntam, provocam explosão. E foi isso o que aconteceu. Não sei quem era o quê. Só sei que em um instante

PERIGOSAS ACHERON

estávamos de pé, recostados contra a pia de sua cozinha. No próximo, eu já a estava carregando para que pudesse levá-la até uma superfície mais aprazível.

Isso sem desgrudar nossos lábios e sem ver nada, o que era meio difícil, mas nada impossível. Então, segui os instintos e voltei para o sofá. Quando estava chegando lá, ela se afastou e disse:

— Meu quarto.

Opa. Aquilo era bom. No sentido de que a cama era muito mais confortável, claro. Para esticar o corpo e tals. Só isso.

Acho que fui batendo nossos corpos e esbarrando pelo corredor e subi as escadas aos tropicões, mas consegui chegar onde ela indicava.

— Aqui... — disse sem fôlego.

Se ela estava sem fôlego, que dirá eu. Não porque ela era pesada nem nada. Mas pense em estar excitado pra caralho, subindo um lance de

escadas, sem ver absolutamente um palmo à frente do nariz...

Eu a deposei na cama, de maneira suave, e enjaulei seu corpo com o meu. Naquele momento apenas nos encaramos. Um pedindo permissão e confirmando suas intenções. O outro apenas deixando ciente de que poderia prosseguir dali que estava tudo bem.

Não havia nada programado. Fora apenas o apelo de dois corpos que se ansiavam mais do que tudo. O meu pelo dela. E vice-versa.

Meus dedos foram desabotoando devagar os botões pequeninos de sua blusa. Senti-me um bruto, com os dedos torpes e a pele delicada que ia sendo desvendada ante meus olhos. E para disfarçar meu próprio nervosismo, eu depositava beijos suaves à medida que afastava o tecido.

Os dedos trêmulos de Taryn passavam suavemente pelo meu rosto, traçando cada linha

PERIGOSAS NACIONAIS

áspera da minha mandíbula, como se ela quisesse gravar em sua memória.

Quando consegui que se livrasse da blusa, eu mesmo precisava de um contato entre nossas peles. Então puxei minha camiseta para que tivéssemos aquela proximidade pela primeira vez.

O suspiro que Taryn deu fez com que um sorriso brotasse em meu rosto. Suas mãos percorreram meu tórax, meu abdome... estava aí uma das razões porque eu os cultivava com tanto afínco. As mulheres definitivamente tinham uma tara pelos gomos sagrados, cara. Isso era um fato consumado, e se o olhar assombrado de Taryn fosse um indicativo, assim como a forma como ela delineava cada um dos meus músculos, então eu agradecia a cada momento em que me esforcei para malhar até a exaustão. Estava me sentindo uma estátua de museu, daquele Davi, ou Adônis...

Os olhos dela voltaram aos meus e peguei seu rosto entre minhas mãos, beijando-a com força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deixei que meus lábios falassem o que eu não conseguia exprimir em palavras naquele momento.

Minhas mãos foram para sua calça e parei novamente, conferindo para saber se podia prosseguir.

Ela mesma me ajudou a desabotoar a calça jeans. Como assumiu a tarefa, eu cuidei da minha com o mesmo entusiasmo.

Quando estávamos apenas com as roupas de baixo, deixei que tivesse meu tempo com ela. Foi a minha vez de traçar os contornos suaves de seu corpo com a ponta dos meus dedos.

Quem estava com pressa?

Ah, sim. Eu.

No exato momento em que ela gemeu.

Daí me lembrei que havia uma labareda queimando internamente. E dali para o que aconteceu foi um pulo.

PERIGOSAS ACHERON

Quando você fica pela primeira vez com uma mulher é algo difícil de descrever. Porque um está aprendendo um pouco do outro. É como ler um pequeno manual e ir tentando desvendar os gatilhos que quando você aciona geram reações inesperadas ou esperadas, claro. Como um baita orgasmo.

Mas com Taryn foi algo... espontâneo. Foi tão mágico e único que só o que me permiti foi sentir com plenitude. Deixei que meu corpo desafoasse no dela, deixei que ela usufrísse do meu. Nós fomos uma combinação perfeita de macho e fêmea na expressão da palavra acasalamento. Não no sentido animal, mas no sentido de que na minha mente, pelo menos, não passava nada, salvo à exceção me comprazer nos gemidos deliciados dela, arrancar os suspiros de prazer que eu sabia que ela estava reprimindo.

— Ah, caramba, Taryn... — Mordi meu lábio. A sensação que eu sentia era tão intensa quando

PERIGOSAS NACIONAIS

estava dentro do corpo daquela garota que tive que me concentrar para não me perder naquele instante.

Ela me abraçou como se não quisesse que eu saísse dali nunca mais, e eu retribuí, abraçando seu corpo em igual medida.

Acho que chegamos ao êxtase juntos. E foi fantástico. Porque acho que apaguei. Sério. Tive um branco total e só me lembro de acordar com a risada de Taryn e um cutucão em minhas costas.

Eu ainda estava acima do seu corpo.

— Caralho. Achei que tinha morrido. Desculpa — pedi imediatamente.

— Pelo quê está pedindo desculpas? — ela perguntou baixinho.

— Eu falo palavrão pra caralho. Droga. Acabei de falar outro. Tenho que me controlar perto do Vadden, né? Você podia criar um potinho sagrado dos palavrões, que tal? — falei.

Ela riu e me abraçou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez eu fique rica.

— Possivelmente. Mas pode ser que até patrocine a faculdade de seu irmão, já pensou nisso? — brinquei. Senti seu corpo ficar tenso naquele mesmo instante. Ergui a cabeça do vão aconchegante onde estava. — O que foi? Falei algo errado?

— Tenho tanto medo que ele nem mesmo chegue à faculdade...

— Ei... ele vai melhorar, Taryn. Você vai ver.

— Eu espero que sim, Storm. Muito.

Saí de cima de seu corpo, puxando-a para o aconchego do meu.

— Você não pode desistir. A persistência do sentimento de vitória é o que levará você ao sucesso.

— Uau. Que bonito isso. Quem disse?

— Meu treinador. Mas se aplica bem à vida, né?

— Sim.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, sabia que Thomas vai doar a medula para alguém porque foi compatível com algum paciente em Montana?

Ela se virou em meus braços com um sorriso enorme.

— Sério? Oh... que lindo, Storm. Eu queria muito que o receptor fosse meu irmão, mas fico tão feliz que outro paciente tenha essa benção através de uma campanha assim...

— Thomas está feliz também.

Ficamos em um silêncio confortável até criarmos coragem de tomar uma ducha para organizar a bagunça depois do momento ardente.

Claro que no banho, houve outro momento de conhecimento mútuo. Porque ver o corpo seco da garota era uma coisa, e ver molhado era outra coisa diferente. Eu precisava da sensação dos dois para fazer uma comparação.

Saí da casa de Taryn, aquela noite, com um sorriso de orelha a orelha. Estava me sentindo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais fodão dos caras. Então entrei em casa, apenas acenei para os manés que estavam jogando videogame, sequer me dignei a parar e participar, e me deitei na minha cama.

Fiquei encarando o teto, com os braços cruzados atrás da cabeça, tentando apagar o sorriso besta do rosto. Estava difícil, devo confessar.

Taryn Tempest chegou para agitar meu mundo de uma forma que não imaginava ser capaz.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Oh, meu Deus. Eu tinha feito amor com Storm. E podia até usar outro termo tão usual nos dias atuais, como transar ou fazer sexo, mas o que tivemos não foi isso. Seria banalizar o momento.

Foi lindo. Foi surreal. Eu estava sentindo até agora as pontas de seus dedos percorrendo meu corpo tamanho as sensações que ele despertou em mim.

Coloquei as mãos no rosto e ri baixinho. Nem podia acreditar que tinha me permitido sentir tudo aquilo! Assim... sem nem pensar muito.

Tudo bem... Storm vinha me conquistando desde o momento em que nos conhecemos. Sua personalidade era tão cativante que era como se ele fosse a luz de uma vela e eu fosse a mariposa, atraída pelo calor e as chamas.

Só esperava não sair queimada no final. Mas decidi que já tinha estagnado minha vida por muito

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo. E que se aquele era o momento de poder viver algo tão puro e belo como o que parecíamos estar construindo, então eu faria aquilo.

Um dia de cada vez. Como minha busca pela melhora de Vad.

E com Storm ao meu lado, aquele jugo ficava menos pesado para carregar. Ele era o ombro amigo que nunca esperei encontrar. O conforto dos braços que nunca imaginei ter.

Eu estava feliz. Naquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14



O jogo beneficente foi um tremendo sucesso. Princeton ganhou, mesmo que a partida nem tenha sido um embate mortal e mais um lance comedido e de fair play.

Conseguimos a contribuição de quase todos os times da Ivy League para doação de sangue para o banco de medula óssea. Fora os times de outras modalidades.

Até mesmo os torcedores se inscreveram. Foi bastante efetivo.

PERIGOSAS NACIONAIS

No meio da semana, Thomas faria o procedimento para transplante da medula. Ele ficaria internado por um dia no hospital em Montana, e claro, quem o acompanharia? A mãe e o pai? Óbvio que não, caros colegas. A companhia para tal momento seria minha irmã, a adorável noiva. Tão prestativa... claro que nesse instante vocês podem imaginar que estou revirando os olhos. Ainda mais porque estou olhando para os dois arrulhando no sofá da sala.

— Sério. Vocês são insuportáveis.

— Deixa de ser chato, Storm. — Rainbow me deu um olhar de reprimenda.

— Me digam, essa viagem dura quanto tempo? — perguntei olhando para o relógio. Taryn hoje ficaria de acompanhante de Vadden, mas não pude me oferecer para ficar junto, já que teria treino de manhã cedo, por conta do jogo sexta-feira.

— Vamos amanhã, extraio essa gosminha do quadril, fico um dia e volto dois dias depois.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que todo esse tempo longe?

— Porque não queremos correr o risco de nenhum coágulo deslocar do local onde será extraída a gosminha, Storm — Rainbow respondeu.

— Certo. Juízo. Provavelmente não vejo vocês até a volta.

— Ei, Storm. Bom jogo — Thomas desejou e batemos os punhos.

— Valeu, mano. E... boa extração de gosma lá.

— Valeu. Estou levando minha enfermeira particular pra cuidar de mim — ele disse e abraçou minha irmã que deu a risadinha mais ridícula do mundo. Tá... nem foi tão ridícula. Foi até fofa.

— Juro que eu não precisava ouvir isso.

Fui para o meu quarto e peguei o celular, disposto a perturbar a paz de espírito de Taryn.

Tínhamos nos visto no dia anterior. Mas fazia dois dias que não ficávamos realmente juntos. Eu estava com saudades.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Ei, garota... como está o lorde vampirão?”

Levou mais de um minuto para ela responder. Eu cronometrei.

“Hoje ele ficou mais animadinho do que da última vez. Acho que aquela derrota pra você, no joguinho, acabou deixando meu irmão baqueado...
Rs.”

Comecei a rir sozinho no quarto. Vadden era mais competitivo que eu.

“Eu não amacio para o moleque. Já estou

PERIGOSAS ACHERON

forjando
o caráter dele daí.
Aprendendo com as
derrotas eternas para
Thunder Storm...”

Suspirei enquanto esperava a resposta.

“Ele está te
mandando um murro
na boca...”

Tive que segurar a gargalhada que queria saltar e desisti das mensagens. Liguei para o celular dela.

— Cara, que agressividade é essa? Ele tomou sangue de vampiro estragado, é isso?

Ela riu do outro lado.

— *Está revirando os olhos pra você nesse exato momento, mas já alertou que está treinando às escondidas, até vencê-lo em um duelo mortal.*

— Tuuuudo bem. Diga pra ele vir com tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Vadden... você fique avisado. Storm virá com tudo.* — Taryn deve ter perturbado, pois logo em seguida começou a rir.

— *Estou só esperando, Trovãozinho...*

O desaforado disse do outro lado e comecei a rir.

— Ei, Taryn?

— *Hum?*

— Estou com saudades.

Ela ficou muda por alguns segundos, antes de suspirar audivelmente.

— *Eu também.*

— Isso é bom.

— *Você... você passa por aqui amanhã?* — perguntou incerta.

— Sim, boneca. Tenho o treino pela manhã, depois uma aula à tarde, que foi remarcada por conta do treino louco. Mas assim que sair eu passo aí. Amanhã é o dia de sua tia ficar com Vadden?

— Sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay. Então vá de calça e leve um casaco, porque vou te levar de moto pra sua casa, tá? — falei.

Eu esperava ficar na casa dela amanhã. Com muita sorte. Quem sabe... Eu teria treino no outro dia cedo, ainda mais porque o jogo era na sexta, então, me pouparia ter que voltar para casa. Olha que economia de tempo interessante, não é?

— *Tudo bem.*

Ficamos conversando mais alguns minutos até nos despedirmos e eu decidir que era hora de dormir.

Era óbvio que eu sonharia com uma garota de cabelos castanhos claros e olhos enigmáticos, além de um sorriso lindo que havia me tirado o chão.



Sério. Em alguns momentos eu pensava onde tinha enfiado minha vida quando decidi jogar futebol americano. Claro que eu pensava aquilo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

normalmente depois de levar uma baita pancada nos rins e mijar sangue. O que foi o que aconteceu.

Embora Cole estivesse me pedindo desculpas desde a hora em que quase estripou meu órgão do corpo atravessando pelo outro lado, ainda assim estava doendo como uma filha da puta, então, me perdoem se estou um pouco ácido.

Levantei a blusa e vi o hematoma se formando na lateral direita do meu corpo e suspirei.

— Eita... ficou feio, hein? Já mergulhou na banheira de gelo? — Spike perguntou.

— Cara, só de pensar naquela merda de banheira, já sinto o hematoma querer me corroer as entranhas como se fosse um vírus zumbi, só pra garantir que eu estou morto logo.

— Mano, você é exagerado pra cacete, sabia disso?

— Sabia. Minhas irmãs sempre falam isso. Eu mesmo tenho consciência desse fato. Mas acabei de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mijar sangue, então me deixe ser exagerado o tanto que eu quiser — respondi.

— Caralho... você urinou sangue? — Mike perguntou quando entrou no vestiário. — Nossa... está feio. Cole foi meio bruto, você roubou os doces dele? — zombou.

— Urinei. Respondendo a primeira pergunta. E achei muito bonitinho você falar urinar, ao invés de mijar, que é o normal entre nós, os caras.

— Você fala isso. Minha avó sempre me ensinou a falar urinar. Ou fazer xixi. Se eu falasse mijar perto dela, levava um safanão — Mike disse enquanto ia retirando o uniforme de treino.

— Se eu levasse um safanão pra cada merda que falo, estava lesado. Ah, pera... Rainbow tem mania de fazer isso. Meu cérebro anda funcionando super bem depois que passamos a não conviver na mesma casa.

Os dois riram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá para a banheira, Storm — o treinador Yates gritou da porta.

— Merda. Quem foi o dedo-duro?

— Eu não fui — Mike se eximiu.

— Eu também não, bro.

— Se Thomas estivesse aqui eu diria que tinha sido ele.

— Mas não foi, então vá logo para a banheira.

— Meu, é quase como mergulhar num reino gelado de Game of Thrones — falei enquanto me encaminhava para a sala do mal.

Mais dois veteranos estavam lá quando entrei.

— Yo, Storm. Que porrada, hein? Stu também está com uma feia — Masterson disse.

— Yeap. Vou ter que besuntar essa merda de Icy Hot hoje à noite — falei e pensei imediatamente em pedir a certa garota que fosse a pessoa que passasse a pomada em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um sorriso deslizou pelos meus lábios com a promessa do que viria.

Entrei na banheira e chiei como uma panela de pressão à medida que os cubos iam congelando minha alma de baixo para cima.

Pooooooooorra. Era normal pensar em mergulhar em calda quente logo depois de afundar naquela banheira da rainha Elsa?

Acho que sim.

Encostei a cabeça na borda, com os dentes trincados, tentando disfarçar a dor mortal que sentia na hora.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Quando Storm chegou ao hospital, no final da tarde, pude ver imediatamente o quanto estava cansado. Mas isso não o impediu de cumprimentar Vadden com aquele cumprimento esquisito que faziam.

— Pô, Vad... já expliquei mil vezes... existe uma sequência nos apertos de mão, certo? Pega — falou e começou a demonstrar com Vadden. — Classic, The Bruh... The Eagle, Knock Knock, Bang... Back slap, Slap, Knock Knock e This Guy.

— Por que o Knock Knock tem que repetir?

— Sei lá. Códigos dos bro, saca?

— E por que esse This guy tem que ser com esse jeito mala tipo... “thiiiiis guuuuuy”...?

Storm começou a rir tanto que chegou a quase se dobrar com a pergunta de Vadden, o que fez com que ele arfasse e se curvasse segurando a lateral da barriga. Parecia estar com dor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei lá, mano. Os caras são loucos. Fazem essas merdas e pah... só jogam pra gente se cumprimentar assim. E somos caras... nós achamos isso massa, do mesmo jeito que as garotas amam sair pra fazer compras — falou.

— Taryn odeia fazer compras.

— É mesmo. Não gosto.

— Nossa. Você vai se dar bem com a Rainbow, minha irmã mais velha. Mas Sunshine vai olhar pra você como se você fosse um espécime alienígena.

Dei de ombros. Infelizmente eu era assim.

— Não se preocupe, boneca. Não vou deixar minha gêmea querer abrir seu cérebro para desvendar os mistérios que guarda aí dentro, tá?

Comecei a rir. Vadden me acompanhou.

— E então, me diga... como você está treinando para me derrotar? — Storm perguntou a Vad.

— Eu estou obrigando Taryn a jogar comigo. Daí ela perde e me sinto vitorioso.

PERIGOSAS ACHERON

— É uma boa estratégia, mano. Curti.

Revirei os olhos. Esses dois quando se juntavam eram ridículos.

Ficamos até a hora que tia Blythe chegou da universidade.

— Olá, meus queridos. Vejo que o clima aqui está cheio de alegria e nada de vibrações ruins, não é?

— Claro que não, tia — Vadden respondeu, erguendo a cabeça do joguinho que mantinha com afinco contra Storm.

— Ótimo. Agora me entregue isso aqui. Já passou da hora de você estudar um pouco. Aposto que sua irmã e este adorável rapaz nem se lembraram de colocá-lo para rever algumas matérias, não é?

— Ah, qual é, tia Blythe? Por que tenho que estudar? — Vadden resmungou.

— Porque você precisa ficar mais inteligente do que já é, espertinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tia, a doutora Andy ficou de passar mais tarde, você pode me ligar depois pra dizer? — pedi, já pegando minha mochila no canto do sofá.

— Posso. Amanhã. Hoje, não.

— Tia...

— Sério, Taryn. Vá pra casa, descanse. Você só tem estudado e se desgastado. Combinamos de dividir as tarefas, não é? Eu estarei aqui, okay? Tenho certeza que meu cérebro é uma máquina e vai compilar todas as informações que a doc falar, e se eu esquecer algo, tenho certeza de que Vadden me ajudará a lembrar, não é, Vad?

— Isso aí. Vai pra casa, zumbi.

— Nossa, Vadden. Como você é gentil.

— Ela não está um zumbi, Vadden... sua irmã é linda.

— E você é um jogador cego, ou está infectado pelo vírus zumbi dela. Daí não consegue ver como ela está zumbizoide.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, Vadden... deixa de ser tapado — falei e beijei sua cabeça. — Mas eu te amo assim mesmo.

— Eu também te amo, terráquea.

— Bocó.

Storm sacudiu os cabelos de Vadden e bateu os punhos, fazendo o cumprimento longo que tinha ensinado antes.

— Perfeito. Mais algum treino e você será profissional de apertos de mãos.

Depois ele colocou o braço sobre meu ombro e acenou para tia Blythe.

— Tchau... Blythe.

— Nossa. Que medo... achei que você fosse me chamar de tia. Eu teria que enfiar uma seringa na sua bunda.

— Tia!

Saímos dali rindo. O tempo todo Storm manteve o braço sobre meus ombros, mantendo-me aquecida. Chegamos ao estacionamento e mais uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vez tive a sensação do *déjà vu* quando ele ajeitou o capacete na minha cabeça e fechou a fivela abaixo do meu queixo.

Em seguida ele puxou pela corda e me deu um beijo longo e cheio de intenção.

Quando me soltou, montou na moto e bateu a mão atrás de si, olhando por cima do ombro.

— Venha, pequeno macaco-aranha. Me agarre com tudo o que você tem.

Comecei a rir, mas obedeci prontamente.

Agarrei Storm como se daquilo minha vida dependesse. E foi assim até chegarmos em casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15



Depois que deixei a moto na garagem de Taryn, fiquei mais esperançoso de que possivelmente passaria a noite ali. Eu não queria mendigar, nem nada, mas honestamente? Queria dormir ao seu lado. Queria ver seu rosto como a primeira coisa assim que abrisse meus olhos pela manhã. Tal qual fiz no hospital... mas queria que fosse em um ambiente menos tenso.

— Está com fome?

— Não, boneca. Só estou cansado — admiti.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então... você quer assistir a alguma coisa? — perguntou e eu podia ver que estava nervosa. Segurei um riso internamente.

— Nope.

— Quer... dormir?

— Depois...

— Mas você não está cansado? — Taryn inquiriu com a sobrancelha arqueada. Ela ficava tão bonitinha quando fazia aquilo. Ainda mais quando estava usando os óculos.

Cheguei perto o suficiente para arrancá-los de seu rosto.

— Estou cansado. Mas ficar deitado, na horizontal, com uma garota gostosa como você do lado... será como um bálsamo — respondi com sinceridade.

— Oh...

— Isso mesmo... oh.

— Então... vamos... lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E Taryn?

— Humm?

— Estou pensando em me convidar para dormir aqui. Eu ia esperar você pedir, mas como sei que não dei os sinais evidentes pra você entender, então estou falando abertamente.

— Ah... tudo bem.

Ótimo. Um ponto ganho para mim. Estava na linha do Touchdown.

Chegamos ao quarto dela e coloquei a mochila no sofá do canto. Peguei o tubo de pomada e já coloquei no criado-mudo, porque eu sabia que depois do que pretendia praticar com ela, haveria um surto psicótico por conta do baita hematoma que ilustrava a lateral do meu corpo.

— Não me tire o prazer de ser o único a tirar suas roupas, por favor — falei do canto, quanto percebi que ela estava tirando o casaco.

— Eu só ia tirar o suéter, seu bruto.

PERIGOSAS ACHERON

— Mesmo assim.

Cheguei logo atrás de seu corpo e deixei que minhas mãos deslizassem pelo dela. Eu nunca me cansaria de tentar conhecer as reentrâncias de suas curvas macias.

Fui tirando as peças de roupas, pouco a pouco, com ela ainda recostada contra meu peito.

Quando a virei, depois de depositar vários beijos em seu pescoço delicado, a abracei e encarei os olhos enevoados.

Peguei suas mãos pequeninas e as coloquei embaixo da minha camiseta, sentindo a mudança brusca de temperatura.

— Tire minha blusa, Taryn — pedi e pude notar que estava com a voz rouca.

Ela foi levantando o tecido, arrastando a unha suavemente por onde passava. Quando conseguiu extrair a blusa e olhou para baixo, vi o momento em que seus olhos se arregalaram.

— Storm! O que foi isso? — gritou apavorada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comecei a rir e não deixei que ela se afastasse.

— Isso foi o Cole tentando me jogar no *campus* universitário da Flórida, porém finquei os pés no chão e não permiti. Mas estou bem, boneca. Já estou melhor.

— Mas... mas está assustador...

— Por isso eu trouxe aquela pomada milagrosa ali, oh... — Virei o queixo para mostrar seu criado-mudo. — Você pode passar em mim, que tal? Depois de cuidar da minha saúde comportamental.

— Saúde comportamental? — perguntou rindo.

— É. Tipo... estou quase ficando louco de saudade de você e ficar longe está alterando meu comportamento. Estou parecendo minhas irmãs quando estão na TPM. Então... acho que estou desenvolvendo um caso grave de TST...

— TST? Que raio é isso?

— Tensão Sem Taryn... está muito dolorido viver assim. Acho que só você pode me ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Taryn riu e enlaçou meu pescoço, puxando minha cabeça para que eu a beijasse. Ahh... aquilo eu faria com muito prazer. Muito gosto e emoção. Não haveria hematoma, ferida, lesão de guerra, o que fosse, que me impediria.

Fomos caminhando calmamente até que as pernas de Taryn atingiram a cama. Caímos em um baque e acho que gemi, mas não foi o gemido do tipo bom.

— Oh, meu Deus.... você se machucou?

— Nada que vá atrapalhar meu desempenho, boneca.

— Storm, você é tão bobo.

— Eu sei.

Voltamos a nos beijar e curtir o momento. Esqueci as dores físicas. Esqueci a porra das minhas costelas, a dor no meu rim direito, esqueci tudo. Meu momento agora era compartilhar daquele instante com Taryn e usufruir ao máximo.

PERIGOSAS ACHERON

Cada roupa que ia embora era seguida de risos, ou de gemidos, quando ela esbarrava na lateral do meu corpo, sempre ameaçando parar, e eu a impedia, porque, pelo amor de qualquer coisa, eu estava com uma ereção monstruosa, então, se ela parasse os trabalhos ali, eu teria um caso grave de bolas azuis. E aí, além de mijar sangue, eu ainda teria um comprometimento das minhas joias. Logo... meu quadrante sul, aquilo que guardava de mais precioso dentro das minhas calças, podia ser declarado um órgão indo à falência.

Não foi preciso muito convencimento com Taryn. Bastou que eu manejasse seu corpo com maestria. Isso eu sabia fazer. Ou podia dizer que estava aprendendo a adorar fazer.

Com ela. Engraçado que já tinha tido experiência sexual com duas outras garotas. Eu também não era tão promíscuo assim como pensavam. Eu era mais de falar do que de fazer. Ou melhor... vamos corrigir essa fala... eu era mais de começar a

iniciação da jogada, do que de chegar à *End Zone*. Digamos que eu levava um *tackle* sinistro do meu cérebro quando percebia que não ia rolar, ou que aquela garota seria apenas mais uma e não haveria sentimento envolvido no esquema. Aí, eu abortava a missão. Para não comprometer a garota e nem mesmo minha integridade moral.

Não gostava que as meninas pensassem que as estava enganando, ou algo assim. Tentando me aproveitar delas. Muitos caras só pensavam nisso. Melhor quantidade, do que qualidade.

Eu buscava ao menos ter algum relacionamento com a garota antes de me enfiar entre os lençóis.

Então, posso dizer que fui um cara de ficar. Pegava muitas garotas, mas parava nas 20 jardas. Não avançava mais que isso.

E me recuso a usar referência de primeira e segunda base e whatever, sendo que isso era coisa do beisebol. Eu sou um mano do futebol, então, vamos compreender aqui, desde o início, como

PERIGOSAS NACIONAIS

funciona: 20 jardas... estava dando uns amassos; 40 jardas, havia um contato corporal mais intenso; *End Zone...Touchdown*, basicamente, a mesma coisa que: O-R-G-A-S-M-O épico.

Mas com Taryn? Eu parecia estar caminhando não só para um simples *touchdown* bem marcado... eu parecia estar rumo ao *Superbowl* inteiro.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Depois que Storm dormiu, passei os olhos pela lateral de seu corpo. O roxo que tomava toda a extensão direita era sinistro. Eu passei a pomada que ele havia trazido e fiz com que se deitasse entre dois travesseiros, com medo de machucá-lo durante o sono. Esperei que ele adormecesse para erguer a camiseta de novo e observar a equimose que se formou ali.

— É meio esquisito você ser uma *stalker* de machucados — ele falou com a voz sonolenta.

Quase dei um grito e olhei para cima para vê-lo me encarando com apenas um olho aberto.

— Está um padrão horrível.

— É. Te falei que fiz um xixi vermelho?

— Você urinou sangue? — perguntei assustada.

— Tomei a porrada bem no rim... foi logo em seguida. Mas agora estou bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, Storm... isso é perigoso.

— Naaan... entrei numa banheira agradável pra caralho, de gelo... foi ótimo. Congelou minhas bolas, meus rins, costelas, glóbulos vermelhos, linfa. Tudo o que você puder imaginar.

Deitei ao seu lado depois de abaixar a camiseta e apagar a luz do abajur.

Ele retirou o travesseiro que coloquei para proteger a lateral de seu corpo.

— Não, espera... isso é pra ficar uma barreira e eu não te machucar durante o sono...

— Eu quero dormir agarrado com você, meu pequeno macaco-aranha — ele disse e acabei enfiando o rosto no seu peito para segurar o riso. — Você não vai me machucar. Cole já fez isso e eu o perdoei. Depois de xingá-lo até a quinta geração, falando que seus filhos todos nasceriam anões como hobbits cheios de verrugas.

— Ai, Storm, de onde você tira essas referências? — perguntei rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Da vida, minha cara. A vida é uma tremenda professora. Netflix é um baita reitor de universidade. Play Station é um Companheiro do peito, um mestre. Os HQs são os monitores de coisas legais e aleatórias.

— Certo. Seu bobo.

— Durma, Taryn. Quero repetir a experiência de dormir com você nos meus braços, mas dessa vez sem acordar com câimbras e sem milhares de bolinhas de papel sendo arremessadas na minha cabeça.

Fechei os olhos e suspirei sentindo o cheiro de Storm, mesclado ao cheiro da cânfora da pomada. Os braços fortes ao meu redor fizeram com que os sonhos daquela noite fossem simplesmente fantásticos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16



Eu e Taryn acabamos desenvolvendo

uma espécie de rotina engraçada para nosso relacionamento. Nós ficávamos separados apenas quando eu tinha que me ausentar de Princeton para dar um pulo em Westwood, para ver meus pais e mostrar que eu estava vivo, ou quando tinha que viajar para alguns jogos, junto à equipe.

Depois do jogo em que ocupei a posição de Thomas, como quarterback do time, o treinador havia me deixado muito mais à vontade e seguro para saber que eu poderia até mesmo jogar em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns minutos de qualquer partida, ao longo do campeonato universitário.

Thomas havia se recuperado plenamente da doação de medula, mas ficara afastado mais de quinze dias e só voltara a treinar efetivamente com um mês do procedimento. Naquele meio-tempo, o outro jogador titular estava melhor da lesão, mas ainda assim o treinador fez com que meus treinos fossem tão ou mais intensos, para que eu estivesse preparado a qualquer momento. Eu tinha a impressão que o treinador Yates criou um certo fascínio por ver o número 8, e o meu nome emblemático, Storm, em campo.

Vadden continuava o tratamento, mas o víamos se debilitando cada vez mais. Meu sonho era poder levá-lo a assistir uma partida de futebol americano no estádio da universidade, mas a médica havia vetado totalmente, por conta da baixa imunidade de seu organismo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em contrapartida, eu fazia de tudo para me tornar mais presente, e aprendi a dividir o tempo com Taryn e tia Blythe, que eu não chamava de tia nem que pagassem, sob pena de perder minhas bolas no processo. Mesmo que Taryn achasse que eu estava me prejudicando, consegui desenvolver um sistema muito interessante de agenda. Coisa que eu, Thunder Storm, nunca fui ligado.

Aquele jeito boa-vida e totalmente despreocupado de enxergar as responsabilidades tanto minhas quanto alheias... ficou para trás. Passei a me desdobrar entre a faculdade, os treinos, Taryn, Vadden e minha família, nas horas vagas. Então... compreendi totalmente o comportamento meio omissos das minhas irmãs quando começaram a namorar.

Uma das coisas que eu odiava, naquela rotina de responsabilidades adquiridas, ainda era no quesito provas. Sério. Odiava com muita intensidade. Com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a mesma força com que dedicava o sentimento vil no colégio. Aquilo não mudou.

— Storm... você tem outra prova, logo depois da nossa — Taryn falou, olhando para baixo, em seu caderno.

— Por que você tinha que me lembrar dessa agonia logo cedo, Taryn? Eu já estava me esquecendo da dor... do tormento... da tristeza de que estarei ali, naquela sala fria... completamente sozinho — eu disse amuado.

— Você *não* estará sozinho — ela respondeu com ironia.

— Você estará comigo? — perguntei esperançoso.

— Não.

— Então estarei só. Largado às traças.

— Você terá a companhia de todos os outros alunos da sua turma — retrucou com um sorriso de lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, Taryn. Você é tão engraçada que praticamente sinto vontade de rolar no chão de tanto rir agora — rebati e imediatamente a agarrei, pouco antes de chegarmos à nossa sala.

No exato momento em que nos preparávamos para entrar, Cherry saiu e parou à nossa frente. Ela e Wendy formaram uma barreira impedindo nossa entrada.

— Storm — ela disse. — Gostaria de conversar com você.

Opa. Pelo tom de voz da garota, eu podia deduzir que ela estava bem irritada. Ou pelo menos o olhar que ela emplacava na direção de Taryn era bem evidente.

— Ahn... sobre o quê?

— Um... trabalho? — inventou de última hora.

O quê? Que raio de trabalho era aquele?

— Storm, vou entrando pra conversar com o professor — Taryn falou baixinho e me largou ali.

PERIGOSAS ACHERON

Cherry deu um olhar para Wendy, que entrou logo atrás de Taryn.

Minha vontade era agarrá-la para não me deixar à mercê da garota, pois eu temia que ela simplesmente fizesse uma repetição da cena da festa de tempos atrás e se lançasse na minha cintura como se fosse um polvo.

A imagem mental daquilo foi tão aterradora que me fez dar um passo atrás.

— Não faço ideia de que trabalho você possa estar se referindo, Cherry — falei com uma sobrancelha erguida.

— Storm... eu... eu — ela gaguejou e tentou chegar perto. Eu me afastei mais ainda. — Eu não entendo porque tem me evitado esse tempo todo...

— Não sei se percebeu, mas além de estar estudando e treinando pra caralho, ainda estou com alguém — falei sem admitir abertamente meu namoro.

— O quê?

— O quê, o quê?

— Você... você está com aquela garota? — perguntou olhando para dentro da sala.

— Se você está se referindo a Taryn, sim, estou com ela — admiti e agora estava irritado.

— Mas você disse que não tinha tempo pra foder ninguém! — gritou ensandecida.

Puta merda. Que porra era aquela?

— Cherry, você perdeu a cabeça? — perguntei entre os dentes, chegando perto para descer o tom e não ter que gritar.

Minha vontade era arrastá-la dali para que parasse de falar merdas que pudessem culminar em algo desagradável depois. Fofocas de faculdade eram uma merda e eu não estava a fim de me ver envolvido em nenhuma, muito menos de colocar Taryn na bagunça.

— Você disse que estava treinando! Você falou! Que não poderia me levar pra cama porque estava focado nos jogos! Nenhuma das cheerleaders

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguiu chegar em você! E a resposta que me deu naquela festa era a de que estava pensando apenas nos jogos! Quando mudou de ideia? E ainda mais por... por essa garota? — perguntou e eu podia ver as lágrimas descendo de maneira furiosa. Uau. Parecia uma cachoeira louca.

— Cherry, eu não tenho que dar satisfações da minha vida pra você — falei irritado. — Então, dá um tempo, okay?

Tentei me afastar, mas ela agarrou meu braço, no exato momento em que Taryn vinha à porta.

— Storm... ahn... a aula vai começar — falou baixinho.

Sacudi o braço para que as garras da maníaca me soltassem e a deixei plantada do lado de fora da sala.

Marchei para dentro com o sangue meio que fervendo. Odiava ser confrontado e posto contra a parede. Quem aquela garota pensava que era para exigir qualquer coisa de mim? Estava louca?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Okay... eu sabia que exercia um efeito muito intenso nas mulheres, mas também não precisava ser nada no estilo Glenn Close de Atração Fatal, pelo amor de Deus. Primeiro... o filme era muito antigo e totalmente anos 80. Segundo: o cabelo da atriz era pavoroso. Tive que concordar com a Sunshine quando assistimos para uma aula de Filosofia no segundo ano, quando o professor nos pediu um trabalho sobre avaliação do comportamento humano. O estudo era para ser aplicado sob a ótica de algum personagem fictício. Quem melhor do que a ninfomaníaca que judiou do pobre do coelho só porque queria dar uns pegadas no Michael Douglas?

Passei a aula toda tentando me concentrar no que estava sendo ensinado e evitando os olhares assassinos de Cherry Coke. Eu a chamaria assim. Como não gostava do sabor não original da coca-cola, nada melhor do que inventar um apelido infame para me referir à moça e poder rir nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momentos mais impróprios. Wendy, a amiga inseparável de Cherry, fazia o mesmo, direcionando olhares mordazes a Taryn.

Taryn também estava em silêncio, anotando tudo o que o professor falava, como se o cara fosse o mago do saber, o que na minha humilde opinião, não era.

— Taryn — cochichei ao lado. — Taaaryn.

— O quê? — sussurrou sem erguer o rosto.

— Por que você está mastigando o seu lábio como se ele fosse um chiclete?

Ela olhou de lado e parou de fazer o que fazia imediatamente.

— Não estou fazendo isso.

— Está sim. Chega está marcado. — Passei o dedo em seu lábio inferior e vi quando seu rosto ficou vermelho de embaraço.

— Para com isso. — Tentou se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estamos no fundo da sala, ninguém está olhando — brinquei.

— Com exceção das suas amigas, né? — caçoou.

Ooow... senti o tom dos ciúmes. Homens podem ser tapados. Isso é um fato incontestável. Somos meio idiotas em muitos momentos da vida. Ignoramos sinais óbvios que praticamente poderiam estar em neon na nossa cara, e não identificávamos como algo suspeito.

Mas se havia uma coisa que sabíamos detectar com muita maestria, era quando as mulheres estavam com ciúmes de alguma coisa. O olhar mudava. A postura no corpo se transformava, o rosto adquiria uma nova fisionomia. Mais aterradora. Até a voz adquiria um timbre diferente. Era sinistro.

Deixei o assunto passar porque o professor magnânimo resolveu nos encarar naquele instante. Devolvi um sorriso cínico ao homem e fingi estar anotando suas pérolas do saber.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a aula acabou, Taryn recolheu o material e me esperou. Achei que fosse sair voando pela porta afora, mas acabei me surpreendendo com sua tranquilidade.

— Eu tenho laboratório até as três, depois vou para o hospital — ela disse. — Como você tem treino, a gente se encontra depois, okay?

Normalmente almoçávamos juntos, mas suas palavras me mostravam que algo estava errado. O quê, eu não fazia ideia. Bem, eu meio que fazia. Ela estava irritada com Cherry?! Possivelmente. Mas o que eu tinha a ver na equação? Até onde sei, nada.

Segurei seu rosto entre as mãos e abaixei minha boca para capturar a sua, mesmo que ela tenha se retraído, com vergonha de estarmos no corredor da universidade.

Eu não estava nem um pouco preocupado.

— Te vejo mais tarde, boneca — falei e a deixei seguir para o prédio onde ela tinha aula.

PERIGOSAS NACIONAIS

Segui para a sala onde faria uma prova ridícula, com uma matéria mais ridícula ainda... já que eu não fazia a menor ideia do porquê eu tinha que saber com tanto afínco a história americana. Eu já não tinha aprendido aquilo no ensino médio?

Ignorei totalmente os avisos e alertas que meus instintos me davam de que Cherry Coke era uma lata de alumínio prestes a explodir.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Normalmente eu não era ciumenta. Bem... como nunca tive um relacionamento mais efetivo com um cara, provavelmente talvez tenha sido por causa disso que não tenha desenvolvido essa debilidade. Porque era aquilo o que eu considerava desse sentimento humano: uma debilidade.

E era algo tão irracional, tão diferente a tudo o que já senti, que não sabia lidar com a onda e o arroubo que me acometeu.

Eu sempre vi, antes de Storm e eu começarmos a nos envolver, Cherry e Wendy ao seu redor. E elas eram o tipo de garotas que sempre imaginei que deveriam estar ao lado dele. Cherry, especificamente. Não somente pelo fato de ela ser uma cheerleader, frequentar o mesmo tipo de ambiente que ele, mas também, porque eles faziam um par mais do que perfeito juntos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Oooh, merda. Uma avalanche de baixa autoestima estava descendo o morro da minha segurança pessoal naquele momento. Sacudi a cabeça e afastei aquela ideia. Eu deveria pensar que se Storm estava na minha companhia, era porque assim ele queria, certo? Então eu devia usufruir o máximo que pudesse. Até quando... não sei. Mas eu aproveitaria. Porque eu estava feliz. E naquele momento, era tudo o que mais precisava.

Storm me dava a força que eu sabia que necessitava para me manter de pé para poder lutar por Vadden.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17



Caí no banco, depois do treino, e sequei o suor do rosto. Uma garrafa de Gatorade surgiu imediatamente à minha frente. Peguei sem nem olhar.

— Obrigado — agradei.

— De nada — Cherry respondeu e sentou-se ao meu lado. Minto. Quase se esparramou no meu colo. Cheguei o máximo que pude para a outra extremidade do banco, mas quase caí de bunda na grama.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cherry, dá um tempo — falei quando terminei a garrafa e amassei com raiva.

A garota estava me dando nos nervos. Na última semana, ela passava os dias entre me irritar, provocar Taryn e tentar se enfiar nas minhas calças. Não literalmente, claro. Porque para isso, eu precisava dar essa liberdade a ela. Mas bastava que tivesse chance, e a garota me cercava, como um maldito marimbondo daqueles insuportáveis que você sabe que se deixar pousar em você, a ferroada vai ser dolorida.

Taryn andava distante, mais evasiva do que nunca, e mesmo que quase toda noite que tinha folga do hospital, eu dormisse com ela em sua casa, ainda assim eu podia sentir que o fato de Cherry estar sempre ao redor a estava deixando irritada.

— Storm...

Levantei de um pulo e larguei a toalha no banco.

— Yo, treinador! Posso sair? — gritei de onde estava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá, filho! E descanse para o jogo de sexta!

Apenas assenti e corri para fora do campo, como se o capeta estivesse com o tridente espetando a minha bunda.

Passei no vestiário, mas até aquilo ultimamente me dava medo. Sei lá se a louca podia se embrenhar enquanto eu estava tomando banho!

Peguei a mochila dentro armário e simplesmente coloquei uma calça de moletom por cima da calça de treino, além de um agasalho. Apanhei o capacete e voei pra fora dali. Não daria chance ao azar.

Subi na minha moto e só fui parar quando cheguei em casa.

Somente ali senti segurança para respirar, mesmo assim ainda olhei pra trás. Para ter certeza de que a maníaca não tinha me seguido.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Estava no laboratório de biologia, corrigindo alguns exercícios dos alunos para quem eu prestava monitoria quando a porta se abriu de repente.

Olhei para cima e deparei com ninguém mais que Cherry Coke, como Storm a chamava.

— Você não deveria estar aqui — falei rapidamente.

— A universidade ainda é um lugar público, não é? Posso entrar em qualquer dependência aqui dentro.

— Não nos horários em que não há aulas ou alunos sejam permitidos. Essa sala de monitoria, por exemplo — retruquei.

Cherry se aproximou, com as mãos colocadas displicentemente nos bolsos traseiros da calça jeans mais justa que uma meia-calça.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os peitos estavam quase saltando para fora da blusa roxa, e não é que eu me ligava em analisar o físico das meninas, longe disso, mas o decote da moça era tão absurdo que eu temia ver seu umbigo de onde estava sentada. Ver o umbigo pela parte de cima da blusa, não pela parte de baixo. Então, pense aí no estilo.

— Sabe... você pode achar que é a única na vida do Storm, mas não é — disse de maneira sarcástica. — Não sei se sabe, mas o time de futebol é bem... ativo.

Aquilo fez com que eu me retesasse na cadeira. Era um saco sentir ciúmes. Já tinha admitido aquilo. Mais chato ainda era ser levada a duvidar de alguém em quem confiava. Ou pensava que podia confiar.

— Não sei porque está me dizendo isso — falei com sinceridade.

A garota estava sendo maldosa de propósito. E tudo por quê? Porque eu estava com Storm?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só estou te informando... Taryn. Apenas para que saiba. Depois não diga que não te avisei — falou e se afastou. Parou por um instante, olhou no quadro de avisos e anotou algo que estava ali.

Antes de se afastar, ainda olhou por cima do ombro e piscou, deixando um sorriso maldoso que prometia vingança por algo que eu não fazia ideia do que era.



Estava no hospital, terminando de ler para Vadden, quando meu celular apitou o recebimento de uma mensagem.

— E aí, Magneto fez com que todo o metal ao redor fosse atraído em uma avalanche de... metal e — Vadden falava freneticamente —, Taryn? Ei, Taryn... está me ouvindo?

Eu olhava para o celular sem acreditar no que estava vendo, provavelmente minha boca estava aberta em choque.

PERIGOSAS ACHERON

— Taryn? Você está me assustando... — Vadden me cutucou, fazendo com que eu saísse do meu torpor.

— O-o quê? — perguntei e olhei em seus olhos assustados. — O que houve?

— Eu que pergunto, mana. Você tá branca que nem papel. E tava encarando esse celular aí... O que foi?

— Nada. Na-nada. Sério. Continue a história, Vad — pedi, com um sorriso amarelo.

Meu coração martelava no peito. Como se uma ferida tivesse acabado de ser aberta e estivesse sangrando... e seria uma hemorragia lenta.

Enquanto Vad terminava de contar a história dos X-Men, minha mente foi levada como em um redemoinho de dor à imagem que viera junto com a mensagem recebida.

“Eu disse a você que não era a única... ù”

A foto anexada era de Storm segurando muito intimamente uma Cherry bastante ousada, que mantinha as pernas enlaçadas ao redor da cintura dele. Parecia ser uma festa, provavelmente dessas de fraternidade, daquelas que nunca fui. Mesmo porque nunca fui convidada, mas também porque a vontade não apareceu. Eu sabia que só rolava pegação e putaria.

As mãos de Storm seguravam a bunda de Cherry, enquanto os dois meio que estavam se beijando, em uma foto digna de Pinterest. Ótimo.

Senti meus dedos trêmulos enquanto deslizava imagem por imagem no celular. Todas as fotos mostravam a mesma cena. Em umas Storm sorria, como se estivesse conversando alegremente com a moça. Ela, obviamente devolvia com o sorriso mais estúpido que eu podia ver.

— Essa é uma HQ bem legal — Vadden encerrou o relato. — Amanhã você me traz outra?

— Claro, Vad. Tudo o que você quiser.



Naquela noite eu e Storm não nos encontraríamos. Era minha vez de dormir com Vad no hospital e ele teria jogo pela universidade no dia seguinte, então seguiríamos o protocolo que vínhamos desempenhando.

Para que não acordasse cansado, era melhor que dormisse na sua casa, assim o treinador não poderia dizer que ele não estava focado e com a mente em outro lugar.

Antes de dormir, recebi uma mensagem dele.

“Ei, boneca... estou com saudades. Como está Vadden?”

Senti a vontade de chorar bater no meu peito. Olhei para a cama do meu irmão, que agora dormia placidamente, e apenas pensei em como falaria para

ele que provavelmente eu e Storm não ficaríamos mais juntos.

“Está bem. Já estou indo dormir. Vá dormir também. Amanhã você treina cedo.”

Foi minha mensagem sucinta.

As bolinhas pularam na tela.

“Ei, o que houve?”

Pensei no que responder.

“Nada. Apenas cansada.”

Cocei o vão entre as sobrancelhas, sentindo uma pressão insistente naquele exato lugar.

“Amanhã nos vemos na aula?”

Storm insistia em saber. E eu persistia em não saber o que responder.

“Provavelmente.
Beijo.”

Fiz questão de encerrar a conversa ali. Sabia que se continuasse, choraria, então era melhor que parasse e sofresse calada, na solidão do quarto de hospital, em meio ao odor estéril do ambiente.

Aquele era o jeito como eu estava sentindo meu coração no momento... estéril de emoções.

CAPÍTULO 18



O dia seguinte chegou com a promessa de algo que eu nem supus que poderia existir na minha vida. Desgraça. Associada com tristeza.

Cara... eu era um jovem muito bem resolvido na vida. Minha meta era aproveitar ao máximo tudo o que o cosmos, como meus pais amavam dizer, tinha a oferecer. Porque uma coisa que eu acreditava era que tínhamos que aproveitar sempre o hoje. Porque não sabíamos o dia de amanhã.

Eu devia ter dado ouvido aos meus instintos, como já disse. E na noite anterior, sabia que Taryn não estava em seu melhor. Os tons de suas mensagens eram muito mais do que melancólicos. Havia uma tristeza profunda ali.

Mulheres quando dizem que estão bem, normalmente querem dizer que estão mal.

Uma vez, tive o azar de perguntar a Sunshine se ela estava bem, logo após uma pequena discussão que ela tivera com Mike.

Sua resposta foi icônica.

“— Você está bem? — perguntei enquanto comia meu sanduíche.

— Sim.

— Certeza? Tem uma lágrima descendo do seu olho esquerdo — disse e apontei rapidamente.

— Tô bem, Torm. Tô ótima. Maravilhosa. Muito bem mesmo. Porque a vida é fantástica. Entende? — ela falava enquanto atacava o coitado do pão que não tinha feito nada a ela. — Você
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente está ali, usando um uniforme, então um idiota qualquer passa e grita uma obscenidade. E aí você sorri, porque você não tinha entendido que era uma merda que ele tinha falado. Mas então seu namorado escuta e acha que você deu bola para o cara — agora ela comia o pão com fúria —, e fica de cara feia. Por DOIS malditos dias! E logo quando eu estava no auge da minha TPM! Precisando de um chocolate! Sorvete, carinho, compressa de água quente... um ibuprofeno. E do meu namorado pra fazer um cafuné.

— Ooookaaaay — falei e retirei a faca de sua frente e o pão que sobrou. Na verdade, a vítima. Pobre coitado. Nenhuma perícia poderia detectar como ele era antes de ser trucidado por Sunshine. — E ao que tudo indica... a TPM ainda não passou...

Sunny me deu um olhar do mal. Tipo... o olhar do Sauron quando queimava com o fogo assustador. O olho que tudo vê... e acho que ela via

PERIGOSAS ACHERON

a minha morte esmiuçada... como a do pedaço de pão esmigalhado.

— Você acha que estou de TPM, Storm? — perguntou com uma falsa calma.

— Nããão... acho que você está... bem?

— EU NÃO ESTOU BEM, STORM!

Céus. Por que mesmo eu tinha perguntado?

— Okay. Você não está bem. Anotado.

— Nunca pergunte a uma mulher se ela está bem, se você está enxergando que ela não está, seu burro — ela disse.

Naquele instante, Mike entrou na cozinha e parou ao lado de Sunshine.

— Ouvindo o que acabou de dizer ao seu irmão, não vou perguntar o óbvio. Então vamos logo para a resolução. Porque preciso que você fique bem. Não suporto saber que sou a causa do seu tormento, Sunny — Mike disse e se ajoelhou à frente dela. Merda. Aquela cena queimaria em

minhas pálpebras. — Eu te amo. Me perdoe pelo ciúme idiota, por não ter sido muito mais compreensivo, por não ter ficado ao seu lado quando precisou, por não ter tido o sensor aguçado para ver que tudo o que você precisava era de mim ao seu lado. Porque eu, certamente, só preciso de você.

Ca-ce-te. Droga de namorados românticos oriundos das profundezas de alguma novela de Jane Austen. O que era aquilo? Uma tentativa vã de ser “fofo” como Mr. Darcy?

— Ah, Mike... me desculpa! Por eu surtar por besteira... eu te amo.

E a crápula que até então estava destroçando o pão sem misericórdia alguma, falando horrores do namorado infame, simplesmente se jogou no colo do imbecil e ambos caíram no chão, porque era óbvio que Mike não teria todo o equilíbrio do mundo para segurar o rojão que se arremessou em sua direção. Mesmo sendo o melhor receptor que

PERIGOSAS NACIONAIS

já vi, Sunshine era um tanto quanto maior que uma bola oval de futebol americano.

E foi um asco ver aquilo. Quase vomitei o pão.

— Certo... limpem o chão da cozinha, seus merdas. Vou me retirar daqui. O clima está ficando muito açucarado para o meu gosto — falei e saí.”

Aquela lembrança chegou repentina. Eu havia cometido o mesmo erro. Só não ao vivo. Perguntei por mensagem, mas devia ter insistido. Sabia que Taryn estava tentando abafar os sentimentos verdadeiros.

Saí de casa e segui para o treino. Sabia que poderia tentar falar com ela quando fosse para a faculdade mais tarde.



Quando cheguei à faculdade, próximo ao meio-dia, combinei de encontrá-la para almoçarmos no refeitório. Teríamos uma aula logo em seguida, então nem daria para sair do *campus*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloquei as mãos sobre os olhos de Taryn, na típica cena idiota de “adivinha quem é”?

Ela não sorriu como eu esperava.

Sentei à sua frente. Seu olhar estava baixo e as mãos se retorciam no colo.

— Taryn? O que houve? — Senti algo se retorcer nas entranhas. Preocupação ardeu imediatamente. — Aconteceu algo com Vad?

Ela ergueu os olhos rapidamente.

— Não... ele está bem. Não se preocupe. Sêrio.

— Então o que está acontecendo?

— Não acho que podemos mais ficar juntos, Storm — disse de supetão.

Assim. Sem mais nem menos. Nenhuma dose de amortecimento. Água com açúcar. Nada.

— O quê? Por quê? — perguntei tentando disfarçar meu tom de voz. — O que está acontecendo, Taryn?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela passou a mão na sobrancelha, empurrou os óculos para trás, para logo em seguida passar a mão no cabelo. Eu sabia que quando fazia aquilo era porque estava nervosa.

— Não acho que combinamos.

— Como assim? — Eu estava tentando conter minha voz meio estridente. — Como assim não combinamos? Até ontem combinávamos. Até anteontem, na sua cama, nos encaixávamos, e agora... não combinamos? Eu não estou entendendo nada!

Ela me olhou firmemente e pude ver em seus olhos a mágoa.

— Acho que estamos indo muito rápido e — puxou o ar como se estivesse sem fôlego — estamos em um ritmo de vida muito intenso.

— Taryn...

Ela ergueu a mão, pedindo que eu parasse o que ia dizer. Eu podia sentir que estava à beira de suplicar para que ela me escutasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Storm, eu sou mais velha que você. Estou vivendo uma fase na vida que não me permite ter as regalias de um relacionamento firme, porque não consigo dividir as prioridades e, nesse momento, a minha maior preocupação e foco devem ser o Vadden e sua recuperação.

— Só um momento... espera aí — segurei a ponte do nariz e apertei com força até o ponto de sentir dor —, você está usando o cartão da diferença de idade, é isso? Que não deixa de ser ridículo porque, sou, estourando um ano mais novo que você, Taryn. Se estiver alegando algo a ver com maturidade...

Ela ergueu a mão.

— Não! Não é nada disso, Storm.

— Então essa desculpa da idade é ridícula, porque acho que só encaixaria se você estivesse me chamando de estúpido diante da sua inteligência muito óbvia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Storm! Não é isso! — queixou desesperada. Taryn olhou para os lados, tentando ver se estávamos atraindo atenção. Eu estava pouco me lixando.

— Quanto às prioridades, se não percebeu, eu sei exatamente pelo que você está passando e resolvi que passaria junto contigo, na tentativa de ser alguém que a console quando precisa — falei e estava magoado.

— Eu não quero ser a responsável por prendê-lo em um relacionamento onde não posso te dar 100% de mim, Storm. Nem sequer falamos sobre sermos exclusivos nem nada, mas eu sinto que estaria te privando de conhecer outras pessoas, quando não posso me dedicar a você — falou com a cabeça baixa.

— É isso o que pensa de mim, Taryn? Que sou volúvel a tal ponto que não sei reconhecer que minha namorada não pode estar 24/7 ao meu lado,

PERIGOSAS ACHERON

e precisaria recorrer e buscar outra garota nas horas vagas?

— Desculpa, Storm — ela disse se levantando. Uma lágrima descia sem rumo pelo seu rosto. — Desculpa... eu só... não posso passar por isso nesse momento da minha vida. Desculpa.

E saiu.

Assim... do nada. Taryn me deixou ali, com o coração rasgado. Melhor... abriu meu peito e arrancou o órgão dali de dentro. Porque era essa a sensação que eu sentia.

Engraçado como essa merda incomodava, não?

Esqueci o almoço e voltei para o estacionamento, pegando minha moto. Saí dali e fui para o lugar onde me sentia seguro, por mais incrível que pudesse parecer. Viajei uma hora e pouco até Westwood e entrei na casa agora vazia da bagunça dos Walker. Entrei no meu antigo quarto e me deitei na cama de solteiro. Contemplei os pôsteres que mantive colados nas paredes, como um garoto

PERIGOSAS NACIONAIS

nerd apreciador de Marvel, DC Comics, Futebol Americano e The Eagles.

Deixei que minha mente esvaziasse como a mãe mandava a gente fazer para meditar. Fechei os olhos e apenas vi os de Taryn, atormentados, à minha frente.

Ela realmente acreditava em tudo aquilo que havia vomitado? Que não éramos compatíveis e estávamos em fases diferentes da vida?

Mesmo que não tivéssemos definido o relacionamento que levávamos em um rótulo, ainda assim havia uma coisa que eu prezava com afinco: fidelidade. E eu era extremamente fiel.

Homens levavam fama de serem infiéis e não valorizavam a mulher com quem estavam no momento, mas eu não podia me enquadrar naquele perfil. Podia fazer parte do grupo XY, manter o cromossomo Y com muito orgulho, mas ainda assim, havia certos princípios que eu não abria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão. E ser fiel à garota com quem eu estava era um deles.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Saí do prédio segurando o choro. Eu sabia que tinha ferido o coração dele com minhas palavras. Por incrível que pareça eu não queria acreditar que Storm tivesse sido capaz de me trair. Queria crer na sinceridade daqueles olhos tão expressivos e sentia a necessidade fremente de correr de volta para o refeitório, dizendo que tudo o que eu havia falado era balela e fora fruto da minha insegurança idiota.

Não tive a coragem de dizer sobre Cherry ou confrontá-lo sobre as fotos que o mostravam tão à vontade com outra pessoa. Preferi deixá-lo crer que minha decisão em acabar com tudo era baseada apenas naqueles poucos critérios que expus. Meu coração estava dilacerado.

Porque eu não tinha dito a Storm... mas estava apaixonada por ele. Completamente rendida. Ele havia me conquistado com seu jeito. Com o amor explícito que exalava de seus poros. Com a alegria

PERIGOSAS NACIONAIS

que irradiava dele. Thunder Storm tinha um brilho tão único que era difícil alguém não se sentir atraído por ele quase que imediatamente.

E eu o amava. De todo o meu coração.

E talvez fosse por isso que doía tanto.

Entrei no meu carro e recostei a testa nos braços cruzados sobre o volante. Deixei que o choro assolasse meu corpo, porque não podia demonstrar nada daquilo a Vadden. Inclusive, teria que ver como o enganaria com o possível sumiço de Storm.

Eu sofreria a ausência de Storm, mas sabia que Vadden também sentiria falta do amigo que conquistara seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19



Todos me encaravam sem que eu pudesse entender a razão. Eu estava apreciando uma tigela e, sim, eu disse tigela, e não prato, de macarrão, mas repentinamente tinha perdido a fome, e meu garfo automaticamente começou a brincar com a massa.

A conversa estava a mil, mas o silêncio tomou conta do ambiente. Daí, quando ergui a cabeça, todos os olhos estavam em mim. E vou dizer... havia uma plateia ali em casa naquela noite. Eu estava em Westwood há dois dias, sem ter voltado

PERIGOSAS ACHERON

para Princeton, e repentinamente, no final de semana, a casa ficou cheia. Aparentemente, para que trabalhássemos. Culpa de Rainbow, que com os planos mirabolantes de levar o casamento adiante, estava organizando a mudança para um apartamento que Thomas já estava montando em Princeton. Logo, nossos pais resolveram colocar todo mundo em um espírito colaborativo de comunidade para ajudar a embalar tralhas. Todos estavam alheios à minha dor interna. Eu havia informado ao treinador que estava doente. Menti na cara dura. Faltei o jogo de sexta, o que me valeria uma baita punição, mas paciência.

— O que foi? — perguntei, desconfiado.

Thomas ergueu a sobrancelha, mais desconfiado ainda. Rainbow estava quase sentada no colo dele, e cara... a cozinha tinha muito espaço, mas minha irmã estava sentada como uma pessoa decente, em sua própria cadeira, a poucos metros de distância? Não. Ela estava quase dentro do bolso da calça do

noivo sem-vergonha. Risque o sem-vergonha. Eu estava me sentindo meio ácido essa noite.

Sunshine, como toda boa gêmea má — e pelo amor de Deus, eu sei que usei duas palavras opostas para me referir à minha própria irmã, mas a intenção foi exatamente essa...—, estava me dando um sorriso estúpido, daqueles que diziam que “eu sei o que se passa na sua cabeça, seu idiota”.

— Você parou de comer? — Rainbow perguntou.

Olhei para a comida tão apetecível que até então estava entrando no meu corpo, mas agora, já não parecia ter sabor algum.

— Aparentemente...

Rainbow se levantou de um pulo, quase derrubou Thomas no processo, passou por Sunshine e Mike, que observava tudo calado, como um analista frio e metódico, e colocou a mão na minha testa.

— Mãe, pode trazer aquele chá nojento que a senhora faz — ela disse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eca. Quase fiz vômito e coloquei o meio quilo de macarrão que já tinha ingerido para fora.

— Por quê? Seu irmão está doente? — Minha mãe também chegou ao meu lado e colocou a mão no meu rosto. Então, eu estava coberto pelas mãos das duas, meu rosto completamente obstruído pelos dedos gelados daquelas malucas.

— Eu não estou doente.

Meu pai entrou na cozinha naquele instante e perguntou:

— O que é isso? Uma sessão de Heiki?

Sunshine começou a rir.

— Rain e a mãe estão pensando que Torm está doente. Mas ele não está doente... — ela disse com um sorriso malicioso. Eu vi através da fresta dos dedos da minha mãe.

Tentei afastar as mãos das duas num safanão, sem machucá-las, claro.

— Ei, gente... me deem um espaço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou fazer um chá pra você — mamãe disse rapidamente.

— Não precisa, mãe.

— Precisa, sim. Você nunca fica sem comer. É preocupante isso — Rainbow acrescentou.

— Eu sei o que ele tem.

— Cala a boca, Sunny.

— Vem calar — Sunshine me irritou. — Mas vai ter que passar por cima do Mike primeiro...

Olhei para o namorado citado e ele estava revirando os olhos. Obviamente irritado com a infantilidade da garota que escolheu para namorar.

— Ele não vai encostar o dedo em você, Sunny. Então, cuspa logo o que quer falar — ele disse e arregalei os olhos, chocado. Porra... e eu pensando que podia contar com o corporativismo entre os homens.

— Ele está apaixonado.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

A pergunta foi feita em quatro frentes. Eu, Rainbow, Thomas e minha mãe.

Consegue imaginar que louco uma pergunta sendo feita simultaneamente, em um espaço ínfimo de tempo, num lugar contíguo e que de repente, pareceu ficar menor e mais sufocante ainda?

— Explica, Sunny. Não solta a bomba e para, que saco — Rainbow ralhou.

Logo em seguida ela se sentou ao lado de Thomas. Ah, não. Espera. Dessa vez ela realmente se sentou no colo de Thomas, porque meu pai estava na cadeira que ela ocupou antes. Cara, eu tinha que ensinar algumas coisas para o meu pai.

— Ele está apaixonado pela Taryn, a garota da faculdade. Do curso de Biologia. Storm tem passado muito tempo com ela, numa espécie de... relacionamento. E com o irmão dela. Um fofo. Mas nosso irmão é tão burro que até agora não percebeu que o que está sentindo não é apenas uma paixonite ou tesão daqueles que sempre se gabou. Ele está A-

PERIGOSAS NACIONAIS

P-A-I-X-O-N-A-D-O — ela disse e formou um coração com as mãos, no centro do peito. Senti uma vontade imensa de arremessar a tigela inteira de macarrão na cabeça dela, mas não estava a fim de limpar a bagunça.

— Taryn?! — Rainbow perguntou.

— Sim. Você sabe da história, Rain. Eu te falei. A garota que está angariando a doação de medula óssea para o irmãozinho — Thomas acrescentou.

— Mas... Taryn?! — perguntou de novo.

— É, Rain. Meu Deus. O nome dela é estranho, tanto quanto o nosso, por que a surpresa? Eu acho muito legal. O irmão dela se chama Vadden. Acho que encontramos pais mais loucos que os nossos — Sunshine disse, rindo.

— Nós não somos loucos. Apenas excêntricos e em contato com a natureza e o cosmos — nosso pai disse.

Rainbow estava olhando alguma coisa no celular, completamente alheia ao assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O mais legal é o conjunto. O sobrenome deles. Tempest. Acho muito irado — Sunshine continuou.

Nenhum deles reparou que a cada coisa falada, meu coração ia se afundando mais ainda no peito. Eu realmente achava que poderia estar apaixonado, mas não tinha certeza, porque nunca tinha sentido nada daquilo por nenhuma outra garota.

Sempre levei a vida numa boa, sem grandes expectativas emocionais ou nunca quis me prender às amarras que as meninas tecem ao redor, como teias de aranha, logo, eu me habituei a ser muito mais zoeiro e pegador do que qualquer coisa.

Nunca desrespeitei nenhuma garota com as quais fiquei, mas também nunca prometi nada mais do que um bom momento. E também não tinha um currículo tão extenso quanto pensavam.

Eu queria curtir a vida, aproveitar ao máximo o que ela poderia me oferecer, continuar mantendo meu espírito despojado de qualquer grande

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

responsabilidade mais profunda, e, normalmente, relacionamentos vinham acompanhados de muita responsabilidade. E drama.

Porra... eu precisaria de um emprego para poder levar a garota pra sair, certo? Precisaria de dinheiro para bancar algum mimo, algum passeio, sei lá. Eu não poderia simplesmente chegar e imaginar que meus pais iriam me dar a mesada todo mês, me sustentando na boa.

E talvez, eu estivesse um pouco mais fechado ultimamente, porque deparei com aquela verdade. Eu queria, realmente, aquela garota... Mas qual era a minha realidade? Ou, o que eu teria para oferecer a ela naquele momento? Além do meu afeto?

Eu era apenas um estudante universitário. Não tinha um trabalho, não podia contar com um salário que me ajudasse a custear um jantar, se quisesse levá-la a um encontro. Taryn era mais velha, como ela mesma alegou, e parecia, de certa forma, muito

PERIGOSAS ACHERON

mais vivida do que eu. O senso de responsabilidade que ela exalava pelos poros era quase esmagador.

Ela fez com que eu me sentisse pequeno. Na imensidão de suas atribuições nos cuidados com o irmão, a imagem que eu devia projetar para ela, era a de um vagabundo irresponsável, boa vida e pegador. Que não queria nada com nada.

E eu era exatamente aquilo. Até conhecê-la. E queria mudar completamente a realidade do que sempre vivi.

Eu estava apaixonado? Sim.

Mas sabe quando você não tem expectativas porque sabe que não tem nada a oferecer a não ser você mesmo e seu coração?

Era assim que estava me sentindo. E agora estava sofrendo e eles nem faziam ideia. Ou seja... além de ter descoberto que podia estar amando Taryn até o âmago, ainda tinha sido terminantemente despachado. Sob as mesmas alegações que conflitavam no meu cérebro. Quão imbecil era

PERIGOSAS NACIONAIS

aquilo? Você descobrir que pode crescer e alguém te tirar o chão na mesma hora?

— Meu Deus, Storm... — Rainbow disse, com um sorriso de orelha a orelha. — Se isso não foi obra do destino, então eu não sei o que mais poderia ser...

Minha irmã tinha um brilho meio medonho naqueles olhos esverdeados dela e até eu estava com um pouco de medo. Parecia o olhar assustador do Jack Nicholson naquele filme O Iluminado, e eita... isso era meio macabro.

— Do que você está falando? — Sunshine se levantou e foi para trás de Rainbow, olhando em seu celular.

Ali parecia ser o alvo da fonte do saber, a razão para aquele sorriso do Coringa, pior do que o de Jared Leto na nova versão – a que enfeitou as telas do cinema em Esquadrão Suicida –, estar ainda pipocando em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Thomas olhou para mim, para o celular e de volta para mim. Sua sobrancelha se ergueu rapidamente e ele disse:

— Você está fodido, mano.

Uma frase tão simples e tão poética. Para não dizer ao contrário.

Quando eu estava quase me levantando, Mike, sempre tão calmo, também resolveu averiguar os fatos por si só. Abraçou Sunny por trás, – porque aqueles idiotas não podiam manter a decência e compostura e ficar longe, e sempre faziam questão de se grudar às minhas irmãs como peças de lego? Idiotas –, e olhou por cima do ombro de toda a corja.

Até meu pai chegou para o lado para ver. Somente minha mãe estava ao meu lado. Não por muito tempo, já que a chaleira do chá apitou naquele instante, afastando-a dali.

— Cara, vocês estão parecendo um bando de patetas, olhando para esse celular da Rainbow

PERIGOSAS NACIONAIS

como se fosse um oráculo de merda... — falei.

— Storm, você não vai acreditar... — Sunny começou.

— Espera — Rain interrompeu. — Eu faço questão de relatar a descoberta...

— Tá. Mas fala logo, porque ele está começando a ficar meio roxo. Ele fica assim quando começa a ficar puto de curiosidade. — Sunny gargalhou. *Filha da puta.*

— Desculpa, mãe — pedi à minha mãe, mesmo de costas.

— Pelo quê, meu filho?

Nada... era melhor não falar que havia xingado sua índole mentalmente...

— Torm... vocês estavam destinados a ficar juntos. Não pode ser coincidência só... tem que ser uma coisa de destino. Algo muito maior. Orquestrado para que tivesse que acontecer mesmo — Rainbow falava com emoção. — Os nomes de vocês representam isso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mano... minha irmã devia ter cheirado o orégano que estava na massa do macarrão. Só pode.

— Você é Thunder Storm.

Nossa... que óbvia, Sherlock. Segurei a resposta tosca e sarcástica na ponta da língua.

— Ela se chama Taryn...

— Tempest — Sunshine acrescentou. — Não se esqueça do sobrenome dela.

— Taryn Tempest — Rainbow corrigiu com a voz sonhadora.

Credo. Minha irmã era meio aterradora quando começava as viagens *nerds* dela. Porque aquilo ali só podia ser isso: uma viagem *nerd*.

— Caramba, Rain... o que isso tem a ver? É o nome dela. E daí?

— E daí, Storm, que Taryn Tempest significa “Tempestade de Trovão”, em galês! — Rainbow gritou. Se minha mãe tivesse copos de cristal, tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza que alguns tinham conquistado rachaduras naquele momento.

O quê?

— O quê? — repeti a pergunta que tinha feito mentalmente, mas dessa vez em um tom de voz meio surreal.

— Sim! Os nomes de vocês têm o mesmo significado! Olha quão louco é isso, Torm! Isso é único! É mágico! É... é...

— Doido — falei.

— Não... é predestinado.

— Fala o resto — Sunny disse.

— Tem mais dessa doidera? — perguntei receoso. Se Rainbow dissesse que naquele celular dela, estava enxergando meus filhos e vendo meu futuro eu ia dar um grito histérico ali na cozinha e estaria pouco me lixando se me achassem um maricas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em Israel, Vadden significa “Brilho do Sol”, ou seja, tem o mesmo significado que o nome de Sunshine — Rainbow finalizou a sentença e se levantou do colo de Thomas.

Ela veio em minha direção, e eu parecia estar em choque, porque, vamos combinar, era muita coincidência, certo?

Rainbow segurou meu rosto entre suas mãos e disse, olhando no fundo dos meus olhos:

— O que você está sentindo dentro do seu coração é apenas reflexo de um encontro de almas que estava mais do que escrito para acontecer, Storm. Você nasceu para formar com essa Taryn, uma tempestade linda de sentimentos. A mesma tempestade que você deve estar sentindo aí dentro, mas não consegue compreender. O sentimento que está fazendo seu coração bater como um trovão, exatamente como o seu nome e o dela evocam, porque um está chamando o outro... Vocês foram destinados a se encontrar e ficar juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Quando terminou de dizer aquilo, Rainbow deu um beijo na minha testa e se afastou. Minha mãe colocou a mão no meu ombro e encerrou a noite, dizendo:

— Eu sempre soube que dentro dos meus filhos ardia toda uma *vibe* energizante e cósmica. Meus bebês podem não entender a energia *hippie*, mas quando eles amam, amam com força... e conseguem expressar em palavras o que eu e seu pai sentimos. Que orgulho! — mamãe disse e revirei os olhos.

Aquilo arrancou risadas de todo mundo na cozinha, mas fez com que uma resolução se formasse no meu peito.

Eu iria atrás do que era meu.

Se Deus havia escrito nas estrelas que Taryn Tempest era pra ser minha, e que juntos formaríamos um casal que devastaria qualquer história de romance careta da face da Terra... então ninguém conseguiria me segurar. Porque quando eu

PERIGOSAS NACIONAIS

decidia alguma coisa, decidia com a mesma intensidade que uma trovoadas fazendo um prenúncio de uma puta tempestade.

Eu mostraria a Taryn que combinamos muito bem juntos. Eu a amava. Queria estar ao seu lado. Segurá-la nos momentos de tormenta. Ser seu ombro para os momentos de angústia. Queria comemorar quando Vadden melhorasse, porque eu totalmente acreditava naquilo.

Eu provaria a Taryn que se o que ela estava sentindo era medo de um futuro incerto, medo de algo mais tempestuoso do que o que nossos nomes evocavam... então ela não devia temer a tempestade... porque nós éramos a *tempestade*.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20



Voltei a Princeton na segunda-feira, disposto a caçar Taryn Tempest onde ela estivesse. O que me levou imediatamente ao hospital. Ali ela não poderia fugir de mim.

Logo depois da descoberta estonteante na cozinha da nossa casa, em Westwood, Sunshine esperou que o momento esfriasse para me jogar uma bomba no colo. Como ela temia que eu perdesse as estribeiras, permitiu que Rainbow explanasse toda a teoria da conspiração do Universo que me unia a Taryn.

PERIGOSAS ACHERON

Quando Sunny me falou que na sexta-feira, durante os ensaios para o jogo, o bochicho entre as cheerleaders era que eu estava separado de Taryn, e por qual razão, vi estrelas. Não do jeito fofo e Disney de ver. Vi estrelas cadentes pavorosas caindo pelo céu escuro e destroçando tudo o que encontrava à vista.

“— Storm? — Sunshine sentou ao meu lado na cama do meu antigo quarto, colocando a mão sobre meu joelho. — Você já respirou fundo?”

— Se eu deixar de respirar, eu morro, Sunny. Minha intenção não é essa no momento.

— Você e Taryn tiveram uma briga? Você terminou com ela?

Evitei seu olhar astuto, mas afirmei com a cabeça.

— Ela terminou comigo, não o contrário. Usou umas desculpas esfarrapadas que precisam ser revistas por mim, e estou disposto a entrar com argumentos para rebatê-las.

— *Ela não te contou o que aconteceu?*

Virei de supetão para Sunny, olhando-a com mais firmeza.

— *Aconteceu o quê? O que teria para me contar? Espera... o que pode ter acontecido para que ela terminasse comigo? — perguntei desconfiado.*

— *Storm, Cherry enviou para ela algumas fotos de uma festa de fraternidade algum tempo atrás, onde ela estava aos beijos com você. Ela disse, no meio da turma invejosa com que ela anda no time de cheerleaders, que falou e provou para Taryn que você estava com ela também, simultaneamente.*

Meus olhos se arregalaram. Senti o sangue ferver e pulsar de tal maneira que achei que algumas veias e artérias poderiam arrebentar no processo.

— *O quê? Que porra é essa, Sunshine?*

— *Não mate o mensageiro, idiota. Eu estou apenas te contando. Isso foi o que ouvi e acho que*

colocou sua namorada em dúvida se você a havia traído ou não.

— Mas ela não me disse nada!

— Porque prova que ela quis sair pela tangente, sem causar grandes dramas ou deixar transparecer que estava dominada pelo sentimento mais esmagador do mundo: ciúmes. Entende?

— Sim. Eu entendi... mas... ela acha que eu seria capaz disso?

— Eu não vi as fotos, Storm. Você teria que confrontar a Taryn para ver e explicar o que realmente aconteceu. Só sei que meu irmão nunca seria capaz de sacanear uma garota assim...

— Não seria mesmo!

— Então vá provar à sua garota quem você é de verdade, e deixe que eu quebro a cara da vagabunda no próximo treino — disse e ganhou meu abraço. Eu amava minha gêmea.

Minha vontade era confrontar Cherry para saber o porquê de ter feito aquilo, mas eu não tinha mais
PERIGOSAS ACHERON

cabeça para aquilo no momento. Precisava focar em outra coisa.

Eu provaria a Taryn que era digno de confiança. Que podia ser o cara que merecia estar ao seu lado em qualquer circunstância e não deixaria uma merda qualquer abalar o sentimento que crescia no meu peito... não deixaria que o que podia surgir entre nós morresse pelas sombras de dúvidas plantadas por uma puta do mal atolada de inveja que não conseguiu o que queria.”

Entrei no quarto de Vadden, munido com quase seis quilos de revistas em quadrinhos.

— Eita! O que é tudo isso? — perguntou se ajeitando na cama.

— Poxa, não consegue adivinhar? São livros didáticos. Geografia, matemática, biologia, história e... — fingi olhar na sacola — física quântica.

— O quê? — Riu e ergueu a sobrancelha loira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É. Muita geografia, já que há vários países a serem conhecidos. O Vingolf não é um país, mas conta como algo inovador — falei erguendo um dedo —, matemática, porque você sempre pode somar quantos são necessários para solucionarem um problema; biologia, porque vamos combinar: há algo de estranho nas mutações genéticas — ergui a sobrancelha quando vi que ele ainda estava voando. — História, porque são muitos panteões, reinos, universos paralelos e afins... todos misturados. E física quântica... porque alguns poderes são inexplicáveis.

Um sorriso megawatts surgiu no rosto de Vadden naquele momento.

— São HQs?

— Uma porrada.

Ele bateu palmas.

— Ei, pare de excitação ou vai arrancar o acesso do soro, seu mané — ralhei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entreguei a sacola e Vadden espalhou as revistas de vários universos de super-heróis na cama.

— Caracas! Tem um monte de edições de colecionador aqui!

— Eu sei... sou um colecionador muito fodão — disse me gabando.

— São suas? — perguntou assombrado.

— Eram. Agora são suas.

— O quê?

— Estou te dando de herança.

— Herança não é quando a pessoa morre? — questionou com a sobrancelha arqueada.

— Poxa, Vad... não estrague meu esquema aqui, mano. Vamos manter nossa herança num patamar onde eu continuo bem vivo, okay?

— Tá bom!

Passaram-se alguns minutos até que perguntei:

— Onde está sua irmã?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela vem depois do almoço. Hoje é dia de “transfi” — falou, mas sem tirar os olhos da revista que lia. — Ei, Storm... vocês brigaram?

Agora sim ele me olhava atentamente. Tão pequeno e já esperto.

— Mais ou menos, por quê? — investiguei. Queria saber se Taryn tinha falado alguma coisa.

— Ouvi Taryn falando pra tia Blythe que achava que você não voltaria mais aqui porque vocês não eram mais... amigos — disse.

Cheguei perto de sua cama e segurei sua mão.

— Ei, mano. Não há conflito que vá fazer com que eu me afaste de você, tá? Mas o que aconteceu comigo e sua irmã, vai ser resolvido. Assim que eu puder encontrá-la — eu disse e pisquei.

— Tá bom. — Ele sorriu imediatamente.

— Show. Vou ficar aqui de tocaia.

— Tá. Mas você não tem aula? — perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho. Mas estou matando porque tenho coisa mais importante para resolver agora.

Vadden apenas acenou com a cabeça e sorriu. Peguei uma revistinha do Homem-Aranha e comecei a ler em sua companhia.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Desde o dia em que “terminei” tudo com Storm, ele tinha simplesmente sumido. Não o vi no *campus* e muito menos no hospital. Ele desapareceu. Vi apenas a irmã gêmea dele, mas não tive coragem de perguntar absolutamente nada.

Também não achava que eu tinha direito.

Cherry, a vaca pérfida, me olhava com um sorriso vitorioso e uma cara cínica. Minha vontade era a de pegar meu livro mais grosso de biologia e dar na cara dela. Mas me contive. Claro.

Falei para tia Blythe que achava que Storm não voltaria mais por ali, quando ela me questionou por onde ele andava. Eu imaginava que Vadden fosse sentir falta dele, como eu sentia, mas eventualmente nos recuperaríamos.

Passei o sábado me sentindo miserável. Afogada em um pote de sorvete de chocolate. Tudo o que eu queria era esquecer que não tinha mais a

PERIGOSAS ACHERON

companhia constante de Thunder Storm. Não tinha mais a alegria dele ao meu redor. Estava sentindo uma vontade tão grande de me entregar ao choro que tia Blythe mandou que eu ficasse em casa. Então passei o final de semana deitada, entre sessões intermináveis de Netflix e sorvete. Intermitentemente eu me entregava ao pranto.

Até que no domingo resolvi me atormentar um pouco mais e fui olhar as fotos outra vez. Ainda não tinha entendido porque não tinha deletado aquela merda do meu celular.

Lembrei-me das palavras de Storm.

“— É isso o que pensa de mim, Taryn? Que sou volúvel a tal ponto que não sei reconhecer que minha namorada não pode estar 24/7 ao meu lado, e precisaria recorrer e buscar outra garota nas horas vagas?”

Sendo a aluna aplicada de Ciências Biológicas que eu era, resolvi olhar as fotos com mais atenção

para entender. E minuciosamente fui me atentando aos detalhes.

Storm parecia estar se afastando dos lábios da garota. Ele não parecia estar participando ativamente. A cabeça estava inclinada para trás, não para frente, como se estivesse completamente entregue e desfrutando do beijo de maneira ardente.

Quando nos beijávamos, uma das coisas que Storm mais fazia questão era de manter uma das mãos no rosto, ou na minha nuca, para que tivesse certeza de que o beijo estaria angulado da forma correta.

Tudo bem que as mãos dele estavam um pouco ocupadas com a bunda da garota, mas o corpo de Storm estava inclinado para trás, então, era como se talvez ele tivesse sido pego de surpresa?

Meu Deus... eu não sei se era eu querendo justificar o injustificável ato de uma traição... ou... cara... se aquilo fosse verdade, naquele dia, em específico, nós nem estávamos juntos, oficialmente,

mesmo. Havíamos trocado apenas um beijo no dia anterior.

E as palavras de Storm caíram como uma pedra no meu estômago. Porque olhando as roupas que ele usava, lembrei-me claramente que eram as que ele estava no dia em que ficou comigo no hospital. Tanto que eu mesma havia apontado para o fato de que ele estava vestido para “sair”. Então ele tinha realmente vindo de uma festa.

E se ele tivesse ficado com a garota, ele teria que estar completamente afogado em perfume feminino, não é? E não me recordo de ter sentido nada...

Ah, minha nossa... o que fiz?

Será que eu havia sido injusta ao terminar com Storm, por conta de uma culpa que ele não devia carregar? Será que eu havia caído de patinho na armação de Cherry?

Decidi naquele domingo que o procuraria assim que reunisse a coragem para pedir desculpas por tê-

lo julgado sem dar chance de explicação.

E foi o que tentei fazer na segunda-feira. Mas ele não foi ao treino, o que descobri quando perguntei ao amigo que sempre via ao seu redor, Spike.

Também não apareceu nas duas aulas que tinha.

Pensei em procurá-lo no apartamento que dividia com os namorados das irmãs, mas não tinha tanta coragem.

Olhei para o meu celular e mordi os lábios, pensando se devia mandar uma mensagem.

Naquele momento eu entrava no hospital para ficar com Vadden, que faria a transfusão do dia.

Estava olhando para baixo e não me atentei para nada à minha frente, até que trombei com uma parede de músculos.

Ergui os olhos assustada e deparei com o sorriso de lado de Thunder Storm.

CAPÍTULO 21



— **Então... os melhores vídeos do** youtube são esses que mostram as pessoas que estão mexendo no celular e não olham pra frente, já viu? Elas caem em fontes, lagos, buracos na rua... é hilário — eu disse e apreciei os olhos lindos de Taryn.

— Ahn... é mesmo. Já assisti a alguns. Ainda bem que no corredor do hospital não tem um lago... ou algo assim — ela respondeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas você poderia ter caído de cara numa bandeja de gelatina de algum pobre doente que ficaria sem sua refeição — eu zombei. — Ou ter caído de bunda em uma injeção dolorida. Ter aterrissado no colo de algum paciente tarado que ficaria muito feliz com o seu descuido...

Ela riu. E meu coração pareceu ficar mais leve.

— Que bom que você foi o único em quem esbarrei, não é?

— Porque estou aqui para salvar os pobres e oprimidos — brinquei.

— Obrigada. Storm... — começou.

— Taryn... — falei ao mesmo tempo.

Paramos e começamos a rir.

— Essa cena é sempre hilária no cinema — eu disse.

— É. Na vida real é meio estranha. — Taryn abaixou a cabeça e eu ergui seu rosto com meu dedo. — Eu... eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vadden está sendo preparado para a transfusão. E enquanto ele está lá, nós vamos conversar, okay? Eu trouxe um monte de diversão pra ele passar o tempo — eu disse e pisquei.

Taryn me deu um sorriso tímido e assentiu.

Peguei sua mão e a guiei até o andar onde sabia que Vadden já estava.



Depois de alguns minutos, quando tudo estava ajeitado, Vadden nos dispensou, alegando que queria ter seu jantar sanguinolento em paz e lendo suas revistinhas também sanguinárias.

Perguntei a Taryn se ela queria subir para o quarto de Vadden e ela assentiu.

Chegamos ali e fechei a porta, me recostando imediatamente e cruzando os braços. Eu não sabia por onde começar. Devia já dizer: “oi, te amo pra caralho?” assim, de supetão? Ou ser um pouco mais sutil?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sabia como agir, mas precisava começar de algum lugar. Dizem que é muito melhor arrancar logo o band-aid, do que ficar postergando. Salvo à exceção quando o curativo estava em uma área cheia de pelos... aí o processo poderia ser um pouco mais dolorido que o normal. Percebi que devaneei.

— Taryn, antes de tudo, já quero deixar bem claro uma coisa, e daí nossa conversa pode ter início com um debate acalorado e, quem sabe, um beijo ardente de reconciliação no final — eu disse e vi quando seu rosto adquiriu uma preocupante tonalidade de vermelho. — Eu não fiquei com Cherry. Nem antes nem depois, nem nunca.

Taryn remexia na barra da camiseta como se estivesse mais nervosa do que o assunto requeria.

— Gostaria que me contasse do início, para que eu possa entender com o que estou lidando. — Eu já sabia, mas precisava que ela falasse por conta própria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que você estivesse com outras garotas. Que tivesse algo com a tal Cherry, que estuda na nossa sala.

Bem, bem. Lá estava. A admissão.

— Me mostre porquê acreditou nisso.

Ela simplesmente pegou o celular e abriu a tela, mostrando a imagem que ilustrava aquele momento onde a filha da puta emplacou a versão polvo e se atracou à minha cintura e tentou sugar minha língua.

— Pooorra! — exclamei. — Olhando assim até eu pensaria que estava pegando a vadia.

Taryn tentou guardar o celular, mas segurei sua mão.

— Eu não fiquei com ela — falei de novo. Dessa vez meu tom era mais plácido e resoluto.

— Agora estou percebendo isso — admitiu com tristeza.

— E por que quis acreditar no pior? — insisti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A foto é bem clara, Storm. Não tinha nem o que contestar aqui.

— Taryn, eu nunca fiquei com ela. Nem antes de te conhecer nem nunca — falei num tom ainda calmo.

Okay. Se tivesse ficado, antes de me envolver com ela, era uma coisa. Cada um tinha um passado. Paciência. Mas eu odiava ser acusado de algo que nunca tinha feito. E eu não tinha passado a mão naquela vadia... embora a foto mostrasse que minhas mãos estavam encaixadas na bunda dela. Mas foi meramente uma questão de suporte momentâneo.

— Eu não encostei nessa garota, não da forma como essa imagem tosca quer deixar transparecer. Não cheguei por vontade própria e fiquei no maior amasso. Não dormi ou sequer senti tesão de fazer isso com ela. Vou repetir quantas vezes você quiser ouvir. Eu fui a essa merda de festa na fraternidade, há meses já, mas fui embora logo depois de trinta,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quarenta minutos e saí de lá direto para o hospital. Foi o primeiro dia onde passei a noite com você aqui — falei.

Taryn abaixou o rosto e uma lágrima escorreu, mas não passou pela borda da armação de seus óculos.

— Storm... quero que me desculpe. Pelo que fiz. Por não ter confiado em você. Não na imagem apresentada, mas tão somente nas suas palavras — ela começou dizendo, agora de costas. — Eu... eu passei o final de semana avaliando e... e vi que mesmo que você tenha ficado com ela, o que você disse que não fez, ainda assim, nós não estávamos envolvidos... porque foi realmente naquele dia em que você veio ao hospital e... tínhamos nos beijado somente no dia anterior e nem tínhamos nada... então...

Desencostei-me da porta e cheguei perto dela, virando-a de frente. Coloquei as mãos em seu rosto, fazendo com que ela olhasse para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nunca toquei nela. Isso ficou claro, certo?

— Sim.

— Mesmo que a foto seja altamente... estranha e perturbadora — falei e senti a irritação subir pelas minhas entranhas novamente. — A louca simplesmente pulou no meu colo e eu quase caí pra trás, então o único lugar que consegui... humm... suporte... foi no traseiro dela. Mas quando consegui fazer com que a enguia se desgrudasse de mim, sem arrancar meu dente siso no processo, eu a deixei num sofá, para que outras pessoas cuidassem dela, já que estava mais bêbada que um gambá do mato.

Ela começou a rir, mesmo que em seus olhos eu pudesse ver lágrimas não derramadas.

— Eu... agora entendo.

— Não sei quem foi o filho da puta que fotografou, provavelmente alguma amiga, mas... Taryn... eu juro... eu não fiquei com ninguém... e nem quero. Eu só quero você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acredito em você, Storm. Me desculpa.

— Faltou que eu a deixasse segura dos meus sentimentos — eu disse e continuei segurando seu rosto. Dessa vez colhi uma lágrima com meu polegar. — Faltou que eu afirmasse pra você que não somente quero passar o tempo contigo, como o que tenho sentido é muito mais profundo do que já senti antes por qualquer garota.

Ela me olhava, na expectativa.

— Eu te amo, Taryn. Estou completamente apaixonado por você. Não sei mais precisamente quando começou... talvez desde quando você tenha virado um macaco-aranha nas minhas costas... — Ela riu e escondeu o rosto no meu peito. Ergui novamente para que me olhasse nos olhos. — Não sei se foi no momento em que a tive nos braços, apenas dormindo, pela primeira vez, naquele mesmo sofá... — Apontei com meu queixo. — Mas só sei que te amo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beije sua testa, depois retirei os óculos embaçados e beije cada um de seus olhos de onde uma lágrima deslizava ainda com teimosia. A ponta de seu nariz. Suas bochechas rosadas. A ponta do queixo delicado. Até que depositei um beijo suave em sua boca.

— Storm...

— Humm?

— Eu te amo.

Olhei para ela. Não esperava ouvir as palavras, honestamente. Talvez fosse bobo da minha parte, mas eu achava que o sentimento era só meu. Sabia que ela gostava de mim. Porém, saber que ela também podia sentir aquela torrente de sentimentos aterradores era fenomenal. Compartilhar as mesmas sensações.

— Sério?

— Sério.

— Quão sério?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tanto quanto um trovão ressoa logo após um relâmpago cair.

— Uau. Isso é bem intenso.

Ela assentiu com reverência.

— E escolheu o momento em que percebeu que me ama? — perguntei brincando. — Talvez quando tenha sentado ao meu lado na sala de aula e eu tenha revelado meu nome superenigmático? Ou quando eu tenha esbarrado em você na biblioteca?

Ela começou a rir baixinho.

— Não escolhi. E também não faço ideia. Mas uma coisa é certeza... tudo começou no momento em que você resolveu que meu irmão valia a pena para que perdesse um pouquinho do seu tempo para fazer companhia a ele.

— Vadden é meu brother, você sabe disso, não é?

— Sei.

PERIGOSAS ACHERON

— E agora podemos despreocupá-lo de que houve um rompimento entre nós... — falei.

— Me desculpa por ter sido tão imatura...

— Por ser um ano mais velha, eu esperava um pouco mais de você, senhorita Tempest — ralhei e levei um tapa. — O que foi?

— Você precisa afirmar que sou mais velha?

— Foi você mesma que usou esse argumento ridículo pra me despachar, Taryn, mas você poderia ser cinco, dez, vinte anos mais velha que eu... e ainda assim tenho certeza que te amaria. Sabe por quê? — perguntei e a abracei firmemente contra meu corpo.

— Não. Por quê?

— Porque sua essência e seu coração foram aquilo que me conquistaram inicialmente. Você, Taryn Tempest. A pessoa que é. Depois esses olhos doces, por trás das lentes e da mania fofa de empurrar os óculos — só naquele momento ela percebeu que eu havia retirado os referidos —, os PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos com o tom mais intrigante que já divisei... nunca sei se são castanhos, mel, dourados... mogno? Porra...

Taryn começou a rir novamente e me abraçou com mais ênfase. Colocou o rosto na curva do meu pescoço, erguendo-se nas pontas dos pés e deixou um beijo carinhoso bem ali.

— Daí... depois veio seu corpo. Muito fantástico. Cheio de curvas onde eu posso pegar.

Podia sentir que ela estava com vergonha porque ouvi o gemido resignado contra meu pescoço e comecei a rir.

— E suas mãos... nossa. Como eu gosto das suas mãos...

— Minhas mãos?

— Sim.

— Por quê?

— Quando elas fazem aqueles sanduíches gostosos pra mim... mulher... Você já me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conquistaria pelos sanduíches — falei e levei um beliscão. — Aaaai.

— Seu bobo.

— Não sei porque as pessoas insistem em me tachar de bobo sendo que eu sou esperto.

— É?

— Sim. Peguei a garota mais inteligente de Princeton... mais gata, gostosa e que faz um sanduíche fabuloso.

— Ai, Storm. Você só pensa em comer? — perguntou.

Bom, aquela era uma pergunta bem impertinente, não é mesmo?

Ergui uma sobrancelha para ela e apenas lhe dediquei o melhor sorriso sacana que poderia dar.

— É melhor que eu não emita minha verdadeira opinião nessa resposta, querida.

Taryn lançou os braços em meu pescoço, beijou minha boca e disse contra meus lábios:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo, Storm. Thunder Storm.

— Eu também te amo, Taryn. Taryn Tempest.

Saímos dali decididos e resolvidos no assunto que nos levara a abrir nossos sentimentos. Na verdade, foi aquele pequeno desentendimento que fez com que analisássemos o que realmente sentíamos um pelo outro, ao invés de seguirmos como se estivéssemos em uma constante inércia.

Voltamos para acompanhar a transfusão de Vadden e lhe fizemos companhia em mais um momento em que tínhamos que assistir impassíveis sua agrura.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Depois que saímos do hospital, voltamos para minha casa, quando tia Blythe chegou para trocar de lugar comigo e ficar com Vadden.

O momento de fazer as pazes com Storm havia chegado e eu podia dizer que estava ansiosa.

Mal entramos na minha casa quando ele fechou a porta com um pé e me puxou para os seus braços, fazendo com que eu o enlaçasse pela cintura com as pernas.

— Vamos substituir a imagem péssima que você teve com aquelas fotos mentirosas e dar algo para que se recorde pra sempre — disse e me beijou com sofreguidão.

Ah, Storm sabia se fazer tão verdadeiro em suas palavras quanto em suas ações.

Não precisou de muita coisa depois dali. Provavelmente me lembraria por muito tempo da

PERIGOSAS NACIONAIS

forma como ele havia me depositado na cama como se eu fosse um bem precioso.

Ou na maneira como seus olhos percorriam cada pedaço do meu corpo, com seus dedos deslizando suavemente, mesmo por cima dos tecidos, apenas tocando e confirmando que eu estava ali, à sua frente.

Eu retribuía o favor, passando meus dedos como se fossem um pincel delicado por toda a sua pele. Pelas linhas de seu rosto, desde o formato perfeito do nariz, às sobrancelhas, passando pelas linhas fortes da mandíbula.

Passei as mãos pelas costas, puxando o tecido da camiseta, sabendo que ele espelhava os meus movimentos. Ou eu espelhava os dele. Eu não sabia dizer. Sei que funcionávamos em sincronia. Como se estivéssemos em um balé e a coreografia fosse sutil e delicada.

Não havia um arroubo febril. Apenas a suave adoração de uma redescoberta. Não um do corpo do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro, porque já nos conhecíamos, mas do toque associado com a descoberta de que junto havia um sentimento de amor tão profundo nos unindo.

Nem percebi quando as roupas sumiram por completo. Não me dei conta de quando as peles se tocaram sem barreira alguma. Não me atentei para o calor que tomava meu corpo quando Storm mostrou com o seu que o desejo maior de seu coração era me dar prazer e levar ao êxtase.

E foi aquilo o que aconteceu.

Magia. Pura e simplesmente. Através do toque. Através de beijos trocados. Palavras sussurradas. Juras de amor.

Storm não deixava de afirmar com seu corpo o que suas palavras exprimiam: aquilo que levava em seu coração.

E eu podia senti-lo na minha alma.

Podia um amor ser tão intenso assim? Como se fosse o encontro de almas?

Eu acreditava que sim.

PERIGOSAS ACHERON

Somente muito tempo depois, quando eu estava deitada recostada em seu peito, e nós dois apenas olhávamos para o teto, já que o sono não vinha de forma alguma, Storm falou:

— Sabia que nossos nomes significam absolutamente a mesma coisa?

Ergui a cabeça para olhá-lo diretamente nos olhos.

— O quê? Como assim?

— Somos como uma equação louca de matemática, só que associada ao significado dos nossos nomes... Thunder Storm está para Taryn Tempest, assim como Taryn Tempest está para Thunder Storm.

Me ergui no cotovelo, olhando-o diretamente.

— Você está dizendo que Taryn significa “Trovão”, como Thunder?

— Exatamente isso o que estou dizendo. Assim como o meu Storm, fabuloso, por sinal, e o seu Tempest, muito óbvio... são a... Tempestade. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso sempre que estamos juntos, o tempo fecha — falou e começou a rir. — Nós dois somos como duas tormentas juntas.

— Que louco, isso.

— Também achei. Mas achei muito bacana. E isso só mostra que... se somos uma equação... isso leva à matemática. Que é uma ciência exata. Logo... nós somos exatamente o que devemos ser. E estamos exatamente onde devemos estar — disse aquilo e beijou minha testa.

— Você é muito bom com as palavras.

— Yeap. As pessoas só têm a mania de não enxergar a minha genialidade, boneca. Mas eu sempre afirmei isso. Eu sou muito fantástico.

Dormi ao som dos meus risos associados aos de Storm.

E eu estava feliz novamente. Depois de alguns dias de pura tristeza por ter achado que tinha perdido aquele que estava trazendo uma parcela de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

luz e alegria à minha vida e do meu irmão, agora eu podia sentir que estava bem.

O amor é engraçado. Faz você funcionar como se fosse uma engenhoca intrincada. Se ele está ausente, é como se o mecanismo estivesse enferrujado, e quase apto a parar. Quando ele estava de volta, você simplesmente parecia voltar a pleno vigor.

E era assim que eu me sentia.

Porque ao lado de Storm eu conseguia sentir uma coisa que não vibrava em meu peito há muito tempo: esperança.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 22



Os dias se passaram e levávamos de forma branda. Vadden tinha momentos bons e momentos ruins. Estava sendo perturbador chegar ao hospital e não vê-lo em sua usual alegria.

Mesmo os preparativos do casamento de Rainbow não conseguiam me colocar no eixo para que a ajudasse da forma correta. Porque eu só pensava que o tempo ia passando como a merda de um relógio... fazendo um *tic tac* medonho. Correndo contra o tempo... e nada de um doador

PERIGOSAS NACIONAIS

aparecer para que Vadden pudesse ter parte de sua infância resgatada e seu futuro resguardado.

Os dias de treinos tinham ficado mais brandos, já que Princeton não havia chegado às semifinais, mas nos empenharíamos para o próximo ano.

Graças à paciência de Taryn, em me forçar a dedicar horas de estudo na biblioteca (porque se estivéssemos na casa dela, não estudaríamos de jeito nenhum... a não ser que fosse anatomia), minhas notas estavam garantidas para o semestre, então eu estava bem.

Até que um dia as coisas mudaram de figura. Estávamos na fila do refeitório da universidade quando Taryn teve que se sentar repentinamente. Olhei para seu rosto e uma palidez mortal tinha tomado conta de toda a sua pele.

— Taryn? O que houve? — perguntei me agachando à sua frente.

— Ahn...? Nada... nada — respondeu brandamente.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei ao redor para ver se ela tinha visto algo que a havia perturbado, como, por exemplo, Cherry Coke, a vadia.

— O que você sentiu?

— Nada... só uma fraqueza nas pernas.

Esperamos que ela se recuperasse, mas pedi que ficasse sentada enquanto eu pegava seu lanche. Eu tinha notado que ela não estava comendo bem ultimamente.

— Taryn, você tem que se alimentar. Você tomou o café da manhã hoje? Quando eu não fico contigo, você sempre esquece, não é?

— Tomei só um suco. Mas estou bem, Storm. Foi só um mal-estar.

Eu não estava muito convencido, mas como ela comeu a refeição e recuperou um pouco da cor no rosto, deixei passar a preocupação e acabei apagando o momento quando saímos dali.

Estava com meu braço aterrissado possessivamente sobre seus ombros quando

PERIGOSAS ACHERON

deparamos com o ser que não podia ser nominado. Era falar ou pensar na criatura e ela surgia, tal qual Voldemort, para assombrar os piores pesadelos de Hogwarts.

Foda-se. Tentei desviar, mas ela marchou em nossa direção. Taryn estava com a cabeça baixa e ainda não tinha percebido a aproximação da vadia.

— Então sua garota curte trios? — perguntou com um sorriso de escárnio.

— O quê? — A garota estava completamente louca para fazer um questionamento daquele nível no meio do *campus*. — Você está com a mente deteriorada, Cherry? É isso?

— Estou perguntando porque, mesmo vendo a prova mais do que evidente de que eu e você temos algo, ainda assim, ela insiste em se enfiar entre nós. Então... é uma pergunta pertinente.

— Não, sua louca. É uma pergunta estúpida se você algum dia imaginou algo assim na sua mente deturpada, fora o fato de que está completamente

PERIGOSAS NACIONAIS

equivocada se acha que eu e você temos algo. Nunca tivemos, nunca teremos. Acompanhou a conjugação do verbo?

Eu estava puto. Sério. Odiava destratar as mulheres. Eu era um cavalheiro na maior parte do tempo. Só irritava com muito prazer minhas irmãs, mas isso era função dos irmãos, certo?

Que família anormal seria esta que não teria um irmão pentelhando a vida da irmã? A minha podia ser meio louca, com toda a *vibe* hiponga dos meus pais, podia ter um perfil diferente ao que muita gente conhece, mas ainda assim, podíamos dizer que eu e minhas adoradas irmãs tínhamos um relacionamento muito saudável.

E aquilo incluía eu dar uns “passa-fora” vez ou outra nas criaturas. Ainda mais quando resolviam interferir na minha rotina sagrada de malhação quando morávamos todos juntos.

Mas eis que surgia uma garota tão perturbada que me fazia rever o conceito de “tratar as mulheres

PERIGOSAS ACHERON

como flores delicadas”, sempre, não importam as circunstâncias. Minha vontade era pegar a menina e jogar numa piscina de lama... Talvez assim ela finalmente acordasse para as sujeiradas que tinha tentado aprontar comigo e Taryn.

— Storm, vamos... deixa isso pra lá — Taryn disse, chamando minha atenção ao puxar minha blusa.

— Veja se sai do nosso pé, Cherry. Sério. Está ficando chato.

Deixamos a maníaca para trás e fomos em direção à minha moto. Como tínhamos ido separados para a faculdade hoje, seguiríamos caminhos diferentes. Mas fiz questão de estacionar minha *Indian* ao lado do carro de Taryn.

Quando chegamos ao seu carro, a abracei e impensei seu corpo na lateral do veículo, fazendo com que ela olhasse atentamente para mim.

— Não se esqueça de simplesmente deletar qualquer ideia errônea que aquela vespa tenha

PERIGOSAS NACIONAIS

tentado implantar na sua mente — falei com seriedade.

Taryn riu e entrecerrou os olhos.

— Então você não tem uma coisa por tríos, né?

Abaixei a cabeça para esconder a risada que queria disparar da minha boca. Quando eu pensava que ela iria perguntar outra coisa, Taryn me surpreendia ao falar algo completamente distinto.

— Pelo amor de Deus, não. De jeito nenhum. Está aí uma tara que não tenho, boneca. Pode ficar despreocupada — falei e segurei seu rosto entre minhas mãos. — Tem certeza que está melhor?

— Sim. Vá sossegado — ela disse, me dispensando.

— Eu vou ao treino, mas depois te encontro no hospital, beleza?

— Beleza.

Beijei sua boca e esqueci por um momento que estávamos no *campus*. Droga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Storm?

— Humm?

— Eu te amo. Agora vá antes que se atrase e a culpa seja minha — alertou.

— Eu também te amo, boneca.

Nós nos despedimos e segui para o treino que exploraria meu corpo como se eu estivesse em um campo de concentração.



— Ei, Mike — chamei enquanto abotoava a camisa —, está sabendo por onde anda o mala?

— Por mala você quer dizer o Thomas? — perguntou sem erguer a cabeça dos livros que lia com tanto afínco.

— Esse mesmo. Só conheço dois malas nessa vida. Mala 1 e Mala 2. Ambos pegam minhas irmãs. Logo, recebem a alcunha de malas.

Mike deu um sorriso de lado e manteve a concentração nos estudos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele foi para Westwood. Ia resolver uma porrada de coisas com a Rainbow — informou.

Ah. É mesmo. O casamento. Droga. Eles estavam empenhados naquilo. O apartamento que alugaram ficava a dois quarteirões de onde morávamos e Rainbow havia conseguido fechar com a universidade que frequentava próximo de Westwood, para que fizesse as aulas à distância.

Thomas estava insistindo que ela tentasse migrar o curso para Princeton, mas Rain ainda não tinha decidido nada. Só o que decidiram era que, aos vinte anos, os dois deviam se casar. Fan-tás-ti-co.

Tipo... fantasticamente louco, isso sim. Mas o amor fazia daquelas coisas, não é?

— Thow foi buscar mais algumas tranqueiras da sua irmã. Pra quem era minimalista, ela pode ser bastante acumuladora, hein? — Mike brincou.

— Cara, isso porque você não faz ideia da Sunshine. Se está achando que Rain acumula tralhas... espere até ver as da Sunny.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo atraiu a atenção de Mike imediatamente.

— Sêrio?

— Hum-hum. O porão tem tipo assim: duas caixas minhas. Três da Rainbow... e cento e quarenta da Sunny. De cada cidade onde morávamos, ela conseguia levar pequenas miudezas que faziam com que a próxima viagem ficasse mais difícil.

— Porra... isso é meio assustador, mano. Eu estava pensando em...

Parei o que estava fazendo imediatamente, e o encarei com os olhos cerrados em fendas. Naquele tipo de olhar assassino. Se eu achava que o que ele ia falar era o que estava passando na minha mente...

— Pensando em?

— Nada...

— Vamos, cara. Coragem... Você é um homem ou um rato? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

— Storm, há uma certa lenda urbana sobre suas ameaças aterradoras com objetos culinários. Logo atrás de você tem uma gaveta de facas... então, não. Prezo pela minha vida, cara.

— Você é um rato. É isso. Ah, espera... já sei o que está se passando nessa sua mente deturpada — falei e cruzei os braços.

Ele recostou-se à cadeira e me devolveu o olhar com a sobrancelha arqueada.

— Sabe mesmo?

— Você está pensando seriamente em pedir à Sunny, em um convite singelo e gentil... algo bem cavalheiresco, para que assuma o quarto de Thomas, agora que o dele vai vagar aqui. Assim... uma oferta como quem não quer nada. — Mike abriu a boca em choque. — Acertei, não foi?

— Ahn...

— E ainda consegui deixar você meio sem fala. Cara, quando eu digo que sou estupendamente magnífico e inteligente, não estou brincando —

PERIGOSAS NACIONAIS

caçoei. — Mas olha... vou dizer uma coisa que em meu juízo normal eu não diria.

— E o que é?

— Se Sunshine estiver à vontade com o que você propor, por mim, tudo bem.

— Sério? — perguntou com uma cara de ceticismo total. — Você está consumindo drogas?

— Por quê? — Comecei a rir.

— O Storm louco que conheço não falaria isso assim, tão facilmente e com essa calma.

— Bom, digamos que agora entendo a necessidade de vocês em... humm... como direi? Estarem próximos às mulheres amadas — eu disse aquilo e pisquei, saindo dali e deixando-o meio chocado.

Peguei minha jaqueta de couro no gancho ao lado da porta e voltei para minha moto. Eu tinha um destino certo. Rastrear Taryn Tempest.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

TARYN

O dia estava exaustivo. Completamente normal, mas ainda assim, atípico, já que o mal-estar que senti mais cedo, no refeitório, ainda me acompanhava. Cheguei a sentir a mesma tontura duas vezes e bem lá no fundo, uma preocupação começou a tomar forma. Eu, no entanto, não queria dar vida aos meus medos mais secretos.

— Taryn? — tia Blythe chamou do canto. — O que você tem, querida?

Virei a cabeça para ela rapidamente, percebendo que me encarava com atenção.

— O quê? Nada, tia. Por quê?

— Hoje você está meio apática. Sei que o temperamento de Vadden coopera para que fiquemos assim, mais cabisbaixos, quando ele não está irradiante, mas sinto que há algo errado — ela disse.

E era verdade. Nas duas suposições. O fato de Vadden estar um tanto quanto abatido hoje acabava deixando o ambiente menos iluminado. E, sim... o mal-estar que eu sentia estava me deixando pensativa além da conta.

— Eu... não é nada, tia... apenas... — Quando eu ia começar a falar algo mais, Storm entrou pela porta do quarto.

— Ah, que droga. Achei que o encontraria acordado — falou olhando para onde meu irmão dormia placidamente. — E aí, tudo bem?

Ele chegou até onde eu estava e me deu um beijo delicado na cabeça, bem como um na bochecha de tia Blythe.

— E você, Blythe? Como está?

— Ótima, querido. Estou apanhando com estas palavras cruzadas, mas nada que o Google não possa me ajudar a resolver — tia Blythe disse e piscou para ele.

— Está trapaceando, tia? — perguntei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não...

Estávamos rindo quando a Dra. Andy entrou no quarto.

— Olá, família. Como estamos hoje? — perguntou brandamente.

— Todos bem, doutora. Porém um pouco preocupados com a debilidade de Vadden nos últimos dias — admiti.

— É sobre isso o que vim falar — ela informou. — Vejam bem, estamos intensificando nossos esforços para que ele receba o melhor tratamento e temos esperança de que um doador apareça. Os imunossupressores estão sendo mais efetivos na resposta de produção dos glóbulos, mas vocês perceberam que isso o deixa mais caidinho, não é? Hoje, por apenas um instante, chegamos a achar que havíamos encontrado um compatível.

Aquela informação foi tão surpreendente que me fez levantar rapidamente do sofá. O que acabou por ser meu erro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — perguntei, mas vi tudo borrado à frente. — Oh, droga.

— Taryn? — Storm estava ao meu lado no mesmo instante. — Porra, Taryn! Você sentiu aquela fraqueza outra vez?

Eu não seria louca de falar para ele que aquele era o quarto episódio do dia.

— O que houve, Taryn? — a doutora Andy questionou com a fisionomia cheia de preocupação.

— Não sei.

— Eu sabia! Você está me escondendo alguma coisa. Não estava no seu normal o dia todo! — tia Blythe exclamou e eu podia dizer que estava brava.

— O que está sentindo, meu bem? — a doutora Andy já me examinava, enfiando aquele estetoscópio rosa no meu peito.

— Eu tive alguns episódios de tontura súbita hoje... algumas vezes — assumi e olhei para Storm.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Algumas vezes? Tipo... como em mais do que essa segunda?

— É. Depois daquela hora do refeitório, tive o mal-estar súbito mais duas vezes.

— Caramba, Taryn! Por que não me ligou? — Storm perguntou exaltado.

— É, Taryn! Por que não ligou pra ele ou pra mim? — tia Blythe completou o cerco.

— Meu Deus, gente... foi apenas uma tontura...

— Uma tontura que pode ser nada ou pode ser algo, Taryn. Meu Deus... você não se lembra de como tudo começou com Vadden? — tia Blythe disse e se sentou ao meu lado, colocando a mão no meu rosto. — Pelo amor de Deus, não dá pra descuidar da saúde, não com o histórico do seu irmão. Doutora, essa doença de Vad... ela poderia se manifestar... assim? — Pronto. Tia Blythe tinha dado voz aos meus medos.

Olhei para Storm, que agora estava com os olhos arregalados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O-o quê? O que isso significa? — ele perguntou.

A doutora Andy colocou a mão no meu ombro.

— Calma agora e vamos respirar fundo. Em primeiro lugar, embora a Anemia Aplástica possa ser congênita, ter todo um fator genético relacionado, ela também é uma doença que pode ser adquirida, por uma série de outros fatores. Então, vamos com calma e nada de surtar nesse instante, okay?

Apenas sacudi a cabeça, vendo que Storm estava roendo uma unha. Senti vontade de rir, porque normalmente quem fazia aquilo eram as mulheres, certo? Mas ele estava com a cara em pânico.

— Vou pedir a alguma enfermeira que venha colher seu sangue aqui, tudo bem? E dentro de alguns minutos saberemos como estão funcionando suas plaquetas, glóbulos e toda essa cambada de células sanguíneas que devem ter uma taxa muito boa como parâmetro.

PERIGOSAS ACHERON

— Tá.

Storm pegou minha mão e olhou profundamente nos meus olhos, quando disse:

— Vai dar tudo certo. Não vai ser nada, você vai ver.

Eu só não sabia se ele estava falando aquilo para mim ou para ele próprio.

CAPÍTULO 23



A enfermeira colheu o sangue de

Taryn e eu precisava tirar o chapéu para a minha garota. Ela era forte e corajosa. Nem soltou um pio. Nenhum gemidinho de angústia quando a agulha penetrou sua pele para sugar seu sangue.

A espera era angustiante, mesmo que a doutora tenha nos dado aquela sensação de segurança e conforto com suas palavras, de que não deveríamos nos preocupar e tal. Mas... cara. O cenário que minha mente pintou foi totalmente borrado e manchado com as ideias de uma Taryn doente e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acamada, precisando de transfusão ou um transplante medular.

E vou dizer... se com Vadden já estava sendo aterrador ter que lidar com a evolução, eu pensava agora na possibilidade de Taryn enfrentar aquele tormento.

A tia dela andava de um lado ao outro do quarto, e em um momento, cheguei a temer que um buraco fosse aberto no chão no trajeto que ela fazia questão de manter.

Vadden continuava alheio a tudo, completamente apagado em seu sono de beleza. As olheiras e a palidez de sua pele eram os únicos indicativos de que não era apenas mais um garoto da sua idade dormindo na hora certa, depois de assistir à TV e relutar em ir para a cama. Olhando de longe, ele parecia saudável. Quando você chegava perto, podia ver os sinais de que estava exaurido por aquela doença que o debilitava a cada dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tia Blythe... pare. Você está me deixando tonta — Taryn disse do sofá.

— Estou nervosa. Nunca fico nervosa. Sou a pessoa mais calma do mundo. Praticamente tenho camomila correndo pelas minhas veias. Não entendo porque estou assim. Oh, meu Deus. Queria um ansiolítico. Espera. Um sonífero seria ótimo, mas aí eu dormiria e só acordaria amanhã, daí só ficaria sabendo o que está errado com minha sobrinha depois...

Ela falava praticamente sozinha. Porque Taryn estava concentrada em um ponto da porta. Olhava tão fixamente que cheguei a me inclinar para frente para olhar também.

— O que há ali? O segredo do Universo? — sussurrei.

— O quê? — Ela voltou a cabeça para mim, esquecendo o olhar aterrorantemente fixo que mantinha naquele exato lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare de encarar a porta como se ela contivesse um segredo oculto ou a resposta para todas as suas perguntas. Estou com medo de quando a porta abrir repentinamente, você ter um troço — brinquei. Peguei suas mãos e massageei, tentando lhe dar calor.

— Estou nervosa.

— Estou vendo. Mas isso não vai adiantar de nada.

— Já se passaram quantas horas? — perguntou.

Comecei a rir.

— Seu relógio é meio louco, porque não se passou nem uma hora, boneca.

— Por que demora tanto assim pra olhar naqueles microscópios gigantes que mostram absolutamente tudo o que há de podre dentro de nós?

— Sei lá... talvez porque a pessoa que esteja olhando no microscópio gigante tenha se deparado com glóbulos lindos acenando e dizendo:
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“eeeeiiii... estamos aqui, querida! E somos muitos, pode relaxar porque está tendo uma rave nessas veias e artérias”...

Taryn começou a rir e escondeu o rosto com as mãos, para se controlar.

— Seu bobo.

— Mas consegui fazer você rir e parar de encarar a porta.

— É. Bem que podia conseguir que tia Blythe parasse de zanzar pelo quarto.

— Aí está longe da minha alçada.

Quando terminei de dizer aquilo, a porta se abriu. A doutora Andy entrou com um rosto sério, mas não tão medonhamente sinistro, daqueles que já diziam com um único olhar que viria merda dali.

Taryn tentou se levantar, mas a *doc* acenou para que ela se mantivesse sentada. Entrelacei meus dedos aos dela. Precisava de um pouco de conforto também.

PERIGOSAS ACHERON

— Pelo amor de Deus, doutora... — tia Blythe disse, já com lágrimas nos olhos. — Estou a ponto de ter um mal-estar aqui, então, acabe logo com nosso tormento e diga que está tudo bem. Que o mal-estar de Taryn foi apenas porque ela é teimosa e não comeu direito... Não sei se vou aguentar passar por um diagnóstico tenso uma segunda vez.

— Pois bem, em primeiro lugar, já podemos descartar todo o qualquer grilo com uma suspeita de Taryn estar com um quadro de Anemia Aplástica. Tirando uma pequena baixa nas hemoglobinas, que poderiam estar melhores, nem podemos categorizar aqui uma anemia significativa. Vou culpar o estresse para que o resultado tenha sido o que se apresentou.

Exalei o ar com força, ficando aliviado imediatamente.

— Mas...

Porra... quando achava que tudo estava indo bem para um caminho onde meus pulmões pudessem

funcionar normalmente, a doutora quebrava o esquema.

— Mas? — Taryn perguntou.

— É de praxe que façamos a solicitação de outros exames concomitantemente quando colhemos o sangue e quando um sintoma precisa ser descartado. Acrescente aí o fator idade e... vida e ritmo pessoal — a doutora Andy disse, olhando de mim para Taryn.

— E? — tia Blythe insistiu.

— Fizemos um Beta HCG e o exame deu positivo.

Ouvi Taryn suspirar como se estivesse assustada. Meu coração estava tão acelerado com tudo o que acontecia que nem me atentei aos pormenores. Então, fui meio burro.

— O quê? — Taryn perguntou numa espécie de grito esganiçado.

— O quê? — eu remendei sua pergunta, mas sentindo-me um completo idiota, tentando

PERIGOSAS ACHERON

identificar o assombro.

— O quêêêêêê??? — tia Blythe sentou-se de uma vez no sofá e quase nos arremessou longe.

— Você está grávida, querida.

Okay. Sabe aquele som da fita rebobinando? Cena bem anos 80 mesmo, com aquela onomatopeia bem escrota, saca? “Uiiiiinnnnnk”... tipo uma parada arranhando e tal?

Pense nesse som. Minha mente estava exatamente aí. Na verdade, parecia que eu estava dentro de uma bolha agora.

Eu olhava e podia ver a boca da doutora se mexendo, podia sentir os dedos de Taryn esmagando os meus, podia sentir a agitação da tia Blythe ao lado. Mas era incapaz de processar qualquer palavra, ação ou reação.

Olhei da médica para Taryn, dela para a tia, de volta para a doutora Andy. Olhei até mesmo para Vadden, que permanecia chapado na cama. Desci o olhar até onde minha mão encontrava-se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

firmemente atada à de Taryn. Ergui os olhos novamente.

O que a médica tinha dito mesmo?

Sacudi a cabeça, tentando fazer a impressão da água que cobria meus ouvidos sumir. Nada.

— Storm?

Sacudi a cabeça de novo, dessa vez com mais ênfase. Podiam até pensar que eu era um cachorro louco, daqueles que tinham acabado de sair de um banho no lago e se sacolejava todo para retirar o excesso da água.

— Storm? — A pergunta foi repetida novamente, mas nem sei de quem saiu.

— Oi?

— Você está bem? — tia Blythe perguntou.

— Você ouviu o que falei? — a médica questionou.

— Eu ouvi, mas não ouvi. Espera. Eu ouvi. Só estou... meio passado — admiti.

PERIGOSAS ACHERON

Grávida? Taryn estava grávida? Como assim?

Okay... eu sabia como deveria ter sido gerado. Certeza. Eu estava participando ativamente. Com bastante empenho, diga-se de passagem. E muita empolgação também. Mas jurava que estávamos nos prevenindo. Não especificamente contra uma gravidez, porque o uso do preservativo não era só pra isso, né? Era um lance de segurança para o casal e tal, contra todo tipo de doenças e afins.

Meu cérebro tentava rebobinar mais ainda, tentando raciocinar se em algum momento tínhamos esquecido, por conta dos arroubos apaixonados e tals.

— Taryn está grávida. Entendi. Não vou perguntar como — falei. — Eu estava lá.

A doutora sorriu brandamente e tia Blythe apenas me olhou.

Sem que eu esperasse, Taryn, minha garota, simplesmente começou a chorar convulsivamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Soltou minha mão e cobriu o rosto, tentando abafar o som, para não acordar Vadden.

— Meu Deus! — ela disse em pura tormenta. — E agora?

— E agora o quê? — perguntei sem entender.

— O que vamos fazer, Storm? — Olhou para mim, desesperada. — Olha onde estamos!

— No hospital? — zoei.

— Storm! Não é hora de brincadeira! Meu Deus... — Seus soluços estavam me matando. — Nós-nós temos 20 anos, mentira, você tem 19... estamos na faculdade ainda... ne-nem emprego a gente tem! E-e... Vadden passando por tudo isso! É muito pra mim...

Taryn chorava copiosamente, sem dar chance para que eu articulasse um argumento decente contra suas palavras.

A doutora e tia Blythe se afastaram para um canto do quarto, nos deixando a sós.

PERIGOSAS ACHERON

— Taryn...

— Não, Storm. O-olha o que fizemos! Uma bagunça das nossas vidas. O que vamos fazer? Como posso estar grávida?

— Primeiro, calma lá. Ainda bem que você reconhece que fizemos juntos. Então, estamos juntos nessa. Segundo, por que tem que ser uma bagunça? Terceiro... você está perguntando como, *como*? Sério? Porque eu tenho uma imagem bem gráfica da forma de como pudemos ter produzido um bebê...

Taryn não cessava o choro por nada nesse mundo. Eu mantinha um braço às suas costas, tentando lhe dar conforto, mostrar que estava ali. Podia ter ficado chocado inicialmente. Cara, quem não ficaria?

Mas agora? Era indescritível o que eu sentia.

Ouvi a doutora conversando com tia Blythe sobre uma parada louca de doação de células-tronco, possibilidade de o bebê ser o doador...

Meu cérebro deu um estalo naquele exato momento. Eu me ajoelhei à frente de Taryn, no chão mesmo, pouco me ligando para o fato de ser um hospital e aquilo não ser muito higiênico, segurei seu rosto e o ergui para que me olhasse diretamente nos olhos.

Eu precisava que ela entendesse que minhas palavras eram o que de mais profundo eu tinha para extrair do meu coração. Da minha alma.

Senti a primeira lágrima deslizando pelo meu olho e achei estranho, porque... mano... homens não choram, não é? Mas foda-se... eu estava chorando. Não no mesmo ritmo e intensidade de Taryn e nem mesmo com a mesma motivação ou dúvidas.

Eu tinha visto outra coisa, que ela ainda não havia enxergado.

A possibilidade.

— Taryn, meu amorzinho... olhe pra mim. Vamos lá, abra esses olhos e olhe pra mim. — Assim ela fez e enxuguei a torrente de lágrimas que

PERIGOSAS NACIONAIS

descia sem rumo, como uma cascata, pelo seu rosto. — Você está vendo um problema. Está enxergando algo torto e feio, mas não está olhando por outro lado.

— Que lado, Storm? Nós temos 20 anos! Como vamos cuidar de um bebê?

— Taryn, você está vendo o agora, o susto, o depois, o futuro, que a Deus pertence, diga-se de passagem. Está sofrendo por antecipação por algo que podemos contornar. Na vida tudo tem jeito. A única coisa que não podemos consertar é a morte. Só ela é imbatível. Para todas as outras, podemos arranjar saídas — falei e senti minha voz embargar. — Você vê o problema. Eu vejo o milagre.

— Como assim?

— Você não percebe? Ao invés de nos lamentarmos, devíamos parar pra ver se isso não foi um milagre enviado por Deus. Uma resposta às suas súplicas...

PERIGOSAS ACHERON

Taryn me olhava atentamente, mas ainda seguia com o pranto desesperado.

— Que milagre, Storm?

— Além do fato de uma vida dentro da sua barriga ser um milagre tremendo, há o principal — falei com um sorriso. Uma lágrima salgada deslizou para dentro da minha boca naquele instante. — Não achando um doador, nós temos o bebê como possível doador para Vadden...

Aquela minha frase fez com que Taryn parasse o que ia falar e arregalasse os olhos, assustada.

— O quê?

— Escuta... é você que é a entendida da biologia e essas paradas todas, mas pensa: olha os estudos sobre o assunto. Esse pode ser o milagre que Vadden precisa. Então... eu te amo. Você me ama. Nós vamos dar um jeito de cuidar desse bebê como o bem mais precioso já visto nesse Planeta, porque ele vai poder devolver a vida saudável de Vad. Eu não tenho a mínima dúvida de que era pra ser.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava escrito desde o início. Somos uma equação perfeita. Uma ciência exata. E o resultado só poderia ser algo grandioso.

Um sorriso singelo surgiu nos lábios úmidos pelas lágrimas de Taryn.

— Storm está para Taryn, assim como Taryn está para Storm — ela disse.

— Sim!

Eu a abracei, chorando. Sentindo seus braços ao redor de mim. Pousei a cabeça em seu ventre e deixei que a onda de sentimentalismo que poderia revogar meu cartão de macho da espécie me sobreviesse.

Não estava nem aí.

Podia sentir que agora o pranto de Taryn não era aquele do desespero aterrador de algo desconhecido e do pânico momentâneo de não saber o que fazer.

Podíamos até estar com as mãos atadas, ser inexperientes para muita coisa, mas sabíamos que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

juntos daríamos conta. Bastava que essa fosse a nossa vontade.

E isso não me faltava.

Eu mostraria a Taryn que havia entregado meu coração a ela de maneira tão irrevogável que, mesmo que ela quisesse, não haveria chance de devolução.

Provaria que eu era digno de ajudá-la a criar essa criança, que seria um pai fantástico e que estaria em todas as etapas do caminho, não importava quão acidentadas elas fossem.

E cresceríamos juntos. O amadurecimento viria em conjunto. Com um bebê associado. Mas eu não seria Thunder Storm se não fizesse daquele um grande acontecimento. Algo que ninguém jamais poderia esquecer.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Estava ainda acordada, olhando para o teto do meu quarto, sem poder acreditar nas notícias que havia recebido.

Senti a mão de Storm se agitar no meu cabelo e sorri, mesmo no escuro, tocada ainda com tudo o que ele havia me dito no quarto de hospital.

Depois do meu breve surto de pânico com o desconhecido, depois que Storm me mostrou que devíamos enxergar aquela gravidez sob uma nova ótica, meu coração se acalmou. A doutora Andy veio conversar conosco, explicando todas as particularidades e pormenores do esquema de doação através das células-tronco. Das chances de sucesso, fracasso. Tudo. O resultado era que estávamos muito mais empolgados com a perspectiva de que Vadden poderia estar visualizando uma luz no fim do túnel.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá dormir, mulher — Storm resmungou sonolento.

— Já vou.

— Você falou isso há duas horas.

— Mas não consigo desligar o cérebro.

— Eu poderia te aplicar uma injeção... — ele disse e senti o riso em sua voz.

Revirei os olhos, sabendo que com ele sempre haveria alguma gracinha.

— Você já não fez isso? — perguntei com ironia.

— Quando chegamos... foi uma dose de calmante. Um chá “sossega-leão”. Você estava muito agitada... abalada... tudo “ada”.

Comecei a rir e me virei em seus braços, olhando para sua fisionomia na penumbra do quarto.

— O que vamos fazer, Storm?

— Vamos dar um passo de cada vez. Você ouviu a doutora Andy. Primeiro, marcar uma consulta com uma médica obstétrica. Começar o pré-natal,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

averiguar essas paradas todas. Depois, vamos organizar nossa vida. Eita porra! — Storm deu um grito que me fez pular. — Desculpa... foi mal. Vou ter que te apresentar à minha família, apresentar o pequeno amendoim.

— Pequeno amendoim?

— É. O bebê aí dentro deve estar do tamanho de um amendoim ainda, não é? — perguntou.

— Provavelmente...

— Então... onde eu estava?

— No grito “eita, porra.” Onde você percebeu que tenho que conhecer sua família...

— Isso. Nesse meio-tempo, vou ver um emprego, vamos ajeitar tudo — completou.

— Nós não precisamos nos casar por causa disso, Storm — falei rapidamente.

Ele se virou tão rápido na cama que por um instante achei que ia voar do colchão, mas quando dei por mim, estava abaixo do corpo forte de

PERIGOSAS ACHERON

Thunder Storm e mesmo no quarto escuro, podia contemplar seu semblante fechado.

— Eu lá sou desses que deixa a minha responsabilidade de lado, Taryn?

— Só estou dizendo que podemos resolver tudo, mas não há a necessidade de nos casarmos por conta disso.

— Meu filho vai nascer com meu nome.

— Não é isso o que estou falando, Storm — tentei explicar.

— Meu filho vai crescer em uma família estruturada com os pais juntos, se depender de mim. Eu cresci assim. Quero proporcionar isso a ele — murmurou.

— Também não foi nesse sentido que falei.

— Minha mulher vai ter orgulho de poder dizer que está casada com o cara mais espetacular que já pôs os olhos. Uma tempestade de trovão ambulante — ele disse —, porque não sei se você se deu conta, mas a tradução exata do meu nome é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobrenome conjugado quer dizer isso... então... minha mulher vai caminhar junto comigo... vamos criar nosso pequeno relâmpago e...

— Pequeno relâmpago? Agora há pouco não era “pequeno amendoim”? — perguntei rindo.

— Eu sou volúvel. Mudo os apelidos bacanas de uma hora pra outra, mas você interrompeu meu discurso. Que droga.

— Só digo que não precis... — Storm cobriu minha boca com a sua.

Deixei que seus beijos me silenciassem naquele momento. Deixei que suas mãos me acariciassem e me dessem a segurança que eu precisava.

— Precisa de um silenciador melhor? — perguntou, já partindo para algo mais efetivo.

— Bom, tenho que admitir que você sabe calar um argumento de maneira bem... contundente — falei e comecei a rir quando seus dedos começaram a me perturbar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E parei quando tudo assumiu um toque mais febril e mudou de figura.

Storm fez com que a tempestade em meu interior se avolumasse e desse lugar à paixão irrefreada que só ele era capaz de me proporcionar.

E dormi como um bebê.

Eu, ele e nosso pequeno relâmpago. Ou pequeno amendoim.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24



Passei uma semana mantendo o segredo de Sunshine, que me atormentou até dizer chega, querendo saber o que eu estava escondendo. Era um saco ser gêmeo. Sério.

A guria parecia ter um radar, um sonar louco que apontava que algo estava escondido sob a superfície plácida que tentei manter.

Talvez possa ter sido o fato de eu ter marcado um almoço na casa dos meus pais, no sábado, informando que estava levando Taryn para

conhecer toda a família. Possivelmente aquela informação circunstancial tenha gerado a fagulha de desconfiança no coração da gêmea pérfida.

Acompanhei Taryn à primeira consulta médica dela, onde detectamos que o bebê devia estar com pouco mais de um mês. Pequeno amendoim. Eu disse.

Bastou que a médica mostrasse o exame de ultrassonografia para que eu mudasse e começasse a chamá-lo de “pequena poeirinha”, porque sério... parecia apenas um pontinho. Nem o formato de um amendoim ele tinha...

Estávamos livres dos jogos da temporada, sendo que agora era apenas protocolo de treino, então minha vida andava mais *light* do que antes. Tanto que consegui descobrir uma alternativa para trabalhar em uma loja de esportes, por meio período, o que já me garantiu o sorriso no rosto.

As provas finais estavam se aproximando, meus trabalhos haviam sido entregues aos professores e

tudo caminhava tranquilamente.

Vadden continuava o tratamento com imunossupressores e aquilo o deixava mais abatido do que o de costume, mas eu fazia questão de sempre estar presente.

Em uma tarde, resolvi fazer uma surpresa a ele, e levei Thomas, Mike e Spike. Saídos do treino, fétidos pra caralho, mas ainda assim equipados em nossos uniformes bacanas, munidos de nossos consoles de Play Station.

Já que eu não podia levá-lo a uma partida no estádio, eu tentaria levar a emoção do estádio até ele. Afinal... o garoto agora era meu cunhado. E tio do meu bebê. Mesmo daquela idade tão jovial. O que lhe rendeu uma zoeira épica.

“— Sério... como eu vou conseguir deixar que um bebê me chame de tio? Eu tenho 9 anos! — falou chocado.

— Mas logo vai ter dez — corriji. — Você é velho. Meu pequeno amendoim vai olhar pra você e

pensar que é um gigante monstruoso com essa cara feia aí...

Ele começou a rir.

— Mas... tio? Tio Vadden?

— Pense que poderia ser pior, Vadden — falei com sabedoria. — Você terá apenas que replicar a fala épica do cinema, alterando a categoria familiar.

— Como assim?

— Ao invés de dizer: “Eu sou seu pai”, você pode apenas dizer: “Eu sou seu tio”... que nem o Darth Vader. Pensa... que maneiro. Tio Darth Vadden.

— Caracas, Storm. Isso foi... isso foi... irado!”.

Entramos no hospital, munidos de nossas vestimentas muito discretas; até o rosto estava pintado, como se estivéssemos realmente indo a um jogo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não preciso dizer que o corredor do andar de Vadden ficou em um silêncio petrificado enquanto passávamos, não é?

As enfermeiras só não desmaiavam porque ficaria feio, uma tendo que atender a outra. Seria um tumulto. Daí... resolveram se controlar. Mas captei com a visão periférica uma ou duas se abanando com as pranchetas dos pacientes.

Bati à porta e entrei.

— Ei, Vad. Posso entrar? — perguntei da porta.

— Desde quando você pergunta? — Foi a resposta engraçadinha.

Entre e fui seguido por Thomas, Mike e Spike.

Vadden arregalou os olhos e um sorriso surgiu em seu rosto quase que imediatamente. Sentou na cama com tanta empolgação que os cachos dourados de sua cabeça voaram numa bagunça louca.

— Eita! O que é isso?

PERIGOSAS ACHERON

— Isso, meu caro colega, é um time que veio pronto para lhe dar uma surra no Madden 2019.

— Tá legal! — ele disse empolgado.

— Esse aqui é o Thomas, quarterback. Esse é o Mike, o receptor. Aqui temos o Spike, que atua na defesa, e eu... que assumo o posto do Thomas, quando ele está com dor de barriga e o outro titular some.

Vadden riu enquanto Thomas revirou os olhos.

Ele apertou a mão pequenina do garoto e disse:

— O sonho dele é ser como eu. Esse mala me persegue desde o ensino médio. Estou pensando seriamente que ele é alguma espécie de *stalker* — meu cunhado disse se abaixando para sussurrar, mas alto o suficiente para o posto de enfermagem inteiro ouvir. Idiota.

— Oi, eu sou o Mike, mas o que o Storm não disse é que somos os cunhados dele — informou.

— Ah, é, Vadden... tá vendo? Você passa pelo mesmo que eu, mas não na mesma proporção — eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse suspirando.

— Como assim? — perguntou inocentemente.

— Esses idiotas namoram as minhas irmãs, igual um cara gostoso que você conhece, namora a sua — respondi.

— Ahnn... não sei nada disso de cara gostoso.

Todos rimos e puxei as cadeiras para que nos ajeitássemos.

— Muito bem, senhores. Escolham suas armas, digo... seus jogadores — falei e ergui a mão dramaticamente, colocando-a sobre a testa. — Você eu já sei, Vad. Sua escolha será o estimado Sr. Brady.

— Ele mesmo.

— Tudo bem, sou o Jimmy Garoppolo, do São Francisco 49ers — Thomas disse já mexendo em seu jogo. — Além do mais, ele é bonitão. Mais que o Brady.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E desde quando isso é um critério de escolha para o jogador? — caçoei.

— Desde que preciso manter firme o estilo. Ser compatível com meu garbo — zombou.

— Idiota — retruquei. — Mike? Você? Vai de receptor?

— Claro, mané. Vou de Antonio Brown, do Pittsburgh Steelers — informou.

— Pô, bro. Então vou na minha posição — Spike falou do outro lado. — Thomas Davis, do Carolina Panthers.

— Eu gosto dele — Vadden informou. Spike cumprimentou o garoto com um soquinho de mãos.

— Bom, já que temos dois quarterbacks gatinhos, que fazem miau, vou pegar um que é pantera... — zoei e levei um tapa de Thomas. — Cam Newton, *ladies and gentlemen*, entrando na sala. Pra dar um paaaaau em vocês todos.

— Que comece o jogo! — Vadden disse empolgado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos jogando *online*, ao vivo, vestidos a caráter. Que garoto teria isso? Provavelmente nenhum. Para ser perfeito, só precisava que aquele jogo fosse em casa, e não em um quarto de hospital.



Nem preciso dizer que Taryn chorou como um bebê assim que abriu a porta de sua casa, não é?

Chorou. De emoção, porque o irmão tinha ficado tão feliz que provavelmentealaria daquele dia para o resto da vida.

Eu fiquei satisfeito por ter tido a chance de proporcionar isso a ele. Por ter amigos tão fantásticos que toparam ir comigo e acabaram sendo conquistados pela doçura daquele garoto de 9 anos.

Obviamente que Thomas, o filho da puta, venceu, seguido de Vadden, eu – em terceiro lugar –, Mike e Spike. Nessa ordem. Então... em nosso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ranking, Jimmy era melhor, mais bonito e estava com tudo. Mas o Brady ainda pegava a Gisele Bundchen, então entramos em um acordo mútuo de cavalheiros, de que Tom... era o Tom. Até que um quarterback tivesse um feito para se igualar – e não, não estávamos falando de quantos anéis de *Superbowl* ele teria que conquistar, e sim de uma esposa à altura da supermodelo –, ficava atestado que Tom era mito.

Taryn soube retribuir com muita presteza o momento de felicidade que proporcionamos a Vadden.

E bem... quem era Gisele? Eu tinha Taryn Tempest. No meu dicionário, o nome dela vinha com a definição de perfeição em forma de mulher.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25



— **Pare de futucar as unhas. Sério...**
isso é meio que desgastante — falei enquanto dirigia o carro de Taryn até Westwood, no sábado do almoço com minha família.

— Estou nervosa.

— Não sei porquê.

— Porque vou conhecer seus pais, Storm! Pela primeira vez! E já vamos chegar contando que estou grávida! O que eles vão pensar de mim? — perguntou irritada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vão pensar nada. Meus pais são muito *relax*, você vai ver – eu disse rindo. Ela veria com os próprios olhos o verdadeiro conceito de “paz e amor”. — Não há motivo pra esse estresse todo. Vai fazer mal para nosso pequeno tico de gente.

Taryn havia parado de me monitorar por conta dos meus apelidos fofos ao nosso bebê. Então, cada dia eu estava mais criativo.

Quando finalmente avistei minha casa, falei rapidamente:

— Está vendo aquela casa ali? Com os mensageiros dos ventos? — Apontei com o dedo.

— Sim.

— Prepare-se para voltar ao tempo.

Taryn franziu o cenho, sem entender.

Observei que o carro de Thomas já estava ali, logo, Rainbow também. Só não visualizei o Jeep de Mike.

— Vamos, boneca. Sem medo.

PERIGOSAS ACHERON

Descemos do carro e peguei sua mão para guiá-la até a entrada de casa.

Abri sem tocar, porque... aloooo... ali ainda era minha casa, não é? Ou eu teria que mudar aquele conceito?

— Mãe, pai? — gritei da entrada.

— Stooooorm! — mamãe gritou da cozinha, vindo descalça e arrastando sua saia florida enorme. Os cabelos estavam trançados e caídos ao lado do rosto e uma coroa de flores adornava o topo de sua cabeça.

Uau. Minha mãe estava vestida para matar. Quero dizer, aquela era a concepção dela de estar vestida para um evento de “gala”, por assim dizer.

— Ei, mama — disse e a beijei no rosto, abraçando-a e quase colocando seu corpo *mignon* embaixo das minhas axilas.

— Pare, Storm! — ela disse. — Consigo sentir o cheiro do seu desodorante poluente da natureza e isso me deixa aborrecida!

PERIGOSAS NACIONAIS

Comecei a rir. Olhei para Taryn e vi que ela estava olhando abismada para minha progenitora.

— Mama, essa é Taryn. Taryn, essa é minha mãe — apresentei.

Mamãe pegou as mãos de Taryn nas dela e a olhou atentamente.

— Uma Trovoada para meu Trovão. O cosmos não poderia ter sido mais eloquente do que isso — disse e sorriu. — Olá, querida. Eu me chamo Louise, mas todos me chamam de Lou.

Meu pai veio naquele momento. Ele estava mais normal. Uma calça jeans, a camisa do The Eagles, os cabelos compridos – por acaso mencionei que meu pai tem cabelos bem anos 70? – presos em um rabo de cavalo.

— Torm...

— Taryn, esse é meu pai.

— Sim, meu marido, Herb — mamãe disse sorridente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito prazer em conhecê-los — ela disse timidamente.

Coloquei o braço sobre seus ombros, dando-lhe segurança.

— Estamos muito felizes que estão aqui. Venham, venham! Arrumamos a mesa do quintal para este almoço glorioso. Sunshine já está quase chegando — mamãe disse.

Entramos pela casa e saímos pela cozinha, pela porta dos fundos, para o quintal, adornado por incensos acesos, plantas loucas e a música fantástica que eu e minhas irmãs crescemos ouvindo. Taryn fez um som rápido de engasgo ao meu lado e quando vi, estava cobrindo o nariz.

Oh-oh... acho que o cheiro dos incensos de mamãe não caiu legal.

— Você está bem? — perguntei preocupado.

— Si-sim — respondeu, mas podia ver que estava se esforçando para disfarçar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rainbow e Thomas estavam sentados à mesa, cochichando, mas nos deram atenção, assim que tomamos o nosso lugar.

— Oi, eu sou a Rainbow — minha irmã se apresentou. — Talvez você já conheça o Thomas...

— De ouvir falar. Inclusive, pelo meu irmão. Por falar nisso, muito obrigada por ter dado aquele momento a ele — Taryn agradeceu.

— Foi um prazer. E também ter feito parte da sua campanha de doadores e tendo podido fazer mais do que imaginei, quando doei para um paciente em Montana — Thomas disse.

Okay. Eu estava com um pouco de inveja saudável do meu cunhado. Eu queria ter sido o super-herói da história e ter salvado a pátria. Bem, não no sentido literal, mas tendo sido mais efetivo na campanha que acabou me levando a conhecer o grande amor da minha vida. Seria épico. Uma história para contar para os netos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Helloooo, pessoal, desculpem o atraso! A culpa foi totalmente do Mike — Sunny gritou da porta que dava para o quintal.

Mike apenas sacudiu a cabeça. Já devia estar acostumado, coitado.

Quando ela se sentou à nossa frente, seu olhar caiu diretamente em Taryn.

— Olá, Taryn Tempest — ela disse com um sorriso perspicaz no rosto.

— Oi... Sunshine, não é? — Taryn disse timidamente.

— A única. É um prazer conhecê-la finalmente... meu irmão estava te mantendo escondida por alguma razão?

Estava bebendo água naquele momento e me engasguei, tossindo e cuspiendo tudo na mesa.

— Pooorra, Sunny! Quase dei um banho na Rainbow.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teria sido uma vingança. Eu ficaria chateada com você, pensando que não tinha esquecido aquele episódio na cozinha há tanto tempo... — Rain disse com sarcasmo.

— Oi, eu sou o Mike — meu cunhado se apresentou.

— O outro jogador do Ultimate Team, né? — Taryn confirmou.

— Eu mesmo. Mas seu irmão nos deu uma surra.

— Opa. Ele ficou em segundo lugar. Eu venci a partida. De forma justa — Thomas se manifestou.

Era isso. Homens quando estavam relacionados aos seus jogos de videogame não levavam a coisa brandamente. Mesmo para uma criança de 9 anos.

— Queridos, queridos... deem espaço que vamos servir — mamãe disse, seguida do meu pai.

Os pratos foram sendo colocados à mesa e juro para vocês... até eu fui ficando verde. Eu via brotos, caules, folhas e mais folhas. Nunca tinha visto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tantas leguminosas juntas na minha vida. Tuuuuudo orgânico.

Meu Jesus amado. Lentilhas! Mamãe tinha feito lentilhas espalhadas no meio de aspargos. E abóbora. O que era aquilo no meio? Ah, tá. Um peixe assado. Adornado de flores. Meus pais estavam dando um funeral viking ou algo assim para o peixe? Será que ele tinha entrado no *Valhala*?

Olhei para Taryn e ela estava verde, da cor dos brócolis que agora mamãe colocava com tanto empenho em seu prato.

— Comida saudável para meus queridos. Aposto como vocês têm comido somente porcaria agora que moram longe — ela disse.

Olhei para minhas irmãs. Era o mesmo olhar de pânico. Meus cunhados? Estoicos. Levavam as garfadas à boca e ainda tinham a cara de pau de sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz o mesmo. Meus pais sempre nos deixaram cozinhar o que quiséssemos porque não éramos adeptos da culinária que eles tanto prezavam. Por que mesmo eu havia inventado aquela história de deixar minha mãe fazer um almoço especial?

Ah, tá. Eu tinha algo para contar. Como o fato de ter um bebê no forno.

Eu devia ter levado comida pronta. Lasanha. Sim. Desceria maravilhosamente bem agora.

Não sei se foi a comida ou talvez o misto de tudo, com o incremento do incenso que mamãe havia colocado bem ao lado da mesa, mas, num instante Taryn estava ao meu lado, no outro, ela estava pedindo licença e correndo porta afora para o interior da casa.

Olhei para todos à mesa e fui em seu encalço. Até mesmo para orientar a direção do banheiro.

Dito e feito, a peguei no meio do corredor, sem saber para onde ir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurei seu cotovelo e a levei até o banheiro social, abrindo a porta e fechando em seguida.

— Vá embora — ela disse se agachando à frente do vaso.

O vômito *mode on* começou automaticamente, mas ainda consegui ser ágil e segurar seu cabelo em um rabo de cavalo.

Enquanto ela engasgava e colocava o que havia ingerido de comida verde para fora de seu corpo, tentava falar:

— Vá embora... argh... — falou e vomitou. — Stooooorm — vomitou e falou.

— Não. Continue aí e finja que não estou aqui. Juro que estou olhando pra cima, analisando o padrão da pintura que está descascando no teto.

Aquele tormento continuou por mais alguns minutos até que Taryn se acalmou. Ou seu estômago furioso resolveu dar uma trégua. Sei lá.

— Desculpa, acho que foi o cheiro do incenso... — tentou se justificar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boneca, você não precisa justificar absolutamente nada, okay? Mesmo que tenha sido a comida capim louca da minha mãe que tenha feito você colocar as tripas pra fora, ainda assim, você pode tudo.

Ajudei Taryn a se levantar, ainda segurando seu cabelo, dei descarga, e a levei até a pia. Ela enxaguou a boca, enquanto eu pegava a pasta de dente que ficava no armário inferior.

— Você quer um pouquinho, ou o gosto vai fazê-la vomitar de novo?

— Acho que consigo usar um pouco. Eu nunca tinha passado mal com cheiro ou gosto. Desculpa, Storm. Estou tão envergonhada...

— Meu Deus, Taryn... por quê? Deixa de bobeira. Escuta... meus pais são as pessoas mais gente boa e porras-louca que você vai ter encontrado na sua vida. Então, isso aqui, pra eles, é apenas um episódio de... Stranger Things. Sei lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela começou a rir e limpou a boca com a pasta. Gosto de vômito era simplesmente terrível.

Beijei sua testa e a guiei para fora do banheiro.

Quando saímos da cozinha para o quintal, todos estavam à nossa espera, com diferentes expressões.

Resolvi ir na jugular logo, assim que nos sentamos de volta.

— Pai, mãe... Será que vocês poderiam apagar os incensos? — perguntei.

Minha mãe não entendeu, mas fez prontamente, sabendo que algumas pessoas eram mais sensíveis a cheiros que outras.

Quando voltou, sentou-se com um olhar interrogativo no rosto. Taryn olhava para baixo, torcendo as mãos juntas. Segurei as duas, para fazê-la se acalmar e falei:

— Bom, pessoal... vamos ter um bebê Walker caminhando entre nós daqui a alguns meses. Espera, engatinhando, de início — corriji zoando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pronto. Foi assim.

Tal qual tacar a Bomba de Hiroshima e Nagasaki. Boooooom!

Você sobrevoa ou aciona o botão do míssil e voilà.

Espera-se a declaração da Terceira Guerra Mundial.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26



Poderia ouvir o som dos grilos. Se fosse noite, claro. Talvez, se eu me concentrasse, seria capaz de ouvir o som das formigas caminhando tranquilamente rumo ao formigueiro que eu sabia ficar no final do jardim da mamãe.

O silêncio foi gritante. Se é que um silêncio pode gritar. São duas coisas bem distintas, mas verdadeiras naquela atual conjuntura.

— O quê? Eu acho que não ouvi direito —
Rainbow falou rapidamente de onde estava. —

Você pode repetir?

— Taryn está grávida. De um mês e pouquinho. Yaaay! Vamos ter um bebê Walker — falei e senti as mãos de Taryn tremendo entre as minhas.

— *Cê tá de brincadeira, Storm???* — Sunshine perguntou irritada.

Minha gêmea irritada era meio assustadora.

— Nope. Fomos pegos de surpresa também. Antes que todos vocês perguntem, não... não sabemos como aconteceu, especificamente, falando em termos mais técnicos vinculados ao poder do látex, já que ele participou da nossa maratona o tempo todo, mas, enfim... aconteceu e é um milagre — completei.

Taryn estava mortificada. Tenho certeza que se ela pudesse se enfiar no meio da plantação de batatas dos meus pais, ela faria. Mas eu a mantinha bem segura ali ao meu lado.

— Você sempre encheu nosso saco por conta disso, de sermos irresponsáveis e coisa e tal, e aí,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem vai lá e faz a merda toda? — Sunshine continuava falando furiosa. — Quem pagou a língua agora?

— Sunny, eu vou dar o benefício da dúvida de que você talvez esteja alterada com uma TPM súbita, ou o tofu que desceu errado pela goela, mas vou só avisar uma coisa... — falei puto agora — Não volte a se referir como “merda” outra vez a situação, porque eu não a considero como tal, entendeu?

Ela arregalou os olhos, assombrada ante a minha defesa. Eu não deixaria ninguém colocar o peso da culpa sobre meus ombros ou, principalmente, sobre os de Taryn, porque uma coisa posso dizer: se aconteceu é porque era para acontecer. Como eu tinha dito antes, nós nos prevenimos em todo o momento. Então, algo aconteceu. E esse algo só podia ter uma explicação: estava escrito.

— Meu filho, ninguém aqui vai falar assim outra vez, entendeu, Sunshine? — minha mãe interferiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora nos diga... estão preparados para isso?

— Mãe, posso não estar agora, nesse exato momento, mas vou me preparar para receber meu bebê de braços abertos. Então vou me virar para conseguir fazer isso. Eu e Taryn.

— Eu só quis dizer que... você só tem 19 anos, Storm — Sunny disse com os olhos marejados. — E... tem um futuro pela frente e... querendo ou não, um bebê exige responsabilidades e... você...

— Vou conquistar essa responsabilidade, nem que seja a tapa — afirmei categoricamente. — Se vocês não sabem, eu encarei como um milagre, porque através do bebê que Taryn está esperando, vamos dar uma chance de sobrevivência ao Vadden, já que a médica falou de usar as células-tronco para obter o necessário a ele. É a chance de cura para o Vad. É por isso que vi como algo que estava realmente predestinado a acontecer. Eu amo a Taryn, amo o irmão dela, Vadden, e amo esse bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então... estou comunicando a vocês, como família. Ou aceitam numa boa... ou... sei lá.

— Ei, rapaz. Calma lá. Não há alternativa aqui de “sei lá” — meu pai falou. — Nós todos vamos aceitar e receber com muito afeto e alegria. E vamos fazer de tudo para que as coisas se encaminhem de uma maneira mais fácil pra vocês, porque... se uma coisa que eu e sua mãe pudemos ver, nos últimos tempos é que, não estivemos tão presentes como deveríamos ter estado ao lado de vocês. Então... sim... nosso netinho Walker vai ser muito bem recebido. Vocês terão todo o suporte possível.

— Isso mesmo, filho.

Rainbow se levantou de onde estava. Até então, ela havia se mantido calada. Sem dizer uma palavra, ela chegou ao meu lado, pegou minha cabeça de forma nem tão gentil assim e ergueu até que eu olhasse para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me enche de orgulho, Torm. Você é daquele tipo de pessoa que muita gente só vê a embalagem, o exterior, mas quase não para e foca no que leva no interior. Sua camada de zoeira, gaiatices, pirraças e encheção de saco não poderiam encobrir a pessoa maravilhosa que você é, e sabe...

— Ela passou a mão no meu cabelo. — Você é lindo. Puro, na expressão da palavra. E sua Taryn aí? — disse olhando para ela. — Não poderia ter escolhido melhor. Ela tirou a sorte grande, porque você é o prêmio da loteria que qualquer menina merecia receber... depois do meu Thomas, claro...

Revirei os olhos... ela estava indo tão bem. Estava até ficando emocionado. Aí teve que estragar o discurso no final, colocando o noivo à frente da minha magnificência.

— O que quero dizer é que o fato de você enxergar em algo que poderia ter trazido desespero a qualquer jovem da sua idade, como um milagre, porque está pensando na vida de outra pessoa, além

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de você mesmo... isso é lindo, Storm. O bebê de vocês já vai nascer rodeado do amor que você exala. Ele vai ser iluminado. E vou te dar todo o meu apoio em tudo o que precisar.

Com aquilo dito, num discurso tão eloquente e significativo, Rainbow me abraçou, fazendo com que eu afundasse o rosto na sua barriga, já que eu ainda estava sentado e ela de pé à minha frente. Abracei o corpo da minha irmã mais velha, emocionado que podia contar com ela para o que desse e viesse. Senti a mão de Taryn às minhas costas, e mesmo sabendo que ela estava nervosa com toda a repercussão, podia perceber que ela via o amor que minha família fazia questão de demonstrar.

Não demorou muito, Sunny veio e afastou Rainbow de um safanão e tomou o lugar dela.

— Me desculpa, Storm. Eu agi errado e falei o que não devia. Nunca poderia pensar em um bebê

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Walker como “merda”. Nunca mesmo. Me desculpa. E sendo seu, vai ser um bebê lindo.

Abracei minha gêmea e deixei que ela alisasse meu cabelo num carinho fugaz. Ia ficar uma bagunça total, mas depois eu ajeitaria a juba.

Meus pais vieram e fizeram Taryn se levantar e a abraçaram, depois me englobaram num abraço grupal. Uma coisa bem *hippie* mesmo.

— Ah... que lindo. Se fosse noite, seria perfeito... porque poderíamos acender uma fogueira e dançar à luz da lua — mamãe falou.

Graças a Deus pelas pequenas coisas. Era dia. O sol estava a pico. Nada de fogueiras. Nem danças ao luar.

— Não tenho certeza se nosso “pequeno ponto e vírgula” ficaria feliz com tanta agitação, mama — falei.

— Pequeno “ponto e vírgula”? — Rainbow perguntou com a sobrancelha arqueada.

— É.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tem mania de dar apelidos diferentes a cada instante — Taryn disse timidamente.

— Mas... por que raios “ponto e vírgula”?

— Um, ele é do tamanho de um pontinho. Dois, a vírgula claramente faz referência à presença de um pequeno pau. Logo, é um menino — falei com orgulho.

— E se for uma menina? — Sunshine perguntou com afronta.

— O quê? Claro que não! Eu não faria uma menina... não seria louco de colocar uma garotinha nesse mundo pervertido.

— Storm! — Taryn gritou ultrajada. — E se for uma menina e ela estiver ouvindo? — sussurrou.

— Cara... você está tão fodido... — Sunshine disse rindo. — Aposto cinquenta dólares como é uma garota. E você, Rain? — perguntou olhando para nossa irmã mais velha.

Ela encarava a barriga ainda chapada de Taryn, quando respondeu:

PERIGOSAS ACHERON

— Menina. Certeza.

— Thomas? — Sunny instigou.

— Aposto menino — se manifestou unicamente naquele momento.

— Mike?

— Menina.

— Por que esse complô? — questionei com suspeita.

— Porque, Storm... se o universo for justo, você vai pagar a língua duas vezes. Enchia tanto o nosso saco com a castidade, perturbando todas as vezes que eu e Rainbow vomitávamos por conta de alguma virose, e acabou que você foi o que “vomitou” a notícia bomba do “mamãe, estou grávido”. — Revirei os olhos ante a óbvia imagem desconcertante da minha barriga tanquinho esticada em um ventre abaulado. — E segundo... você sempre foi tão ciumento com nós duas, quando arrumamos nossos namorados, que nada seria mais justo nesse mundo do que imaginar você se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descabelando ao imaginar sua filha saindo na noite de formatura...

A imagem que Sunshine pintou foi tão assustadora que tive que me sentar rapidamente, porque perdi a força nas pernas. Acho até que o sangue se esvaiu do meu corpo e foi embora para o além. Senti uns tapinhas no meu rosto.

— Storm... Storm...

— Hum?

— Você está bem, filho? — mamãe perguntou.

— Não, mama. Existem berçários-conventos?

Não sei por que raios minha pergunta pertinente fez com que todos caíssem na risada.

Palhaçada. Eles não faziam ideia de que agora eu cultivaria uma obsessão louca pela segurança e preservação do estado de pureza da minha possível “pequena abobrinha”.

Deus me ajude.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 27



Quatro meses. Taryn agora estava no

tempo exato em que poderíamos descobrir o sexo do nosso bebê Walker. Eu estava roendo as unhas enquanto aguardávamos no consultório da médica que faria o exame.

— Você tem certeza de que vai querer saber? — ela perguntou.

Olhei para o rosto adorável da minha garota e sorri. Que espécie de pergunta era aquela? Eu já estava há mais de dois meses, desde a descoberta

da gravidez — e desde aquele bolão de apostas no almoço da casa dos meus pais —, sem dormir direito. Em polvorosa total. O pânico e perspectiva de ser o pai de uma menininha estavam me tirando o sono. Sério.

— É óbvio que sim.

— Mas não é muito mais legal a surpresa? — Taryn sorriu de maneira fofa.

— É, né? Para os outros. Pra mim, não. Eu não sou fã de surpresas. Então, se já tiver que me preparar de agora, prefiro me adiantar. Ainda dá tempo de entrar em alguma modalidade de artes marciais — falei com sabedoria.

— O que tem a ver artes marciais com descobrir o sexo do nosso bebê, Storm? — ela perguntou, rindo.

— Boneca, pense em graduação. Faixas. FAIXAS. Dá tempo de conquistar uma faixa que imponha medo em algum pretendente... Cheguei a olhar se podia adquirir uma faixa preta pela

internet, mas é ilegal. Então... vou ter que me matricular mesmo e passar pelas etapas.

— Storm! — Taryn se dobrou de rir na cadeira. Acabamos atraindo a atenção de outras gestantes em várias formas fofas que estavam ali. — Ela, supondo que seja uma “ela”, nem nasceu, e você já pensa em pretendentes?

— Nunca se sabe, Taryn. Um amiguinho do jardim de infância, de maneira sorrateira, pode querer compartilhar o lanchinho com ela. Isso é apenas uma forma vil de se aproximar do meu bebê. Aquela palhaçada de trocar brinquedos e um tentar tirar a chupeta do outro? Puuufft... tentativa óbvia de ganhar um beijinho da minha boneca miniatura. Até ela atingir 30 anos, idade em que poderá namorar, dá tempo de conquistar uma faixa preta em caratê, judô, taekwondo... jiu-jitsu. Artes Mistas.

Taryn enxugou os olhos. Estava rindo tanto que chorou. Deve ter sido de emoção, possivelmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em ver o meu empenho para proteger e resguardar a virtude de nossa possível “filha”.

— Você não existe...

— Existo, sim. Estou bem aqui, do seu lado. —
Pisquei e dei-lhe um beijo na testa.

Alguns minutos se passaram até que senti o coração na boca outra vez.

— Taryn Tempest? — a atendente chamou da porta.

Nós nos levantamos e segurei a mão de Taryn, mas estava mais atemorizado do que ela.

Nos últimos exames eu a acompanhava, analisava a forma de amendoim no monitor e conferia se estava tudo bem. Esperava ver o “ponto e vírgula”, como o bilauzinho do amendoim saltando à vida, mas nada. Nem sinal...

Agora era a hora derradeira.

A doutora Marina Owl nos atendeu e sorriu como em todas as vezes. Eu devolvi de forma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

educada, com meu sorriso gentil e compenetrado.

— Então, Taryn... como estamos hoje? — perguntou e deu um tapinha no ombro da minha garota.

— Bem, doutora. Nada mais de enjoos — ela respondeu.

Bom, aquele lance de nada mais de vômitos intempestivos era realmente muito bacana de ter encerrado na vida de Taryn. Não foram muitos, mas quando aconteceram, sempre foram em momentos bastante peculiares. Como no dia em que estávamos tranquilamente assistindo a uma temporada de Stranger Things e, sem querer, liberei um gás poluente... daqueles que saem do nosso corpo em momentos impróprios. Bom... esse saiu. Culpa da vitamina carregada de Whey que eu tinha tomado naquela manhã.

E foi isso. Bastou um simples peido para que Taryn corresse da sala, com a mão na boca, prestes a colocar o útero para fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui esperto o suficiente para esperar um pouco antes de ir até ela em nossa rotina, onde eu segurava seu cabelo enquanto ela conversava com o vaso sanitário, porque vamos combinar... muitas vezes o gás ficava enclausurado na bermuda e tendia a seguir atrás de nós, certo?

Taryn contou para Vadden, que contou para Thomas, que contou para Mike. E mitei geral. Porque consegui fazer com que minha garota vomitasse espontaneamente. Foi hilário. Bom, agora. Na época foi tenso e vexaminoso.

— Que ótimo. Lilla vai ajudá-la a vestir a camisola e já preparar para o exame, como temos feito sempre, okay? — informou.

A enfermeira atenciosa, que mais parecia ter duzentos anos de idade encaminhou Taryn até a salinha enquanto fiquei ali aguardando placidamente.

— Storm, pode vir — a mulher chamou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei no banquinho onde sempre me posicionava para acompanhar o exame de ultrassonografia. Estava ficando *expert* naquilo.

A Dra. Marina voltou e sentou-se ao lado, já pegando o gel que besuntaria a barriga de Taryn. Ela ainda nem era tão aparente, mas eu já curtia passar a mão sempre por ali.

— Muito bem, queridos... lá está. O pontinho que cresceu a cada dia nesses últimos meses. E deixou de ser um pontinho, não é, Storm? — a médica debochou.

— Totalmente, doc. Agora já tem uma forma de bebê alien muito bacana.

Taryn riu do meu comentário e continuou observando a tela.

— Membros perfeitos, cabecinha com diâmetro adequado... — ela falava e digitava as paradas na máquina. — Olha, está chupando o dedo.

— Own... que lindo! — Taryn disse emocionada.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos ouvir os batimentos — ela disse e acionou o som que nos permitia ouvir o ruído que para mim mais parecia o som de uma nave espacial fazendo contato com a Terra. — Ritmo acelerado. O bebê está emocionado porque está tirando *selfie* para os pais orgulhosos.

— Acho que vou chorar — Taryn avisou, mas já chorando. Ela chorava por tudo ultimamente.

— Querem saber o sexo? — a médica perguntou.

— Por favor, doc. Acabe logo com a minha angústia — implorei, sentindo o coração pulsar intensamente. Estava no mesmo ritmo que o do bebê ali no útero da minha garota.

Taryn segurou minha mão e me aproximei mais da maca, depositando um beijo em sua testa.

— Estão vendo aquilo ali? — A médica apontou como se eu pudesse entender algo.

Pelo amor de Deus... como ela podia fazer aquela pergunta tosca? Era óbvio que eu não entendia bulhufas, mas sabia que aquela forma cabeçudinha

PERIGOSAS ACHERON

que se mexia alegremente e que ostentava o dedo na boca era meu bebê. Só isso. O resto era um borrão.

— Aquilo ali é uma vagina.

Oi? Ouvi direito? O que ela disse?

— O quê? — perguntei, registrando que Taryn estava rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Vocês vão ter uma menininha.

O choque durou um segundo e meio. E não me perguntem porque contabilizei o meio logo depois, porque não saberei responder, até mesmo porque Taryn teve que me sacudir.

— Storm? Você está chorando? É de... é de alegria, não é? — ela perguntou insegura.

Meu Deus... eu nem havia registrado que estava despejando lágrimas dos meus ductos lacrimais. Teria que rever essa merda com algum médico, sei lá. E mais... teria que me estapear se dei a impressão em algum momento de que o fato de ter uma garotinha poderia não me trazer felicidade.

PERIGOSAS ACHERON

Menino ou menina, para mim não importava. Era meu bebê.

— É claro que sim, Taryn... minha nossa... só estou pensando... pe-pensando em co-como vou lidar com esse fato — admiti.

— Por quê? — a médica perguntou sem entender nada.

— Ele é o mais ciumento dos homens que você puder imaginar, doutora. Tem ciúme das irmãs até dizer chega. Já está se imaginando como pai de uma menininha — Taryn esclareceu.

— Eita... vou ter que largar o futebol americano e, realmente, *realmente*, me tornar um lutador de MMA, Taryn. Não vai ter jeito — falei com seriedade.

Olhei para Taryn, para a barriga ainda melecada de gel, para o monitor... meu futuro estava ali.

Beijei a boca da minha garota sem me importar com a plateia e simplesmente disse:

— Obrigado, boneca.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Sair do consultório com a fotografia do meu bebê em mãos era emocionante. Todas as vezes era a mesma emoção, mas aquele dia estava sendo muito mais intenso, porque agora sabíamos o sexo. Se dependesse de mim, eu teria mantido a surpresa para a hora do parto, mas acabei cedendo aos apelos desesperados de Storm, e agora estava mais do que feliz. Não me arrependia em hipótese alguma.

Teríamos uma garotinha. Nem precisava dizer que Storm havia acionado o macho alfa interior e se gabava a todo instante que agora tinha duas garotas para cuidar.

Desde que descobrimos a gravidez, ele havia arranjado um trabalho em uma loja de artigos esportivos, mesmo que o dinheiro do seguro de vida dos meus pais ainda pudesse nos manter por muito tempo. Ele fazia questão. A cada dia eu o via

PERIGOSAS NACIONAIS

mais maduro, mesmo que conservasse o jeito moleque que cativava a todas as pessoas que o rodeavam.

Ele era intenso em tudo o que fazia. Em praticar o futebol que amava; nos estudos, que havia acabado tomando gosto; agora, no trabalho. E no cuidado comigo e com Vadden.

E eu o amava a cada dia mais. Com todas as minhas forças.

Era incrível como Storm conseguia me trazer calma quando eu estava à beira de um ataque de nervos por conta da saúde do meu irmão.

Uma das coisas que ele fazia questão de cuidar era da minha alimentação, alegando que eu devia me manter forte para produzir um cordão umbilical impecável, com células-tronco fantásticas para Vadden. Storm chegava a conversar com a barriga, batendo até mesmo um papo com o bebê, perguntando como estavam as estruturas todas lá

PERIGOSAS ACHERON

dentro do útero, se ele estava cuidando de tudo direitinho.

Nunca imaginei que seria tão feliz assim em um momento tão difícil da minha vida. E eu podia ver, realmente, que Deus tomava as providências necessárias para aliviar nosso caminho, muitas vezes colocando anjos à nossa disposição.

O meu e de Vadden se chamava Thunder Storm.

CAPÍTULO 28



Eu odiava ternos. Com muita força.

Sério mesmo. Escapei do baile de formatura do ensino médio, logo, não tive que usar um. Agora, ali estava eu, vestido em um terno de três peças, agradecendo aos céus que pelo menos não era a porcaria de um *smoking*.

Graças a Deus, Rainbow era uma pessoa mais comedida e tinha aliviado nos detalhes de seu casamento com Thomas.

Pois bem, os pombinhos estavam prestes a efetivar a união e eu estava abafado dentro de uma roupa quente, lutando contra a minha gravata.

— Cara, você que deveria me ajudar a arrumar a minha gravata, mas vejo que eu que vou ter que fazer isso por você, né? — Thomas disse afastando minhas mãos de um safanão e dando o laço intrincado na maldita peça de seda.

— Por que vocês não poderiam se casar de jeans e uma camisa social mais bacana? — perguntei. — Seria descolado, original até.

— Rá rá. Você é tão engraçado, Storm. Até parece que eu faria isso com sua irmã. Já basta a *vibe hippie* que vocês sempre tiveram que levar, imagina eu chegando e dizendo a ela para nos casarmos como se fosse algo banal?

Bem, o cara estava certo. Por isso eu gostava tanto dele. Na verdade, o mané pensava mais na minha irmã e no seu bem-estar, do que nele mesmo. E isso era muito bacana. Posso até alegar que

estava aprendendo a lidar com esse sentimento e passando por aquilo na pele, agora, nos cuidados redobrados que eu tinha com Taryn e meu pequeno Cookie.

E, sim. Eu continuava a chamando de nomes fofos. Porque ainda não havíamos decidido o nome. Provavelmente só faríamos quando a víssemos pela primeira vez. Olhando seu rostinho, teríamos ideia de como deveríamos nominá-la.

Eu estava bem com isso.

Mike entrou no quarto de hotel, já todo vestido e elegante.

— Estão todos prontos. Quero dizer, nós, homens. As mulheres, não faço a mínima ideia — ele disse.

— Ótimo. Estou mais pronto do que tudo — Thomas confirmou.

— Sério? Ainda dá tempo de fugir. Prometo que não vou bater em você com tanta força quando te

PERIGOSAS NACIONAIS

caçar pelo país por ter quebrado o coração da minha irmã — brinquei.

— Vá sonhando com isso, Storm. Primeiro: eu nunca quebraria o coração de Rainbow, largando-a no altar. Segundo: você nunca conseguiria me dar uma surra. Mas sonhar não custa nada, né?
— debochou.

— Só não vou mostrar minhas novas habilidades adquiridas em aulas recentes de caratê, porque a costura do terno pode não resistir à potência dos meus músculos e golpes — devolvi a brincadeira.

— Hum-hum.

O pai de Thomas e o meu entraram no quarto.

Quase morri de rir ao ver meu pai vestido de maneira formal. Sem a gravata, claro. Apenas o terno, para dar um ar mais social no assunto. Mas a essência *hippie* exalava pelos poros do meu velho.

— Vamos, filho. Está tudo pronto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descemos para o imenso jardim do Hotel Bellador, um novo empreendimento chique que executava casamentos e festas bacanas em Westwood, e nos posicionamos.

Antes passei onde Taryn estava sentada, com seu vestido verde esmeralda, agora ostentando uma suave barriguinha de cinco meses. Beijeí sua cabeça, passei a mão onde minha filha repousava e fui para o meu lugar, como padrinho do cara que já era meu cunhado no coração há tempos. Aquilo ali seria meramente uma formalidade.

Mike estava ao meu lado e à nossa frente estava Sunshine e Becca, a amiga de Rainbow, ambas vestidas em... que diabo de cor era aquela? Bom, eu chamaria de rosa. Ouvi Sunny se referindo ao tecido como salmão. Mano... salmão, para mim, era peixe. Coisa de comer. E pronto.

A música tocou, anunciando a entrada triunfal da noiva.

PERIGOSAS ACHERON

Para quebrar o protocolo, minha família não fazia nada engessado, como a sociedade manda, então, Rainbow entrou ladeada pelo meu pai e minha mãe.

O vestido dela era realmente bonito. Eu tinha que admitir. Minha irmã estava um primor. Magnífica.

E eu podia analisar nos olhos brilhantes de Thomas Reynard que ele achava o mesmo. A cara do idiota estava digna de tirar uma foto para uma postagem no Instagram. Se bem que, era capaz que se eu fizesse o post, milhares de curtidas viriam acompanhadas de gritos histéricos digitados como “aiiii, que tuuuuudo!”, “nooooossa... quero esse noivo pra mim!”. Então... era melhor não. Despertar a cobiça alheia para o futuro marido poderia desagradar minha irmã mais velha...

Thomas foi até onde Rainbow o aguardava com meus pais e a abraçou, segurando o rosto dela entre as mãos e dando um beijo suave, porém um pouco mais demorado do que ditava a regra. Lembra que

falei do esquema de nada de protocolo? Pois é. O babaca quebrou até mesmo essa tradição, porque que eu saiba, só se beijava a noiva, depooooois de declarados marido e mulher.

Idiota.

O celebrante chamou a atenção de todos para que a cerimônia começasse. Segurei a vontade de afrouxar a gravata e me mantive estoicamente ao lado de Mike, que mantinha uma espécie de conversa ocular com a minha irmã gêmea. Revirei os olhos. Porra. Que saco aquilo. Juro.

— Agora é a hora dos votos. Vocês querem repetir o que vou falar, ou apenas fazer algo diferente? — o homem perguntou.

Eu apostava dez dólares como seria algo fora do... do? Protocolo.

— Vou falar meus votos — Thomas disse e se virou de frente para Rainbow.

E aí, vou dizer que sou esperto e prestei atenção, obviamente. Porque queria saber se o mané

PERIGOSAS ACHERON

cumpriria todas as promessas que estaria fazendo naquele dia.

— Prometo fazê-la feliz, Rain... em todos os dias da minha vida. Ou ao menos tentar ao máximo. Prometo estender um casaco em cima de uma poça d'água pra você passar... Te carregar no colo quando você se cansar. Pentear seus cabelos, ou os embaraçar... Pintar as unhas dos seus pés, quando você não as alcançar... — O riso dos convidados preencheu o lugar, e eu mesmo podia sentir que sorria abertamente. — Prometo sempre te amar... Amar cada pedacinho seu... cinza ou colorido. Dependendo da cor do mês em que você está.

E aí, minha irmã foi totalmente Rainbow, para quem a conhece.

— Thomas?

— Humm?

— Me beija logo de uma vez.

É isso, senhoras e senhores... minha irmã interrompeu os devaneios românticos de seu noivo

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonado e pá! Mais uma vez espatifou o protocolo de todo e qualquer casamento que vocês já puderem ter imaginado na vida.

Os dois deram um beijo épico e quase pornográfico, digo, cinematográfico (foi isso o que eu quis dizer) na frente de todos os convivas e senti uma imensa vontade de pegar um caderninho e anotar algumas linhas do que aquele estúpido aspirante a Romeu com pitada de Mr. Darcy fez.

— Você decorou, Mike? — perguntei baixinho.

— O quê?

— As coiseiras todas que o Thomas falou, para o caso de algum dia repetir?

— Deixa de ser burro, Storm... meus votos estou escrevendo da minha própria alma e coração. Não preciso de cópia quando tenho sua outra irmã como fonte de inspiração — disse e piscou.

E saiu sorrateiramente para ir ao encontro da referida gêmea.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porra. O que aquela frase enigmática poderia querer dizer? O que Mike estava escrevendo? COMO ASSIM?

Passei o restante do casamento e da festa pensativo. Se ele estava escrevendo algo, já estava mais do que na hora de eu, Storm, o Mestre das palavras, escrever também. Eu não poderia ser deixado para trás.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

O casamento da irmã mais velha de Storm havia sido lindo. Puro romantismo. Os pais dela foram superatenciosos comigo, e me senti mais acolhida do que já estava. Mostrei um pouco da festa para Vadden através de uma Live e pensei em que momento meu irmão poderia ser livre novamente para usufruir pequenas coisas da vida.

Thomas e Rainbow haviam mandado uma mensagem linda para ele. Naquele tempo em que eu estava inserida na família de Storm, as irmãs me “adotaram” como cunhada, bem como meu irmão, e chegaram a visitá-lo algumas vezes no hospital. Acabamos desenvolvendo uma amizade muito bacana.

Storm fingia estar carrancudo por conta do casamento da irmã, mas várias vezes durante a festa o peguei olhando para o casalzinho feliz, com um sorriso satisfeito no rosto. O que só mostrava que

ele aprovava, e com louvor, a escolha de Rainbow. E ela não poderia ter feito melhor.

Aquela família era rodeada de tanto amor que eu simplesmente sabia que meu bebê nasceria imerso naquele sentimento sublime.

CAPÍTULO 29



Dois meses depois, lá estava eu. Já pronto para requerer umas férias. Não do trabalho, porque o ambiente era legal e a grana era ótima, mas da faculdade.

Os treinos tinham voltado a ficar intensos, nos preparando para a pré-temporada, e agora, que eu já não seria mais calouro, assim que o próximo semestre se iniciasse, possivelmente meu ritmo incrementaria mais ainda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Taryn estava cada vez mais linda, ostentando uma barriga enorme e redonda. E eu, como o grande idiota que sou, não cansava de passar a mão, alisando até a alma, fora oferecendo meus serviços como massagista e aplicador de óleo para evitar estrias.

Eu estava bem com aquele cargo. Toda noite, já que havia praticamente me mudado para a casa dela, eu assumia aquela função. E seus desejos eram uma ordem.

O único “porém” com o fato da minha mudança súbita era que deixei o território livre para Sunshine e Mike, já que agora ela era a nova “companheira de quarto” dele, dividindo as despesas da casa.

Aquilo me cheirou mais como um esquema orquestrado pelos dois pombinhos arrulhantes para que ficassem juntos, mais do que já ficavam. Era revoltante. Nos dias de jogos, Sunshine sequer tinha chance de encerrar a coreografia e Mike já corria para onde a garota estava para emplacar um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beijado, mostrando aos machos ao redor que a garota não estava disponível.

O cerco dele era mais acirrado que o meu. Então até relaxei com os cuidados com Sunshine na universidade, já que sabia que Mike estaria ao seu dispor.

Eu e Taryn havíamos entrado em uma rotina confortável, onde nos revezávamos com tia Blythe nos cuidados com Vadden no hospital.

Ele havia tido uma pneumonia recente, e nossa preocupação estava com o fato de, por estar muito tempo em uma rotina hospitalar, aquilo poderia colocá-lo em risco muito maior por conta das inúmeras bactérias ao redor.

Cherry ainda aparecia como uma assombração, vez ou outra, mas sempre que eu podia, fugia na maior falta de educação mesmo. Sem culpa alguma.

Eu só não sabia que a criatura estava preparando mais um veneno por conta de sua rejeição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Eu estava me sentindo cansada. Exausta, na verdade. Além do fato de estar do tamanho de uma barraca de *camping*, o ritmo com as aulas era intenso. Minhas monitorias haviam diminuído bastante, a meu pedido, até mesmo para que eu pudesse ficar mais tempo com Vadden e sem sobrecarregar tanto por conta da gravidez.

Tia Blythe não queria que eu passasse tanto tempo no hospital, por causa do risco de alguma infecção, mas sem chance que eu ficaria sem ver meu irmão, então, aquilo não era nem uma opção.

Storm me surpreendeu um dia quando chegou para me buscar no hospital e, ao invés de aceitar as chaves do meu carro para dirigir e nos levar para casa, me levou diretamente até um Mustang GT preto com faixas douradas na lateral e no capô dianteiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é isso? — perguntei. — Tá, esquece a pergunta. Eu sei que é um carro.

— Que sacrilégio, mulher. Não é simplesmente um carro. É um Mustang. Entendeu? — falou com a cara de abismado. — O carro. Uma carruagem, praticamente.

— Ai, você entendeu. Estou falando... por que você está com ele?

— É nosso agora.

— O quê? — perguntei surpresa. — Como assim?

— Eu me desfiz da *Indian*, afinal, não tem sentido eu continuar com a minha moto, se não posso pilotar com minha garota-mochila. E nem pensar que eu levaria minha bebê. Não quero que ela desperte o lado selvagem e passe a admirar outros garotos em seus velotrols e já pense em uma carona na garupa.

Comecei a rir.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está louco? Você amava sua moto... e esse carro não é caro?

— Não é zero, né? É usado, mas está bem conservado. E vendi bem a minha moto. O resto eu financiei. E está de boa — falou. — Sou um homem de família agora. Olha!

Abriu a porta de trás e senti meus olhos encherem de lágrimas. Já havia até mesmo uma cadeirinha de bebê instalada.

— Ah, não, Taryn! Não era pra você chorar!

— Mas é de emoção...

Ele me abraçou e ficamos alguns minutos ali, contemplando o carro que Storm fizera questão de comprar porque sabia que para circular com um bebê, aquele era o único meio de transporte aceitável. Não quis estragar o clima dizendo que o Jeep poderia ter sido usado para este propósito, e ele poderia ter conservado sua moto.

— Obrigada... é linda a cadeirinha.

— E o Mustang?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele também.

— E o dono do Mustang?

— Ele mais ainda.

— Você tem as melhores respostas — falou e me deu um beijo na testa.

— Você tem as perguntas mais bobas — retruquei.

— Entre, madame. Depois dou um jeito de buscar seu carro.



Estava na faculdade, na sala de monitoria, terminando o atendimento de um aluno, quando a porta se abriu.

Cherry Coke, a insuportável abelha-rainha, estava ali para perturbar. Aquela garota era tão... ensino médio. Parecia não ter crescido ainda. Andava em bando, mas sempre me acossava sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Brian, você pode apenas enviar os exercícios para o meu email. Assim que eu conferir, envio de volta, okay?

— Certo, Taryn. Obrigado.

O garoto do primeiro semestre saiu e Cherry se inclinou contra minha mesa.

— O que você quer, Cherry?

— Só passei para ver com meus próprios olhos a imensa baleia que você se tornou. Não é à toa que Storm agora escaneia com o olhar a todas nós, as cheerleaders, para... talvez, apreciar nossas formas? — ela instigou. Aquela informação doeu como uma punhalada. — Como não sobrou absolutamente nada para ele olhar, porque você parece um ovo, resta ao pobrezinho pensar no que está perdendo, não é mesmo?

— Por que você não cresce? — questionei, tentando não demonstrar o quanto estava ferida pelo comentário.

PERIGOSAS ACHERON

Minha intenção era me levantar, para que ela não se sentisse superior me olhando de cima, mas com a barriga imensa que eu ostentava, ficava difícil fazer um movimento gracioso, então, preferi me abster.

— Eu adoro poder te relembrar que esse momento em que está com o Storm é passageiro. Inclusive, esse golpe da barriga é bem velho e tosco, sabe? Antiiiigo... nada original. E os caras não caem mais nisso. Storm vai ser um jogador de ponta do futebol de Princeton, ao lado do Thomas, mas será ainda mais... quando a NFL descobrir o talento dele — continuou despejando o veneno —, e você acha, seriamente, que ele vai continuar com você? Cercado do tanto de mulheres gostosas ao lado dele? Storm só está deslumbrado com você e com pena, por causa do seu irmão.

Ao falar aquilo, ela conseguiu fazer com que algo dentro de mim se quebrasse. Não porque eu necessariamente acreditasse em suas palavras, mas

porque eu não podia crer que existisse uma pessoa tão baixa que tinha coragem de usar a condição de saúde de uma criança para afrontar outra... por despeito.

— Obrigada pelo lembrete, Cherry. Devidamente anotado — falei com ironia. — Quando eu tiver um memorando, te envio. Isso se você souber o que é um memorando, não é?

Ela se ergueu bufando e marchou para fora da sala, batendo a porta ao sair.

Reuni meus pertences e caminhei devagar, no passo de tartaruga que havia desenvolvido nos últimos meses, até conseguir achar um banco à frente do prédio, para me sentar.

Eu precisava de um pouco de ar puro. Se eu fosse para o refeitório, haveria uma multidão e uma cacofonia total que me deixaria mais irritada do que tudo.

Então, enquanto contemplava a arquitetura dos prédios ao redor, deixei que algumas lágrimas

PERIGOSAS NACIONAIS

caíssem livremente, porque eu não era de ferro, e porque meus hormônios gestacionais estavam em polvorosa.

Nem sei quanto tempo havia se passado, quando senti alguém ao meu lado.

— Taryn? — A voz suave atraiu minha atenção.

Sunshine me olhava com evidente preocupação, provavelmente sem entender o porquê de eu estar com um lenço de papel enfiado no nariz.

— Oiii...

— O que aconteceu?

— Nada — respondi e chorei mais um pouquinho. Culpe os hormônios. Sério. Era culpa deles.

— Você está chorando. Isso é muito óbvio. Logo, a dedução mais “sherlokiana” que eu poderia ter é que algo aconteceu. Então... vamos lá... cuspa de uma vez — falou e colocou um braço sobre meus ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastou aquilo. Aquele simples gesto de apoio feminino para que a torrente vazasse e as lamúrias começassem a jorrar da minha boca.

Contei tudo o que a vaca Cherry havia dito.

— E você vai acreditar nela? — perguntou chocada e brava. — Sério? Você é muito mais inteligente que isso, Taryn.

— Não... não é isso. É porque estou sensível mesmo. Choro por tudo. Hoje mesmo, vi uma borboleta com uma asa capenga, voando sobre uma flor... e disparei a chorar. Meus hormônios estão assim. E... e... querendo ou não, Sunny... quando estamos do tamanho de um dirigível, a tendência é que nos sintamos mais deselegantes e feias.

— Meu Deus, mulher. Já entendi o lance dos hormônios. É algo mais sinistro do que o período do mês, não é? Mas vamos lá: você não está batendo bem da cabeça, se acha que está feia. Você está linda — Sunny disse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não acho. Nada cabe em mim mais. Nada! Estou tendo que usar as camisetas do Storm agora. Pensa no que é isso!

— Taryn, você está grávida! Tem um bebê aí dentro de você, mulher. É óbvio que seu corpo tem que acomodar minha sobrinha!

— Eu sei...

Funguei mais alguns minutos e fui consolada por Sunshine. Ela me ajudou a chegar até o meu carro, que deveria ser aposentado em breve, porque a dita barriga já não cabia no espaço ínfimo entre o banco e o volante.

Quando me sentei no carro e percebi aquilo, chorei mais uma vez.

Droga. Malditos hormônios.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30



Estava saindo do treino quando

Sunny me deu um esbarrão.

— Ai! Você quer quebrar meu nariz, seu bruto?

— perguntou aos gritos.

— Ei, foi você que esbarrou em mim, louca. E antes que pergunte, o Mike não está aqui. Muito menos no meu bolso, então vaza. Seu treino não foi de manhã? — perguntei desconfiado.

— Foi. E vim atrás de você, manezão. Não do Mike. Esse eu pego daqui a pouco... ops... encontro

PERIGOSAS NACIONAIS

daqui a pouco.

Revirei os olhos e fiquei puto com a risada debochada de Sunshine.

— O que você quer comigo?

— Falar com você sobre a sua garota.

— O quê? O que tem a Taryn?

— Tudo e nada. Vem comigo.

Sunshine me puxou pela mão até uma sala isolada que ficava perto dos vestiários.

— A vaca Cherry foi encher os ouvidos dela — Sunny disse e já comecei a sentir o ódio ferver em mim.

— O quê? Mas o que foi dessa vez?

Minha vontade já era sair dali e ir atrás de Taryn, com medo do que quer que a vaca tenha falado a ela. Depois, eu caçaria a dita criatura e arrancaria cada um de seus apliques, porque eu tinha quase certeza de que ela usava. Ou assim, Sunshine afirmava.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela foi dizer que você está olhando para as garotas gostosas e saradas, enquanto ela está uma baleia Shamu — Sunshine cuspiu a informação. Sem filtro algum. Minha irmã era delicada como um hipopótamo.

— O quê???

— Storm, você está tão repetitivo. Sério... presta atenção, seu burro. Não é que a Taryn tenha acreditado, embora os homens tenham fama de serem safados e tal, menos o Mike... o Mike não é. E o Thomas — acrescentou. — E acredito que você também não.

— Ah, obrigado, maninha. Pela confiança.

Eu fui irônico. Vocês perceberam? Fui bastante.

— Você entendeu. Enfim, o problema é que a Taryn está se sentindo pra baixo, como toda mulher grávida se sente por causa das suas formas... arredondadas. Descomunais. Esquisitas...

— Já entendi, Sunny. E não tem nada de descomunal ou esquisito na minha garota. Eu,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inclusive, acredito que estou um pouco mais ciumento do que o normal... — admiti e passei a mão pelo cabelo suado.

E era verdade. Na minha concepção, Taryn estava mais linda do que nunca, e eu podia estar meio paranoico, mas achava que os caras andavam encarando demais suas formas. Demais mesmo. Tive que agir certo dia.

— Um pouco, Storm? — Sunny ergueu a sobrancelha, em uma cara cômica e que exalava sarcasmo.

— Não me irrite. Eu apenas fiz uma demonstração pública de domínio.

— O que você fez? — perguntou com curiosidade.

— Achei que um professor dela, que orienta alguns trabalhos e coordena a monitoria que ela dá, estava muito interessado em sua saúde...

— E?

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreei para afastar o desconforto. Eu sou Storm. Nunca fico desconfortável.

— Cheguei um dia na sala de aula dela, logo após o sinal bater, e taquei um beijo na sua boca. Na frente do professor.

Sunshine escancarou a boca como uma truta com convulsão.

— Depois refiz essa mesma cena no refeitório. Lotado — confessei. Acho que meu rosto ficou um pouco vermelho porque senti esquentar.

— Eita... e ela não te deu um tabefe? — Sunny perguntou com um sorriso de deboche.

— Não. E se tivesse dado, eu ficaria mais preocupado com a mão dela, pobrezinha. Afinal, os ossos do meu maxilar são praticamente esculpidos em granito...

Sunshine revirou os olhos e bufou sem elegância alguma.

— Storm, deixa de ser exagerado. Você já até chorou naquele concurso de tapas que fizemos em PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa uma vez...

— O quê? Que calúnia é essa? — indaguei chocado.

— Você não lembra?

— Cara! Você está se referindo ao tapa monstro que a Rainbow me deu e que chegou a virar meu pescoço que nem o do filme Exorcista e me deixou com um torcicolo por três dias?

— Esse mesmo.

— Sunshine, se tiver saído uma lágrima do meu olho naquele dia, foi de emoção em constatar que minha irmã mais velha é tão forte quanto a Mulher-Maravilha... só isso.

— Hum-hum... sei — disse rindo.

— É sério.

— Okay, mas nem sei porque saímos do assunto.

— Porque eu estava te falando que continuo sendo mais ciumento que tudo, zeloso e fazendo merdas, como atos insanos como esse, para mostrar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a todo filho da puta que pense que pode paquerar minha garota, que ela já tem um cara pra chamar de seu, e esse alguém sou eu.

— Maravilha. Isso dá pelo menos uma reforçada no fato de que você a deseja além dos limites da sanidade, mas não exagere, criatura. Por favor... — Sunshine alardeou.

— Eu só tenho olhos pra ela, Sunny. Estou meio possesso porque percebi que tem uns malas sem alças que parecem estar com o radar acionado na direção de Taryn também, mas o que quero que saiba, e ela também, é que nenhuma outra garota me atrai. Nenhuma me atraiu da forma como ela faz, pra dizer a verdade.

— Eu sei. Mas olha... — Sunny pegou o celular e abriu em uma página de um blog. — Aqui nessa pesquisa mostra que mais de 79% das mulheres grávidas passam por essa oscilação onde se acham as mulheres mais feias do Planeta, enormes e volumosas. Diz que elas são dominadas pelos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hormônios que faz com que a autoestima desapareça, daí elas sentem pouca vontade de se arrumar, porque nem todas as roupas vão caber, e acham que não valerá o esforço. E isso pode ter a ver com a rotina do dia a dia. Levantar, fazer xixi, lutar pra vestir uma roupa que caiba, fazer xixi, sentir fome, fazer xixi, andar como um pato...

— Fazer xixi. Já entendi essa de urinar. Quantas vezes você vai falar isso? — perguntei rindo.

— Sei lá. Mas dizem que as mulheres são dominadas pela bexiga e se sentem tão mal que muitas nem querem sair de casa. Daí... imagina a vaca piranha dos infernos entrando com um decote do tamanho da camada de Ozônio... e esfregando na cara da Taryn que ela não é aquilo, mas sim uma versão imensa das formas femininas? Essas vagabundas não se dão conta de que ali, naquela barriga enorme, há o milagre da vida, e que as grávidas são seres adoráveis que merecem nosso respeito. É isso. Eu vou caçar aquela sem-vergonha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e encher a cara dela de bolachas com os meus pompons no próximo treino. Ela que me aguarde!

Comecei a rir e abracei Sunshine. Minha gêmea era o máximo. Eu só não podia deixá-la saber disso.

— Okay. Curti essa surra de pompons. Mas vamos ao que interessa: onde está Taryn agora?

— Foi pra casa. E cabe a você fazer algo bem original e arrebatador pra mostrar àquela menina que ela é o *seu* tudo, entendeu? Não importa se ela está usando suas camisas ou não. Embora eu tenha que dizer — Sunshine deu um sorriso sacana —, que o Mike adooooora quando eu uso as camisas dele. Especialmente a com o nome e o número 77. Você já fez a Taryn usar a sua camisa de futebol? Vocês têm alguma espécie de fetiche ou algo assim?

— Ah, cala a boca, Sunshine! — gritei e tentei dar uns cascudos nela, mas a garota esquivou-se.

Antes de sair, porém, falou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá tirar aquelas lágrimas dos olhos da Taryn e dar motivo para que Cherry Vaca Coke chore lágrimas de sangue, Storm. — Piscou de maneira pícara e saiu.

Era aquilo o que eu ia fazer agora mesmo.

Espera... depois de tomar banho, claro.



Graças a uma providência divina, aquele era meu dia de folga no trabalho. Então, passei em uma floricultura, comprei as flores que Taryn mais amava, encomendei um jantar que seria entregue dentro de vinte minutos (porque o povo está louco se imaginasse que eu sabia cozinhar mais do que ovo mexido e bater minha vitamina de Whey), emendei com uns chocolates que eu sabia que ela ia gostar — embora fosse deixar nossa filha elétrica dentro da barriga —, e segui para casa. A dela, mas que eu praticamente considerava como minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei o carro e desci devagarinho, esperando que ela não estivesse na sala. Olhei furtivamente na cozinha e vi que estava deserta. Coloquei as flores no balcão, alinhadas com a caixa de chocolates.

Mais cinco minutos e o entregador estaria ali. Pelo aplicativo do celular, eu podia ver que chegaria até mesmo antes do previsto. Então, fiz o que todo mané faz para evitar que a surpresa estrague, no caso de o cara tocar a campainha: fiquei esperando na soleira da porta.

Dito e feito. A entrega foi feita, dei a gorjeta e corri para organizar os itens na mesa. Tudo isso no maior silêncio. Imaginava que Taryn estivesse deitada.

Coloquei os pratos, copos, talheres. Tudo bonitinho. As flores enfeitavam o centro da mesa. Nada muito chique, mas despojado.

Pensei em umas velas, mas o risco de eu botar fogo na casa era muito maior, então era melhor não arriscar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando achei que estava digno, subi os degraus de dois em dois.

Abri a porta devagarinho e vi que Taryn estava deitada de costas para mim. Entrei e me ajoelhei na cama, por trás de seu corpo e espiei, para ver se ela dormia.

— Eiii... psiu — chamei baixinho.

— Huummm.

Sorri com o resmungo, mais do que evidente de que ela estava entre o estado de sonolência e lucidez.

— Abra os olhos pra mim, boneca — falei em seu ouvido. Percebi que ela arrepiou todos os pelos do corpo.

— Não... me deixa dormir.

— Se você dormir agora, vai perder o sono na hora de ir pra cama de verdade... e eu tenho uma surpresa pra você — informei antes de depositar um beijo na curva do pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Imediatamente à menção da palavra surpresa, os olhos dela se abriram e ela virou a cabeça para me encarar. A boca agora pairava a centímetros da minha.

— Surpresa?

— Hum-hum — respondi e beijei os lábios disponíveis.

— Que surpresa? — perguntou quando conseguiu afastar-se do meu beijo.

— Venha comigo, aí você vai ver.

Taryn aceitou minha ajuda para se levantar da cama.

— Espera. Tenho que fazer xixi.

Ah... tá. O esquema da bexiga louca. Esperei do lado de fora do banheiro e quando ela saiu, segurei sua mão para descermos as escadas juntos.

Ao entrarmos na cozinha, Taryn deu um suspiro de assombro, detectando a mesa posta e

PERIGOSAS ACHERON

ornamentada de maneira amadora, mas ainda assim, preparada com muito amor.

— Você fez isso pra mim? — perguntou se virando. Os olhos estavam cheios d'água. Antes de me apavorar, lembrei de Sunny falando dos hormônios cabulosos que faziam chorar até por uma unha quebrada.

— Yeap, boneca. Pra quem mais eu faria?

Ela lançou os braços ao redor do meu pescoço e espremeu nossa filha entre nossos corpos. Passei os meus em volta do seu corpo e enfiei a cabeça no vão do pescoço delicado.

— Aww... eu te amo, Storm.

— Eu também, Taryn. Agora vamos comer essa comida maravilhosamente *não* preparada por mim — caçoei.

— Tá bom.

Puxei a cadeira para que ela se sentasse, como se estivéssemos em um restaurante chique, fiz uma mesura galante e me sentei à frente dela. Coloquei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o suco nos nossos copos e servi a comida italiana que eu sabia que ela amava.

— Awww... que lindo, Storm.

— Não chore, as lágrimas vão se misturar ao tempero da comida e vai estragar tudo — ralhei.

Taryn secou os olhos e comeu. O tempo todo olhava para as flores e para mim. E eu apenas sorria, devolvendo o olhar.

Quando acabamos, recolhemos tudo e limpamos em um silêncio confortável, como se fôssemos um casal de longa data, mas ainda assim, compartilhando um sorriso cúmplice por algo feito de maneira distinta à rotina do dia a dia.

Entreguei as flores em suas mãos e sorri quando ela cheirou e coçou o nariz. Depois, tirei de seu alcance e deposei a caixa de chocolates.

— Isso aqui é pra você. Agora venha aqui.

Levei Taryn até o sofá da sala e a puxei para sentar-se em meu colo. Ela tentou evitar a todo custo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Storm, eu vou esmagar você.

— Cala a boca, Taryn.

— Tá bom... credo.

— Vamos lá... — pigarreei para recobrar a compostura. — Eu fiz esse jantar de última hora, de forma bem simplória, mas para te mostrar uma coisa importante.

— O quê? Que eu gosto de comida italiana? — perguntou com um sorriso.

— Não, espertinha. Fiz tudo isso para mostrar a você que eu te amo. Mais do que tudo. Que mesmo que estejamos envolvidos em um monte de coisas que tenha nos colocado numa rotina cansativa, monótona até... Que eu não trocaria nada disso, por ninguém. — Ela me olhava atentamente. — Você é linda. Está mais bonita hoje do que ontem. Desbanca qualquer mulher que eu já tenha visto. Não é seu corpo que me consome... é você. Entendeu? Você faz com que eu me sinta inteiro. Você faz com que eu me sinta o cara mais poderoso

PERIGOSAS ACHERON

do mundo — passei a mão em sua barriga e senti um pingo de uma lágrima —, você me completa de tal forma que não consigo pensar em mim, sem a sua presença.

Taryn fungava baixinho e eu colhia suas lágrimas delicadas. Ainda bem que ela estava sem os óculos, ou estariam embaçados naquele momento.

— Nenhuma Cherry da vida, ou líder de torcida que agite um milhão de pompons vai conseguir fazer com que eu perca a vontade de voltar pra casa e cair nos seus braços. Passar creme na sua barriga, sentir nossa filha se mexendo aí dentro. Mulher nenhuma tem esse poder, Taryn. Eu sou inteiramente seu.

Ela me abraçou e colocou o rosto no vão do meu pescoço, chorando convulsivamente por alguns instantes.

— Okay... é melhor que não tenha secreção misturada nesse líquido que está deslizando pelo meu pescoço, Taryn... ou a coisa vai ficar feia para

o seu lado — brinquei. Eu precisava fazer com que ela cessasse o choro.

— Eu te amo, Storm.

— E eu te amo mais ainda.

Peguei minha garota entre meus braços – e sim, obrigado pelos meus bíceps –, e a levei para o quarto.

Deixei que minhas mãos fossem despojando suas roupas com calma, enquanto eu apenas admirava cada pedacinho de pele que surgia. Eu amava a barriga volumosa de Taryn. Saber que ali abrigava nosso bebê... Ainda que eu tenha ficado ressabiado no início – quando a barriga começou a ficar mais evidente –, a praticar nossos atos sexuais. Taryn me fez ir à consulta para que a médica explicasse abertamente que a minha filha não veria ou sentiria nada do que estava sendo praticado com a mãe. Aquilo foi um alívio. Porque era tenso imaginar meu bebê sendo cutucado e pensando: “mas que porra é essa aqui, gente?”. E, sim... desculpa... eu

teria que cuidar da minha boca suja antes que ela nascesse, ou já sairia do berçário falando um palavrão, mesmo que sem querer.

Taryn abriu os botões da camisa que coloquei especialmente para ela, naquela noite, e deixei que tivesse seu tempo passando as mãos pelo meu tórax e barriga.

Ali foi um jogo de um despir o outro. Sem pressa. Sem ânsia. Apenas com os olhos nós transmitíamos o que estávamos sentindo.

E, claro... me posicionar para possuir Taryn, com uma barriga entre nós levou um certo tempo de prática para aprimorar, mas agora eu era *expert*, sabia o ângulo exato em que eu devia atuar para fazer com que minha garota alcançasse o êxtase antes que eu a seguisse.

— Ah, Storm... — ela disse e senti uma lágrima deslizando novamente.

— Pare de chorar, boneca. Ou vou achar que estou te machucando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É de emoção. E porque você é... você é lindo e me enche de prazer...

Ah, sim. Aquelas lágrimas eram permitidas.

Senti o suor percorrendo meu pescoço, enquanto nossos olhares permaneciam trancados um no outro. Senti a onda se aproximar devagarinho, mas sabia que a qualquer instante eu seria tomado por aquela sensação que tirava as forças do meu corpo.

— Voe comigo, Taryn.

Era fantástico saber que aquele era um gatilho que a levava ao mesmo limite de insanidade que eu. Bastava aquilo e booom. Chegávamos ao paraíso onde só despertávamos depois de muito tempo.

Benditos hormônios.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Acredito que nem preciso dizer que naquela noite dormi como um bebê nos braços de Storm, com um sorriso idiota no rosto, que se recusava a ir embora, tudo por conta do gesto romântico que ele fizera questão de dedicar a mim, reafirmando todo o amor que sentia, e afastando meus temores e dúvidas.

Nunca fui dada a ser a garota de baixa autoestima que chorava pelos cantos por uma atenção não recebida, mas também nunca fui aquela pessoa superconfiante e sedutora, como Cherry ou Wendy, garotas que sabiam usar o arsenal que Deus havia lhes conferido. Ou os cirurgiões plásticos, sei lá. Porém, tinha que admitir que os hormônios gestacionais e toda a alteração física que decorria deles acaba, sim, trazendo certos tormentos quando éramos confrontadas com o intuito óbvio de sermos ofendidas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Storm fez com que aquilo caísse por terra. Minha vontade agora era ir atrás de Cherry e esfregar na cara daquela vadia que eu podia não estar na forma física das mulheres que ela cultuava e provavelmente seguia no Instagram, mas quem pairava nos braços daquele homem magnífico era eu, e não elas ou um projeto mal-acabado, como a própria Cherry.

Aquele breve pensamento vingativo me fez sorrir. E trouxe um sonho intenso onde eu tirava uma *selfie* despudorada, marcava a criatura para que contemplasse toda a cena e ainda citava a legenda derradeira: *No fim, quem está em seus braços somos nós. Ninguém mais.*

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 31



Uma noite, eu e Taryn estávamos conversando aleatoriamente, quando recebemos uma ligação da tia Blythe, que estava no hospital com Vadden. Ela colocou a chamada no viva-voz, de maneira que eu pudesse ouvir.

— *Taryn?* — Blythe disse, com a voz de choro.

Senti o corpo dela ficar tenso imediatamente e segurei sua mão para mostrar que eu estava ali.

— Tia? O que houve?

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Venha para o hospital, okay?* — Aquela única frase teve a potência de um murro no estômago. Foi capaz de nos tirar o chão, porque só podíamos pensar o pior.

Peguei o telefone da mão trêmula de Taryn e assumi.

— Blythe? Estamos indo pra aí.

Nem tivemos tempo de mais nada. Apenas colocamos os sapatos e entramos no carro, pegando a estrada rumo ao hospital onde Vadden estava internado.

Nas condições de Taryn, era impossível que corrêssemos pelos corredores para alcançar os elevadores e chegar ao andar. O tempo todo eu tentava tranquilizá-la, mas de que adiantava se até mesmo eu estava aterrorizado?

Quando entramos no quarto, o susto já foi imenso porque a cama de Vadden estava vazia.

— Tia! — Taryn gritou e Blythe veio correndo do banheiro anexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As duas se abraçaram imediatamente e começaram a chorar, mesmo que nem trocassem uma palavra.

— O que houve? Pelo amor de Deus...

— Vadden... teve uma piora significativa — ela disse secando as lágrimas. — Ele vinha apresentando muito cansaço recentemente, se lembra?

Eu também tinha reparado em quão mais frágil o moleque estava. Como se estivesse definhando. Até mesmo jogar o play station exigia dele um esforço que o deixava exausto depois.

— Parece... parece que... ele evoluiu para uma insuficiência cardíaca — a tia informou.

— O quê? — Taryn estava sem chão. Se eu não a estivesse segurando agora, ela teria caído.

— O estado dele é grave... a doutora Andy... ela... ela quer que cheguemos à UTI.

Taryn olhou para mim e eu me sentia impotente. Sabe quando você quer fazer algo para tirar aquela

PERIGOSAS ACHERON

tristeza dos olhos da mulher que você ama, mas não faz ideia de como? Era assim que eu me sentia.

Subimos ao andar da UTI pediátrica, onde a doutora havia mandado que nos dirigíssemos.

Quando chegamos lá, ela estava do lado de fora, conversando com um grupo de médicos, com um ar preocupado. Assim que viu Taryn e a tia, a médica veio em nossa direção.

— Taryn, Blythe — ela disse —, o estado dele é bastante crítico. Ele entrou no que chamamos de *cor* anêmico e está evoluindo para uma insuficiência cardíaca. Estamos monitorando os órgãos adjacentes, mas tememos o pior. É preciso que estejam preparadas...

— Nãããoooo...

Bastou que ela dissesse aquilo e Taryn inclinou-se para frente. Segurei o corpo que convulsionava e quase desmaiei de pavor quando vi que havia uma poça de sangue aos nossos pés.

— Taryn! — gritei desesperado.

— Tragam uma maca aqui, agora!!! — a médica gritou e segurou Taryn do outro lado, enquanto tia Blythe olhava em choque o que se desenrolava à sua frente. — De quantos meses ela está, Storm? — ela perguntou para mim.

— Oito meses, doc — respondi. — Mas ainda é muito cedo, não é? É muito cedo...

Eu sabia que era. Meu bebê não estava pronto, estava?

— Placenta prévia, possivelmente. O estresse pode causar um descolamento e ela está em parto prematuro agora.

— O quê?

— Significa que ela vai ganhar o bebê agora, Storm.

Os enfermeiros chegaram e colocaram Taryn praticamente desfalecida na maca, com o rosto tão pálido quanto o lençol.

— Venha comigo — ela se dirigiu a mim. — Blythe, o que quer fazer?

PERIGOSAS NACIONAIS

A tia estava estática, sem saber para onde ir.

— Blythe, pode ficar aqui com Vad, eu te dou notícias assim que tiver.

— Promete?

— Sim — respondi com seriedade.

Seguimos pelos corredores; meu coração pulsando em um ritmo louco. Entramos no elevador que nos conduziria ao Centro Obstétrico, e o tempo todo eu segurava a mão de Taryn, que mal mantinha os olhos abertos.

— Stooorm... E Vad... o bebê...

— Ssssshhh... fique tranquila, Taryn. Vai dar tudo certo.

— É muito cedo, não é? — falou baixinho e apagou.

Aquilo quase me fez dar um grito no elevador, pedindo que aquela merda chegasse rápido, mas de nada adiantaria. A médica estava ao telefone com alguém, falando agitadamente.

PERIGOSAS ACHERON

Quando chegamos, entramos no centro obstétrico e fui separado de Taryn.

— Storm, preciso que você me acompanhe atentamente aqui, agora — a médica disse.

Eu olhava para onde a tinham levado.

— Storm!

— Oi! O que foi? Para onde a levaram?

— Ela vai fazer um parto de emergência, entendeu? Eu preciso que você, como o pai do bebê, assine a permissão para a manutenção do cordão umbilical de forma que possamos tentar coletar o sangue necessário para um transplante para Vadden — ela falou rapidamente. — Você entende que é algo circunstancial? Que pode ou não dar certo?

— O quê?

— Entende que podemos estar fazendo isso, mas mesmo assim não conseguir absolutamente nada, porque antes temos que testar o sangue e ver a compatibilidade, e o tempo corre contra nós?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sacudi a cabeça.

— Entende que Taryn está em um parto de risco nesse exato instante?

Assenti e senti o nó se formar na garganta.

— Preciso que assine os formulários, dando a permissão.

— Eu vou assinar, doutora. Tudo o que precisar pra você tentar salvar a vida do Vad, mas pelo amor de Deus, será que alguém pode me dizer o que vai ser feito com a minha garota e meu bebê?

— A equipe médica da área obstétrica vai assumir daqui, Storm. Eles estão bem amparados para emergências como a que Taryn apresentou. — Ela colocou a mão no meu ombro. — Mantenha a fé de que tudo vai dar certo.

— Eu não posso ficar junto?

— Não. Partos de emergência assim requerem medidas imediatas e o centro obstétrico fica em polvorosa. Além disso, vai ter a equipe do banco de

PERIGOSAS ACHERON

cordão e técnicos da Hematologia, para o procedimento com a extração adequada.

— E o meu bebê?

— Mesmo estando em uma idade gestacional prematura, vamos crer que tudo vai dar certo.

A médica disse aquilo e me guiou até a recepção onde uma série de documentos estava disposta. Eu sabia que corríamos contra o tempo, ainda mais com a evolução da saúde agravada de Vadden.

— Eu posso ver o Vad, doutora? — perguntei, secando uma lágrima.

— Sim, mas rapidamente. E não fale nada sobre a condição da irmã. Ele não pode ter nenhuma fagulha de estresse, tudo bem?

Apenas sacudi a cabeça em assentimento e a segui, olhando o tempo todo para trás, por cima do ombro.

Sabia que estava deixando meu coração ali. Não sabia se ele seria capaz de voltar a bater novamente se algo de pior acontecesse.



Entrei na sala da UTI pediátrica e deparei com Vadden deitado na cama, imóvel e todo atrelado a fios e máquinas barulhentas. Uma máscara de oxigênio cobria seu rosto e eu podia ver que seus olhos estavam fechados, mas ele tinha chorado.

Cheguei perto de tia Blythe e deixei-a saber que eu estava ali também. Ela secou as lágrimas e avisou que sairia rapidamente para pegar um café.

Assumi seu lugar e tomei a mão de Vad entre as minhas. A mão pequena que guiava com tanta maestria o console do play station.

Senti uma lágrima aterrissar onde nossas mãos se juntavam e caramba... os hormônios de Taryn tinham passado para mim, porque eu estava meio que me esvaindo ultimamente.

Como estava sentado na cadeira, abaixei a cabeça e orei baixinho, recostando a testa na cama. Eu pediria ao Deus que eu cria e que permitiu que eu tivesse a chance de conhecer aquele garoto, que

PERIGOSAS ACHERON

me deu a oportunidade de conquistar sua irmã e ainda me concedeu a benção de me dar uma filha, que cuidasse da saúde de Vadden, porque eu acreditava, sim, piamente, que tudo estava nos planos Dele. Não havia outra alternativa. Então... eu oraria. E orei.

Até que senti a mão mexendo no meu cabelo.

— Eeeeeiii — Vadden falou baixinho.

Ergui a cabeça e sorri para o menino que ganhou meu coração sem precisar fazer esforço algum.

— Ei... sabia que agora você está totalmente Darth Vadden? —
brinquei.

Ele riu por baixo da máscara e tentou falar:

— Mas não consigo falar com aquela voz legal...
— disse baixinho. Sua voz fraca mostrava o estado débil em que se encontrava.

— Eu faço pra você — eu disse e coloquei a mão em concha sobre a boca, tentando fazer a sonorização que caracterizava a fala épica do lorde PERIGOSAS ACHERON

mais temido das Galáxias. — Darth Vadden... shhh... meu nome é Darth Vadden... e agora vou entrar... shhhh... nessa câmara de gás... shhhh... para conquistar uma pele renovada... shhhhh.

Vadden começou a rir, mas tossiu imediatamente e coloquei a mão em seu peito, para que se acalmasse.

— Você quer que me expulsem daqui, seu bostinha? — ralhei e vi que ele tentou parar de rir.

— Desculpa. E aí... meu quarto é legal, né?

— Não achei. Curtia mais o outro.

— Eu também. Ei, Storm — ele me chamou —, promete que se acontecer alguma coisa comigo, você vai cuidar pra sempre da minha irmã e da minha sobrinha-bebê?

Meu coração rateou com seu pedido. Eu não podia imaginar a hipótese de que aquele menino não saísse com vida daquele hospital.

— Ei, mano. Você já quer fugir do serviço, é isso? Quer se ausentar das suas obrigações, só PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque eu falei que ia colocar você pra trocar fraldas? — tentei brincar, colocando o nó na garganta para dentro.

— Não. Eu quero. Juro. Mas...

— Mas, nada. Você vai sair dessa. Você é o Darth Vadden.

— Essa fala épica é do Batman, Storm — falou baixinho. — E o Darth morre no final.

— Na história do George Lucas. Mas na minha história, você impera contra todas as Galáxias, senta a bunda no trono e ainda aperta aquele botão da Estrela da Morte quantas vezes quiser...

Ele deu um sorriso. E segurou minha mão.

— Eu gosto dessa pesc... pers... pe...

— Perspectiva.

— Isso aí.

— Ótimo. Então, foca nisso, okay?

Vadden levantou a mão e fez um joinha. Eu o segurei e fizemos nosso cumprimento épico de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

machos jogadores de futebol.

— Você ficou craque. Quando sair daí, vou ensinar outros.

— Tá.

Segurei sua mão até que ele voltasse a dormir e tia Blythe assumisse.

Saí da UTI pediátrica e me recostei na parede, do lado de fora, permitindo pela primeira vez, que eu pudesse chorar tudo aquilo que meu coração sentia ali dentro.

Medo de não conseguir cumprir metade das promessas que fiz àquele garoto que lutava pela sua vida. Medo de perder a esperança e a força que eu mesmo tentava transmitir. E agora... somado a isso tudo... eu tinha medo de simplesmente perder tudo aquilo que me fazia sentir vivo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 32



Eu estava sentado com a cabeça abaixada, apoiada nas mãos, os cotovelos nos joelhos, em uma atitude completamente derrotada. Estava às portas do Centro Obstétrico e até agora só tinha notícias superficiais sobre o parto de Taryn.

A médica de Vadden, doutora Andy, passara rapidamente com uma junta de outros médicos e apenas me dera um toque no ombro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti a presença ao lado, mas nem me dignei a erguer a cabeça. Logo um braço cobriu minhas costas.

— Rainbow está vindo pra cá com Thomas — Sunshine disse baixinho.

Eu havia avisado por mensagem. Era minha família, e eu os queria ali comigo. Eu era macho o suficiente para assumir que precisava de apoio, sim.

— Ei, bro. Vamos ter fé — Mike disse do outro lado.

Uma agitação na saída do CO me fez levantar rapidamente quando vi a equipe da doutora Andy saindo em disparada com uma caixa. Ela veio em seguida e parou à minha frente.

— Coletamos o material e agora vamos levar ao laboratório, Storm. Assim que o resultado sair, prepararemos os procedimentos para o transplante de Vadden, ainda hoje. A equipe está a postos para executar, mesmo que tenhamos que fazer a infusão no meio da madrugada — ela disse.

PERIGOSAS ACHERON

— Okay... isso é bom, doc — falei e engoli em seco. — E... e... Taryn e minha filha?

A médica respirou fundo e colocou a mão no meu ombro.

— Sua filhinha nasceu prematura, então seguirá para a UTI Neonatal, as condições clínicas dela não me foram passadas ainda, mas posso averiguar pra você — ela disse, mas eu sentia que estava me escondendo alguma coisa.

— E Taryn?

— Ela está na sala de recuperação, aguardando o efeito da anestesia passar. Assim que for liberada, o obstetra deve enviá-la para o quarto. — A médica pegou minhas mãos e apertou firmemente entre as suas. — Storm, quero dizer que o que fizeram é... é lindo. E sei que, não importa o que aconteça, vocês tentaram de tudo pela vida de Vadden.

Aquelas palavras fatalistas poderiam me desestabilizar, se eu permitisse. Mas eu não aceitaria que tudo fosse em vão. Seguiria

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditando que no final, Darth Vadden, o pequeno garoto genial, seguiria reinando entre nós.

— A senhora tem noção de quanto tempo eu tenho que esperar para vê-las? — perguntei, já sentindo que começaria a surtar em breve.

— Sua filha, você poderá ver pelo vidro da UTI Neo; já, Taryn, creio que em uma hora ou menos, ela esteja sendo encaminhada para o quarto. E fique com o celular na mão. Vou te dando informações de tudo o que estamos fazendo até o momento em que pudermos atuar em Vadden — ela finalizou e me deu um abraço.

Sunshine pegou minha mão e ficamos ali, no corredor, encarando por algum tempo, até que eu criasse coragem e procurasse a ala da UTI Neonatal que ela tinha se referido.

Quando chegamos, perguntei à enfermeira que ficava no balcão de atendimento, se ela poderia me mostrar quem era a bebê recém-nascida de Taryn Tempest e Thunder Storm Walker.

PERIGOSAS ACHERON

— Consigo ver daqui? — perguntei com a voz trêmula.

Ela olhou para o interior da sala e conversou com alguém, voltando em seguida e abrindo a portinha para mim.

— Vou deixar você entrar para vê-la por alguns minutos apenas, tudo bem?

Olhei para Sunshine e Mike, que me esperavam abraçados.

Entrei e coloquei uma roupa estéril por cima da que eu usava, sapatos próprios e uma máscara. A enfermeira que me entregou o traje pediu que eu lavasse bem as mãos antes de seguir em direção à ala dos bebês. Quando entrei na ampla sala abarrotada de bercinhos transparentes isolados por biombos, senti meu coração pulsar com mais força.

A enfermeira parou à frente de um berço, tipo incubadora, com a identificação “TARYN”, o que só poderia indicar que era minha garotinha. Como

ainda não havíamos escolhido o nome, o que prevalecia era o nome da mãe.

Senti os olhos marejarem imediatamente ao ver a pequenina forma rodeada de fios, com um tubo minúsculo inserido no narizinho e na boquinha. O peito estava descoberto e cheio daqueles monitores cardíacos.

— Por-por que ela está com aquilo? — perguntei à enfermeira.

— Ela está precisando de suporte ventilatório nesse momento, pois teve um pequeno estresse ao nascimento. No momento sua bebê está... hum... dormindo, mas estamos mantendo os sinais vitais monitorados a todo instante, então você pode ficar tranquilo — ela informou e abriu a pequena janelinha lateral. — Você pode tocá-la por aqui.

Coloquei a mão no local indicado, tocando o centro da mãozinha fechada apenas com meu dedo. Ela era pequena, mas possivelmente, eu estava me comparando, e como não conhecia bebês, não tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

um parâmetro. Mas para mim? Era uma pequena bonequinha, parecida às que Sunshine gostava de brincar quando criança.

Senti uma cadeira sendo colocada às minhas costas, quando a mesma tocou a parte de trás dos meus joelhos. Agradei olhando por cima do ombro e me sentei.

Era a segunda vez naquela noite que eu me sentava à beira do leito de uma criança inocente que nem sequer se dava conta do tumulto que estava acontecendo dentro de mim. E uma delas era minha filha.

Minha. Filhinha.

Senti a lágrima quente e abafei o soluço, porque seria meio mico cair num choro convulsivo ali, em público.

A sensação de impotência bateu fundo outra vez. Como algo amargo descendo pela garganta. Indigesto.

PERIGOSAS ACHERON

Sentir-se com as mãos atadas era a pior coisa do mundo.

Admirei as feições do meu bebê por não sei quanto tempo até que a enfermeira me tocou gentilmente.

— Sua esposa está no quarto.

Não corriji a impressão de que Taryn e eu não éramos casados. Eu corrigiria aquilo assim que pudesse. De papel passado mesmo.

— Posso tirar uma foto... ou isso afeta alguma coisa aqui? — perguntei meio sem graça.

— Pode, sim. Basta não usar o *flash*, mas muito mais por conta de evitar que sua foto saia péssima por conta do reflexo da incubadora do que por outra coisa — ela informou.

Depois que criei coragem de deixar a mãozinha da minha filha, para me afastar, peguei o celular no bolso da calça e tirei algumas fotos para mostrar a Taryn e minhas irmãs.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saí do quarto, mas olhei para trás uma última vez. O único pensamento que passava na minha mente era: *eu voltarei por você, minha pequena abelhinha.*



Sunshine e Rainbow me aguardavam do lado de fora da UTI Neonatal assim que saí.

Fui engolfado em um abraço cheio de fios de cabelo e deixei que minhas irmãs me consolassem e fortalecessem ao mesmo tempo.

— E então? — Rainbow perguntou.

— A médica vai me passar as informações depois, mas agora preciso ir atrás de Taryn.

— Então vamos todos — Sunny disse, puxando Mike pela mão.

Thomas guiava Rainbow com o braço sobre seu ombro, mas minha irmã mais velha mantinha um aperto firme em uma de minhas mãos, enquanto minha gêmea segurava a outra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava me sentindo uma criança de dois anos devidamente presa pelos pais, sendo guiado para o primeiro dia de aula.

Chegamos no andar da maternidade e fomos encaminhados ao quarto de Taryn.

Quando entrei, seguido da trupe que me acompanhava, minha garota, que chorava baixinho, virou a cabeça para mim.

— Storm!

Eu corri até onde ela estava e a abracei com o maior cuidado possível, visto que ela tinha acabado de passar por uma cirurgia.

Beijei suas bochechas e seus lábios e passei as mãos em seu cabelo bagunçado.

— Você a viu? Como está a bebê? Me fala...

— Calma, eu vou falar tudo. Acabei de sair de lá e olha — peguei o celular no bolso e abri a galeria de fotos —, aqui está nossa pequena. Parece um pequeno repolhinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Awwnnn... ela... ela... está toda cheia de agulhas? — perguntou.

— É para mantê-la saudável, boneca. Mas ela está dormindo, então, relaxa que a pequena não está sentindo nada. — Eu esperava aquilo, totalmente. — E você?

— Estou apenas sentindo dores na área da cirurgia, e tendo a sensação estranha de que algo está faltando — admitiu.

— Claro que está faltando, coração: a melancia que você carregava aí.

Eu precisava brincar para aliviar o clima. Mais do que isso. Eu precisava tentar manter as coisas leves ou eu mesmo me afundaria num poço escuro de autocomiseração.

— E Vadden? Teve notícias? — perguntou com medo no olhar.

— A doutora Häagen-Dazs passou uma mensagem agorinha dizendo que vem daqui a pouco, falar pessoalmente com você. Sua tia está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mantendo a vigília ao lado de Vadden, mas já informei sobre seu parto e que eu havia visto nossa pequena.

— Vamos chamá-la de pequena pra sempre? — Taryn perguntou baixinho.

— Eu voto colocar um nome associado ao nosso, ao que ela representa, a tudo ao redor — falei. Eu já tinha pensado em um que seria ideal, mas esperava que ela amasse tanto quando eu.

Rainbow e Sunny chegaram do outro lado da cama e Sunny disse:

— Rain é a rainha de identificar os significados dos nomes.

— Mas não acho que vá ter muita dificuldade em achar a razão... — respondi.

— E qual seria? — Taryn questionou.

— Pensei em Sky... — disse timidamente.

— Ah, meu Deus, você vai fazê-la ter um nome esquisito como o nosso, Storm? — Rainbow

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ralhou.

— Eu-eu... eu amei, Storm — Taryn disse com um sorriso lindo.

— Sério? — confirmei.

— Sério??? — Rainbow e Sunny perguntaram ao mesmo tempo.

— Sim. Sky é lindo. Está ligado realmente aos nossos nomes. — Ela suspirou. — Ela vai ter um nome tão magnífico quanto o pai dela.

— Ela foi enviada do céu, Taryn. Por isso, nada mais justo.

— Okay, com esse argumento, não há como contestar — Rainbow afirmou. — Sky vence por unanimidade.

— E vamos fazê-la tão fodona, que ninguém nunca zombará do nome dela, como fizeram conosco. Ela vai totalmente puxar a mim — Sunshine se gabou.

PERIGOSAS ACHERON

— Humm... ela vai ficar maravilhada comigo, Sunny. Sky e Rainbow têm tudo a ver. Veja a sincronia com que formamos o arco no céu... — Rainbow disse enlevada.

— Mas o Astro-rei fica lindo e ostentando onde? Onde? No céu. Totalmente Sky. Fora que começa com S. Tudo a ver comigo — Sunny contra-argumentou.

— Calem a boca... o nome tem a ver com o fato de ela ser um presente enviado dos céus, suas loucas — falei. — Mas veio bem a calhar que toda tempestade de trovão só pode cair de onde? Hein? Hein?

— Do céu? — Taryn respondeu brincando.

— Exatamente, minha cara “Sherlock”. Exatamente. Acho que fomos mais sensacionais na escolha do nome do que nossos pais — afirmei.

Mike e Thomas riram em um bufo e ganharam olhares enviesados das mulheres. De mim eles ganharam apenas o dedo médio sendo devidamente

apresentado às minhas costas, sem que Taryn ou minhas irmãs vissem.

Estávamos já há alguns minutos numa conversa tranquila, tentando esquecer as preocupações, quando a porta se abriu, e a doutora Andy entrou, seguida de mais dois médicos.

Segurei a mão de Taryn imediatamente, sentindo que ela estava nervosa.

— Antes de mais nada, muita calma — ela começou dizendo e estendendo a mão para indicar que Taryn ficasse tranquila. — Esse aqui é o doutor Van Dyke, que fez seu parto, e esta é a doutora Fabienne Curt, pediatra que assumiu os cuidados de seu bebê.

Minhas irmãs estavam no canto do quarto, devidamente em silêncio, tentando se fazer invisíveis, quase sem respirar, e apenas ouvi Mike sussurrar:

— Se continuar prendendo a respiração, você vai desmaiar, Sunny!

— Vamos lá, antes de mais nada, quero dizer que o sangue extraído do cordão umbilical, que foi enviado para análise, é 100% compatível na tipagem sanguínea e está apto a ser usado para o transplante de Vadden.

Taryn segurou a respiração, emocionada.

— O transplante das células-tronco poderá ser efetivo, e é o que esperamos, realmente, que aconteça. Vadden já foi encaminhado para a irradiação, para que possamos dar início ao tratamento dele o mais rápido possível, visto o agravamento da sua anemia. Num termo mais simples, o que fizemos foi: nós coletamos um pouco mais de 100ml do sangue do cordão umbilical do bebê Walker, como assim vocês o chamam — ela disse e sorriu para nós. — Congelamos o restante, para uma eventualidade. O sangue foi levado para a centrifugação e as células-tronco já foram separadas para que fossem acondicionadas em uma bolsa de infusão. Será

como uma espécie de “transfusão” — fez questão de enfatizar as aspas gesticulando —, da mesma forma que ele está acostumado, nada muito diferente disso.

Okay. Minha cabeça estava dando um nó, mas eu estava acompanhando.

— Todo o procedimento deveria ser feito com calma, Vadden deveria receber uma dose de quimio e radiação mais leve, mas não temos tempo hábil. O quadro dele se agravou, e vamos crer que, os glóbulos que precisariam ser “destruídos”, para que os novos que serão infundidos possam atuar, realmente já não estavam cooperando em seu sistema, nem mesmo com as transfusões constantes. O que estamos evitando aqui, a todo custo, é que ele se encaminhe para um quadro de falência múltipla, daí nossa pressa.

— Ah, meu Deus — Taryn sussurrou.

— Taryn, o que tínhamos que fazer, já fizemos e continuamos fazendo. Agora é crer. Eu peço

desculpas pela forma como tudo transcorreu, como a notícia culminou no seu parto prematuro, mas vamos pensar que isso tenha, inclusive, sido providencial para que Vadden pudesse ser atendido agora. Honestamente, não acho que ele resistiria mais tempo até o bebê nascer a termo.

Aquela realidade bateu forte no meu peito. Apertei a mão de Taryn, mostrando que estava ali.

— Mas...

— Ele estará recebendo a infusão o mais tardar dentro de três ou quatro horas. No momento, ele foi levado para a irradiação. Colocamos o hospital a postos para operar em um regime emergencial por ele. O Dr. Felix, lembra-se dele? — Taryn assentiu.

— Está monitorando tudo, desde o momento em que chegou ao hospital, por conta do meu chamado.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Vadden é um dos nossos pacientes mais amados, querida. Faríamos tudo por ele. Agora, o doutor Van Dyke e a doutora Curt esclarecerão os

acontecimentos do seu parto e as condições do seu bebê.

— Bem, Taryn, como deve ter imaginado, você teve um descolamento de placenta, o que ocasionou uma grande perda de sangue — o médico disse com aquele tom sério. — A sorte é que como você estava no hospital, o socorro foi imediato e o pronto atendimento reduziu os riscos ao seu bebê. Consultei seu histórico e vi que não teve nenhum sintoma de uma possível pré-eclâmpsia, correto?

— Não. Minha gravidez foi tranquila — Taryn respondeu.

— Estamos supondo que o impacto da notícia sobre as condições de saúde do seu irmão possa ter te causado um estresse agudo, com uma súbita alta de pressão, o que ocasionou o descolamento da placenta. É raro isso acontecer sem que a paciente tenha tido algum sintoma antes, mas ao que indica sua placenta era prévia, localizada num nível um pouco mais inferior do que o esperado, então, há

PERIGOSAS NACIONAIS

certas facilidades para que algo assim aconteça. Muitas mulheres passam suas gravidezes tranquilamente, sem problema algum. Você teve o infortúnio de apresentar o quadro agudo.

Eu achava que não precisava de todo aquele drama assustador, depois teria que ter uma conversa séria com Vadden, mas entendia piamente que tudo acontecera por uma razão.

— Seu descolamento foi considerável, quase 80% da placenta. Para que você entenda em termos numéricos, um descolamento total levaria seu bebê a óbito certo. — Taryn e eu quase sufocamos com o que ele falava. — O sangue que você perde representa momentos tensos para o bebê. É como se ele estivesse asfixiado, sem oxigênio. Como colocamos você na sala de parto rapidamente, ainda que tudo tenha levado alguns minutos, creio que conseguimos reduzir os riscos, mas o bebê nasceu hipotônico, bradicárdico, sem choro...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que o senhor poderia explicar em termos mais... compreensíveis? — pedi com educação.

— Hipotônico significa que ele nasceu sem força muscular. Também apresentou o ritmo cardíaco muito baixo. Enfim... em termos mais técnicos e um pouco mais enfáticos...

— Tivemos que reanimar seu bebê em um dado momento — a outra médica disse. Ela tinha os olhos gentis e falava de um jeito manso, como se quisesse nos tranquilizar. Mas como poderíamos nos acalmar se ela tinha acabado de dizer que nossa filha tinha parado de respirar, porra???

— O quê? — Nem sei se fui eu ou Taryn quem perguntou. Ou se foram minhas irmãs. Sei lá.

— Essa é a razão de o bebê estar intubado, embora tenha nascido com um peso bom para a idade gestacional. Com dois quilos, ele nem pode ser considerado pequeno — ela completou.

O quê? Dois quilos? Ela disse dois? Aquele era o peso do meu pacote de Whey Protein!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós vamos acompanhar a evolução dela, monitorar como está seguindo, até que acorde sozinha.

— Ela está sedada? — Taryn perguntou.

— Não. Na verdade, eles nascem... como podemos dizer? Quietinhos. O cérebro está apagado, como se houvesse a necessidade de prepará-lo para despertar.

— E-ela... está em coma? — perguntei temendo a resposta.

— Não usamos esse termo assim para nossos bebês aqui. Apenas dizemos que eles estão dormindo um pouco mais do que deviam. É muito mais confortador, concorda? — a médica disse. — Agora, vocês terão livre acesso a ela, para que possam comparecer à UTI Neonatal, de forma que se façam presentes e “mostrem” a ela que estão ali.

Ainda bem que eu tinha ido e dado meu oi para minha pequenininha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Taryn, você precisará de um pouco mais de cuidado, já que não queremos correr o risco de uma nova hemorragia, okay? — o médico arguiu.

Ela apenas acenou com a cabeça e quando olhei, vi que estava chorando silenciosamente.

A doutora Andy, que tinha se mantido calada até aquele momento, aproximou-se da cama e segurou a mão de Taryn.

— O que mais precisamos agora é que você tenha força, se recupere e tenha fé de que vai segurar seu bebê saudável nos braços e ainda poderá recepcionar seu irmão, assim que tudo acabar bem — ela disse. — Se tudo der certo, em pouco mais de três semanas saberemos se houve a “pega” da medula. Se ele está produzindo os glóbulos de maneira adequada e satisfatória. Daí, serão mais alguns dias e Vadden estará apenas fazendo exames de rotina e acompanhamento aqui comigo.

— Eu espero por isso, doutora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, tenha fé. Porque eu tenho.

Eu também tinha. E manteria até o fim. Quando os médicos saíram dali, passei os olhos pela galeria de fotos do meu celular e contemplei a fisionomia de Sky e, algumas fotos antes, de Vadden, antes de piorar.

Os dois estavam lutando por suas vidas e mal sabiam que um estaria ligado ao outro agora, por um cordão invisível. A imagem era muito mais enfática do que eu poderia supor.

O cordão umbilical que segurou a vida de Sky, agora era o que segurava a vida de Vadden.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Não conseguia estabilizar as crises de choro que vinham em horas impróprias, desde o nascimento de Sky. Eu tentava evitar que Storm ou tia Blythe me pegassem no flagra, mas era difícil. Apesar de os médicos afirmarem que o que eu estava vivendo também era normal, por conta da queda súbita de hormônios no meu corpo, ainda assim, eu achava que tinha que ser muito mais forte do que a fonte sem fim de lágrimas que teimavam em cair.

Storm entrou no quarto naquele momento e estacou na mesma hora.

— De novo? — perguntou. Em sua mão ele trazia um ursinho de pelúcia branco e rosa, segurando uma bola de futebol americano cheia de glitter. — O que a médica falou sobre o excesso de lágrimas derramadas?

— Que pode dar rugas precoces? — tentei brincar e dei um sorriso triste.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também, mas quanto a isto não estou preocupado. Porém acho que isso pode te deixar desidratada. Você está parecendo um hidrante sem controle, sério.

Segurei o riso. A incisão cirúrgica ainda doía.

Storm chegou ao meu lado e depositou um beijo suave na minha boca. Passou a mão no meu cabelo desgrenhado, ou o que eu supunha estar.

— Quantos bichinhos você já comprou mesmo?
— perguntei, ao vê-lo juntar o ursinho aos outros que já se acumulavam no canto.

— Um monte. Vamos precisar de um quarto só pra isso.

A médica, Dra. Curt, entrou em nosso quarto, seguida da tia Blythe.

— Olá, querida. Como tem passado?

— Bem. Mas queria saber quando poderei estar com meu bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela chegou ao meu lado, com minha tia ladeando à sua esquerda.

— Em breve. Sua cirurgia nos coloca com muito mais cautela, mas estamos deslocando Sky para a Unidade Canguru. Queremos que ela tenha a experiência da proximidade e aconchego dos pais. No momento, porém, preciso que seja Storm a fazer as vezes do peito amigo — ela disse com carinho.

Um sorriso aflorou em meus lábios. Storm segurou minha mão e depositou um beijo em nossos dedos entrelaçados.

— Como assim? — perguntou. — Um canguru? Mas a minha garotinha acabou de sair do saco e vocês querem colocá-la outra vez?

Eu sabia que ele estava brincando, porque tentava confortar a si mesmo. Assim era Storm. Apenas o leve tremor em sua mão me mostrou que estava tenso com a perspectiva do que viria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela é um pequeno bebê que precisa sentir o calor dos seus pais. Vamos levar Taryn assim que a equipe de obstetrícia a liberar. Mas queremos que você tenha esse primeiro contato com sua filha. Que ela escute o som de sua voz.

— Ah, meu Deus, Storm. Vá... e me conte tudo — pedi com mais lágrimas querendo fugir sem controle.

— Storm, eu gostaria tanto de filmar. A Doutora disse que posso registrar apenas um pouquinho. Então poderemos trazer este momento lindo para que Taryn veja, o que acha? — tia Blythe perguntou.

— Claro. Meu Deus... Vamos lá. O que preciso fazer? Vestir alguma roupa tipo canguru? Algo assim?

A médica riu e acenou negativamente com a cabeça.

— Não. A experiência será pele a pele, querido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acertados os detalhes, Storm e tia Blythe se despediram de mim, deixando-me em um sossego sonolento, com uma tranquilidade fingida, já que meu coração não conseguia se abrandar ante os acontecimentos.

Eu ainda não havia conseguido sentir o cheiro da minha filha. E meu irmão, que precisava de mim, estava sozinho, cercado por máquinas, em um ambiente estéril, não de cuidados, mas do amor que somente o aconchego de uma mão amiga pode trazer.

Eu queria segurar a mãozinha de Vadden e fazê-lo ter a certeza de que eu estava ali. Não queria que tivesse a sensação de que estava sozinho.

Storm estava indo por Sky. Mas quem iria por Vadden?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 33



Caminhei atrás da Dra. Curt com

um ânimo associado a medo. Aquele dia estava sendo tão intenso quanto as batidas retumbantes do meu coração. Okay. Dramático, eu sei. Mas era assim que eu me sentia. Em alguma espécie de episódio surreal de uma daquelas séries de merda hospitalar que Sunshine tanto gostava de assistir.

A médica parou no corredor e me esperou, olhando por cima do ombro.

— Você está bem? — perguntou com um olhar perspicaz.

— Depende de que ponto de vista a senhora quer saber... — retruquei.

— Este momento é lindo, para que possa trazer conforto à sua vida e receber também, Storm. A conexão e elo que vocês podem criar agora é imprescindível, inclusive, para que Sky se recupere com maior rapidez.

Sacudi a cabeça afirmativamente.

Eu entendia. Sabia que minha filha precisava de mim, assim como eu precisava dela, como Taryn ansiava, mas não podia sair naquele instante. Então eu faria minha função. Nunca havia pegado um bebê tão pequenininho no colo, mas aprenderia, porque queria ser o melhor pai que aquela garotinha poderia ter.

Chegamos à porta da Unidade específica que chamavam de Unidade Canguru, onde somente os bebês mais prematuros e em estado mais crítico

ficavam instalados. As enfermeiras do setor me entregaram um pacote de roupas e mandaram que me trocasse no vestiário.

— Estarei te esperando aqui, Storm — Dra. Curt informou.

— Okay.

Entrei e senti meu coração acelerado. Troquei as roupas pelas estéreis do hospital, sem entender porque a parte de cima da camisa era aberta na frente. Não era como se eu fosse amamentar, não é... Sorri com minha própria zoeira mental.

Quando saí da cabine, a médica estendeu a mão e me levou até a área onde Sky estava. Uma enfermeira já estava a postos, sorrindo de maneira complacente.

— Sente-se ali, papai — ela orientou.

Sentei na poltrona confortável que ficava no canto do ambiente mantido à luz suave.

— Abra a camisa hospitalar, ou retire, se preferir, Storm — doutora Curt disse com suavidade.

Eu poderia até ter aliviado o clima para tirar um sarro, alegando que ela queria era ver meu tórax malhado, mas meu coração batia tão acelerado pela expectativa de pegar minha filha pela primeira vez, que fechei o bico. Não queria atrasar mais ainda a emoção de tê-la em meus braços.

A enfermeira chegou com o pacotinho enroladinho e quando me recostei à poltrona, ela simplesmente depositou Sky no meu peito. Senti as mãos tremendo. A Doutora Curt pegou minha mão esquerda e colocou sobre as costinhas de Sky, enquanto a enfermeira Daryll, que agora eu conseguia ver o nome no crachá, pegava a direita e posicionava logo atrás da cabecinha da minha filha.

— Assim você vai dar calor a ela, mais do que a incubadora poderia dar. Vai trazer a sensação de segurança e aconchego que o útero de Taryn trazia, e o seu cheiro vai confortá-la, como nenhuma outra coisa poderia fazer. Quando Taryn puder vir, essa ligação ficará mais intensa ainda, pois o cheiro do

leite materno faz com que ela desperte do sono de princesa em que está. É um estímulo infalível.

A médica sorriu ao olhar para mim e pegou o celular, tirando algumas fotos.

— Sorria, Storm. E pode se mexer.

— Tenho medo de ela cair... — sussurrei.

— Não precisa temer. Ela está agarrada a você, vê? — Observei e vi que Sky estava encaixada completamente no meu peito. Sua cabecinha suave repousava diretamente sobre meu esterno.

— Você pode cantar pra ela, se quiser. A vibração da sua voz fará com que ela sinta o que sentia quando estava na barriga de Taryn. Não tenha medo e faça contato com seu bebê.

— Estaremos ao lado, querido — a enfermeira Daryll disse e saiu, seguida pela doutora. Senti uma vontade imensa de chamá-las de volta. Estava em pânico, com medo de fazer algo errado.

Sky ainda estava atada a fios e um cateter seguia preso em seu narizinho, além do tubo oral. Minha

PERIGOSAS ACHERON

vontade era arrancar tudo e respirar por ela. Senti a primeira lágrima aterrissando na cabecinha da minha filha e me perguntei se aquilo seria o suficiente para deixá-la gripada. Ri sozinho da minha idiotice.

Tentei lembrar de alguma canção para cantarolar, mas só me vinha à cabeça, “brilha, brilha, estrelinha”, e não acho que Sky ficaria tão feliz assim com meu timbre e talento vocal.

Lembrei de uma que não era lenta, nem nada, mas citava o nome dela e talvez expressasse o que eu queria que ela internalizasse. Grace VanderWaal eternizou essa melodia na minha cabeça e cheguei a ouvir trocentas vezes nas minhas playlists.

— *Estrelas, elas não se comparam a nós. Eu não acho que você entenda* — senti sua mãozinha mexer ligeiramente contra o meu peito. — *Vamos sair e fazer algo que nunca faríamos... pois eu sinto que posso fazer qualquer coisa quando... minha cabeça está girando e meus pés estão fora do chão,*

PERIGOSAS NACIONAIS

e não consigo parar de dançar como se não houvesse ninguém... e, sim... acho que nascemos para brilhar. — Ignorei que a enfermeira e a doutora Curt estavam à porta agora. — Porque as estrelas são pequenas quando são comparadas a você e eu. E se as pessoas não gostarem, então elas que fechem seus olhos — no caso eu me referia a fecharem seus ouvidos, mas não estava mais nem aí... a mãozinha de Sky, definitivamente, estava agitada contra a minha pele. — Porque nós não somos iguais e não temos que tentar, porque somos mais brilhantes que vagalumes, e nós vamos iluminar o céu... Sky... vamos iluminar o céu, bebê...

Beijei a cabecinha da minha filha e fechei os olhos, deixando que as lágrimas fluíssem por alguns instantes, até que eu pudesse me recompor.

Senti a mão da doutora no meu ombro.

— Você foi maravilhoso, querido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho que sair agora? — perguntei sentindo o coração retumbar nos ouvidos.

— Não. Pode ficar mais um pouco. Quando for o momento, Daryll virá pegar Sky para colocá-la de volta à incubadora.

— Quando Taryn poderá fazer isso que eu fiz?

— Assim que for liberada. Creio que o mais tardar amanhã, querido.

— Okay.

— Enviei as fotos que tirei de vocês para o seu celular — ela disse e sorriu.

— Obrigado, doutora.

Ela se virou e saiu, deixando-me a sós com Sky.

Meus dedos acariciavam com suavidade qualquer parte que eu conseguia alcançar da minha filha. Eu queria guardar em memórias táteis para ter muito o que contar a Taryn assim que voltasse ao quarto. Queria que ela estivesse no meu lugar, mas estava grato por poder estar vivenciando aquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a enfermeira voltou e retirou Sky dos meus braços, senti imediatamente a ausência do meu bebê. Eu sabia que seu lugar era ali. Eu queria protegê-la com tudo o que tinha.

E era engraçado, porque uma parte minha, aquela imatura e sem compromisso com as coisas sérias da vida, se despedia e era quase como se eu pudesse vê-lo indo embora pelo corredor do hospital, rumo à saída. Em seu lugar ficava um novo Storm, um que havia acabado de definir como meta proteger aquela garotinha com a própria vida.

Saí da Unidade Canguru e me recostei à parede do longo corredor. Fechei os olhos e respirei fundo. Meu futuro estava traçado e havia se transformado em tão pouco tempo, mas eu não conseguia mais me ver sem a presença de Taryn, Vadden e meu bebê, Sky.

Meu propósito nesse mundo havia sido definido. O futebol era apenas um meio para alcançar as vitórias profissionais e conquistar bens materiais,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque os tesouros maiores dessa vida eu já havia conquistado e faria de tudo para mantê-los.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Eu não conseguia parar de chorar. Depois que Storm voltou da Unidade Canguru, onde foi levado pela doutora mais cedo, e me mostrou as fotos que haviam tirado dele com Sky encolhidinha em seu peito, não aguentei. Era difícil tentar me manter firme, quando tudo o que eu mais queria era me dobrar em posição fetal e chorar.

Senti os braços de Storm naquele momento ao meu redor. A cama afundou ao lado, indicando que ele havia desobedecido as ordens da enfermeira e tinha se deitado ali. Eu me virei em sua direção e encostei o rosto em seu peito. Aspirei para sentir uma fagulha que fosse do cheiro de nossa filha. Aquilo fez com que eu chorasse mais ainda.

Uma de suas mãos acariciava minha nuca, enquanto a outra me mantinha firmemente ligada a ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não pode continuar chorando assim, Taryn — ele disse e beijou o topo da minha cabeça.

Apenas sacudi e continuei do mesmo jeito.

— Não consigo entender como você consegue ser tão forte, Storm. Estou me sentindo em pedaços. Não bastasse a dor da cirurgia, toda a incerteza de não saber de Vadden, de não poder ter Sky nos meus braços... — soluzei mais alto — isso está acabando comigo. Tenho medo de não conseguir...

— Ei... — Storm ergueu minha cabeça, fazendo com que eu o olhasse. Seus olhos eram piscinas turbulentas. — Quem disse que sou um poço de segurança e certezas? Eu também estou com medo, Taryn. Muito. Pra caralho, pra ser mais enfático.

— Não parece, Storm — falei e dei um sorriso triste.

Ele me puxou mais contra seu peito. Gemi baixinho pela pontada súbita na cirurgia.

— Desculpa. Eu não devia ter te erguido assim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, está tudo bem. Eu só quero ficar assim com você um pouquinho.

Storm estendeu a mão para a mesinha ao lado da cama hospitalar e pegou seu celular.

— Você sabe que treino sempre com música, não é? Que enquanto malho, necessariamente tenho que estar quase explodindo meus tímpanos com alguma coisa...

Sorri e sacudi a cabeça.

— Normalmente não são aqueles raps horrorosos que você curte? — perguntei e ele me deu um sorriso.

— Que sacrilégio se referir assim àqueles hinos fabulosos...

Dei uma risadinha diante de sua revolta fingida.

— Veja... — Storm pegou o celular e acionou seu app do Spotify, concentrado em procurar uma música específica. — Feche os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz o que ele me pediu e a melodia encheu o quarto. A voz suave da cantora pedia que alguém a segurasse apertado, pois estava fraquejando. Que não era alguém super-humana e que poderia se quebrar, e pedia que fosse ajudada a não se perder no processo.

Embora a música depois engatasse em uma batida *dubstep*, a letra era tão clara para o que Storm queria dizer que senti uma lágrima rolando suavemente pelo meu rosto.

Ele passou o polegar e apanhou aquela lágrima furtiva com o dedo.

— Consegue entender que se você cair, eu caio também? Estou de pé pra mantê-la dessa forma, mas se você cair, Taryn... não sei se consigo me manter inteiro... porque não sou um super-humano. Não sou de ferro, invencível. Minhas fraquezas ficaram bem evidentes agora. Eu sempre me vi como um cara sem medos, mas tenho que assumir que estou sentindo um tão paralisante que chega a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser assustador. Mas finjo. Por você. Por mim. Por Sky e Vadden.

Um soluço irrompeu em meu peito, e o abracei com mais força.

— Desculpa...

— Pelo quê você está se desculpando? — perguntou assombrado.

— Estou me concentrando em mim mesma e nem ao menos me preocupei com você. Nem perguntei como você estava...

— Meu Deus, Taryn... — Storm beijou meus olhos, a ponta do meu nariz e, por fim, minha boca. — Você é a garota super-humana pra mim. Você carregou nossa filha por esses meses. Veio lidando com o drama de Vadden, sem nunca arredar o pé do lado do seu irmão, sem nunca reclamar por ter aberto mão da sua vida. Você enfrentou o parto prematuro e esteve em risco. Seu foco nunca tinha que estar em mim, apenas em concentrar em

PERIGOSAS ACHERON

melhorar. Eu só quero que perceba que se pareço uma fortaleza, é apenas por você e nossos guris.

Arregalei os olhos quando ele disse aquilo: nossos guris.

— O que foi? Vadden é meu guri agora. O moleque pode não ter idade pra ser meu filho, mas é seu irmão. Então agora é meu também. Nossas famílias estão ligadas de uma forma que ninguém explica. Seja pelo significado dos nossos nomes estranhos, seja pela forma como nos encontramos, como o universo nos conectou. Juntos até a eternidade. Meu sangue agora se ligou ao de Vadden. De uma forma muito doida, uma parte de Thunder Storm corre nas células de Vadden Tempest. E ele vai se recuperar e ser o garoto mais foda da cidade.

Sorri e chorei ao mesmo tempo.

— Eu te amo, Storm. Tanto que chega a doer.

— Espero que a dor não seja uma coisa literal e tenha algo a ver com a cirurgia recente e o fato de

PERIGOSAS NACIONAIS

eu estar te esmagando nos meus braços.

Eu ri mais uma vez e Storm me beijou. Daquele jeito que só ele sabia fazer.

Um pigarro acabou interrompendo nosso momento.

— Que coisa mais fofa. Os pombinhos aconchegadinhos na cama — tia Blythe disse e entrou, seguida de Rainbow e Sunshine, as irmãs de Storm, bem como dos pais dele.

— Ei, pessoas. O que é isso? Horário de visita?
— Storm perguntou, sem fazer menção de se levantar dali. Ele manteve um braço ao meu redor, enquanto o outro colocou dobrado atrás da cabeça.

— Pode-se dizer que sim, bestão. Estamos tentando ver a Sky, mas não nos permitem — Rainbow esclareceu.

— Claro. Porque eu sou o marsupial dela — ele respondeu e comecei a rir.

— O quê? Você é o quê? — Sunshine perguntou sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Canguru, Sunny. Ele é o canguru da Sky... — Rainbow respondeu com uma sobrancelha arqueada.

— Isso mesmo. Eu assumi esse posto. E adorei.

— Como assim? — Sunshine perguntou.

A mãe de Storm, Lou, chegou ao meu lado e fez um carinho em meu cabelo. Devolvi o sorriso.

— Ele vai para a Unidade Canguru e fica com Sky sobre ele, passando calor humano para ela — falei com uma pontada de inveja.

Rainbow e Sunshine sorriram ao mesmo tempo.

— Sério? Eu não posso ser uma tia-canguru? — a irmã gêmea perguntou.

— Claro que não, idiota. Ela precisa do cheiro dos pais — Rainbow respondeu.

— Exato. E no momento, aquela garotinha está se intoxicando com o cheiro delicioso do papai dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sunny retorceu os lábios em uma careta engraçada.

— Espero que esteja se lembrando de usar desodorante, Torm — ela zombou.

— Rárárá. Você é tão hilária quanto o palhaço Pennywise, do It, Sunny — Storm devolveu o gracejo. Sunshine torceu o nariz.

— Credo, Torm.

— Storm e Sunshine continuam se tratando com tanto amor que chega a ser sufocante — Rainbow brincou.

— Meus filhos não crescem nunca — o pai deles disse do canto. Um sorriso plácido enfeitava seu rosto.

— Por mais que tenhamos dado nabo a estes meninos... — a mãe completou e Storm riu fazendo seu corpo sacudir.

— Ai, mãe... isso pegou mal pra caramba — Storm caçoou, ainda rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seus filhos são adoráveis, especialmente Storm, com quem convivo mais — tia Blythe disse.
— Já o adotei oficialmente, se me permitem.

— Claro, sem problemas.

— Tem espaço para as irmãs? — Sunshine perguntou.

Tia Blythe chegou perto das duas e passou os braços sobre seus ombros.

— Claro, queridas. Agora formamos uma família linda e enorme.

— Onde está seu marido, Rain? — Storm perguntou.

— Hoje o coloquei para cuidar das compras da casa, enquanto vinha aqui. — Ela se aproximou da cama e colocou a mão sobre meu joelho. — E Sky e Vadden?

Meu coração se agitou com a consideração da família de Storm de se lembrar de perguntar por meu irmão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Segue lutando por sua vida. A médica só nos dará uma notícia efetiva depois das primeiras 48 horas — respondi.

— Acabei de sair da UTI. Ele teve todo o procedimento do transplante, com a infusão das células-tronco do cordão de Sky, e está na fase de observação para ver se haverá alguma espécie de rejeição — tia Blythe completou.

— Vai dar tudo certo. Depois poderemos fazer um grande festival solar para comemorar... — a mãe de Storm disse.

Ele jogou a cabeça para trás e gemeu audivelmente.

— Ah, não, mãe... o sol, de novo, não...

— O sol, sim. O nome de Vadden tem um elo lindo com o sol. E nossa Sky também, está ligada ao céu que nos rege. A luz solar de Vadden se ergue na dimensão azul do céu de Sky — a mãe deles disse de forma solene.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não passou despercebido por mim o olhar que os três irmãos trocaram e as risadas camufladas.

— Droga. Por que fui dar continuidade aos nomes hipongas? — Storm perguntou e gemeu.

Começamos a rir no quarto. De alguma forma, o clima de tristeza amenizou um pouco e por alguns instantes esqueci que minha vida tinha virado de cabeça para baixo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34



Entrei na UTI e segui até o leito de

Vadden. Nem sequer avisei Taryn que faria aquilo. Tive meu momento canguru com Sky na hora do almoço, assim que voltei da aula, enquanto Taryn foi de manhã e agora se encontrava enfurnada lá dentro outra vez, como uma legítima marsupial. Sorri com a lembrança. Taryn era o retrato da felicidade, desde o momento em que pôde pegar Sky no colo e fazer seu papel de mãe. E ela era perfeita. Todo o medo que sentia, de não se adequar ao cargo, por ser tão jovem, havia caído

por terra, no instante em que a enfermeira Daryll depositou Sky sobre seu seio. E tenho que admitir... Taryn ganhou de mim no quesito obtenção de pronta resposta da nossa filha: a sapeca cheirou o leite imediatamente e quase abriu os olhinhos.

Os médicos estavam cada vez mais empolgados com o progresso de Sky nos dias subsequentes ao parto e as respostas neurológicas dela eram excelentes, o que provava que o risco de alguma lesão era mínimo. Estávamos na expectativa de que dentro de um dia ou dois, Sky já se mostrasse mais ativa, pois com cada visita que fazíamos à Unidade Canguru, ela apresentava uma melhora considerável.

Puxei a cadeira e sentei ao lado de Vadden, pegando sua mão na minha.

— Cara, faça o favor de dar o fora logo daqui. Precisamos fugir deste departamento. As forças alienígenas estão cada vez mais invasivas e vejo médicos feios usando uniformes horrososos,

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando passar despercebidos. Mas eu sei que eles querem chegar até você, oh, mestre — falei solenemente.

O som de seu riso baixinho e ainda fraco me fez erguer os olhos.

— Onde estão meus Storm Troopers? — perguntou.

— Storm Strippers? O quê? Pelo amor de Sky, Lorde Vadden, se sua irmã te escuta falando isso, eu estou frito. Eu não tenho strippers, seu bocó — ralhei.

— Às vezes eu acho que sou mais adulto que você... — Ele riu.

— Dificilmente. Eu posso fazer coisas que você não pode — zombei.

— Como um nenê?

— Vadden! Estou chocado! Você não sabe que os bebês são entregues por cegonhas bacanas e com GPS?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum-hum...

Ele olhou para mim e sorriu por trás da máscara de oxigênio.

— E então... como está?

— Tirando o fato que minha bunda tá doendo e eles não me deixam sair daqui pra ver a Sky, está tudo legal.

Vadden estava se recuperando aos poucos, mas seu estado debilitado ainda era bem visível. As olheiras marcavam o rostinho jovial, lhe conferindo um aspecto doentio, porém em comparação ao que já esteve, podíamos dizer que sua recuperação seguia pelo rumo certo.

— A doutora Hägeen-Dazs veio aqui hoje mais cedo. Ela disse que se eu continuar indo bem, vai me liberar da UTI dentro de alguns dias.

— Isso é ótimo, cara. Esse seu período de isolamento da sociedade já está me dando nos nervos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vadden sorriu, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

— E Sky? — ele perguntou. Uma de suas maiores irritações é porque não o deixaram chegar perto dela.

— Está melhorando a cada dia. Aquela pilantrinha também está tirando um sono da beleza, e definitivamente, decidiu que só vai acordar quando receber um beijo do príncipe encantando.

— Será que sou eu o príncipe que vai despertar a Sky? — perguntou na inocência.

— Não, seu tapado. Você é o lorde do mal, esqueceu?

— Ah, é mesmo.

— Lordes do mal não beijam mocinhas inocentes. Eles arrasam alas inteiras do hospital, aniquilando germes e bactérias, e essas merdas aí.

— Boa ideia. Tô com tanto sono... — falou e apertou minha mão. — Não me deixa sozinho...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou ficar aqui até tia Blythe chegar, que tal?

— Obrigado, Storm — fechou os olhos e sorriu, antes de dizer: — Trooper.

— Idiota.

Vadden não respondeu porque dormiu quase que imediatamente. Os medicamentos que eram injetados através da bomba ligada a ele, funcionavam como um verdadeiro bombardeiro. Ele passava poucas horas do dia acordado. Os médicos diziam que daquela forma seu corpo se recuperaria mais rápido, ainda mais para um garoto que sempre foi mais agitado, como Vad.

Senti a mão de tia Blythe em meu ombro alguns minutos depois.

— Olá, querido. Está aqui há muito tempo? — perguntou em um sussurro.

— Não muito. Taryn já voltou para o quarto? — perguntei e aguardei a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Está esperando por você, mas disse que era pra eu te expulsar, se perceber que você está matando aula ou serviço. Você está?

— Estou o quê?

— Fazendo um dos dois.

— Aula, assisti pela manhã; treino, fui dispensado; serviço, estou de licença. Viu? Minha vida é um livro aberto — falei e sorri.

— Então vá, porque ela te espera.

— Obrigado.

Saí da UTI e fui rumo ao quarto de Taryn. Ela agora usava a camisola que eu havia trazido de casa, e não mais a coisa horrorosa hospitalar que deixava sua bunda de fora. Era uma bela bunda, claro, mas os outros seres frequentadores do hospital não precisavam ter acesso ou um vislumbre do que eu julgava ser meu.

Okay. Eu era um pouco possessivo. Um pouco. Tá bom. Um muito bem muito, mas estava me controlando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, coisa linda — cumprimentei.

— Onde você estava? — ela perguntou, deixando de dobrar algumas roupas que estavam sobre a cama.

— Fui dar um oi para o Vadden — respondi e senti quando ela tremeu de emoção. — Você não deveria estar deitada?

— Por quê? — perguntou sem entender.

Abracei seu corpo por trás e apoiei as mãos suavemente contra seu ventre ainda levemente abaulado.

— Porque você acabou de colocar uma melancia pra fora?

Taryn me deu um beliscão na mão.

— Não fale assim da Sky!

— Desculpa. — Ri de suas tentativas de continuar me beliscando e beijei seu pescoço. — Mas não deveria estar deitadinha ali?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não. Agora já posso andar... me movimentar.

— Você está operada, Taryn. Até eu sei que isso não é uma coisa suave. Eu, quando torço o joelho, tenho vontade de ficar de resguardo uns vinte dias — caçoei.

— Você é um folgado que quer as pessoas levando o café na cama e te dando sopinha na boca, não é?

Beijei seu pescoço outra vez e senti quando ela se arrepiou.

— Como adivinhou?

— Imaginei, Storm.

Deixei que ela se afastasse e puxei as cobertas, sinalizando para que se deitasse. Taryn revirou os olhos e acabou cedendo.

— Olha aqui, Storm. Daryll tirou mais fotos minhas. Nessa aqui a Sky não parece estar com os olhinhos abertos? — ela falou e me mostrou seu celular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Mas estou apostando que ela vai cantar junto comigo a música que coloco todos os dias no quarto.

— Não vale, Storm. Você conquistou a Sky com isso. É injusto. E nunca cantou pra mim — resmungou.

Dei um beijo estalado na sua boca e ri contra seus lábios.

— Sky não tem habilidade de me dar uma joelhada nas bolas quando eu desafino nas estrofes, Taryn, você tem.

— Eu não faria isso! — exclamou revoltada.

— Claro que não, mas riria na minha cara, o que praticamente se equivaleria a uma joelhada nas bolas, já que meu ego seria dilacerado.

Taryn revirou os olhos e acabei beijando sua boca com um pouco mais de vontade.

— Eu te amo, boneca.

— Eu também te amo.

PERIGOSAS ACHERON

Seguíamos naquele ritmo, apenas à espera gradual que somente o tempo e Deus eram capazes de dar. Depois de alguns dias, Taryn recebeu alta, mesmo que Sky, não. Isso a deixou arrasada, mas mais disposta ainda a se fortalecer e não deixar transparecer a Vadden a forma como se sentia por dentro.

Voltamos ao ritmo circunstancial de vida. Digo circunstancial porque eu tive que voltar à ativa para as aulas e o serviço, enquanto Taryn conseguiu uma licença especial para finalizar aquele semestre letivo em casa.

Então basicamente eu chegava exausto das aulas, treinos e trabalho, encontrava com a minha garota mais esgotada ainda, de um dia inteiro no hospital, acompanhando a recuperação de Vadden e de Sky, e por aí afora.

Na semana seguinte tivemos a surpresa de Sky, finalmente, despertar por completo. Os testes da equipe médica indicavam que sua saúde seguia em

PERIGOSAS NACIONAIS

pleno vigor e, por mais que o ritmo de desenvolvimento neuropsicomotor pudesse se mostrar um pouco mais lento que a média de outros bebês, num futuro próximo, que não devíamos nos preocupar.

Eu venci a aposta, óbvio. Sky mamava sempre com os olhinhos fechados e meio “drogada” do leite gostoso da mãe, então ela só foi efetivamente abrir as bilocas cinzas – e sim, minha garotinha tinha olhos acinzentados –, para mim.

— Muito bem, Sky! Já funcionamos como um time maravilhoso, meu amorzinho! Ganhamos da sua mãe! — Taryn estava ao lado e ouvi a risada bufada que deu sem esconder a inveja.

A Dra. Curt retirou Sky dos meus braços assim que ela “despertou” de verdade. Sky já estava sem o tubo ventilatório, mas agora poderia se ver livre de todo o maquinário que a monitorizava. Taryn estava louca para brincar de bonecas com nossa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filha, para poder trocar suas roupinhas, dar o chamego sem tempo marcado no relógio.

E eu tinha que confessar que eu também.

Saímos da Unidade Canguru sorridentes naquele dia. Completamos com a visita a Vadden, comprovando que seu quadro melhorava a cada dia.

A cada semana marcada no calendário, comemorávamos como uma vitória ganha no campo de batalha.

Naquela noite, um plano se formou na minha cabeça. Eu era bom de planos. Os melhores sempre saíam da minha mente genial, enquanto os que davam errado saíam da cabecinha de vento de Sunshine.

Eu podia sentir no meu âmago que os dias ruins estavam chegando ao fim. Ou em breve eles seriam apenas uma lembrança amarga do que vivemos. Todas as noites eu orava para que pudesse levar minhas garotas para casa, junto com Vadden, o pentelho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto acariciava o cabelo de Taryn, olhei para seu rosto cansado e percebi que havia fechado os olhos, completamente entregue aos carinhos que eu lhe dedicava. Eu estava ficando bom naquilo. Fazer minhas meninas dormirem. Sorri comigo mesmo, sendo autoconsciente de que uma eu fazia questão que dormisse tranquilamente, como um bebê. Literalmente. A outra eu queria que dormisse somente depois que a fizesse feliz. No mais amplo sentido da palavra.

Com os pensamentos em polvorosa, lembrei-me que o tempo urgia e eu precisaria rever a nossa situação o mais breve possível. Embora Taryn nunca tenha sequer cogitado a hipótese de um casamento, eu sabia que era aquilo que queria para mim. Mesmo sendo jovem, imaturo para alguns, eu tinha plena consciência de que queria que Sky crescesse com a minha presença constante ao seu lado. Não queria ser um pai de visita, um simples visitante esporádico na casa de Taryn.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha família poderia até ter a imagem de disfuncional para muitos, vista de fora, já que não se enquadrava nos padrões rígidos que a sociedade consumista e capitalista impunha, mas se havia uma coisa que eu e minhas irmãs nunca poderíamos reclamar era que faltou amor no nosso lar. Mesmo tendo os pais mais loucos que as pessoas possam imaginar, que muitas vezes precisam muito mais do contato com a natureza do que com as responsabilidades com os filhos, meus pais nunca nos deixaram faltar nada, inclusive no quesito amor paternal.

E era isso o que eu queria que Sky tivesse desde o início de sua vida. Que ela entendesse que não foi fruto de um erro. Que nunca se visse como um deslize ou algo assim tão banal. Eu precisava que Sky se enxergasse como eu a via. Como um verdadeiro milagre. Como um presente. Inesperado. Vindo em um momento em que nenhum de nós, Taryn e eu, esperávamos, mas que teve um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

propósito totalmente destinado a ser cumprido. Ela nasceu para ser nossa.

Eu queria dar um lar a Taryn e Sky. Sabia que seria difícil pra caramba no começo, com um emprego fuleiro e essas coisas, ainda tendo que me desdobrar nos estudos. Mas também tinha plena consciência que se tantas outras pessoas neste universo conseguem fazer isso, eu também conseguiria.

Eu podia provar a todos que com tempestades não se brinca. Elas chegam de maneira sorrateira ou de sobreaviso, podem ser brandas ou devastadoras, mas uma coisa é certa: depois que elas passam, algo novo se forma. Seja na forma de um arco-íris no céu, seja na forma de novas folhagens, seja até mesmo em devastação ao redor.

Eu não levava meu nome à toa. Provaria à Taryn que entrei na vida dela como uma tempestade da qual ela nunca poderá se esquecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Dezessete dias. Esse era o tempo que já havia se passado desde o nascimento de Sky, bem como do transplante de Vadden. Nem preciso dizer que eu e Storm estávamos esgotados, destituídos de nossas energias, mas ainda assim esperançosos de que nos erguiríamos em uma vitória ao final.

Embora Sky não tenha nascido tão prematura, em comparação a outros bebês da UTI Neonatal, ainda assim ela passou por um parto traumático e debilitante, precisou de cuidados intensivos e em alguns momentos nos deixou atemorizados de que não conseguiria sobreviver. Nunca tive tanto medo na minha vida. Meu coração estava dividido em dois. Meu irmão amado estava se recuperando, enquanto minha filha lutava para viver. Eu queria os dois. Não achava que Vadden conseguiria lidar com a realidade de que sua vida estava resguardada

em prol da de Sky. De que ele vencera a batalha, mas ela não.

Durante os primeiros dias, meus laços maternos foram fortalecidos e, tenho plena certeza de que grande parte da recuperação de nossa filha se deu à presença constante e inabalável de Storm, ainda mais pelo empenho que a equipe hospitalar dedicou ao nos acolher na Unidade de Terapia conhecida como Unidade Canguru.

Ali, os bebês prematuros não ficavam isolados em máquinas frias e estéreis, longe do contato imprescindível com seus pais. Ver seu filho ligado a inúmeros aparelhos e fios que o conectavam à vida trazia um peso tão insuportável aos nossos ombros que, por vezes, Storm precisou me sustentar, me pegando aos prantos e fazendo questão de assegurar que tudo ficaria bem no final. Porém eu também via a fortaleza que ele tentava transparecer, ruir em alguns momentos. Depois de suas visitas à Unidade Canguru, ele pensava que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não percebia, mas seus olhos estavam inchados e úmidos. Eram delatores de seu estado emocional, tanto quanto o meu. E aquilo só poderia significar que entre o momento em que retirava as roupas estéreis para adentrar a sala e se dirigia à saída da Unidade, Storm se entregava às lágrimas.

Aquele dia em especial era de emoção extrema para nós dois. A Dra. Curt havia telefonado mais cedo nos informando que Sky receberia alta. Para completar nossa felicidade, bastava que Vadden também pudesse se ver livre do martírio ao qual vinha sendo submetido ao longo do último ano. Queríamos aquele episódio em nossas vidas completamente encerrado.

— Você vai entrando e ajeitando tudo o que precisa, pode ser? — Storm falou assim que estacionou o carro na vaga mais próxima.

Olhei para o lado e franzi o cenho sem entender.

— Por quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou... fazer um telefonema — disse rapidamente.

Dei de ombros e desci do carro. Quando já estava quase me afastando, fui agarrada para receber um beijo enternecedor.

— Não sem uma despedida, garota — resmungou assim que desgrudou os lábios dos meus.

Comecei a rir.

— Tem noção de que estávamos em casa, dormimos juntos, acordamos aconchegados...

— Fizemos coisas juntos? Opa. Essa parte pula. Não fizemos nada... você ainda está de resguardo. Então nada de falar pra sua médica que te dei um amasso bem-dado ontem, okay? Foi culpa daquele seriado besta que você escolheu no Netflix. Me deu ideias... — brincou e piscou daquela forma única que só ele sabia fazer. E eu amava.

— Você é muito bobo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Agora vá... avise nossa filha que o papi está chegando — falou.

— Papi? — retruquei rindo.

— Tenho que criar um apelido fofo para que haja um laço somente entre nós dois. Não que eu esteja te isolando... longe disso.

— Já entendi.

Dei um beijo na bochecha do amor da minha vida e me afastei. Agora eu ia atrás de Sky, nosso pequeno presente vindo diretamente do céu. Depois eu esperava que pudéssemos resgatar o sol que sempre havia iluminado minha vida desde o momento em que nasceu.



A Dra. Curt me olhava com um sorriso condescendente enquanto a Dra. Andy fazia arrulhos para Sky, que dormia placidamente no meu colo. Eu estava sentada confortavelmente na poltrona do imenso quarto de espera que eles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preparavam para o momento em que os bebês recebiam alta na Unidade Canguru.

— Ela é muito linda, não é? Você é... liiiiinda, Sky... um cuti cuti... Tia Andy vai paparicar você...
— a médica disse e eu apenas sacudi a cabeça, rindo baixinho.

Doutora Curt se aproximou e passou um dedo delicadamente pela penugem castanha que cobria a cabecinha da minha filha.

— É um bebê adorável, meu bem. Você e Storm estão de parabéns.

Estávamos compenetradas naquela interação quando escutamos as risadas do lado de fora. Inclinei a cabeça para tentar detectar o motivo da algazarra, mas não foi possível ver nada. A doutora Andy foi até a porta e quase se dobrou de rir.

— Oh, meu Deus...

— O que houve? — Fabienne Curt perguntou e chegou à porta também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha vontade era fazer o mesmo, mas eu sabia que não podia. Sky estava dormindo tão tranquila no meu colo e não queria perturbá-la.

De repente, as duas médicas deram espaço para o motivo dos risos externos e minha boca quase caiu no chão.

Storm estava vestido, não, correção, fantasiado, de Darth Vader, dos pés à cabeça, com o traje mais glamoroso que alguém poderia imaginar. Meu Deus... capa, botas, luvas... sabre. Tudo. E ao seu lado, o motivo que associou as lágrimas ao riso reprimido que teimava em querer sair da minha boca: Vadden, vestido absolutamente igual.

Abaixei a cabeça e escondi o rosto no corpinho de Sky, coberto pela manta, tentando abafar o riso, à espera do que viria.

Não poderia ser nada diferente, vindo de Storm.

— Pequena Sky Walker... *I'm your father* — disse, fazendo com perfeição a voz estranha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abafada pela máscara do lorde mais sinistro de todos.

— E eu sou seu tio, Darth Vadden — meu irmãozinho completou. Comecei a rir.

Storm virou a cabeça para Vad e disse, esquecendo o personagem:

— Poxa, Vadden... por que seu nome tinha que ser muito mais legal que o meu e acabar com o meu esquema?

— Eu disse que você sempre pode ser meu Storm Trooper — Vadden debochou rindo.

— Mas perdemos a essência do episódio épico — Storm contestou.

— E não se esqueça de que a ideia foi minha — Vadden completou o argumento, rindo. — Renda-se à supremacia, Storm.

— Mas quem trouxe as fantasias iradas fui eu.

— É mesmo. Isso foi bem legal.

PERIGOSAS ACHERON

Os dois nem estavam percebendo que discutiam por baixo das máscaras. E que estávamos acompanhando de bocas abertas.

Storm olhou de volta na direção onde eu estava sentada e perguntou:

— Você é a princesa Léia?

— Humm... acho que não? — respondi em dúvida. — Mas se precisar de alguma adaptação nominal, pode me chamar de Princesa Taryndala.

Ele arrancou a máscara e um sorriso enorme estava enfeitando o rosto lindo que havia conquistado meu coração.

— É por isso que eu te amo, coração. Você tem o cérebro rápido como o meu, participa das zoadas e ainda entra no clube Star Wars.

— Somos muito nerds — Vadden disse ao retirar a máscara que usava também. Por baixo, ele ainda mantinha uma máscara estéril.

O transplante havia sido bem-sucedido, mas os cuidados precisariam ser observados com atenção

PERIGOSAS ACHERON

por muito tempo ainda, e a imunidade de Vadden era um dos principais tópicos.

— Como você está, irmãozinho? — perguntei e segurei a lágrima que queria escapular quando ele beijou meu rosto, abaixando a máscara, escondido da médica que mantinha uma animada conversa com a doutora Curt.

— Estou bem. A doc Häagen-Dazs tem uma novidade — ele disse sorrindo.

— Sério?

Storm estava agora ajoelhado ao meu lado e passava a mão devagarinho na cabeça de Sky. Sussurrava alguma coisa que eu não conseguia detectar.

A médica chegou ao lado e colocou a mão sobre o ombro de Vadden.

— Nosso rapazinho está de alta. — Meu coração quase parou ante suas palavras. — Vou liberá-lo sob a condição de que mantenha uma dieta rigorosa em casa, com cuidados já orientados à sua tia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Além de ter que voltar ao hospital, para uma consulta-controle, uma vez por semana. Depois do primeiro mês, a meta é esticar o retorno, até que Vad possa visitar esporadicamente estas dependências.

— Não é legal, Taryn? — Vadden perguntou e sua voz demonstrava toda a emoção que sentia.

— Sim! Nós vamos pra casa, Vad!

— Seu quarto já foi todo equipado com as regras sanitárias que a Dra. Andy nos passou — tia Blythe completou. — Vamos remodelar tudo do jeito que você quiser.

— Eu voto em pintar uma galáxia e um espaço sideral muito doido nas paredes. Uma Estrela da Morte gigantesca no teto, algo bem aterrador pra mostrar a veracidade de quem este cara aqui venceu — Storm disse e deu um beijinho na cabeça de Sky, se levantando e indo para o lado de Vadden. — Você venceu a morte, campeão. Merece um quarto digno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Concordo — falei com a voz embargada.

— Então está combinado.

— Agora, se todos desse hospital me derem licença, preciso levar esses elementos para a corte marcial situada na galáxia domiciliar da Rua Ellsborg.

Storm me ajudou a levantar do sofá, ainda com Sky acomodada no colo, colocou um braço sobre meu ombro e a outra mão sobre o de Vadden.

— E as coisas de Vad? — perguntei.

— Sua tia Blythe já providenciou tudo, boneca. Agora é só seguirmos para nossa casa.

Nós nos despedimos da equipe de enfermagem e dos médicos que cuidaram tão bem de Sky, tanto na Unidade Canguru, quanto na UTI, no momento em que ela nasceu. Demos os abraços tão necessários na Dra. Andy, que de alguma forma se tornou parte da família, e saímos para o imenso corredor da ala infantil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração quase parou tamanha a emoção ao ver todas as enfermeiras do setor, bem como outras mães e crianças, com plaquinhas de despedidas e estimas de melhoras para Sky e Vadden. Vi meu irmão enxugando uma lágrima furtivamente.

— Tchau, Lorde Vampiro. Sentiremos sua falta!
— Jacob, um dos enfermeiros que mais cuidava do processo de transfusão de Vadden disse.

Ele acenou e sorriu. Vestido a caráter como o tal Darth Vader que Storm incutiu em sua cabeça que ele deveria assumir por conta do nome, ele era só sorrisos. Despediu-se de todos com abraços e, quando saímos para o exterior do hospital, diretamente para a luz solar, pudemos ver Vadden erguer as mãos para o céu, feliz e sorridente, dizendo:

— Estou livre, gente!

Eu tinha medo de afogar Sky com as lágrimas que eu estava derramando agora.

PERIGOSAS ACHERON

Mas uma frase nunca foi tão verdadeira quanto aquela tão simples do meu irmão. Estávamos, definitivamente, livres.

Eu esperava, no fundo do meu coração, que para sempre.

CAPÍTULO 35



Escutei o choro de Sky antes mesmo

de Taryn. Eu estava ficando craque naquilo. Estávamos no terceiro dia em casa, e eu havia me alojado completamente ali. O bercinho ficava ao lado da nossa cama, mas sabia que Taryn estava tão cansada que sequer ouviria um rugido de leão no pé do ouvido.

Afastei as cobertas e corri para pegar a pequena resmungona que mostrou claramente sua insatisfação com o mundo. Sky não deixava margens para dúvidas de que estava revoltada, e se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

já não estivesse expert o suficiente, poderia jurar que o motivo era a fralda cheia, antes mesmo da barriguinha vazia.

Fui caminhando devagar para o quarto verdadeiro dela, do outro lado de corredor, todo pintado de azul celeste, com pequenos unicórnios flutuando em nuvens. Era meigo e lindo, exatamente como Sky.

— Já sei, mocinha, já sei. Você odeia ficar com essa coisa fétida grudada em você. Acredite... o papi também detesta que essa coisa mortal saia do seu corpinho, mas é a vida. Acho que se engarrafasse, daria uma arma química letal, hein? — brinquei enquanto ia arrancando as peças miúdas de roupas.

Com descuido total, eu ia arremessando tudo por trás do ombro, sem nem ver se acertava o cesto de roupa suja, porque meu objetivo claro era tirar o futum de gambá que impregnava minha criança naquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, o que é isso aqui? Olha... vou dizer... é esquisito. É nojento. Fede mais do que mil meias suadas de todos os times de subdivisão da NFL — falei admirado —, mas acho que a culpa é da sua mãe — sussurrei e me abaixei para falar bem diante de seu rosto. Me arrependi imediatamente. — Oooh... sério. O que será que a Taryn está comendo, gente? Eu juro que queria te dar um banho, princesa, mas está tarde, entende? Você ainda está um pouco desregulada no seu horário, né? Vamos lá — eu ia fechando a fralda à medida que ia dialogando com minha garotinha superatenta —, são três e vinte da madrugada, meu anjo. Nesse horário, os mortais dormem. Apenas os zumbis ficam acordados. Ou os vampiros. Opa... é melhor eu não falar sobre isso com você agora.

Céus. Meu estado de loucura era tal que eu estava falando sobre coisas aterradoras com meu bebê. Será que ela entendia? E se não conseguisse dormir mais? E se tivesse pesadelos?

PERIGOSAS ACHERON

Quando me virei para trás com Sky acomodada no cobertorzinho, chupando o dedo e mostrando claramente que queria seu alimento agora, quase dei um grito de morte. Taryn estava recostada no umbral da porta, com os braços cruzados e um sorriso irônico nos lábios. Vou dizer a vocês como eu sei que o sorriso dela poderia ser classificado assim: ele era apenas um traço em seu rosto, enviesado na ponta esquerda, enquanto nos olhos, entrecerrados, ardia uma promessa de vingança.

— Minha nossa! Você quase me matou de susto. A sorte é que estou mais controlado e não gritei ou xinguei com a pequena nos braços, Taryn. Jesus... por que essa atitude Jason Bourne? E... desde quando você está aí?

Ela se afastou da porta e saiu recolhendo as peças de roupas descartadas que arremessei sem rumo, no chão.

— Desde a primeira meia voadora, e ainda completei com você confabulando que a bomba

atômica da nossa filha é culpa minha.

Tive a capacidade de perceber que meu rosto ficou vermelho. Eu sei porque senti que estava pegando fogo.

— Ahn...

— Sem “ahn”, Storm. Por que mesmo a culpa é minha? — ela perguntou quando parou à minha frente.

— Porque você é a mãe? — Aquilo foi uma resposta meio pergunta. Eu sei. Doido.

— Você tem noção que eu levaria a culpa do sistema digestivo da nossa filha, somente se eu a amamentasse no peito, certo? Daí você poderia até mesmo dizer que algo que eu estivesse comendo poderia estar alterando o leite materno — ela disse com um ar de perspicácia. — Porém, Sr. Storm, como você percebeu, Sky bebe leite de fórmula... logo... de quem é a culpa?

Oh, merda. Eu não pensei naquele viés.

— É mesmo. Do fabricante. Óbvio.

— Exatamente. — Taryn retirou a pequena resmungona do meu colo. — Vamos lá preparar a mamadeira, daí você mesmo pode fazer e ficar com a culpa da próxima cagada da Sky — disse rindo.

— Ah, Taryn... eu não quis dizer nesse sentido...
— Saí atrás dela, passando a mão no cabelo, desconcertado com a situação.

— Eu sei. E só por isso eu não vou te bater com a fralda suja.

Iurgh. Que cena nojenta foi projetada agora na minha mente...

Eu mesmo ajeitei a fórmula do leite de Sky, testei a temperatura e entreguei a mamadeira para Taryn, que voltou para o quarto e se sentou na poltrona de amamentação que havíamos ganhado de tia Blythe.

— De toda forma, obrigada por ter cuidado do serviço sujo antes de mim, Torm — ela disse e me ajoelhei ao seu lado. Passei a mão na cabecinha de Sky, enquanto ela sugava toda a mamadeira de

PERIGOSAS NACIONAIS

maneira voraz, e dei um beijo na minha garota, que tinha o coração mais puro do mundo.

— Eu te amo, boneca. Sempre que eu puder fazer algo pra te ajudar, estarei ao seu dispor.

Taryn inclinou a cabeça e me deu um sorriso tão meigo que fez meu coração derreter mais ainda.

— Também te amo, Storm.



Estava arrumando a mesa de café da manhã, rapidamente, quando Vadden entrou. Ainda usando a máscara estéril, eu simplesmente comecei a rir.

— Cara, se você colocar um jaleco branco, podemos dizer que está brincando de médico na vizinhança.

Vad revirou os olhos imediatamente.

— Então... você já pensou em como vai fazer, Storm? — perguntou e olhou para trás, checando para ver se Taryn não poderia nos espiar.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou averiguando todas as possibilidades, garoto. Mas uma ideia está brotando na minha mente.

— Nossa... sinto até medo — falou e começou a rir.

— Uau. Você disse o mesmo que minhas irmãs diriam — ralhei e arremessei um pedaço de biscoito em sua direção.

Para dar prosseguimento ao meu plano eu precisaria da autorização da Dra. Andy, pois tínhamos que ter certeza que Vadden estaria apto a sair de casa.

Eu o levaria ao hospital, para sua consulta de controle, dentro de três dias, então era o momento ideal. Eu só precisava me livrar da companhia de Taryn nesse dia. Ou teria que fazer contato prévio com a doutora, para que acertasse detalhes com a doc, sem que Taryn percebesse.

— Bom, guri. Eu tenho aula, depois tenho treino, beleza? Deixei sua irmã dormindo com a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

princesinha. Cuide delas. Você é o homem da casa — falei e baguncei seu cabelo enquanto saía da cozinha. Tia Blythe descia as escadas naquele instante. — Tchau, Blythe. Vad está na cozinha se enchendo de besteiras!

— Mentira, tia! — Escutei o grito indignado enquanto fechava a porta de casa.

Saí com o sorriso satisfeito. Estava cansado de acordar todos os dias de madrugada e com poucas horas de sono? Ah... estava. Mas não trocaria isso por nada no mundo.

Ao chegar na universidade, dei de cara com Sunshine e Mike, abraçadinhos como um casal de pombos da Piazza San Marcos. Revirei os olhos e bufei discretamente. Não tanto, já que Sunshine começou a rir assim que me viu.

— Você tem que dedicar seus ciúmes agora às suas garotas, Torm. E me deixar em paz, por favor — caçoou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso vai acontecer no dia de São Nunca, maninha. Digo, deixar você em paz — retruquei.

— Storm, se tem uma coisa que posso ficar sossegado é quanto ao controle e segurança extremos que você fornece à Sunny, mas você exagera — Mike disse, colocando um braço sobre meus ombros. — Como estão Sky e Vadden?

Seguimos caminhando para nossos respectivos prédios enquanto eu narrava a aventura fétida da noite. Sunshine não cabia em si de tanto rir.

— Meu Deus, a Rainbow vai ter uma convulsão de tanto rir ao imaginar você fazendo esse serviço.

— Não sei porque a surpresa... — murmurei.

— Storm, você tem que convir que mudou muito nos últimos tempos. Você era nojento, só pensava no seu umbigo, nos seus músculos abdominais, sua vitamina e bola de futebol americano. Agora você é praticamente um pai de família. Numa versão juvenil.

PERIGOSAS ACHERON

Refleti no que ela disse e concordei com tudo. Inclusive, até passei a mão nos meus *abs* pra conferir se estavam ainda de acordo ou se tinham perdido as formas fantásticas que levei anos para adquirir.

— Bom, mas sou um pai de família gostoso — falei.

— E ele está de volta: o Storm convencido. — Sunshine revirou os olhos.

— E ela está de volta: a Sunshine exorcista, fazendo essa coisa medonha com os olhos. Sério, Mike, essa garota tem defeito de fábrica. Você devia ter certeza se quer continuar ou mandar fazer um *recall* — falei e levei uma bolsada na cabeça. — Ai!

— Idiota.

— Eu amo sua irmã de qualquer jeito, Storm — Mike declarou.

Os dois nem perderam um segundo e tiveram a cara de pau de dar um beijo na minha frente.

Nojento.

— Okay, okay. Chega. Sunny, preciso do seu cérebro — falei para interromper a sessão desentupidor de pia. Tudo bem, exagerei na descrição do beijo, mas pareceu pra mim.

— Não tenho como te emprestar minha genialidade, Torm — zombou.

— Afff... quando eu acabar meu treino, preciso que você me acompanhe até meu trabalho. Lá poderemos conversar a respeito do que penso em fazer.

— Okay. Boa aula, garotos — ela se despediu e saiu andando pelo corredor. Alguns assovios acompanharam o desfile de Sunshine e Mike cerrou os dentes ao meu lado e eu podia jurar que o ouvi rosnando. Comecei a rir.

— Rá! Quem está com ciúmes agora, hein?

— Nunca escondi. Eu apenas sou mais polido e gentil que você na hora de demonstrar — admitiu.

Batemos os punhos em acordo.



Aquele dia foi intenso. Aula, seguido de treino. Encontrei Sunny já à minha espera no estacionamento, ao lado do meu carro.

— Então? — perguntou assim que afivelou o cinto.

— Jesus... espere eu apenas engatar a marcha, criatura.

À medida que seguíamos para o meu local de trabalho, fui tramando com Sunshine tudo o que pretendia fazer. Sunny me acompanhou na loja, anotando todos os detalhes e conferindo em seu celular todos os passos que tínhamos que seguir.

— Okay. Então você vai pegar a confirmação com a Dra. Andy em poucos dias, certo? — confirmou enquanto anotava algo.

— Sim. Preciso ter certeza se Vadden pode sair para locais abertos ou como proceder, entende? Se

PERIGOSAS NACIONAIS

for vetado, tenho que pensar em um plano alternativo.

— Você sabe que o que quer fazer é muito audacioso, né? E lindo também. Será inesquecível. Deixe comigo que tentarei fazer a minha parte, okay?

— Confio em você. Vou acionar Rainbow para me ajudar a fazer a outra.

— Maravilha. Você é demais, Torm. Vai ser show.

Nós nos despedimos e continuei meu turno, já louco para ir para casa, para minhas garotas. E meu *bro*, claro.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

Na semana que se passou, com a adaptação da nova rotina em casa, com Sky e Vadden, percebi que a vida poderia ser muito mais fácil do que eu imaginava. Todos os meus temores iam sendo sanados um a um por Storm, que fortalecia o sentimento que nos unia.

A saúde de Vadden mostrava uma melhora considerável, do ponto de vista que seu corpo não havia rejeitado o transplante oriundo das células-tronco do cordão umbilical de Sky, e o que mais nos fascinava, tanto a mim, quanto a Storm, além de tia Blythe, era a conexão imediata que Vad havia estabelecido com nossa pequenina. Era perceptível que se Sky estivesse chorando, quando Vadden chegava perto, ela parava imediatamente, e o seguia com aqueles olhinhos cheios de amor. Dizem que os bebês novinhos não podem enxergar ou reconhecer fisionomias, que eles veem apenas

os vultos, mas era claro como cristal que ela sentia a presença de Vadden como uma espécie de simbiose.

— Vadden tem reagido maravilhosamente bem — a Dra. Andy disse, mostrando uma porção de exames em cima da mesa. — As taxas de glóbulos brancos e vermelhos estão acima da média, até mesmo do que esperávamos para este período, e a medicação de suporte vem fazendo o serviço que precisamos que seja feito. Vadden precisa ser resguardado de infecções nesta fase. Não se esqueçam de que serão cem dias intensos de antibioticoterapia.

Storm ergueu a mão, pedindo a palavra.

— Doc, ahn... é o seguinte: tudo bem que ele precisa evitar toda uma série de atividades e afins, mas... seria proibido, por exemplo, se quiséssemos levá-lo a algum local aberto?

Olhei para meu namorado, sem entender sua pergunta. Até mesmo parei o balanço suave que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

fazia para ninar Sky no meu colo. Ela resmungou na mesma hora.

— Depende de onde você esteja querendo levá-lo, Storm. Alguns locais são propensos a proliferação de toda sorte de vírus e contaminação.

— Ahh... — Sua cara de decepção foi óbvia.

— Por que a pergunta? — Dra. Andy insistiu.

— Eu gostaria muito de levar o Vad em um lugar. Mas seria surpresa pra ele.

Vadden virou a cabeça de uma vez, também espantado com a admissão de Storm.

— Humm... entendo. Vamos fazer assim: você me explica detalhadamente o que quer fazer, e eu o oriento, okay? — Dra. Andy apenas piscou para Storm. Pronto. O charme dele a havia conquistado por completo.

— Combinado.

Sáímos dali e a curiosidade me corroía. O que Storm poderia estar aprontando?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Storm pegou Sky do meu colo e a depositou no bebê-conforto do carro, fazendo aqueles ruídos fofos que só ele sabia fazer para mimar nossa filha, mesmo que ela estivesse completamente adormecida.

— Storm? — Afivelei o cinto de segurança e olhei para trás para ter certeza que Vadden também tinha feito o mesmo.

— Humm?

— Onde você está querendo levar o Vad? — sondei na maior cara de pau.

— Surpresa. — Foi a resposta sucinta de Storm, mas ainda ganhei um beijo estalado na mão que ele havia acabado de agarrar.

— Nada de me falar?

— Eita, Taryn. É surpresa pra mim. Deixa de ser enxerida e para de perturbar o cunhado.

Storm começou a rir sem controle.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cunhado? O que é isso, bro? Cadê nossa camaradagem de Brothers?

— Você é ou não o meu cunhado? Pai da minha sobrinha? Mesmo que não se case com a Taryn, ou termine o namoro, ainda vai continuar sendo meu cunhado.

Sorri sem graça com a ênfase de Vadden. Será que ele acreditava que eu e Storm não poderíamos ter um futuro juntos? O simples pensamento trouxe uma nuvem cinza ao meu dia. Mas eu não permitiria que aquilo estragasse o prenúncio dos dias maravilhosos que viriam pela frente.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36



Sunshine sentou-se de maneira brusca ao meu lado no sofá do antigo apartamento em que eu morava. E digo antigo, porque era oficial que eu morava com Taryn agora. Todas as minhas coisas estavam lá.

Rainbow não se fez de rogada e me espremeu do outro lado.

— Não estou acreditando no que meus ouvidos captaram — ela disse em zombaria.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cala a boca e apenas entre no espírito da loucura do nosso irmão — Sunny ralhou. — Já tenho tudo acertado. Vocês não fazem ideia do que um e-mail e *direct* para a pessoa certa podem fazer. Uma mensagem tocante, uma história linda e voilà: o momento perfeito está feito.

Respirei já com ansiedade. Eu sabia que Sunny era esperta, só não sabia que o nível ultrapassava as barreiras daquela forma.

— Bem, a minha parte também já fiz. Está tudo pronto. Até mesmo seus pais já prepararam tudo — Thomas completou.

— Maravilha. Acredito que vai ser perfeito.

— Torm, vai ser inesquecível. — Rainbow segurou meu rosto, virando em sua direção — Estou com um orgulho monstruoso de você.

— Eu sei. Eu sou muito genial mesmo.

— Ai, tava ótimo até o poço de convencimento se abrir e tragar nosso irmão de novo — Sunshine caçoou e me deu uma ombrada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será amanhã, certo? Você confirmou tudo? — perguntei pela milionésima vez.

— Sim. Eles vão abrir o Festival no Madison, dando início às festividades de Natal.

Depois de combinarmos tudo, bastava apenas que eu convencesse Taryn e Vadden a embarcarem na aventura. Tia Blythe já sabia do meu plano e estava de acordo.

Naquela mesma noite, depois de tomar o banho merecido após um treino intenso e sem noção por parte do meu treinador louco, deitei na cama e agarrei Taryn pelas costas, respirando seu perfume único.

— Boneca... eu vou levar vocês a um lugar muito bacana amanhã — sussurrei no seu ouvido.

O arrepio de seu corpo foi detectado pelas pontas dos meus dedos que percorriam a suavidade de sua pele descoberta por algumas partes do pijama.

Taryn virou a cabeça para trás e me olhou espantada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um lugar? Okay. Amanhã é sábado. Onde iremos?

— Segredo.

— Faz parte da surpresa que você havia falado?

— Sim. Vou levar você e Vadden a um lugar irado. Vadden vai ter um pouco de experiências fora do hospital.

— Mas, Storm... — Captei o receio em suas palavras.

— Eu já combinei tudo com a Dra. Andy, tá bom? Está tudo no controle.

— Tudo bem.

— Agora vem aqui — falei baixinho e a puxei para os meus braços.

— O que foi?

— Quantos dias a Sky tem?

Taryn começou a rir antes mesmo de perceber minhas intenções.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Menos do que os que você está sonhando nessa sua cabeça.

— Droga. Não tem problema. Vai valer a pena a espera — disse e beijei minha garota. Beijar eu podia. Só não podia fazer outras coisas. Mas tudo bem.

Dormimos abraçados. O dia seguinte seria épico.



— Taryn! Você está pronta? — gritei da porta de casa. — O Vadden que é o mais enrolado já está aqui há três anos.

— Eu não sou enrolado! E três anos foi um exagero muito tosco, Storm.

— Eu sei. Mas é aí que está a graça.

Taryn desceu as escadas com o vestido que eu havia comprado de presente. Com tons florais, ele ia um pouco abaixo do joelho, com mangas delicadas, que compunham o visual *boho chic*, como Sunshine havia me informado e montou para

PERIGOSAS ACHERON

ela. Como o tempo estava frio, ela usava botas de camurça, mas minha garota estava tão linda que quase deixei meu queixo se quebrar no chão.

— Cara, para de babar na minha irmã. Tá feio já — Vadden caçoou e me deu uma cotovelada nada gentil nas costelas.

— Ai! Você é pequeno, mas tem força, seu mala.
— Ignorei o restante da provocação do meliante e abracei minha namorada, sapecando um beijo demorado.

— Eca.

— Quero ver se você vai falar isso daqui a alguns anos — zombei.

— Meninas são repugnantes — disse fazendo cara de asco.

— Para com isso, Vad. Quem vê pensa que você não era todo cuidadoso com Julie Mervin, na época em que estudaram juntos.

Percebi que o garoto ficou da cor de um tomate maduro e ressecado, e comecei a rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Rá! Entregue de bandeja pela própria irmã.

— Traíra — Vadden resmungou.

Tia Blythe chegou ao nosso lado, quando já estávamos a postos para sair, trazendo nosso pacote todo revestido em tons lilases.

— Ei, biscoitinho do papai... Você vai ficar com saudades, não é? — arrulhei, ignorando as risadinhas ao redor. — Prometo levá-la numa próxima, okay? — Num futuro bem distante, claro, dado o lugar em que eu levaria a mãe e Vadden, e que poderia ser classificado como um antro do pecado. Deus me livre minha filha ficar exposta a esse tipo de influência perniciosa.

— Vão e se divirtam — tia Blythe disse e piscou o olho discretamente, ou assim eu esperava, já que poderia ser um espasmo louco, enxotando-nos de casa.

Seguimos de carro até a casa de Thomas e Rainbow, que já nos esperavam do lado de fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ué, sua irmã também vai? — Taryn perguntou com curiosidade.

— Sim. Sunny também. Resolveram fazer um programa em família — respondi de forma enigmática.

Dados todos os cumprimentos, esperamos apenas a chegada de Mike e Sunny e nos dividimos nos dois carros, decidindo seguir de carro até Manhattan. Poderíamos usar o trem que nos levaria até a estação do metrô localizada abaixo do Madison Square Garden, mas não quis arriscar colocar Vadden tão em risco. Era melhor prevenir.

Nova York era um caos para dirigir, mas com GPS e o recurso financeiro certo para bancar o estacionamento abusivo, tornava a tarefa à qual eu havia me proposto muito mais fácil.

O caminho inteiro fui pensando no meu plano infalível, segurando a mão de Taryn e acompanhando a conversa animada de Vadden, que estava podendo apreciar a vista fora das imediações

PERIGOSAS ACHERON

de Princeton desde muito tempo. Ele havia ficado tanto tempo preso naquele hospital que havia até mesmo se esquecido de curtir as paisagens desgastadas pela poluição. Para ele estava sendo maravilhoso.

Cerca de uma hora e meia depois chegamos ao destino. Estacionamos no local em que Medusa, o GPS do meu carro, cujo nome fiz questão de colocar em homenagem à louca mitológica, no indicou.

— Okay, o que estamos fazendo aqui? — Taryn perguntou com excitação. Eu podia perceber, porém, um tom de preocupação. Ela olhava o tempo todo para Vadden, além de retorcer as mãos nervosamente.

Retirei do meu bolso a máscara negra que havia comprado especialmente para Vadden e entreguei para o guri. O sorriso dele foi espontâneo. Ao invés de uma máscara estéril e sem graça, ele usaria uma bem bacana e genial. Igual à que o DJ Alan Walker

PERIGOSAS NACIONAIS

usava em suas performances. Ao lado até mesmo mandei bordar um VT, as iniciais de seu nome.

— Caracas! Eu vou arrasar em Manhattan! — gritou enquanto gargalhava.

— Você não vai desfilar pelas ruas da cidade, mané. — Percebi o desapontamento em suas feições. — Por enquanto, mas hoje será um dia especial. Nós estaremos no Madison Square... para um show.

— Um show? — Taryn quase gritou. — Você disse... show?

— Sim, boneca. Show. Tipo... de rock.

— O quê?! — Agora sim houve um grito estridente.

Rainbow e Sunshine acompanhavam a interação com sorrisos perspicazes. Seus respectivos mantinham-se estoicamente à espera das cenas dos próximos capítulos. Pareciam duas velhas fuxiqueiras.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha nossa! Eu nunca fui a um show de rock na minha vida inteira! — Vadden gritou por baixo da máscara.

Agora foi a hora de eu revirar meus olhos.

— Primeiro, você nem tem idade suficiente para falar “minha vida inteira”, mané. E agora será o momento em que você vai adquirir experiências no mundo fora do hospital.

— Que irado, Storm! — exclamou e agarrou minha cintura num abraço quase mortal. Eu podia sentir que ele estava feliz. Taryn chegou junto em um abraço comunitário.

— Obrigada por isso, Storm — falou baixinho.

— De nada, meu amor. Agora vamos para o agito, que o dia é uma criança hiperativa com excesso de açúcar no sangue!

Minhas irmãs começaram a rir e nos encaminhamos à bilheteria. A fila para entrar no festival já estava enorme, mas nossos ingressos eram diferenciais. Coisa de gente VIP. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

favooooor... quem tem Sunshine como irmã gêmea pode esperar por coisas assim. Sabe-se lá Deus o que foi que essa criatura penhorou para conseguir isso, mas pelo que entendi, foi um presente de Thomas e Rainbow.

Vadden atraía a atenção por onde passava, por conta de sua máscara estilizada, e ele estava achando o máximo. Não quis quebrar seu sonho juvenil ao dizer que na verdade muitas garotas estavam acompanhando como águias tanto eu quanto meus cunhados... Seria meio perturbador criar um conflito armado no meio do lugar. Sunshine era tão ciumenta quanto eu. Era capaz de ela caçar as moças e partir para o ataque.

— Eu acho que é aqui, pessoal — Sunny informou, conferindo a identificação do *ticket* que tinha em mãos. — Isso mesmo. Nossa entrada é diferente.

— Por quê? — Taryn quis saber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já disse, boneca. Somos VIPs — respondi antes de Sunshine.

— Nossos ingressos são... exclusivos — Sunny completou com uma piscadela.

Entramos no lugar, escoltados por um segurança que nos conduziu à área isolada.

— Storm, estamos indo para os bastidores — Taryn cochichou no meu ouvido. — Por quê? O que estamos fazendo aqui?

— Não faço a mínima ideia, boneca. Talvez eles tenham me confundido com um astro de rock? — zombei. Levei um beliscão de imediato.

— Vocês podem entrar aqui e aguardar por um momento. — O homem aterrador fechou a porta logo depois.

O camarim era enorme. Com sofás pretos de couro espalhados pelos quatro cantos e mesinhas recheadas de guloseimas. Taryn segurava minha mão com um aperto de morte, enquanto Vadden

PERIGOSAS ACHERON

mantinha a outra também com firmeza. Eu podia sentir que a pequena mão dele estava gelada.

— Nunca fui a um show... nem a um camarim. Será... que... será...

Antes que ele pudesse completar sua pergunta, a porta do camarim se abriu e os integrantes da banda de rock que estava nas paradas de sucesso no momento, entraram. Não preciso nem dizer que disfarcei um pouco o desconcerto ao ver a vocalista com o cabelo lilás pelo qual era tão conhecida.

— Olá! — ela cumprimentou a todos, concentrando os olhos verdes em Vadden, que ainda mantinha um aperto congelado à minha mão. — Você deve ser o Vadden Tempest, certo? Eu sou Eve, e estes aqui são meus meninos da DangeRock.

— Ai, meu Jesus amado... — Taryn exclamou baixinho ao meu lado.

Sunshine batia palminhas de onde estava, sustentada por Mike, imagino que talvez tentando conter a namorada para não saltar no colo de um

PERIGOSAS NACIONAIS

dos integrantes bonitões que tinha acabado de tumultuar a sala.

Thomas mantinha uma cara estoica, mas eu tinha certeza que estava observando atentamente a reação de Rainbow, que se mantinha contida, como sempre.

A vocalista se agachou na altura dos olhos de Vadden, que agora a encarava com fascínio.

— O-o-oi — ele disse baixinho.

— Vad... posso chamá-lo assim? — O garoto concordou prontamente. — Ficamos sabendo da sua história e achamos que você é um guerreiro muito bacana que merecia um lugar especial em nosso festival.

Outro cara chegou ao lado e disse:

— É, cara. Você merecia ganhar um prêmio por ter enfrentado a batalha que foi relatada. Não somos lá grande coisa, mas achamos que poderíamos te dar um dia inesquecível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, fale por você, bro. Eu sou uma grande coisa. Eita... sua autoestima anda meio baixa, hein, Bran? O que a Eve anda fazendo com você? — Um cara loiro com o cabelo estiloso se ajoelhou à frente de Vadden. — Olha, cara, você está muito irado. Essa máscara de Alan Walker está demais, mas sabe o que seria muito mais legal? Uma máscara do Darth Vader. Ei... alguém já te dis...

— Darth Vadden — Vad interrompeu o cara. — Esse é o meu apelido, dado pelo meu cunhado, Storm. — Apontou com o polegar para mim.

— Caraaaalho, que nomes irados. Por que não temos nomes bacanas como esses, gente? Espera. Vamos nos apresentar de uma maneira decente. Eu sou o Phil. Muitos me confundem com o poderoso Thor, mas é Phil mesmo. Um nome simples para uma pessoa magnífica. — As risadas na sala explodiram.

— Eu sou Malcom, o baterista. Nome comum também. Desculpa — falou o outro, um pouco mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sério que todos.

— Brandon, o mais talentoso, já que sou o guitarrista.

— Cala a boca, Bran. Não polua a cabeça da criança com essa infâmia — Phil disse. — Esqueci de dizer que sou o baixista, certo? Eu detenho o poder nas músicas.

— Okay, já que os manés se apresentaram, e eu já havia feito isso, agora é a vez de vocês — a vocalista disse. — Você é o lorde, Darth Vadden, este ao lado é seu cunhado... Storm?

— Thunder Storm — Vadden completou com orgulho. Quase lhe dei um peteleco. — Ele joga futebol americano. Vai ser um atleta mundialmente conhecido.

— Uau. Thunder Storm. Que nome fantástico. E essa é sua garota...

— Taryn — ela disse timidamente.

A banda se virou para onde os outros estavam, esperando que se apresentassem também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Rainbow, a irmã mais velha de Storm.

— Eu sou Sunshine, a gêmea.

— Thomas — ele disse e acenou.

— Mike.

— Espera... espera... o quê? — Phil colocou a mão na testa como se estivesse pensando em algo.

— Storm, Rainbow e Sunshine?

Olhei para minhas irmãs e apenas sacudi os ombros. Era sempre assim.

— Pais *hippies* — Sunny respondeu.

— Cara, por que meus pais não foram *hippies*?
— ele resmungou. — Eu acharia o máximo ter um nome diferente. E vocês?

— Tô dentro. Eu curtiria um nome como Arrow
— Brandon disse. — Poderia ser até mesmo um super-herói.

— Bem original você, Bran — Malcom respondeu. — Estamos falando de fenômenos naturais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu curtiria pacas ter um nome como Wind, Summer, Winter — Eve falou e conquistou o sorriso das minhas irmãs. — Pois bem, gente linda. Que maravilha que agora todos se conhecem. Pena que Brooke e Ash não estão aqui agora mesmo. Elas adorariam vocês.

— Concordo. Mas depois do show podemos combinar algo, que tal? — Malcom inquiriu.

Eu tinha planos para depois, mas era massa ver que o pessoal da banda era tão normal quanto nós. Eu estava esperando estrelas do rock com certa empáfia e metidez, mas encontrei jovens acessíveis e humanos.

— Vadden, este é nosso presente pra você. Seu cunhado nos relatou que você esteve por mais de um ano no hospital, sem poder curtir as coisas que a vida afora pode oferecer. Então, você sentará em um lugar de destaque, junto com os seus, okay?

Ele sacudiu a cabeça com entusiasmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Massa. Agora nós vamos nos preparar para o show, que começa em quinze minutos. Nos vemos daqui a pouco — ela disse e bagunçou o cabelo de Vadden, que não cabia em si de felicidade. Pelo canto da máscara eu podia ver seus olhinhos entrecerrados em um sorriso de orelha a orelha.

A banda saiu, deixando um momento de silêncio na sala. Até que Vadden explodiu em gritos de emoção.

— Eu conheci o pessoal da DangeRock! Eu conheci! Caracas, Storm! Obrigado! — disse, agarrado a mim.

— Agradeça essa parte à Sunshine, que tem as manhas. Eu quis te dar a experiência de um show de rock inesquecível — falei e olhei para minhas irmãs.

Vadden correu e abraçou minha irmã, enquanto eu recebia um abraço e um beijo emocionado no pescoço, da minha garota, que mal sabia que algo a aguardava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 37



— **Manhattan! Vocês estão gostando** do show? Quem ama esse festival, levanta a mão! — Eve gritou do palco.

Nossos lugares eram privilegiados. Estávamos nas coxias, mas tínhamos a visão completa do evento e da vibração do público, que ia à loucura.

— E agora temos uma música especial... cantada para um momento único e mágico. Então vamos celebrar!

PERIGOSAS NACIONAIS

As notas começaram e eu senti o nó se formar na garganta. Minha hora estava chegando. Sequei as mãos na calça.

Você apareceu tão de repente... sem alarde, sem fazer nem mesmo sinal.

Entrou na minha vida para destruir todas as barreiras que criei... sem dar chance ao meu coração de sequer negar.

Você mostrou que não importa o que digam, não importa o obstáculo que surja à frente... quando o coração está em jogo, ele sempre será o vencedor.

Seja meu destino... para sempre.

Seja meu eternamente.

Eu pertenço a você, meu amor. Você pode pertencer a mim?

Quando ela se virou para mim, fez um aceno para que eu desse prosseguimento ao plano. Peguei a mão de Taryn e a puxei para dançar comigo, sabendo que ela não estava entendendo nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Storm?

— Shhh... só quero dançar com você — cochichei. — Feche os olhos.

Olhando para os lados, ela parecia assustada, mas fez o que pedi.

Sem que percebesse, a guiei até uma parte do palco, enquanto Eve chegava perto, entoando a canção que mostrava claramente minhas intenções. Eu esperava que Taryn não se ligasse no canhão de luz que agora iluminava o exato lugar onde estávamos. Ou que ela não notasse a gritaria que o público fazia.

— Mantenha os olhos fechados, okay? — pedi baixinho.

— Por quê?

Comecei a rir, porque até assim ela tinha que argumentar.

— Apenas faça isso por mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já estava sendo difícil aquele momento. Mas eu esperava que ficasse eternizado. Tomara que Rainbow e Sunny estivessem filmando, porque até mesmo eu precisaria ver depois para crer que tive a coragem de fazer aquilo mesmo.

Peguei a caixinha dentro do bolso apertado do jeans, xingando mentalmente por estar empacado. Achei que sairia com mais facilidade.

Ajoelhei à frente de Taryn, sentindo sua mão tremer contra a minha.

Eve cantava com a paixão pela qual era tão reconhecida no mundo da música.

Seja meu destino... para sempre.

Seja meu eternamente.

Eu pertenço a você, meu amor. Você pode pertencer a mim?

— Sto-torm?

— Abra os olhos, Taryn. E pelo amor de qualquer coisa, só me diga sim.

PERIGOSAS ACHERON

Os olhos que eu tanto amava estavam focados em mim. Ela os desviou por um momento, dando-se conta de onde estávamos. No palco, com um feixe de luz e com Eve cantando as palavras que eu precisava que ela internalizasse. Que ela pertencesse a mim, como eu pertencia a ela. Não no sentido de posse, porque ninguém poderia ser dono de ninguém. Mas no sentido de ser a minha esposa. Aquela a quem eu prometeria amar com meu corpo e minha alma. Independente de qualquer circunstância. Independente de idade. Do julgamento de outros. De torcida negativa. Eu só queria poder construir uma vida ao lado dela e Sky, com Vadden junto.

— Si-sim.

Deslizei a aliança em seu dedo e a abracei, agora me dando conta do público ovacionando. Os braços de Taryn circundavam meu pescoço e eu a mantinha firmemente agarrada a mim, como se precisasse garantir que ela não fugiria ou desistiria

PERIGOSAS NACIONAIS

de suas palavras. Eu garantiria que não. Porque era esperto assim.

Quando conseguimos sair do abraço seguido do beijo nada singelo que dei para firmar o compromisso, Eve colocou um braço em cada um de nós e nos conduziu até o meio do palco.

— Eles não são lindos? Além de terem dado uma surpresa emocionante ao irmão de Taryn, Storm ainda fez questão de fechar com chave de ouro. E nossa garota disse sim!!! — Eve gritou e a multidão foi ao delírio.

Saímos sob os aplausos e gritos, sendo recepcionados pela alegria contagiante dos nossos que nos aguardavam.

— Ah, meu Deus! Caracas, Storm! Você arrasou! — Vadden gritou.

Minhas irmãs tinham lágrimas nos olhos e me abraçaram em dupla.

— Irmãozinho... que coisa mais linda! — Rainbow disse, emocionada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E vai completar com estilo. Você tem certeza?

— Sunny confirmou.

— Claro que sim — cochichei, olhando para trás.

— Já vivemos juntos, qual a razão de adiar mais a coisa?

— Talvez para dar a oportunidade de sua “noiva” escolher algo? — Rainbow argumentou.

— Qualquer coisa ela refaz depois — Sunshine contra-argumentou.

— Exatamente. Só quero garantir que Sky já esteja mais do que resguardada de qualquer eventualidade.

Mentira. Eu queria era garantir que Taryn nunca desistisse de mim.

O show da DangeRock encerrou em mais alguns minutos e os integrantes vieram se despedir.

— Eve, eu nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente — falei com sinceridade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é isso... nós amamos promover o amor. Nossas músicas enaltecem isso, e foi uma honra fazer parte da história de vocês. Espero que não percamos o contato, okay? Sua irmã agora já aprendeu o caminho das pedras para nos contatar, então... — ela disse com uma piscadela.

— Muito obrigado — agradei novamente.

— Cara, você foi muito bacana lá. O meu pedido foi mais original, no meio de uma entrega de prêmio sendo transmitida mundialmente. Não daria chance de forma alguma para Brooke negar... — Phil disse e riu. Levou um tapa de Eve. — Estou brincando. Não na parte da Brooke, mas na parte do meu ter sido melhor... embora eu ache... Ai, Eve!

— Para de falar, seu cabeçudo.

— Cara, todo mundo está tirando as oportunidades épicas do Brandon algum dia fazer um pedido digno a você... — Phil gargalhou.

— O quê?! — Eve e Brandon gritaram ao mesmo tempo. — Está louco, Phil?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebi que mesmo que ela tenha ficado sem graça, ainda assim parecia desejar aquilo. E aparentemente o namorado ainda não tinha percebido. Talvez ele precisasse de um empurrão...

Depois de nos despedirmos, seguimos de volta para Princeton.

— Ué, não vamos ficar para os outros shows? — Taryn perguntou.

— Não. Acho que Vadden está cansado — falei.

— Não estou, não!

Revirei os olhos.

— Está sim, Vad! — Olhei pelo retrovisor, quase unindo minhas sobrancelhas com o couro cabeludo, na tentativa de que ele captasse meus sinais.

— Ah, é mesmo. Estou cansadão.

Taryn olhou com desconfiança de um para o outro. Apenas sorri para despistá-la.

Dali fomos direto ao estádio de futebol. Às cinco da tarde começaria um jogo de futebol que nosso

PERIGOSAS ACHERON

treinador havia organizado apenas com aquele propósito. Uma partida amistosa contra a NYU.

— Ué... — Taryn exclamou.

Virei-me no assento do carro e peguei suas mãos nas minhas.

— O sonho de Vadden sempre foi assistir a uma partida de futebol americano, ao vivo, certo? Ele vai poder fazer isso agora, nesse momento.

— Caracas! Eu estou tirando o atraso de tudo na vida! — gritou do banco de trás.

— Exato, camarada. Então vamos lá. Você vai poder ver Thomas jogando, Mike... e... eu, no banco de reservas. Mas subornei Thomas e o treinador, para me deixarem entrar pelo menos alguns minutos, assim você poderá ter certeza de que seu cunhado é o máximo — caçoei.

Descemos apressados do carro e encontramos com os outros já na entrada do vestiário.

Sunshine havia preferido ficar de fora do grupo de cheerleaders naquele dia, mas havia uma razão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay, vocês ficam sempre com Rainbow e Sunny, não saiam de perto e não se aventurem por lugar algum — falei e segurei o rosto de Taryn. — Não suma, por favor.

— Minha nossa. Eu não vou sumir.

— Beleza. Até mais então. — Beijeí sua boca e corri para trocar a roupa e colocar o uniforme. Eu sabia que ficaria moído no fim daquele dia, mas valeria a pena. — Fique de olho no espetáculo com o número 8!

Dei uma última olhada e uma piscadela para minha garota, antes de seguir em frente.



PERIGOSAS ACHERON

TARYN

É difícil colocar em palavras a emoção vivida com Storm naquele dia. O presente que ele dera a Vadden, fazendo com que pudesse ter uma experiência única, foi tão enternecedor que chegou a derreter meu coração. Por um instante pensei que estava sonhando, ao constatar que eu era a pessoa que namorava aquele cara tão atencioso com meu irmão, tão cuidadoso com nossa filha.

Quando ele fez o pedido de casamento no palco, sob as luzes e a letra da música entoada por Eve McGannon, fiquei com medo de desfalecer. De emoção, de ansiedade, excitação. Achei que meu coração fosse explodir e saltar para fora da minha boca.

Agora estávamos chegando ao final do último tempo do jogo de futebol, e lágrimas brilhavam nos meus olhos. Por ver a alegria de Vadden ao meu lado, rodeado das irmãs de Storm. Por um

PERIGOSAS NACIONAIS

momento fiquei assustada, quando ele entrou na posição de Thomas, como quarterback, e foi derrubado de forma brutal em campo. Ele ficou por alguns segundos, sem se mexer, o que quase fez com que minha respiração engatasse em uma hiperventilação. Depois saltou com um pulo, tirou o capacete e se virou para nossa direção, como se dissesse que estava bem. Só aí voltei a respirar com normalidade.

O jogo estava encerrado e me levantei para ir atrás de Storm, mas Sunshine me segurou pelo punho.

— Por que a pressa, menina? Eles ainda vão tirar o suor do corpo, jogar aquelas roupas fétidas no vestiário. Calma aí. Termine de comer seu cachorro-quente.

— Não consigo. Minha garganta fechou no momento em que ele ficou apagado no chão — admiti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não ficou apagado. Relaxa — Rainbow disse e bateu a mão levemente no meu joelho. — Storm dramatiza todas as suas ações para sair bem nas filmagens.

Comecei a rir.

— Mas ele foi derrubado com violência — insisti.

— Mas meu cunhado é duro como uma rocha — Vadden falou com a boca cheia.

— Humm... Storm já te corrompeu, criança? — Sunny brincou.

Depois de vinte minutos, o celular de Rainbow tocou.

— Oi, amor. Hum-hum... hummm... hum-hum. Okay. Tá. Hum-hum. Te amo.

Uma conversa estranha, mas Storm dizia que sua irmã mais velha era um ser único. Pela conversa, parecia mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Okay, acho que seria uma boa irmos nos refrescar um pouco no banheiro, colocar toda a coca-cola pra fora, que tal? — Sunshine levantou-se e recolheu a sujeira ao nosso redor.

— Não preciso ir ao banheiro — falei.

— Nossa... você tem que ir, menina. Sunshine teve uma infecção urinária horrível, sabia? Por mania de ficar retendo urina e tals — Rainbow informou.

— Sério? — perguntei.

— Sim. Foi horrível — ela completou.

Acabamos fazendo o que as duas orientaram, e encontramos com Mike no meio do caminho, ainda vestido no uniforme, que assumiu os cuidados com Vadden. Ele disse que levaria meu irmão para ter contato com os bastidores pós-jogo.

Quando entramos no vestiário, Sunshine e Rainbow trancaram a porta. Não entendi nada.

— O qu...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique quieta, Taryn. Deixe tudo aos cuidados de Sunny, não resista que será melhor pra você — Rainbow disse em um tom fatalista. Meu coração acelerou por um segundo.

Sunshine tirou um monte de utensílios da mochila, como maquiagem e uma coroa de flores bem delicada.

— O... quê?

— Shhh... relaxa. Sente-se aqui. — Rainbow me posicionou no banco, enquanto Sunshine assumiu os trabalhos.

Depois de cerca de vinte minutos, Sunshine estalou a língua e disse:

— Genial. Ficou um trabalho fantástico.

— Como sempre, maninha. Você está se profissionalizando nisso.

— São os milhões de vídeos no Youtube e Instagram. Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As duas me puxaram pelas mãos e me guiaram até a saída, sem nem mesmo me permitirem contemplar no espelho o que havia sido feito.

Elas seguiram me puxando por um caminho agora escuro, até a entrada, novamente, do gramado.

Qual não foi minha surpresa ao ver no meio do campo um pequeno grupo reunido. À medida que eu me aproximava podia reconhecer cada um ali presente. Os pais de Storm, os pais de Thomas, eu supunha, já que estavam abraçados a ele, Mike, tia Blythe e Sky, devidamente aninhada no colo do pai. Vadden estava mais do que sorridente ao lado de todos. Até mesmo a Dra. Andy estava ali!

Meu coração começou a bater acelerado. Acho que estaquei o passo, mas Rainbow e Sunshine continuaram me puxando.

Quando me aproximei, Storm entregou Sky a tia Blythe e veio em minha direção. Ele vestia um

PERIGOSAS ACHERON

jeans escuro e uma camisa social preta, de botões. Estava sexy na medida.

— Olá, boneca.

— Oi — falei timidamente. Eu tinha medo de articular meus pensamentos.

— Bom, olha só. Sou um cara ansioso. E de ações tempestuosas, como meu nome evoca. Logo, já que pedi você em casamento hoje, e houve uma concordância, por que não fazemos os trâmites acontecerem no mesmo dia?

Eu não podia acreditar no que ele estava me falando. Mas podia sentir que um sorriso enorme queria rachar meu rosto ao meio.

— Storm...

— É sério... olha: será meramente uma formalidade imediata. Depois, se você quiser fazer uma puta cerimônia, com um baita vestido épico, flores ornamentais, essas paradas todas... tudo bem. A gente faz. Por você, eu caso todos os anos, se quiser — disse e me puxou para os seus braços. —

Mas eu não quero um noivado longo, e se já temos nossa filha à nossa espera em casa, nada mais justo que assumir logo a função oficial de “seu marido” ... afinal, você não pode deixar um cara lindo como eu solto no mercado... pode ser arriscado. É melhor você colocar logo uma aliança de ouro enorme no meu dedo e marcar território...

Recostei a testa ao peito de Storm, segurando o riso ante suas palavras.

— Sério? Essa é sua motivação?

Ele segurou meu rosto entre suas mãos.

— Claro que não. Isso foi apenas um discurso tosco e cheio de zoeira para tentar disfarçar meu nervosismo, já que estou com medo de você falar que não quer fazer isso.

Enlacei seu pescoço e beijei o queixo que eu tanto amava.

— Eu não tinha pensado em uma coisa imediata, mas também não diria não a você, Thunder Storm. Você, definitivamente, é como uma tempestade de PERIGOSAS ACHERON

trovões que chega fazendo alarde e anunciando mudanças bruscas por onde passa. Eu deveria imaginar que não sairia incólume da tempestade gerada por você.

— Bom, dizem que eu posso ter a força de mil furacões juntos e alguns tsunamis associados... — zombou, todo seguro de si.

— Algo assim. Eu te amo, Storm. Diria sim a você todos os dias.

— Diria é um verbo horrível.

— Okay, vamos mudar. Digo sim. Sempre que você quiser. Minha resposta será sim. Com exceção para comer brócolis e couve-flor — acrescentei.

Storm começou a rir e me abraçou forte, erguendo meu corpo e me rodopiando no meio do campo.

— Ela disse sim, minha gente. Vamos nos casar agora! Uhuuuu!

O juiz de paz já estava a postos e eu nem tinha reparado. Outro detalhe que percebi depois: a mãe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Storm foi a responsável pelas guirlandas de rosas nas cabeças. Quando olhei para as meninas e percebi que elas usavam um modelo com cores diferentes da minha, percebi que o mundo *hippie* havia adentrado em nosso meio. Foi quase como uma volta aos anos 70. Ver o sorriso no rosto de Lou Walker não tinha preço. Até mesmo Sky tinha um pequeno ornamento de flores delicadas na cabecinha.

— Que o casamento de vocês seja abençoado, já que foi forjado no amor. Que dure até que não haja mais palavras a serem transcritas em poemas de amor ou romances — o pai de Storm disse, ao brindar.

— E com essas palavras, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar... a noiva — o juiz disse, mas Storm já tinha feito isso mesmo.

E foi um beijo lindo. Cheio de amor. Desejo e promessas. De algo muito além. Algo infinito. Nossa história seria daquelas que poderíamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contar aos nossos netos, como algo surpreendente. Ninguém esperava. Ninguém supunha. Como alguém tão espontâneo quanto Storm poderia se apaixonar por uma garota tão pacata como eu? Éramos diferentes de tantas maneiras, mas tão iguais. Como alguém poderia supor que o cara mais brincalhão do lugar poderia se mostrar um ser humano único e tão cheio de amor que abriria mão de seus próprios desejos e tempo para dedicar a um garoto que precisou de seu apoio por aquele momento árduo que enfrentou? Como poderiam supor que um cara despojado e cheio de vida encararia a gravidez surpresa sendo tão jovem, como um presente, e não como um peso a ser eliminado de sua vida?

Thunder Storm era único de diversas maneiras. Ele era a expressão da palavra amor em sua mais ampla concepção. Quem tinha a sorte de conhecê-lo, não conseguia sobreviver à tempestade de emoções que ele despertava.

PERIGOSAS ACHERON

E ele só despertava em mim amor. Amor e devoção. Por toda a eternidade.

Depois que nosso beijo acabou, sob a onda de aplausos daqueles poucos convidados na cerimônia mais informal de todas, realizada em um campo de futebol, logo após um dia épico, tia Blythe depositou Sky em meus braços e olhamos para o fruto de nosso amor e história.

Storm estendeu a mão a Vadden, chamando-o para o círculo que agora formávamos.

— Você pode não saber, Vad, mas sua irmã acaba de se tornar uma Walker. E você também. Sabe por quê? Porque juntos nós vamos longe. E seu nome quer dizer “brilho do sol”, e o que esperamos depois de uma tempestade?

— O sol? — Vadden perguntou com lágrimas nos olhos.

— Exatamente. Então é isso que levaremos ao mundo. Sua história. Porque você sobreviveu. E vai mostrar que muitos outros poderão ter o mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

destino. Basta que tenhamos fé — ele disse e beijou minha testa. Logo em seguida, bagunçou o cabelo loiro do meu irmão.

— Eu amo você, Storm.

— E eu a você, mano. Nunca se esqueça disso.

E era aquilo. O amor era visível. Transbordava em ondas que engolfavam a todos ao redor. Foi um dia de risos e celebração.

Porém o mais importante. Foi um dia de se fechar um ciclo e começar uma nova história. Novas páginas a serem preenchidas com esperança e experiências encantadoras.

Eu nunca mais temeria uma tempestade. Ou trovões. Minha vida havia sido completamente transformada por uma em forma de gente.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO ESPECIAL

3 anos depois



— É sério? Por que temos que levá-la

à escola? Ela não pode fazer aula em casa?

Seria o máximo. Eu sempre quis. Meus pais chegaram a nos deixar um período sem irmos a uma escola comum, porque pulávamos de cidade em cidade... então era a mama que nos ensinava... poderíamos implementar esse método — falei

enquanto passava manteiga no pão. Queria disfarçar o nervosismo, mas já havia destruído duas torradas, então apelei para comer um pão inteiro.

— Storm, já conversamos sobre isso — Taryn falou de costas, com a cara enfiada na geladeira. Tive apenas um momento de vacilo para admirar suas formas, sem que ela percebesse, claro. Minha esposa era gostosa pra caramba. — Ela precisa da experiência de novos amiguinhos. E isso só pode ser adquirido em sala de aula.

— Claro que não. Está louca? Eu posso levá-la ao parquinho. Fico lá umas duas horas. Daí ela brinca com as meninas.

Taryn se virou e me deu o olhar do mal. Era sinistro.

— Só as meninas...

— Óbvio. Pra que ela deveria brincar com meninos? Eles são repugnantes, nojentos, perniciosos...

— Storm!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá bom. Vou levar. Mas vou buscá-la mais cedo — informei com os braços cruzados.

— Não vai, não. Se ela não chorar, você vai deixar que ela assista a aula até o fim.

— É muito tempo, Taryn. Naquele prédio frio, estéril... ela vai se sentir sozinha.

— Storm! — Taryn gritou, mas começou a rir.
— Deixa de ser absurdo. Várias crianças estarão ali.

— Viu? Várias crianças. Sabe-se lá a procedência dessas criaturas...

Taryn chegou perto de mim e passou a mão suavemente no meu cabelo e no rosto que eu havia esquecido de barbear.

— Storm, podemos voltar pra casa... O que acha?

— E fazer o quê? — Estava tão concentrado no sofrimento que minha pequena ia enfrentar, além dos riscos, na escola, que nem me toquei para a proposta indecente que estava recebendo. Só depois

PERIGOSAS ACHERON

é que meu corpo reagiu quando vi o sorriso saliente da minha esposa. — Aww... captei.

— Captou?

— Totalmente. Vamos levar nossa princesa pra escola. Acho que tem um cifão aqui em casa que precisa ser revisto — eu disse e me ergui da cadeira, levando Taryn junto, no colo, subindo as escadas aos risos.

— Papa! — Sky gritou assim que nos viu.

— Oi, boneca. Está preparada para a escolinha?
— perguntei com dor no coração.

— *Ecola!*

— Okay. Está. Credo... quero ver se essa emoção vai durar muito tempo — caçoei.

Vadden já havia saído com tia Blythe, mais cedo. Hoje ele teria campeonato de matemática. Meu bro era um gênio. Era outro garoto, desde que o conheci. O menino magrinho e debilitado de outrora, agora era forte e cheio de vivacidade, corria sempre atrás de Sky, sendo que ambos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

orbitavam um ao redor do outro. Coisa de sangue mesmo.

Depois de colocar Sky na cadeirinha, Taryn sentou-se ao meu lado e pegou minha mão, tentando me dar suporte. Era minha filha que ia para o primeiro dia de aula, mas era eu que precisava de auxílio. Deus me guarde. Um marmanjo. Já prestes a entrar no *draft* da NFL, e temendo a rua que eu deveria entrar para deixar um dos meus bens mais preciosos por quatro longas horas.

— Storm...

— Humm?

— Você está parado no sinal há mais de cinco minutos. Não percebeu as buzinas que levou?

Não havia percebido. Droga.

— Okay.

Taryn começou a rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou escrever isso no diário. O dia em que Thunder Storm ficou sem palavras.

Apenas bufei em resposta.

Quando paramos na frente do colégio, desci sentindo o coração martelar. Meu Deus... eu teria que deixar minha pequena ali, naquele prédio cinza e escuro? Okay... não era tão escuro... tinha umas coisas coloridas e tal, mas era tão... áspero.

Tirei Sky da cadeirinha, enquanto Taryn pegava a mochila que ela levaria.

— Papa! — Sky disse ainda no meu colo. — *Coioca no chão!*

Céus. A garota já queria fugir e me largar ali. Sem olhar para trás.

— Não vá, Sky... — pedi e afundei o rosto no pescocinho.

Ela colocou a mãozinha no meu rosto e me puxou para beijar a testa.

— *Vô bincar. Na escola.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Okay. Ela pensava que era aquilo. Mas ali era uma selva. Eu precisava proteger minha garotinha. Vi alguns pais deixando seus filhos na calçada. Observei uma pirralha que tinha tudo para ser uma abelha-rainha em miniatura. A mãe pelo menos, era. Eu até poderia estar julgando a pobrezinha, mas e se aquela criança perseguisse meu bebê?

Olhei para outro moleque com um casaco azul e uma mochila maior que ele. Andava todo imponente, como se fosse o dono do lugar. Puuuff... pirralho. Que não se atrevesse a se aproximar de Sky com aquela empáfia, ou conheceria o poder de Thunder Storm.

Mais um mini-hobbit passou e teve a coragem de olhar para Sky, no meu colo. E rir. O garoto riu! No maior desplante!

— Você viu isso, Taryn? — perguntei ainda chocado.

— O quê?

— Aquele moleque abusado riu pra Sky!

PERIGOSAS ACHERON

Taryn bufou.

— Ele não riu pra Sky, ele riu de você, que não quer largar sua filha e está apegado a ela como um polvo.

Percebi sobre o que ela falava e realmente... eu estava embalando Sky no meu colo, como se ela fosse meu bebê e eu não quisesse largá-la nunca.

— Mer... cadoria. É verdade.

Coloquei minha pequena no chão, dei cinquenta e dois beijos estalados no rosto e só sosseguei depois que ela cansou de rir. Quem sabe ela ficasse com sono e quisesse voltar pra casa?

— Storm?

— Humm?

— Solte a mão dela — Taryn falou.

Foi um custo. Mas soltei. Sky foi a última criança a entrar no prédio. A professora teve que vir buscá-la. No mínimo percebeu a relutância, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

deve ter imaginado que fosse da aluna, quando na verdade era do pai.

Minha filha foi embora sem nem ao menos olhar para trás. A pequena pilantrinha. Deu a mão à professora e seguiu seu rumo.

Estendi a mão em sua direção e disse baixinho:

— Volta...

Taryn me deu um safanão.

— Deixa de ser bobo. E para de sufocar nossa filha.

— Não estou sufocando. Estou apenas preocupado com os perigos desse lugar.

— Que perigos? Storm, você está louco? — Taryn ria enquanto prendia o cinto. Eu ainda estava com o carro parado, na esperança vã de que Sky viesse correndo por aqueles portões.

— Garotos, Taryn. Meninas maldosas... roubos de lanches. Bolinhas de papel. Intrigas...

— Storm!! É o maternal!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí que reside o perigo... O berço de todas as problemáticas... Vou ter que ensinar algo bem doido pra minha filha se safar desses males.

Taryn me surpreendeu me dando um beijo na bochecha.

— Okay. Faça isso, moço. Agora vamos para casa, que vou te mostrar uma nova modalidade que aprendi recentemente...

Huumm... aquilo muito me interessava. Tirou um pouco o foco das minhas preocupações.

Nos últimos anos tive que me adaptar a um ritmo louco e intenso de vida. Thomas e Mike já estavam jogando, em dupla, pelo New York Jets. Embora Mike tenha recebido uma proposta para o Washington Redskins, a possibilidade de continuar a parceria tão bem-sucedida com Thomas falou mais alto. Acho que os dois jogariam como Venom, o simbiote louco lá que não deixava Eddie Brock em paz. Sunny havia desistido de se profissionalizar como cheerleader – o que alegrou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bastante o espírito de Mike –, mas ainda integrava o time, já que era o último ano na faculdade. Ela se formaria em Psicologia; Rainbow havia se graduado com honras em História da Arte e agora fazia mestrado em uma conceituada universidade em NY, tudo bem ajustado com o novo local onde morava com Thomas.

E agora, dentro de alguns meses, eu teria minha vida decidida através do *draft* da NFL. Já tinha dois agentes apostando no talento que Deus me deu, só bastava passar no crivo dos melhores do país e entrar em um time da liga.

Eu estava feliz. Casado com Taryn, vendo Sky crescer a olhos nus, e acompanhando a plena recuperação de Vadden, sem recidiva alguma.

E a vida seguia. De acordo com tudo o que sequer havíamos previsto anos atrás, mas que agora fazia parte de quem eu era. Não conseguia mais me ver sem a rotina à qual me instaurei.

PERIGOSAS ACHERON

Taryn me fazia feliz. Sky e Vadden. Mas acima de tudo... a felicidade eu havia encontrado nas pequenas coisas da vida, e passei a apreciar cada uma delas, ao perceber que a vida é frágil e tudo pode mudar em uma questão de segundos. Que quando temos segundas chances ou oportunidades, é porque fomos chamados a cumprir uma missão. A minha era assumir aqueles que agora me completavam... sendo que nunca tinha percebido que era incompleto.

FIM

NOTA DA AUTORA



Este livro é uma obra de ficção. A

livre escolha do tema Transplante de Medula Óssea e células-tronco, foi utilizada com muita pesquisa, na tentativa de não cometer erros involuntários, mas sabendo que como toda obra originada da mente fértil do autor, algumas características podem sair fora do comum. Qualquer fato semelhante não passa de mera coincidência, salvo a narrativa da rotina árdua que muitas famílias enfrentam com seus entes hospitalizados.

PERIGOSAS NACIONAIS

A empatia que devemos sentir é real, e deveria ser capaz de nos mobilizar a fazer nossa parte, tão pequena quando comparada às agruras que tantos pacientes sofrem nas filas de espera do Banco de Medula Óssea.

Doar é puramente um ato de amor. Amor indelével, sem destino certo, mas capaz de salvar vidas.

PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS



Como sempre, este é o momento em que tenho que parar e respirar fundo, com lágrimas nos olhos, porque me mostra que cheguei ao fim de mais um trabalho. E não estaria aqui se Ele, o Deus que eu sirvo, não me sustentasse em todos os momentos em que senti-me fraquejar.

Agradeço ao meu marido, Érico, e meus filhos, Annelise e Christian, que aprenderam a me dividir ao longo desses anos. Amo vocês.

À minha família implacável na torcida por cada novo trabalho. Meus irmãos, meus sobrinhos, meus
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pais, meus sogros, cunhados, meus primos. Eu sei de cada um que sente orgulho ao me ver seguindo em frente.

Aos meus amigos de perto e de longe, que nunca se cansam de mostrar o apoio em cada etapa alcançada. Lili, Andrea Beatriz, Alê, Mimi, Mercia, Nana, Jojô, Dea, Paolete, Joy, Kiki. São tantos e tantos que fica impossível citar todos os nomes e cometer a gafe de esquecer de alguém imprescindível.

Ao meu time de betas-readers, incansáveis em suas leituras e opiniões, com o intuito de me fazerem permanecer de pé para que cada história chegue às mãos de vocês com aquilo que merecem: capricho. Anastacia Nana, Andrea Dea Gentili, Josiane Jojô. Amo vocês de um tanto que não cabe em palavras.

À minha equipe de apoio e suporte técnico, emocional e fraternal. Maroka, Bebelis, Ninoka, Corujinhas, Hey, bitches, Viciadas, Encantadas,

PERIGOSAS ACHERON

Maricota, Mi, Gladys, Sheiloka, Gabi Canano, alfas... Céus. Vocês são muitas. E sem vocês posso dizer que a jornada seria solitária. Sem os risos e afagos. Sem a ajuda crucial que recebo nos momentos mais tensos.

Minha fayettes, pertencentes a Fayetteville... Amo cada uma de vocês. Em cada pequena palavra ou demonstração de carinho, vocês aquecem meu coração. Cada leitor que me suporta e ama meus livros de forma incondicional.

A todos os bloggers que suportam e amam incondicionalmente cada uma das minhas obras. Meu muito obrigada de coração. Vocês não fazem ideia do tamanho da minha gratidão.

A todos os meus amigos autores, que continuam nessa jornada e se mostram parceiros queridos.

À Editora Pandorga, que me acolheu desde o início e acredita em cada livro entregue. Eu também acredito. Em cada um. Espero poder retribuir todo o carinho e cuidado que vocês sempre

demonstraram com meu trabalho. Silvia, minha gratidão e coração são seus. Petu, Cris, Bruno, Juliana, e todos os outros que ficam por trás, nos bastidores, fazendo cada livro acontecer. À equipe de preparo, revisão, diagramação, meu muito obrigada. E à capista mais fantástica do mundo, que conseguiu dar vida aos irmãos Walker com tamanha maestria. Te amo, ao infinito e além, Drizinha. Seu design Dri K.K. em cada arte destas capas evidencia o tamanho do seu talento.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



-  editorapandorga.com.br
-  [/editorapandorga](https://www.facebook.com/editorapandorga)
-  [pandorgaeditora](https://www.instagram.com/pandorgaeditora)
-  [editorapandorga](https://twitter.com/editorapandorga)

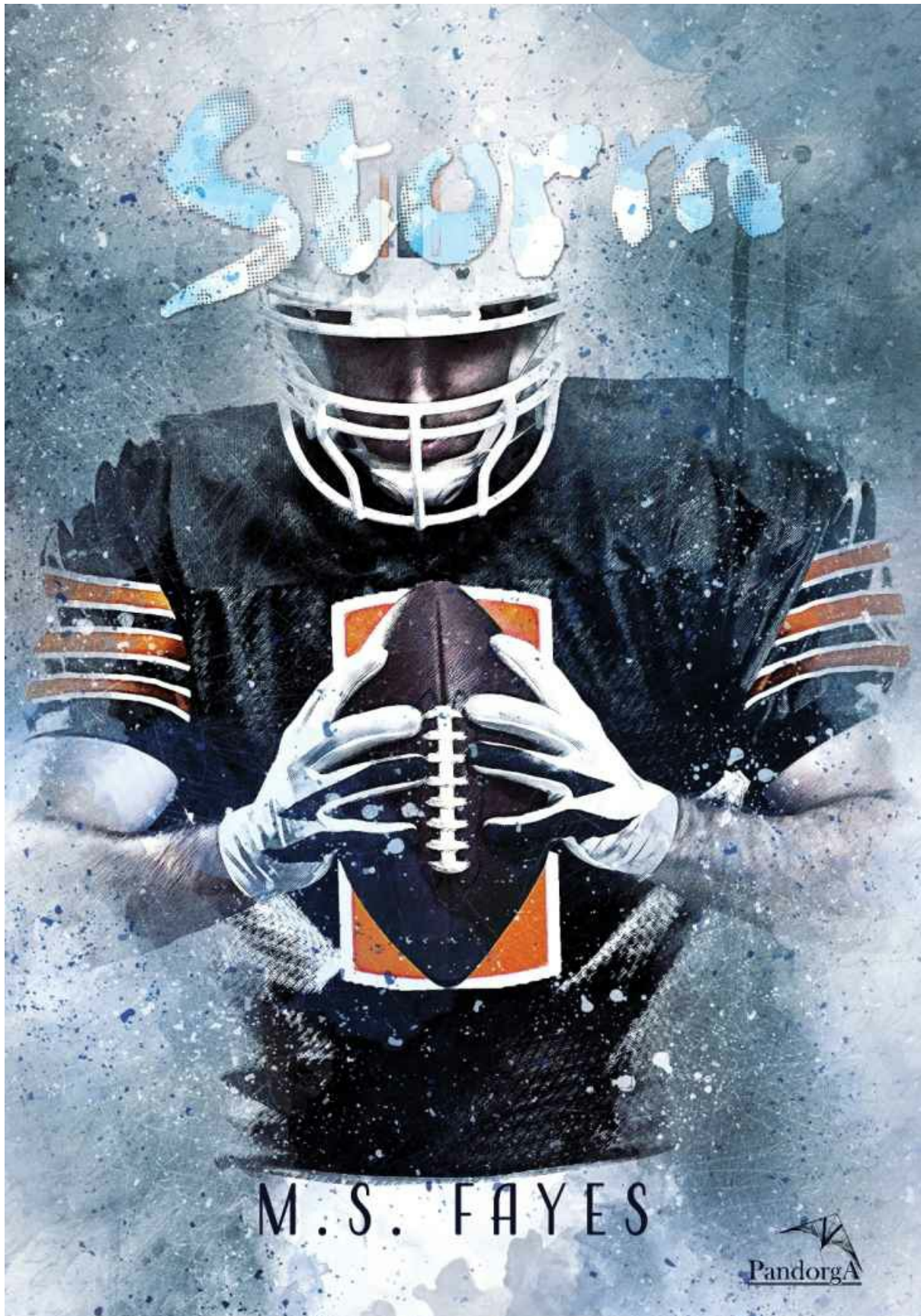


PERIGOSAS NACIONAIS

*/

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON